

WIDENER



HN ZJ8C S

Port 5992.3.40

886-1
LIVRARIA
DE
PALHA
N. [REDACTED]
EST. 75
X-6-2

HARVARD COLLEGE
LIBRARY

POESIAS

DE

Joze Maria da Costa e Silva.

Me quoque Parnassi per lubrica culmina raptat
Laudis amor; ausus non opus, non formidare Poetas
Nomen, adoratum quondam, nunc pene procaci
Monstratum digitto, seram vel denique famam
Non audituro cineri post fata relinquens.

VANIERII PRÆDIUM. RUST. LIB. 1.

TOMO I.º



LISBOA,

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA — AOS MARTYRES, N.º 13.

1843.

Port 5992, 3.40.

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO FALHA
DECEMBER 3, 1928

PROLOGO.

A Poesia Lyrica é a mais antiga de todas; nascida com a Musica, e como ella consagrada ao Culto, fez parte de todas as Ceremonias religiosas; os Canticos de Moysés, e de Maria, que passam pelos mais antigos Poemas, de que temos noticia, pertencem ao genero Lyrico. Trez dos antiquissimos Livros sagrados dos Chinas sam collecções de Odes sobre objectos de moral, e de religião, assim como os Hymnos de Orphêo, ou attribuidos a Orphêo, cujo estilo singelo accusa uma antiguidade remota, tem por assumpto o oferecimento aos Deoses de diferentes arômas, com que os incensavam.

Os Sacerdotes Egipcios consta que entoavam Hymnos em suas festividades, e os Hebrêos os imitaram nisso, como o comprovam muitos dos Psalmos, que delles nos restam. Este mesmo costume encontraram os Hespanhoes estabelecido no Mexico, e no Perú, funestos Theatros das suas devastações, e da sua crueldade.

Tendo os homens empregado seus Cantos

I *

em celebrar os beneficios, que recebiam dos Deoses, e exprimir o terror, que elles lhe inspiravam com os terremotos, as tempestades e as doenças; julgando desarma-los, e propicia-los com harmoniosas, e ardentes rogativas, passaram a conservar nesses mesmos Canticos os nomes, e as proesas dos Heroes, e dos Inventores das Artes uteis; d'aqui veio Horacio dizer :

*Musa dedit fidibus Divos, pueros que Deorum,
Et pugilem victorem, et equum certamine primum*

D'aqui as Odes de Pindaro celebrando os Athletas, que tinham ganhado a corôa nos Jogos Olympicos, Isthmicos, Pithicos, e Nemeos.

As paixões tambem foram objecto, e incentivo da Poesia Lyrica entre os antigos, e com especialidade o amor : este inspirou Anacreonte, e Sapho, ao passo que o odio á tyrannia, e o amor da liberdade dictaram os versos de Alcêo, e o amor da gloria os cantos guerreiros de Tyrtheo.

Em tempos de mais adiantada civilisação a Poezia, que fôra unicamente filha do enthusiasmo, e do sentimento, abrangendo esphera mais ampla segundo as combinações, que a arte lhe dera : applicada á historia produzio a Epopea, applicada ás sciencias o Poema didatico, e didascalico, aos factos Publicos a Tragedia, aos costumes domesticos a Comedia etc. ; mas a pesar da gloria, que laureava os Homeros, os Hesiodos, os Sophocles, e os Aristophanes, os Poetas Lyricos sempre foram em maior numero, sempre encontraram a estima publica, por que a Religião, e o Amor sam de todos os tempos,

de todos os costumes, e de todas as nações. E' por isso que não ha povo tão barbaro, e alphabetico, que não tenha a sua Poesia Lyrica. Os mesmos Selvagens do Brazil entoam canticos ao Grão Tupá, e em honra dos seus Bravos, e celebram os seus amores: o proprio prisioneiro cingido da fatal corda, e no meio da turba, que o rodêa, e que se aprompta para devorá-lo, não recebe o golpe da maça de páo ferro, sem lhe concederem espaço para entoar a sua canção de morte!

Quando a Aurora do saber, partindo das margens do Bosphoro, veio desbastar as trevas da ignorancia, que a invasão dos barbaros do Norte havia derramado sobre a Europa, foi a Poesia Lyrica a primeira, que deosignaes de vida. Os Trovadores de Provença, de Aragão, de Sicilia, os Meinnisigers de Allemanha, todos esses Professores da chamada *Gaia Sciencia*, cantaram as bellas Damas, e as proezas dos Cavalleiros, ou moralisaram em versos incultos, e em lingoas ainda meio formadas.

Dante, Cino de Pistoia, e Petrarcha crearam a Lyrica moderna; mas esta Filha afeminada de May robusta, e generosa; timida, e melancholica, creada entre os perfumes dos rosaes de Chypre, não tinha azas de Aguiã com que remontar-se ás nuvens, e seguir intrepida o carro luminoso de Phebo. Adormecer ao som de claras, frescas, e doces agoas, (1) divagar por prados cujas verdes hervas, e boninas multicores lhe pedem que as toque com seu mimoso pé,

(1) Chiare, fresche, e dolci acque

Petrarcha, Canr. XVII.

(2) citar Amor perante o Tribunal da razão, (3) suspirar sobre a Campa de Laura, ou perder-se no Laberintho de uma methaphisica ás vezes pouco intelligivel, eis o mister, não da Ode, mas da Cansão.

A Cansão é a Ode romantica: mas a Ode é talvez o unico Poema, que não pode ser se não Classico. E' por isso que os Poetas, que muito depois quizeram operar o milagre da sua resurreição, se julgaram obrigados a transporta-la para o seu Paiz natal, para os bosques do Pindo, as margens do Ismeno, e a fonte de Dirce: circumda-la das Musas, dos Deoses, de Nymphas, de Satyros, e Phaunos: recordar-lhe continuamente os jogos Olympicos, as dansas das margens do Eurotas, as Orgias de Cytheron, e os Sacrificios no Ithôme. Assim o praticou Chianbrera na Italia, Rousseau na França, Dryden na Inglaterra, e Ramler na Allemanha.

O nosso Ferreira tambem encarou a Ode de baixo deste ponto de vista; porem a friesa de sua imaginação, e dureza de seus versos eram mui pouco adequadas para seguir os vôos do Cisne de Thebas, e de Venuza. Ferreira achou que fazia Odes copiando Horacio, e boa prova é disto a que dirigiu a seu Irmão Garcia de Froes, que é a melhor de todas, mas que se reduz a uma traducção paraphrastica da Ode *Sic te Diva potens Cypri*, de que desapareceo toda a e-

- (2) L'erbitte fresche, i fior di color mille
Pregan pur ch'il bel pié le prema, e tocchi.

Petrarcha.

- (3) Petrarcha, *Canr. XLVIII.*

nergia de expressão, graça de colorido, e harmonia do Original.

Camões, que creou o nosso Dialecto Poetico, que deo os primeiros modêlos de boa versificação Portugueza, foi tambem o primeiro, que atinou entre nós com o estilo da Ode, como o provam estes bellos versos

Pois tanto te contenta
Ver o nocturno Moço em ferro envolto
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agoa e vento solto.

Depois d'elle foi o Licenciado Manuel da Veiga, na sua *Laura de Amphryso*, quem tirou sons mais accordes da Lyra Romana. Este Poeta devia ser mais conhecido, e mais apreciado do que é actualmente.

Foi na Arcadia, que a Musa Lyrica appareceu com toda a pompa, e atavios, com que tinha reinado em Roma, e na Grecia. Garção pulsou com mão de Mestre a Lyra de Horacio; Antonio Dinis em suas Odes aos Heroes Portugueses, mostrou-se rival de Pindaro, e tacteou com plectro delicado o alaúde do Poeta de Theios.

O exemplo destes grandes Homens foi seguido por outros Vates de bem merecida nomeada, e de superiores talentos, como Domingos Maximiano Torres, Joze Ferreira Barroco, Domingos Pires Monteiro Bandeira, Domingos Monteiro de Albuquerque, o Professor Salles, o malgrado Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, João Vicente Maldonado, Frey Joze do Coração de Jesus, Antonio Ribeiro dos Santos, Antonio Soares de Azevedo, e Francisco Manuel do Nasci-

mento, que reunindo em si os dotes de Pindaro, e de Horacio, se collocou acima de todos pela força de imaginação, ousadia de vôos, sublimidade de pensamentos, estilo imaginoso, graça de expressão, e riqueza de lingoagem. Não conheço entre nós, nem entre os Estranhos um genio mais eminentemente Lyrico, nem quem apresente maior numero de Odes excellentes em todos os generos, e estou habituado a avaliar a maior, ou menor disposição de qualquer homem para a Poesia Lyrica, pelo maior ou menor entusiasmo, que experimenta com a Leitura das Odes de Francisco Manuel.

Principiando mui cedo a cultivar a Poesia, foi como Poeta Lyrico que adquiri essa tal qual reputação de Poeta. Pindaro, e Horacio, Garção, Diniz, e Francisco Manuel, eram o objecto continuo dos meus estudos. Não me faltaram decerto os desejos de imita-los bem, mas a Natureza foi comigo escassa de seus dons. Bem tinha eu então a consciencia de quam longe ficavam as minhas Odes dos grandes modêlos, que havia escolhido, e hoje que tenho passado a idade das illusões, e dos amores, que me encontro no penultimo quartel da vida, conhecendo ainda melhor os defeitos das minhas composições, persuado-me que, se então pensasse como hoje, não teria escripto um só verso.

Ora como é provavel que algum Leitor pergunte ao ler estas linhas, qual é a razão por que hoje os imprimo, responderei 1.º por que sem embargo de conhecer, e confessar que não sou um Garção, nem um Francisco Manuel, não tenho os meus versos por tão ruins, que não sejam pelo menos iguaes aos de outros, cuja lei-

tura recreia, e se estimam, bem que se lhes não tribute admiração; 2.^o por que tenho já impresso outras obras, e algumas que fazem parte desta Collecção foram em diversas occasiões publicadas pela imprensa; 3.^o por que desejo conservar a memoria de algumas Pessoas, a quem devi obsequios, ou com que tive relações de amizade, a quem tenho não sei si a ventura, si a desgraça de sobreviver, e de quem ainda mereço saudoso; 4.^o Por satisfazer ao Edictor, que pede com instancia a faculdade de publicar estes versos, que elle aprecia mais do que eu, e de certo mais do que elles na verdade valem; 5.^o por que estando muito espalhados os meus canhenhos, não faltaria depois da minha morte quem os imprimissem sem correcções, e sem escolha.

Lá vam pois aventurar-se ás bocas do Mundo estes Poemas, com poucas excepções, fructo dos meus primeiros annos; delles que marcam os tempos mais ditosos da minha vida; delles compostos a contra gosto para satisfazer empenhos alheios, e que por isso quasi sempre se resentem da sua origem mal estreada. Delles finalmente que escriptos por occasião de festividades, e grandes acontecimentos Nacionaes, talvez que por essa mesma razão se tornem mais dignos da attenção dos Leitores.

Alumno da Eschola de Francisco Manuel, não receei, seguindo o seu exemplo, de fazer uso de vocabulos, e phrases antigas, nem de introduzir novas vozes derivadas do Latim e do Grego, nem de empregar palavras compostas, que forram circumloquios, e tornam o estilo mais imaginoso! O genero Lyrico admite estas liberdades, quando as soffre a Indole do Idyoma, e

Chiabrera não fez poucas vezes uso destes atrevimentos generosos.

Procurei, quanto pude, escrever com pureza, e que os meus versos sahissessem faceis, e harmoniosos, por que a harmonia metrica é um dos mais bellos atavios da Poesia Lyrica, por que a Ode não falla, canta, e depois de Camões, Garção, Francisco Manuel e Bocage terem mostrado a que ponto de perfeição podem chegar os versos Portuguezes, não sei que nome mereça o capricho que nestes ultimos tempos tem feito alguns Poetas, (alias de grande merecimento) de resuscitar a dureza de Ferreira, e o prosaismo de Sá e Miranda.



Ao Sr. Jozé Maria da Costa e Sylva.

EPISTOLA.

*Esposa fida, juvenil, formosa,
De summo extremo, a quem Sentença iniqua,
Talvez comprada do metal doloso,
O Consorte arranca, e o traz vagando
Por longiquos Certões; que após scis annos
De incertezas, de lagrimas, recebe
Feliz Carta, que em breve lhe assegura
Não só a vinda, mas também o auxilio
Dos bens, que la lhe deo melhor Fortuna;
Tanto prazer não tem, não gloria tanta.
Qual trouxe, ó Sylvio amigo, em Letras tuas
A' Musa minha o Estro teu brilhante!*

*Porem, Sylvio, não foi o teu degedo
Para inculto Certão, onde Natura
Quiz debalde esconder as refulgentes
Chamadas Minas, de que extrahe vão Luxo
Esse Estrúme Phebeo, que tanto céga,
E por quem troca as perolas, e aljófar
Que verte de seu labio o proprio Delio
Em mais nobre, honorifico thezouro!*

*Sobre os deliciosos Vergeis sacros
Da vetusta Sulmona ou prisca Athenas,
A ti viventes, para os mais já murchos,
Ou da Imaginação sobre amplos Reynos,
Encantados aos mais, a ti só francos,
Accompanhando o Cego, e bom Delille.*

*Sem duvida tem sido a tua ausencia ;
E de lá , qual Abelha , he que tu de huma
Em outra flor libando o Mel , e o Nectar ,
Os difundes depois nas phrazes doces
E na grata Sentença , que á maneira
De fecundante Orvalho em secco Prado
Vieram consolar minha alma anciosa !*

*Ai misero de mim ! circum-vallado
Por hum Cordão de Trevas em profunda
Noite obscura , onde apenas palpo em torno
Cardos , Espinhos ! . . onde athe se perde ,
Para que ao Eccho seo ninguem lastime ,
Meo gemido confuzo co's gemidos
De outros tristes , que enserra o duro Alvergue
Do pouzo deplorando ! . . agrega , ajunta
Ao proximo arruido o rufo , o ronco
Da Tuba , do Tambor , que ao longe estrugem
Crescendo mais , e mais , mais , e mais perlo ,
Ante si rebanhando salpicados
De sangue , e de carnage o Corvo , o Mozo
A grasnar , a gemer em prumo ao Tecto
Do Velho Tentilhão , que á luz sumido
Recluzo , inerme , depenado ; emfermo
De tempos longos mal piava rouco ,
E cantiga dobrar não lhe hera dado !*

*Ambas mimozas , delicadas ambas
A Musa , e a Borbuleta de aureos dias ,
Dias de Primavera só se aprazem :
Desdobrando huma então as azas de ouro
Com seo brando murmureo ora vezita
A Cecem , ora o Lyrio , que cortezes
Ao hospede gentil o seio abrindo ,
Profundem o odorifero seo Calyx :*

*Ao sopro outra do Zephyro benigno
Sobre manso regato, em prado ameno,
Deoses ja canta, ou canta Semideozes,
Ja Deoza, e Semideoza a Marcia louva
As mãos de neve, as faces de escarlata!..
Logo porem que de Aquilo sanhudo
A melena se junde em bruma, e gelo,
De que os campos irrissa, os ares tolda!..
Estremontadas Borbuleta, e Musa,
Revou hum a ao Cazulo seo primeiro,
Sobe outra ao paternal Phebeo regaço
» Que as chuvas, e os Trovões abaixo sente!*

*Porem ay outra vez! que mor Inverno
A fim de enregelar? que guerra nova,
Ou magoa de outros ays, por que esmoreça,
Trazendo tudo em si, precisa o Vate,
Que em sua Estrada á meta imperterivel
Doxe lustros nomea de viagem? ...
Passada a Linha neste mar da vida,
Novo Oceano, Pelago mais triste,
Se corre então, onde tormenta he tudo,
Nem bonança mais ha! Syrtes de hum lado,
Carybdis d'outro, por Tufões, Escolhos
Angustias, Dores, todos Inimigos,
Perdido agora o Mastro, logo o Leme,
O misero Baixel tem de hir ao prazo,
Se, no meio talvez, não lhe apparece,
Antes que dobre o grande Promontorio,
Mais feio Admastor de foice alçada,
Que em troculenta voz, em tom medonho,
» Que parece sahir do Mar profundo,
Retrocede-lo manda, e em fatal Cabo,
Não de Esperança, sim de Desespero,
De por fuida a carreira, e o metta a pique!*

*Tu, Sylvio, felix Sylvio, que sulcando
Ondas mais rozeas, muito á quem do grave
Teo Equinocio, vas de panno em cheio
Soprado de hum Favonio, ou grata Briza,
Que borrifada de suave aroma
Te indica o Porto, d'onde o bico armado
De amiga o Oliva o ledo Maçarico
Vem convidar-te á praia sem mais bancos,
Sem mais Cachopos, que os de Amor travesso,
Com quem inda o Naufragio he dita, he gloria,
Ah! hum dia não percas de teos Dias!..*

*Folga brinca, desprende sobre tudo
A voz meliflua da sonora Lyra,
Da que só pode despontar ao Tempo
As subtis azas, para que não fuja;
Com ella a par de Oleno, ora hum, ora outra (1)
Os Desdens canta, as Graças, os arrufos
Do Deos frêcheiro; e eu que mais não ouzo,
Fazendo as vezes, que fazia outrora,
O bom Palemon, na rival disputa
Dos Pastores do Tybre, bem que inepto
Para Juiz me offreço, que decida
A quem deve caber do canto a palma
Com voto imparcial; pois que ronceiro
Ja sem Estro, e sem Flauta, que Ciumes
N'hum, ou n'outro motive, entrar na lide
E ditozo aspirar a taes victorias
Não posso eu mesmo, que oxalá pudesse!*

Thomaz Antonio dos Santos, e Sylva.

(1) O Sr. Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.



LIVRO I.

ODES PINDARICAS.



ODE 1.^a



A' Restauração em 1808.

Tandem venias precamur.
HOR. LIV. I. ODE 2.

STROPHE I.

Salve dia jucundo
De gloria, e de prazer, que nos renovas
Gratissima lembrança
Da nossa liberdade! sobre a esphera
Luminoso prossegue
A marcha triumphal, settas vibrando
Do mais puro fulgor, sombras, negrumes
Do Horizonte d'Elysia ao longe affasta!

ANTISTROPHE I.

Do Minho ao Guadiana,
Do Guadiana ao Mondego, e delle ao Tejo
 Hum brado jubiloso,
Retumba universal, que te sauda! . . .
 O Esposo alvorogado
Ergue-se, pela mão toma a Consorte,
No filhinho, que dorme hum beijo imprime,
E ambos vão esperar que ledos assômes.

EPODO I.

Grinalda a tiracol, e a frente ornada
 De recendentes flores,
 As candidas Donzellas,
 Aos teus primeiros raios,
Ao som da Cornamusa, ao som da flauta,
 Sobre a mórbida relva
Travam com seus Zagães danças festivas.

STROPHE II.

Tal do Libano as Filhas,
Pondo termo ao lamento, festejavam
 Com Bailes, com Descantes
O Ressurgido Adonis, que, deixando
 De Juno Estygia os braços,
Dos primeiros amores recordado,
Bello de nova luz, volvia ao Mundo
Com Venus a esquecer, do Elysio as glórias.

ANTISTROPHE II.

Intrepidos Guerreiros,
 Ricas trajando galas, se enfileiram
 Junto aos pendoens jurados,
 E, retratando a Guerra, em doce brinco,
 Dão armi-sonas salvas,
 Que á Donzella amoroza as faces murcham,
 A' enlutada Viuva arrancam pranto,
 E á Mãi, que tudo teme, o rosto ensobram.

EPODO II.

Ondêa enovelando-se nas aras
 Densa, fumosa Nuvem
 De Arabicos perfumes,
 Que se levanta aos Astros,
 Como a espessa columna asilo, e guia
 De Israel fugitivo
 Por arenosos, torridos desertos! (1)

STROPHE III.

Em pé entre a prostrada
 Devota multidão, que os Templos enche,
 O puro Sacerdote
 Tres vezes curva a frente, e por tres vezes
 O Sanctuario incensa:
 Solta depois a voz, que em ledos Hymnos
 Dos Orgãos entre harmónicos floreios
 Pelas aureas abobados retumba.

(1) Dominus autem præcedebat eos ad ostendendam viam,
 per diem in columna nubis, et per noctem in columna ignis, ut
 dux esset itineris in utroque tempore. *Exod. Cap. 13.*

VOL. I.

2

ANTISTROPHE III.

- » Graças, Deos Providente,
 » Que do Nada extrahiste os Céos, e o Mundo;
 » O teu poder louvamos
 » Que d'hum sópro accendêo Astros, Estrellas
 » Que em fluido espaço nadam! ...
 » Por ti se aleita o Mar, e o Mar se empóla,
 » Florece o Prado, as Arvores produzem,
 » Cria os varios metaes da Terra o seio.

EPODO III.

- » Confessamos teu Nome, a quem se inclinam
 » Tartareas Potestades;
 » Teu Nome, que do Justo
 » A recompensa abona;
 » Teu Nome, que scellou de Affonso o Pacto
 » Quando no sacro Ourique
 » Fictou teu rosto, e lhe entregaste o Sceptro!

STROPHE IV.

- » De teu favor á sombra
 » Elysia assim medrou, Rival de Roma:
 » Curvou-lhe ás Leis humilde
 » O Naire ufano, o Mouro caviloso;
 » E ao medonho estampido
 » De seus marcios canhões, que ao longe ouvia,
 » Nas Basilicas Selvas embrenhado,
 » Tremêo de susto o perfido Armopira!

ANTISTROPHE IV.

- » A Ti nos dubios lances,
 » Quantas vezes, erguendo a voz afflicta,
 » Não vío sobre seu gremio
 » A ventura chover? Do pranto ao rizo,
 » E das Prizoens ao Solio,
 » A fizeste passar! Assim de Elias
 » A' fervida Oração, dos Ceos de bronze
 » Correo fertilidade em fartas ondas.

EPODO IV.

- » Desgrenhada, envolvida o gentil Corpo
 » Nos crepes da Ignominia,
 » Elysia ao desamparo,
 » Já sem Diadema, e Sceptro,
 » Chorava sobre o pó seus Reis auzentes,
 » E os deshumanos ferros
 » Que os pulsos lhe roxêam, passo embargam!

STROPHE V.

- » Qual por aridas mésse
 » Fogo devorador corre estalando;
 » Qual Euro furibundo
 » Que varre, as Náos fundindo, equorços e plainos;
 » Qual estigio Contagio,
 » Que atroz consternação, estragos, mortes
 » Voando espalha em roda, o Gallo impio
 » Pelas margens do Téjo campeava!

ANTISTROPHE V.

- » A que nefanda espece
 » De crime abominoso se pouparam
 « Do Senna as negras furias?...
 » O Roubo, o Assassinato, o Estupro foram
 « Hum relampago escasso
 » Do raio, que abrazou Villas, Cidades,
 » Dos Templos profanados, e em pedaços,
 » Sacros Bustos, Levitas sobre as Aras!...

EPODO V.

- » Mas desarmado da vingança o Arco
 » Por súplicas ardentes,
 » Lançaste a vista aos Monstros,
 » E os Monstros mais não vimos!...
 » E do antigo pezar nos resta apenas
 O tenue sobresalto,
 » Que accabada a Borrasca, aos Nautas fica?

STROPHE VI.

- » Corôa, Omnipotente,
 » Nossos Votos corôa, a Paz envia,
 » Que o Rei nos reconduza!...
 » O Rei carpido há tanto! oh longe d'elle
 » Somos Rebanho infausto,
 » Que vaga sem Pastor desertos campos,
 » Somos Vide, que hum Olmo não depára
 » Onde o fructo descance, ampáre os ramos!

ANTISTROPHE VI.

- » Assim nos vetdes galhos (1)
 » Dos Salgueiros, que as margens sombreavam
 » Dos Babylonios rios,
 » A Lyra pendurando Hebreo captivo,
 » Por Sião, que perdêra,
 » Vertía amargo pranto, e tu piedoso
 » Lhe deste hum Redemptor, que o conduzisse
 » Da sagrada Cidade aos patrios muros.

EPODO VI.

- » Estes os votos, que do Téjo os Filhos
 » Humildes se dirigem!...
 » A teus ouvidos cheguem
 » Tão gratos como Arômas,
 » Que ao romper da manhã diffunde a roza!...
 » Tão gratos como arpejos
 » Que retumbam nos Ceos em Harpas de Anjos!...

(1) Super flumina Babylonis illic sedimus
 Et flevius dum recordaremur Sion.
 In salicibus in medio ejus suspendimus organa nostra.
Psal. 137.

ODE II.

A S. M. Fidelissima D. Maria I.

Dux Fœmina facti.

STROPHE I.

Já de candidas plumas
 Meus hombros se revestem, Cisne adejo
 A espaços sem medida :
 Vou sobranceiro ao Lethes,
 Onde Mevios, e Baviros se baralham,
 E Zargueidas somníferas se afundam.

ANTISTROPHE I.

Com sofregos ouvidos
 Devorará meo canto o Bretão forte,
 O magnanimo Hispano,
 Do Tybre o culto Filho,
 O que bebe no Rhodano espumoso,
 O Montigena Helvecio, Dano, e Russo.

EPODO I.

Ao som cadente de alternados malhos,
 Nas incudes Dirceas
 Alados Genios, mil lidando accesos,
 As laminas preparam,
 Que deve historiar buril da Gloria
 Da Lusa Soberana
 Com preclaras acções, dotes sublimes,
 Ornamento immortal da Fama ao Templo.

STROPHE II.

Solerte a Natureza
 A hum lado se disvella; em teu composto
 Rainha augusta empenha
 Quantos dotes poderam
 Mortal peito ufanar! riso de Venus,
 De Minerva a rasão, de Juno o talhe! (1)

ANTISTROPHE II.

Alem, qual de seu throno
 O Rei das Estações, de luz vestido,
 Vê mil rotantes globos,
 Que o buscam reverentes,
 Que timidos se affastam; e elle immoto
 Presta a todos calor, da vida a todos.

EPODO II.

O Rosto magestade, o peito amores,
 Em teu avito solio
 A Compaixão daqui, dali Justiça, (2)
 Libras na gentil dextra
 O Sceptro, que empunhou primeiro Affonso;
 Que de Asiannas gemmas
 Enriqueceo Manoel, João remira, (3)
 Jozé fez respeitar, tu glorificas.

- (1) S'avesse la Beltá corpo mortale,
 Credo che la Beltá sarebbe talé

Marini Ad. Cant. 19 Ist. 26.

- (2) Incrudelir nei simplici innocente
 Non conviensi a Beltá celeste, e santa;
 Vive pieta nelle divine menti
 Ne di gloria maggior Giove si vanta

Marini Ad Cant. 12 St. 114.

- (3) D. João 4.º

STROPHE III.

Vai orgulhoso o Nilo
 De montesinos feudos trasbordando,
 Do enigmatico Egypto
 A's aridas campinas
 Levar fertilidade em fartas ondas,
 The que por bocas sete o mar insulta.

ANTISTROPHE III.

Taes vam candaes perennes
 De ventura inundando o seio a Lysia
 Em teu feliz Reinado!
 Lysia que, jubilosa,
 Tantas graças por ti aos Ceos envia,
 Quantas graças os Ceos por ti lhe outorgam :

EPODO III.

Babilonios Jardins pelo ar suspenda
 Semiramis incasta;
 Mausoleo, que hum portento accresça ao mundo,
 Outra ao consorte elleve;
 Ceda o Reino Christina, e chore o Reino;
 De seo poder a tronco
 Regando Elisabeth com proprio sangue;
 Patrio culto transtorne, e Roma insulte.

STROPHE IV.

Pranto enxugar de Afficto,
 Orgulho insultador conter dos Grandes;
 Dar ao Merito azilo,
 Acatamento ás aras,
 A's artes protecção, honra ás Sciencias,
 A gloria tua, os teus braços sam estes,

ANTISTROPHE IV.

Com cem fuzis de bronze
 Pulsos cruzando ao dorso, olhos em fogo,
 Ruge atroz Fanatismo :
 Chora os horrendos tempos,
 Em que sobre cadaveres reinava,
 E os Infernos servio dos Ceos em nome!

EPODO IV,

Themis imparcial, por ti sustida
 Vibra a fulminea espada,
 Corta por Gordios nós de enredo abstruso;
 Cavilosos Phantasmas,
 Godas Chymeras, Arabes Sophismas,
 Da Injustiça sequases,
 Ruem aos golpes seus, e se desbastam
 De seo Codigo á luz Romanas trevas! (1)

(1) D. Maria I creou uma Junta de Magistrados para organizar hum projeto de Codigo, accomodado ás luzes do Seculo. A Junta formou-se, mas nada fez, á excepção do que escreveu Paschoal Jozé de Mello, se ficamos sem Código não foi por falta de boa vontade da Raynha.

STROPHE V.

Que tumulto! que estrondo! . . .
 Serras, malhos, cinzeis, compaços, Reguas,
 Os varicosos braços
 De Artistas a milhares
 Armam; fervem na obra, como em pinhas
 Ao redor da colméa Abelhas zumbem.

ANTISTROPHE V.

Rivalisando Mafra,
 Aos ares sobe magestoso Templo, (1)
 E entre as soberbas Torres
 Hum tacito respeito
 De longe inspira seu Zimborio augusto,
 Parecendo, que os Ceos sustenta aos hombros!

EPODO V.

Magnifico Theatro eis abre o campo (2)
 Da melódiosa Euterpe,
 Da variada Terpsichore aos portentos;
 Rival do imberbe Apollo,
 Crescintini hi triumphá; as almas leva
 No rapido voltelo
 Apoz si Radaeli . . . oh! não profanem
 Jamais vis Histrioens tão lindas Scennas!

(1) O Convento do Coração de Jesus.

(2) O Real Theatro de S. Carlos.

STROPHE VI.

Grande Luiz, tão pago
 De que Boileau, Raccine, e Lafontaine
 Teu Reinado illustrassem,
 Vê mais lustre, e mais pompa
 Dar de Maria ao venturoso Reino
 Thomino, Alfeno, Elmano, e o gráo Philinto!

ANTISTROPHE VI.

Desce d'Aveiro aos campos
 Leda Saude de rozadas cores, (1)
 E aos incolas presenta
 O seu nectareo copo;
 E sobem pelo já liberto Vouga
 Commerciaes Baixeis, Britanas Frotas

EPODO VI.

Calvos montes direi, inferteis vargens,
 Que enverdece, fecunda
 O potente condão da Agricultura!
 Generosos Hospícios,
 Franco azilo da afflicta Humanidade!
 Os Paladios Gymnaios!
 Mas conte astros ao Ceo, ao Prado flores
 Quem da excelsa Heroína accoens numero!

(1) Desintupimento da Barra d'Aveiro, e extincção dos charcos e pauis, que motivavam annuaes epidemias nos habitantes daquella cidade.

ODE III.

Aos annos de S. M. El-Rey D. João VI.

Or s'anima d'onor prendo diletto
Mio canto ascolti, e se lo chiuda in petto.
Chiab. Od. 34 Stroph. 5.

STROPHE I.

Quando a trombeta horrisona da Guerra,
Com clangor pavoroso
Retumbando na Europa, atroa ao longe
America remota,
Quem forças me dará, com que desperte
Da Pyndarica Lyra os sons cadentes?

ANTISTROPHE I.

Ledos caramanchões d'alta verdura,
Regato entre alvas flôres,
Cascata em perolas liquidas desfeita,
Hum prado, um bosque, um monte,
Paz, Incuria, Abundancia, ás Musas quadram,
Que ao raio tremem, que ao trovão desmaiam.

EPODO I.

Mas entre o rouco brado
Dos Vulcaneos trovões, que abatem Muros,
Sobre os campos, que juncam
Cadaveres sanguentos,
Entre os ais dos vencidos, que perecem,
Entre o brinde feróz dos que triumpham,
Cytharas desafinam, morre o canto!

STROPHE II.

Taes, se a dextra de Augusto as portas fecha
 Do symbolico Jano;
 Fulgem Horacios, e florescem Máros;
 Mas se do Norte os Filhos
 Enxorram sobre o Lacio, acabam Vates,
 E grasnam só de espaço os roucos Bavios!

ANTISTROPHE II.

Porem Amor da Patria, e da Virtude,
 Que no meu peito alvergo,
 Querem que espalhe com Thebanos modos
 Pelo vasto Universo
 O Nome de João, que os Céos recreia,
 Enche de gloria os Bons, e os Máos de susto.

EPODO II.

João! . . . ao grato nome
 Exulta a Natureza, e o Sol se aviva!
 Risonho o floreo Maio
 Odorosos perfumes
 Prodigio espalha em torno! em seus Pomares
 Mais bella, mais gentil reluz Pomona,
 Innocencia sorri, Pezar se alegra!

STROPHE III.

De Antoninos, de Titos, de Trajanos
Blazone a antiga Roma,
Austria exalte José, Luiz a Galia,
Toscana o seu Leopoldo;
Elysia mais feliz virtudes delles,
No preclaro João disfructa unidas!

ANTISTROPHE III.

Como seu astro em lucido Oriente
Rutila magestoso
Do Mundo antigo ao novo!... qual descende
Do Sol potente influxo,
Que, no seio da Terra, os metaes gera,
Dos dous Orbes os bens derivam delle.

EPODO III.

Por elle o Brazil despe
Seu plumoso selvatico atavio;
E ás Européas Artes
Permitte que lhe adornem
De seda, e ouro os denegridos membros,
Que sublime cothurno ao pé lhe ageitem;
Troca ao nectar do Douro humano sangue!

STROPHE IV.

Cruento Despotismo alteia a fronte
 Na revoltosa Gallia,
 Estende a ferrea dextra, algema os Póvos;
 E das curvas cabeças
 Dos Reis, que derrubara, os degrãos forma,
 Para ao Throno subir, que altivo usurpa!

ANTISTROPHE IV.

Impia Guerra marchando ao seu aceno,
 D'Eumenides cercada,
 Morticínios, Estragos, Roubos solta;
 Aqui a Mãe afflicta
 Abraça moribunda o filho exangue,
 Lá sobre o Espóso extinto a Esposa ultrajam!

EPODO IV.

Nas equoreas campinas
 Baixeis contra Baixeis abaruuando
 Em raios se desfazem!
 Sulphurea labareda
 Cresta as azas do vento, attonta as vagas,
 E, ao medonho estampido espavoridas,
 No fundo do pégo escondem-se as Nereidas!

STROPHE V.

Farto Leão entre arvores repousa,
 E com desprezo observa
 Na planicie brigando os igneos Touros:
 Mas, se um delles o investe,
 Ruge implacavel, salta, afferra, empolga
 Despedaça, afugenta aquelle, e a todos.

ANTI-STROPHE V.

Tal se ao Tejo as Phalanges do Tyranno
 Em guerra se approximam,
 Surgem Lusos, do Rei pela defeza,
 A's armas se arremessam!...
 Cerram, combatem, vencem, pizam Aguias
 E de João vingado aos pés as prostram!...

EPODO V.

Ao generoso exemplo
 De Ibero, e Lusitano, á similhança
 De electrica scentelha,
 No Norte se propaga!
 Da Liberdade a chamma; e desde Ukrannia,
 A's margens do Elba, e do Ticino ás margens,
 E' brado universal « caia o Tyranno! »

STROPHE VI.

Que densos turbilhões de fogo, e fumo
Os ares escurecem?...
E' Troya que arde?... o Orco que se expande?...
E' o impávido Russo
Que ao fogo dá Moscow, e ao Gallo a rouba.
Tal Virgínio, matando-a, a filha salva!

ANTISTROPHE VI.

Mas já por êrmos, desolados campos
A' tóa fugitivo,
Batido, inerte, e nu, se esconde o Gallo:
Ora a fome, ora o géllo,
Ora, mais destructor que o géllo, e a fome,
O prostra, o mata, o barbaro Cossaco.

EPODO VI.

Respira o Prusso ousado,
Austriaco, Sueco, e de passagem,
Engrossando com hostes
Das Nações, que libertam.
Vem com fulmineo impeto trazendo
Perante si dos Vandalos do Senna
A torpe multidão, e em França a fecham.

STROPHE VII.

Com pasmo, e raiva, e dôr o Francô observa
 Em seu proprio terreno
 Os mesmos, que ao relampago tremiam
 Da sua espada ha pouco! ...
 Desadora o seu despota, deixado
 De amigos, e de afins, parentes, servos!

ANTI-STROPHE VII.

Porém pasma inda mais, mais desadora,
 Quando á sombra das Quinas,
 Reflorece em Bordeaux pisado Lyrio!
 Quando o Gascão remido
 Delira de prazer, e em gratos hymnos
 Com João, com Luiz atoa os ares!

ERODO VII.

Em luminosa nuvem
 Do Martyr Rey o espirito fulgente
 Dizem que então foi visto,
 Todo em prazer celeste
 Rutilando o semblante magestoso,
 Aos filhos apontar, e á bella Esposa
 Para a livre Cidade em benções ledas!

STROPHE VIII.

Gloria ao Pio João, gloria mil vezes,
 Que o Ceo nos concilia! . . .
 Gloria aos Vassallos de tal Rey credores! . . .
 Gloria á Consorte Augusta,
 Que em Prole digna delle o faz tão rico!
 Gloria ao Tronco, que deu tão gentil Fructo!

ANTISTROPHE VIII.

Muros de Badajoz, e de Rodrigo!
 De Talavera oh campos!
 Bussaco! Pireneos! Adour! e Nive!
 Apóz que sorva o Lethes
 Centos de Gerações ao mundo em pasmo
 Mémoires contareis nossas proezas!

EPODO VIII.

Não mais, não mais oh Musa!
 Que pelago a sulcar nos resta immenso
 Si proseguir intentas
 Do Principe sublime
 Louvores immortaes! . . . as vellas colhe;
 E, antes que a naufragar te leve o Noto,
 No porto, que já vêz, entra, e dá fundo!

ODE IV.

Ao Infante D. Henrique.

Talent de bien faire!

Braxão do mesmo Infante.

STROPHE I.

Presta-me, Eutherpe, a Cythara de Homero,
Mas tira-lhe os bordões, em que retumbam

Ferrisonas batalhas,

Ignéo rodar dos carros,

O trote dos ali-pedes Ginetes,

O sibilo das frêxas,

O crepito das chainmas,

Ais dos vencidos, clangorar das tubas!

ANTISTROPHE I.

Poem-lhe as cordas de tempera mais fina,

Com que dascanta da ridente Venus

O amorigeno Ceston;

A meiga despedida

Da Consorte de Heitor, e o lindo Infante,

Que, no materno seio,

Chorando, esconde o rosto,

Do Elmo paterno ás irrissadas crinas (1)

(1) Ως εἶπεν, οὗ παιδὸς ορέζετο φαίδιμος Ἑκτωρ -

Ἄψ δ' ὁ παῖς πρὸς κόλπον εὐζώοιο τιθήνης

Ἐκνήθη ἰάχῳ, πατρὸς φίλου ὄψιν αὐτοχδεῖς,

Ταρβήσας χαλκὸν τε ἰδὴ λόφον ἵππιοχαίτην,

Δειδὼν ἀπ' ἀκροτάτης κόρυδος μένοντα νοήσας.

Homero, Iliad. Lib. 5. vers. 466.

EPODO I.

De Guerreiros Heróes acções cruentas
Nem sempre hão de atroar do Pindo as Grutas;
 Quantas perolas jazem
Sumidas nas entranhas do mar fundo! . . .
 Quantas flores perfumam
Com suave fragancia os invios Ermos! . . .
 Quantos nomes preciosos
De Heróes da sapiencia o Lethes sorve,
Sem que os lembrem Padrões, descantem Vates!

STROPHE II.

E eu, que nas veigas floridas de Dirce,
De não murchando Myrtho a frente enramo,
 A quem accende o peito
 Electrica scentelha
Que Amor da Patria, e Merito despedem,
 Deixarei que do Elysio
 Vagueis não cantado,
Philantropico Henrique, os lèdos Campos!

ANTISTROPHE II.

E' gloria o descender de um tronco illustre,
Cujas ferteis raizes vão pender-se
 Nos confins do passado;
 Em quanto a basta cópa
Nos Campos do presente alarga as sombras,
 E os madurandos Fructos
 Doce conforto auguram,
Ao remoto futuro esperançoso.

EPODO II.

E' gloria inda maior, subindo afouto
 Do alti-sono Renome ao Templo augusto,
 Prender da Estatua de Ouro
 No argenteo pedestal fio assombrosa
 De preclara Progenie;
 Primeiro de seu nome ser qual Tulio,
 E dizer como Phebo,
 » Esta luz, que me adorna, e circumverto,
 » De emprestado fulgor não se alimenta! »

STROPHE III.

Mas quem d'Avitas glórias scintilando
 Generoso transcende o brilho herdado,
 E, ao Universo, e á Patria,
 Venturas promovendo,
 Abre novas da Fama ao Templo estradas,
 Entre os Heróes levanta
 A placida cabeça, (1)
 Os sobre-vê sublime, e emula os Deoses!

ANTISTROPHE III.

Elmos, Lorigas, Clipéos, Grevas, Lanças,
 Arrancadas com sangue aos inimigos,
 Viste adornar paredes
 De teu Alcaçar Regio,
 E sem inveja os viste! . . . Africa adusta,
 Cortada de teo ferro,
 Tremendo confessava
 Que d'aquelles trophèos ganhar sabias!

(1) Placidum caput.

Horat.

EPODO III.

» Longe, (disseste) de mui longe o sangue, ! . . .
 » Nem da Viuva, e Orphãos os gemidos
 » Destemperem o canto,
 » Em que soar meu nome! eia acolhei-me,
 » Frondentes arvoredos,
 » Floridas veigas, que a Sciencia habita!
 » Em voz meditar quero
 » Altos planos, que ás Terras de luz faltas
 » De Sophia, e da Ventura a luz reforcem!

STROPHE IV.

Favonias virações, que aromatisam
 Flores, de que se esmalta Illico formoso,
 Os canticos das Aves,
 Que em torno lhe revoam,
 Menos convidam fatigado Nauta,
 Que, por ignotas ondas,
 Vagara entre procellas
 Falto de agoa, e corrupto o mantimento,

ANTISTROPHE IV.

Que de Regio favor bafagem meiga
 Chama as Sciencias, e convida as Artes,
 Que em torno assim reúne! . . .
 Novo Lycêo resurge
 A tua vóz, oh Principe, nas praias
 Da maritima Sagres; (1)
 Sagres então sem nome,
 Hoje nobre por ti, por ti famosa!

(1) O Infante D. Henrique todo entregue aos seus projectos de descobrimentos, deixou a Corte para hir habitar em Sagres no Algarve, onde fundou a celebre Academia, que tanto floresceu dirigida pelos dois sabios Jodeos Rabi Joseph, e Rabi Rodrigo, e de que sahiram os grandes Navegadores, que naquella epocha tamanha gloria nos deram.

EPODO IV.

Como ali, de um teu riso estimulados,
Os Genios do saber, do engenho os Genios,
Lidam, reformam, criam!
Aquelle aos Astros lucidos assesta
Longe-vidente Vidro;
Mechanicos segredos sonda estoutro
Esse a amplifica os Mappas,
Cartas este Hydrographicas inventa,
Novo soccôrro ao Nauta aventureoso!

STROPHE V.

Assim, quando nos prados se recrea
Por mão da Primavera a linda Flora,
Das Colmeas em torno
Meliças Abelhas
No seu vario mister fogosas lidam;
Qual as flores carreta,
Qual as cellas prepara,
Qual ao Zangão daninho a entrada impede!

ANTISTROPHE V.

Jubiloso o Commercio vê descendo
Dos empinados montes velhos Pinhos
Que ora tecendo a quilha,
Ora o concavo bôjo,
Ora subindo em mastro, se trasformam
Em véli-vogas Torres,
Que suas ferteis Plantas
Vão dispôr sobre novos Continentes!

EPODO V.

Alongam-se do mundo os Horisontes
Aos olhos Européos! . . . por Evos longos

Envolta em nevoa espessa

A bosqui-gera frente já descobres (1)

Oh vinosa Madeira,

Fertil filha do Atlantico, onde outr'ora

Amor prestara azylo

Aos Britanos. Amantes sem ventura (2)

Com cuja Historia, e Tumulo te enfeitas

(1) Que do muito arvoredor o nome teve.

(2) Sous le regne d'Edouard 3.^o Roy d'Angleterre, un Homme d'esprit, et courage; nommé Robert Makin, ayant conçu une passion fort vive pour une jeune personne d'une naissance supérieure à la sienne . . . (elle se nommait Anne Dorset) . . . ils résolurent ensemble de quitter l'Angleterre, et chercher une retraite en France . . . mais l'inquietude et la precipitation de Makin ne lui avoient pas permis de choisir les plus habiles Matelots d'Angleterre. Le Vent d'ailleurs lui fut si peu favorable que ayant perdu la terre de vue, il se trouva le lendemain comme perdu dans l'immensité de l'Océan, . . . enfin le quatorzieme jour au matin, ses compagnons apperçurent fort pres d'eux une terre . . . l'Isle paraissait deserte, mais elle leur offroit du moins un asile . . . Ils'y firent conduire aussi-tot en laissant le reste de leurs gens pour la garde du Vaisseaux . . . un grand Arbre, que leur offroit son ombre leur fit prendre la resolution de s'arreter dans cette belle solitude. Ils y dresserent des Cabannes . . . mais leur repos dura peu; trois jours après, un orage de Nordest arracha le Vaisseaux de ses ancras . . . Makin n'ayant retrouvé aucune trace de son Batiment, conclut qu'il etait coulé á fond. Cette nouvelle disgrâce . . . fit tant d'impression sur sa Compagne que . . . elle expira au bout de deux jours sans avoir prononcé une parole . . . son amant ne vecut que un jours après elle, et demanda pour unique grace á ses amis de l'enterrer dans le meme Tombeau.

Histoire General de Voyages.

STROPHE VI.

O medonho terror, que enthronisado
 Sobre o cabo de Não, entre o Cortejo
 De horrisonas Tormentas,
 E Tufões, e Naufragios
 Por vóz dos escarceos longi-bramindo,
 A passagem vedava
 Aos descorados Lenhós,
 Cede aos impulsos teos, no mar se afunda.

ANTISTROPHE VI.

Deve-se a ti, oh Principe sublime,
 Se Dias, novo Ulysses, corre os mares;
 Deve-se a ti, se o Gama,
 De Adamastor triumphá,
 E ao Malabar aprôal . . . o Gama ousado
 Que tão alto retumba
 De Camões na trombeta,
 Que em vão tenta abafar ladrando a Inveja!

EPODO VI.

Tu passo abriste ás inclitas proezas
 De Almeida, de Moniz, Castro, e Pacheco,
 O Luzitano Achyles! . . .
 Tu soltas-te a caudal de argento, e de ouro,
 Que, das Indianas Plagas,
 Dos Brazilicos Montes, onde Pluto
 Seus Armazens encerra,
 Correndo, oppulentando a Patria nossa,
 Europa enriqueceo com seus sobejos!

STROPHE VII.

E' por ti que hoje America, despindo
 Selvatica rudeza, ao Mundo antigo
 Em polimento emula! . . .
 Tu derribaste altares;
 Em que ao nefando Eponamon queimava
 O Mexico aviltado
 Sacrilegos perfumes
 Sobre o sangue de victimas humanas!

ANTISTROPHE VII.

Nem Cook, ou Drake, ou Bourguinville, ou Anson (1)
 Sem ti luziram tanto! . . . nem dos Mares
 Hoje o sceptro empunharas,
 Oh soberba Britania?
 Tão grande Reaumur, Linneo tão grande,
 Nem tu, Buffon serias! . . .
 E a Newton franqueára
 Menos arcanos seus a Natureza!

EPODO VII.

Oh Bemfeitor Universal dos Homens!
 Da Patria resplendor, do Mundo assombro!
 Por ti, sabio, suspiram
 De Lysia os Promontorios saudosos? . . .
 A bem dizer-te ensinam
 Agradecidas Mães aos seus filhinhos!
 E de Atilas, e Ninos
 Morre o nome, ou nas Chronicas só vive
 Dos flagelos do globo em sangue escripto!

(1) Quando nós descobriamos novos Ceos, e novos Mundos, essas Nações, que hoje affectam menoscar-nos jaziam sepultadas na barbaridade, e ignorancia, occupadas em jostas, e torneios, ou dilacerando-se em guerras civis, e por questões de Theologia Escolastica.

ODE V.

*Aos annos de Sua Magestade Jorge 3.^o
Rey de Inglaterra.*

Serus in Cœlum redeas, diuque
Lætus intersis Populo.

Horat. Od. 2.^a Lib. 1.^o

STROPHE I.

Que Heróe, que Semideos, oh Clio, ordenas
Que na Thebana Lyra,
Em Gregos modos, que por mim sam Lusos (1)
Aos luminosos Astros
Cercado de relampagos, e raios
Nas azas da harmonia ovante eu suba?

ANTISTROPHE I.

Para quem vejo matizar solertes
Nymphas do Tejo, e Thames,
Laureas capellas com Punicas Rosas? ...
Por quem alternam cantos,
E, ao ledo som de Tympanos, e Flautas,
Pulçam com leve pé, dançando, a Terra? ...

(1) Ἀναξιδέμιγγης γμνοί,
Τίνα θεόν, τίτ' Ἡρώα,
Τίνα δ' Ἀιδῶα κελαδῆσομεν.

Pyndaro, Ode Olimp. 2. Strof. 1:

EPODO I.

Se, a longos olhos, eu prescruto a serie
 Dos Lusitanos Fastos,
 Ou se na idade nossa
 Os ficto acaso, multidão sem conto
 De Heróes em paz, ou guerra,
 O tributo reclamam de meus hymnos!

STROPHE II.

Albuquerque terrível, Castro forte,
 Moniz, Pacheco, e Lima
 Mostram d'Asia os trophéos! . . . Cabral recua
 Os terminos do Mundo! . . .
 Lybia o chão morde aos pés de Lopo, e Nuno
 Trovão de Aljubarrota, e raio em Ceuta.

ANTISTROPHE II.

Na de Nymphas gentís Olhão fecunda.
 Lá surge o invicto Sousa;
 Segue-o Miranda, e Bacellar, flage-os
 Da Corsica impiedade!
 Brilha entre todos o astro de Silveira (1)
 Como em vaso argentino esmalte de ouro.

(1) Micat inter Omnes
 Julium sidus, velut inter ignes
 Luna minores!

Horat. Od. 15. Lib. 1.º

EPODO II.

Mas provecto Mortal, que um Deus remeda,
 Em portamento, em face,
 Tu me apontas, oh Musa! ...
 Na cabeça o Diadema, em punho o Sceptro,
 Em augusto silencio
 Parece que medita a bem do Mundo.

STROPHE III.

Salve, oh Anglico Jove! oh Jorge! oh Mestre
 De Reys, de Reys modelo!
 De Lysia Protector! da Galia espanto! ...
 Cançada ha muito a Parca
 O aureo fio prolonga de teus dias,
 E o Palladio de Eüropa em ti respeita!

ANTISTROPHE III.

Arde em teu peito o Espirito sublime,
 Que em Epochas ditosas (1)
 Em que Roma imperou do Tybre ao Indo,
 Deu Cezares, e Augustos,
 Titos, e Aurelios deu! a Paz amando,
 Sem que temas a guerra, és grande em ambas!

(1) Worthy of that spirit,
 That dwelt in antient Latian breasts, when Rome
 Was Mistress of the World
Rowe, Fair Penitent. Act. 5. Scen. 2.

EPODO III.

Eri-sona Trombeta anima a Fama,
 E retumbando os échos
 No alcaçar da Memoria,
 A quantos no futuro imperios réjam
 Em teu Governo aponta
 De um Governo feliz, o exemplo, a norma!

STROPHE IV.

Diz que ao público Bem sempre entregado
 Noute, e dia promoves
 A ventura de um Povo, que te adora;
 Que, do teu sceptro á sombra,
 Recolhe em paz as messes, que lavrára,
 Sem temer que lhas ceife estranho ferro.

ANTISTROPHE IV.

Cobrindo o mar de Náos, de Homens a Terra,
 Embora o tetro Corso
 Queira opprimir do Globo a liberdade
 De teu poder um sôpro
 Sobre as aguas, as Frota lhe submerge,
 Sobre as terras exercitos lhe varre!

EPODO IV.

Além do Continente, além dos mares,
 Teu influxo decorre,
 Quaes dous rios, que brotam
 De oppostas Fontes, e ao correr confluem, (1)
 E, unidos, espraizando
 As áridas campinas fertilisam.

STROPHE V.

Unido com João, que par só achas,
 E só sem maucha amigo,
 Ao inculto Brazil rudeza despes,
 E povoações se volvem
 Embrenhadas Florestas, duro asilo
 Do Tapuia boçal, da Onça traidora!

ANTISTROPHE V.

Oh Rey sublime! teu Natal bençoam
 Elysia, que remiste,
 O orbe que vingas, Albion, que illustras!
 Balbucia o teu nome
 O Orphão infante, e aos Céos te recommendam
 Luctuosa Viuva, ingenua Virgem!

(1) Are you not mix'd like streams of meeting rivers
 Whose blended waters are no more distinguish'd
 But roll into sea one common flood?

Rowe. Fair. Penitent. Acto 3. Scen. 2

EPODO V.

Tarde, oh! bem tarde! o Astro, que se adorna
De teu sagrado nome (1)

Vas habitar, oh Jorge! . . . (2)

Milhões de Sóes primeiro á morte cedam! . . .

Milhões de sóes primeiro,

Para á Terra dar luz, do cahos surjam!

(1) Alusão ao Astro, que os Astrónomos chamão Uranus: e Herschel, que o descobrio, agradecido ao seu Augusto Protector, denominou o Psalterio de Jorge 3.º

„ Arctoa parat convexa Bootes „

(2) Australes reserat portas succinctus Orion,
Invitant que novum sidus, pendet que vicissim
Quas partes velit ille sequi, quibus esse sodalis
Dignetur Stelis, aut qua regione moveri.

Claudiano.

VOL. I.

4

ODE VI.

Na tornada das nossas Tropas triumphantes em Agosto de 1814.

Ohi immaginativa, che ne rube
Tal volta si di suor, ch'nom non s'acorge
Purche d'intorno suonin mille tube.
Chi move te s'il senso non ti porge?...
Muoviti lume, che nel ciel s'informa
Per se, o per voler, che giu lo scorge!
Dante. Purg. Cant. II.

STROPHE I.

Estro! ... Immaginação! ... divino Influxo! ...
Pierio Fogo! ... Genio! ... Phantasia! ...
Enthusiasmo! ... qualquer emfim, que seja
Tua essencia, teu Nome! ...
Omnigeno principio,
Que sinto em mim, e que explicar não posso,
Salve! ... o Astro tu és, que o Homem guia
Com seu propicio lume
Pela estrada immortal da Gloria, e Honra!

ANTISTROPHE I.

Tu arrancas as lagrimas de Cezar
Quando do Macedonio encara o Busto! ...
Por ti Socrates bebe o lethal succo,
E, com sereno rizo
Diz, ao Sol apontando,
» Resurgirei, como elle, em methor Mundo!
Por ti sonha Colombo ignotas Gentes
De Dio entre destrógos
Mascarannas não treme, e pugna, e vence!

EPODO I.

Sem ti não ha prazer, desbotam flôres,
 As Estrellas se eclypsam, perde a graça
 Das Aves o gorgueio!
 Languida a vida visos tem da Morte,
 E, embrutecido o Homem
 Ensurdece aos reclamos da Ternura,
 E' gêlo, é pedra aos osculos da amada!

STROPHE II.

Foram sem ti monotono susurro
 De compassados sons sem alma as notas
 De Paysiello, ou Bomtempo! . . . pintaria
 Como Saunier psalmea
 O deissimile Rubens! . . .
 Kent, e Le Notre, Girardon, Bernini,
 Não pergoára a fama, e confundira
 Caldarini com Todi, (1)
 E nem de Actriz vulgar Crisp extremara (2)

(1) Luiza Roza Todi, cantora Portuguesa, ouvida com geral applauso, e enthusiasmo sobre os mais famosos Theatros de Italia, França, e Russia; o consenso universal a graduava em a melhor cantarina do seu tempo; e com effeito ninguem possuio mais a fundo os segredos da arte, que exercia. Ninguem soube melhor reunir os dotes de perfeita cantora, e de sublime Actriz!...

(2) Actriz Ingleza, e a mais excellente Dama Tragica, que tenho visto. Figura elegante, vós clara, e flexivel, um semblante que se moldava a todos os affectos; vivissima effusão de sentimentos, perfeição, e facilidade de aptitudes, intelligencia de Scena, tudo nella se reunia, tudo brilhava nella. Macbeth, The Fairy Penitent, Julieta e Romeo, foram os Dramas, em que com especialidade a vi tocar a perfeição.

ANTISTROPHE II.

Tu ensopaste em tenebrosas tintas
 Energico pincel, com que traçava
 Do rabido Ugolino, e incesta Amante
 Horri-armonico Dante (1)
 A lamentosa Historia! ...
 Longi-vibraste os sons d'argentea trompa
 Com que Milton, Céos, Terra, e Inferno abala!
 E temperaste a Lyra
 Do velho juvenil cantor de Teios (2)

EPODO II.

Com o energico Rouwe (3), e o bom Racine
 D'Anglia, e de Gallia passeaste ufano
 Tragica illustre Scenna!
 Terencianno Aticismo, e saes de Plauto
 Profundis-te em Goldoni! ...
 Guias-te pela mão Tompson, Delille,
 Por templos de Estações, jardins do Gosto! ...

(1) Aquelles que estiverem em estado de conhecer a fundo, e sentir toda a força da Poesia Italiana, confessarão que no Poema = a Divina Comedia = do celebre, e antiquissimo Dante, se encontram rasgos do mais terrivel pincel, e da mais eloquente Poesia. Tal é a Historia de Ugolino, de Francisca de Rimini, a descripção do Arsenal de Veneza etc. etc. se Tasso me encanta mostrando-me o genio, que remonta por ares livres até á região dos Astros; Dante me enche de obstupefacção, presentando-me o Genio que em toda a sua força lucha contra as trévas de um seculo barbaro, e de espaço a espaço as rompe com aquelles relampagos de luz original, que immortalisará seu nome, como creador da lingua, e da Poesia Toscana!

(2) Anacreonte.

(3) Nicoláo Rowe, excellente Poeta Tragico, natural de Irlanda; os Ingleses o chamam o Racine de Inglaterra, e com effeito se aproxima muito a Racine, pelo estillo, e sentimento. A bella Penitente, Joanna Shore, e Tamerlão, são as suas melhores Tragedias.

STROPHE III.

Comtigo suspirava entre os Sepulchros
 Young, e Gray! de Darwin, de Lucrecio
 Na dulci-sona voz amenizaste

Philosophia austera!

E comtigo vestindo

Mascara zombeteira Garth, e Pope
 De ardente ortiga a sátira espinharam!

A satyra, que armáras

Em Persio, e Juvenal de ferro, e fogo!

ANTISTROPHE III.

Tu me ensinaste de Dirceas plumas
 A armar canoro alti-toantes Hymnos,
 Que entre o versi-color clarão, que espalham

Relampagos Philintios,

Aos astros levantaram

O nome de João, de Jorge o nome!...

Ou esses, que das Tagides cantados,

Do Tejo atroam margens

Com Welington, Silveira, e Castro, e Nuno!

EPOPO III.

Estro!... ao Cantor, que languido, já sente

O Arroio esmorecer da vital Fonte,

Conforta, vivifica!

Da que inda, interrogando as Delias cordas,

No Barbiton desfira

Vibrado som Dircéo, que os Evos vença,

E eterno sobre o Pindo echo-retumbe!...

STROPHE IV.

A suspirada Paz volveo ao Orbe!...
 Fecha o Templo de Jano; as Fúrias descem
 Dasafrentando o dia ao negro abismo!

Já dos canhões o brado

Os mares não atrôa,

Não faz tremer a terra, e se rebomba,
 E' nuncio do prazer, e não do estrago!

Nem de escuta-lo esfriam

A saudoza Máy, e a torna amante!

ANTISTROPHE IV.

Cahio do Throno despota orgulhoso,
 Que as gerações apressurar quizerá
 Para dobrar de victimas á Morte

Sanguinoso tributo!

Quiz os Reys seus Escravos,

Quiz absorver em si da terra o Ouro,

Quiz de Jove arrogar-se os attributos!...

Com horrido estampido

Cahio no mar seu Astro, e mais não surge!...

EPODO IV.

Assim feros Titaes escadeando (1)

Montanhas em montanhas pertendiam

Hir escalar o Olympo!...

Tudo é susto!... fugindo os Numens vagam!...

Eis assoma o Tonante,

Co' a nubi-coga dextra os raios vibra

Ruem de involta Montes, e Gigantes!...

- (1) *Magnum illa terrorem intulerat Jovi
 Fidens Juventus horrida brachiis,
 Frates que tendentes opaco
 Pelion impossuisse Olympo. = Horat. Lib. 3. Ode 4.*

STROPHE V.

Lá com mole flamivoma subjuga
 Ethna ao raivoso Enceledo, que tenta (1)
 O pezo sacudir!... curva a Inarime
 Tigri-simile Rheco;
 O furibundo Mimas
 No Ida basti-arbori-gero se enterra;
 Arde no Hecla Typhoe! trovão ruidoso
 Adamastor submerge,
 Que no pego venti-sono se estende. (2)

ANTISTROPHE V.

Por seculos de Phlegra os ermos campos
 De mephitico sulphur recenderam!...
 Por seculos ali em vão fendias,
 Agricultura, os Arvos;
 E os rios, escondidos
 Pelo amago da Terra, não ousavam
 A' flôr della surdir!... assim da Guerra
 Que ha pouco em nós ardia,
 Eternos durarão fataes vestigios!...

(1) Fama est Enceladi seminaturn fulmine corpus;
 Urgeri mole hac, ingentem que insuper Etnam
 Impositam ruptis flamarum expirare caminis,
 Et fessum quoties mutat latus intremere omnem
 Murmure Trinacriam, et Cœlum subtexere fumo.

Virg. Eneid. Lib. 3. Vers. 572.

(2) Vid. Cam. Lusiad. Cant.

EPODO V.

Desce, benigna Paz! turbados ares
 Asserene um sorriso, que se escape
 Das roças de teus lábios!
 Amigoza influencia lavre, e corra
 Pela assolada Europa! ...
 E largando o fuzil, depondo os Elmos,
 Póvos (thegora em odio) alfim se abraçem!

STROPHE VI.

Oh quanto apraz agora olhar nos templos (1)
 Entre verdes Laureis, rotas Bandeiras
 Por trophéos do Valor! ouvir das Musás
 Os Canticos divinos,
 Que á Liberdade entoam!
 Vêr nas margens do Senna re-brotando
 Com todo o seu viçor sagrados Lyrios!
 E os usurpados Thronos
 Aos Monarchas legitimos volvidos!

- (1) Alors sur les Autels de la haine étouffée,
 La Paix, l'aimable Paix dressera son trophée,
 Alors je prend ma Lyra, alors ma foible voix,
 Ranimera ses sons pour la dernière fois,
 Trop heureux, en mourant, se de l'Etat, qui tombe,
 L'Astre victorieux éclaire enfin ma tombe.

Delille. Imag. Cant. 7.

ANTISTROPHE VI.

Seu manto mil-color, que em gemas arde (1)

E de basto ouro esqualido, já solta (2)

Sobre as vagas azuis dos mares livres

Omni-phylo Commercio! . . .

Marcham por elle a salvo

Genios da Industria, que de oppostos climas

As ricas produções couduzem, trocam,

E o homem quasi esquece

Em que plaga nasceo, que Mundo habita!

EPODO VI.

Paz, que só vales mais, que mil triumphos,

Prazer universal, Mãi da ventura,

Comigo te saúda

O pobre Lavrador que já não teme

Que barbaros Cavallos

Lhe pizem, lhe devorem ricas messes,

Trabalhoso suor de largos dias!

STROPHE VII.

Alegram-se contigo Artes, Sciencias,

Que para seus milagres, seus inventos,

Feliz ocio te devem! . . . jubilosa

Te estende Astrea os braços!

Exulta alma Virtude,

Que incensos vê de novo em seus altares!

Tu que do Heróe destruidor de Troya

O nome immortalisas,

Ergue emfim, Ulissêa, a frente augusta!

(1) Arde-o-Rubi.

Manuel de Galhegos, Templo da Memoria,

(2) Squalentem auro.

Virg.

ANTISTROPHE VII.

Em arcos triumphaes por mão solerte
 Virente Louro entretecido adorne,
 Tuas formosas Praças, e amplas Ruas!
 Do pincel os milagres,
 E do Permissão as Flôres
 Lustre lhe dees maior!... e assim recebe
 Entre vivas de applauso, e lédos brindes
 Teus inclitos Guerreiros,
 De que Iberia pasmou, tremeu Garona!

EPODO VII.

Queimem da escura noite o manto escuro
 Milhões de lumes remedando o Dia!...
 E' todo o applauso escasso
 Ao que a Patria salvou da vida a custo!
 Fique a barbaros Corsos,
 A estolidos Sultões o perzumirem
 Quando os acceitam galardoar serviços!

STROPHE VIII.

Sem premio, sem louvor não cresce, ou vinga
 Em generoso peito a sêde á Gloria;
 Tal dorme occulta a chamma, e só desperta,
 E fulgida scintilla
 Da pedra, e do Aço ao choque!...
 Tal sem o orvalho animador nos campos
 Esmorece, e definha, e curva, e murcha
 Linda Flôr que devêra
 Encantos realçar na gentil Noiva!

ANTISTROPHE VIII.

Pelas sombras do tumulto se entrenha
 A doce vóz do Encomio! frias cinzas
 Dos extinctos Heróes calôr recobram
 Ao escuta-la, e brilha
 Em seus tristonhos mannes
 Hum raio de contento! o proprio Jove
 Sempre benigno ouviu mortal, que o louva! ...
 E de prodigios tantos,
 Porque ao louvar o instrua, cerca o Homem (1)

EPODO VIII.

Cidadãos ao prazer! é tempo agora
 Da cabeça inflorar de Myrthe, e Rosas
 De que o chão se fatigue
 Com cadenciada planta! ... o Canto, a Lyra,
 O brinde não repouse! ...
 Crime é não delirar de gosto em dia,
 Que nos deu liberdade, e a Paz nos scella! ...

(1) *Cæli narrant gloriam Dei**Psalm. 10.*

ODE VII,

A Duarte Pacheco.

El nombre peregrino
A la posteridad abre el camino.
Silveira Mechab. Cant. 2. Strop. 38.

STROPHE I.

Quando galerno Vento,
Soberbo redondando as brancas vellas,
Levava foz em fóra
O Galião potente,
Em que afoito tendia ao rubro Ganges
» O grão Pacheco, Achyles Lusitano. (1)

ANTISTROPHE I.

O Tejo, levantando,
Co'as cerulas melenas rorejantes,
A placida cabeça, (2)
Dizem, que então foi visto,
Sobraçadas as ondas, e olhos fitos,
No saudoso Lenho, assim falar-lhe,

- (1) E conta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano
Sem saber o que em si o mar trazia,
O Grão Pacheco, Achylles Lusitano.
Cam. Lus. Cant. 10, Est. 12.

- (2) Placidum caput extulit undia.
Virg. Eneiad. L. 1.

EPODO I.

- » Propicio resplendôr de amiga Estrella
 » Pelas turbidas ondas neptuninas
 » A salvo te conduza,
 » Belligero Mancebo,
 » Gloria de Europa, assombro do Oriente,
 » De cuja espada pendem
 » Os fados do Indostão, de Lysia os fados.

STROPHE II.

- » Benigno enfrêa, Eólo,
 » Nas retumbântes horridas cavernas
 » Bрами-sonas Procellas,
 » Euros Tufões, e Nottos,
 » Que se descem pugnando ao plaine equoreo,
 » Com vastas serras d'agoa os Ceos afrontam.

ANTISTROPHE II.

- » Bellissimas Nereidas,
 » Em torno lhe assomai da quilha ovante
 » Risonhas offertai-lhe
 » Fio coral luzente,
 » Fios de Aljofar, perolas custosas,
 » Thesouro, e producção do Imperio vosso.

EPODO II.

- » Tremer já vejo as praias orgulhosas
 » Do adusto Malabar! . . . descora, esfria
 » De seus Naires cercado
 » O Samorim perjuro,
 » Quando o Heróe salta em terra! . . . em seus Pagodes
 » Os Idolos Indianos,
 » Do fundo dos Palmares, dam bramidos.

STROPHE III.

- » Qual no bojo de hum monte,
 » Que arreiam vinhas, e arvores coroam,
 » Vulcão fermenta occulto,
 » The que horisono estoura,
 » E, de liquido incendio sobre as azas,
 » Pelos campos o estrago em torno espalha.

ANTISTROPHE III.

- » Tal mercantil ciume
 » Nos Mauritános peitos! . . . e em soccorro
 » Chama o pallido Medo,
 » E o memore Despeito,
 » Que assim de Perimal ao fero Herdeiro,
 » E aos avaros Catuaes denigre os Lusos.

EPODO III.

- » Dormes Imperador! . . . dormis Ministros!
 » Surdos da Patria á voz, que pede auxilio! . . .
 » Insensiveis a injurias
 » Dos Corsarios de Europa? . . .
 » Tão depressa esqueceo do Gama a audacia,
 » E as horridas bombardas,
 » Que esta Cidade misera prostraram? . . .

STROPHE IV.

- » Essas occiduas Aguias
 » Aninhar em Cochim deixaes inertes,
 » Para que em breve a Próle
 » Nutram com sangue vosso,
 » E do Oceano álem nas curvas garras
 » Levem soberbas, a oppulencia Indiana! . . .

ANTISTROPHE IV.

- » Quando entre nuvens nasce;
 » Vemos o sol sem custo; e nos deslumbra
 » Quando ao Zenith scintilla;
 » Tenro Menino arranca
 » Mimoso rebentão, que, andando os Tempos,
 » Zomba dos ventos, das procellas zomba.

EPODO IV.

- » Sus! a tempo accedi, antes que Europa
 » Toda ao Indo transmigra, e que insolente
 » Trimumpara por prego (1)
 » Da Patria, que lhes vende,
 » Com Sceptro imperial na dextra alçado,
 » Escravo elle dos Lusos,
 » Escravizar-vos venha, e leis dictar-vos

STROPHE V.

- » Eis do golpho opulento
 » De Narsinga, que em perolas abunda,
 » De Cranganor devota,
 » De Tanor, de Bipure,
 » Vem Naires adalgados, vem de Amoucos (2)
 » Tonsa Caterva devotada á morte.

(1) O Rei de Cochim, o mais fiel Aliado, que os Portuguezes tiveram na India, e que a seu respeito se expoz magnanimamente a perder o reino e a vida.

(2) Fazer-se Amouco era entre os Malabares huma especie de voto de Cavallaria, pela qual os valentes, rapando a cabeça com certas ceremonias supersticiosas, se obrigavam a vencer, ou morrer.

ANTISTROPHE V.

- » Por mar por terra os guia
- » Com regaçado braço, e curvo alfange,
- » A multicôr Cohorte
- » De adustos Mauritanos,
- » Gente fera, e que mostra em rosto, em peito
- » Têr na Lybia encetado a Lusa espada.

EPODO V.

- » Com medonho zunido estalam arcos,
- » Com medonho fragor pelouros troam,
- » Em terra, e mar vomita
- » A dura artilharia
- » Sobre as azas de fogo estragos, mortes,
- » E terra, e mar se inundam
- » De espedaçados corpos, sangue em rios!

STROPHE VI.

- » Os ais dos muribundos
- » As carvernas echi-sonas prolongam ;
- » Os brados dos que vencem
- » Nos aureos ceos retumbam,
- » A terra treme, os mares se revolvem,
- » E estremece Nereo no fundo algozo.

ANTISTROPHE VI.

- » O sordido Charonte
- » Não póde dar vasão na fatal barca,
- » A' multidão guerreira,
- » Brâmino, aberta a golpes,
- » Que chove sobre as margens do Cocyto,
- » Quaes as folhas, que solta a mão do Inverno!

EPODO VI.

- » Por seis vezes o Despota reforma
 » Seus rotos Esquadroens, e, por seis vezes,
 » O ferto de Pacheco
 » Os desordena, e varre!
 » Tal sobre os Diques teus, Hollanda em montes
 » O Pelago escumoso
 » Bramindo bate, parte-se, e recua! . . .

STROPHE VII.

- » Menos brioso o Grego
 » Na apertada Termopylas empata
 » Dos Persas a corrente:
 » Menos Heroes os Fabios,
 » Abarreirando sós hum Povo inteiro,
 » Morrem, pé firme, victimas da Patria! . . .

ANTISTROPHE VII.

- » De huma parte troveja
 » O intrepido Pacheco, e de outra parte
 » O Samorim fuzilla!
 » Por onde o ferro esgrimem
 » Longo Rio de sangue se diffunde,
 » E fica longa estrada á Morte horrenda.

EPODO VII.

- » Cansado de matança o fero Marte
 » Hum pouco se desvia, e deixa a pugna
 » A Egydigera Pallas!
 » O Desespero, a Raiva,
 » O Delirio, a Vergonha, as Fúrias todas,
 » Do Imperador em roda,
 » Ao ultimo tentamen lhe alumiam.

STROPHE VIII.

- » Eis todo o equoreo plaino
 » De inflammados Castellos vai coberto, (1)
 » Qual se avulso o Vesuvio,
 » E o flami-vomo Ethna,
 » A impulso de Neptuno, o mar corressem!
 » Como outro tempo as Cycladas nadaram!

ANTISTROPHE VIII.

- » A campina percorre
 » Com apparato igual a horrenda Guerra:
 » Pacheco, alegre o rosto,
 » A toda a parte accode;
 » Aos Lusos, de que hum só não vê sem golpes,
 » Sem victoria esperar, victoria abona.

EPODO VIII.

- » O Touro, que cioso investe aos troncos,
 » Famelico Leão, Tigre raivoso,
 » Incendijo devorante,
 » Raio que em cinzas funde
 » Torre empinada, similes sam fracos
 » Do cruento denodo,
 » Com que a pugna renasce em solo, em agoas.

(1) Depois de ter perdido 6 batalhas o Samorim, envidando o resto de suas forças, veio atacar Pacheco com 298 Baixéis bem equipados, e trouxe de mais a mais 8 grandes Castellos sustentados cada hum em duas Barcaças fortemente atracadas. Estes Castelejos estavam guarnecidos de Artitharia grossa, e de varias machinas de invenção de Engenheiros Mouros. Precedia todo este trem huma multidão de jangadas, cheias de materias combustiveis, que como outras tantas Piramides de fogo ameaçavam destruir as caravellas Portuguezas. Mas com assombro do mundo de tudo soube triunfar o grande Pacheco com só 300 soldados nossos.

STROPHE IX.

- » Mas já dos seus o resto
» Tenta em vão suspender na alada fuga
» O Samorim brioso,
» Roga, ameaça, fere,
» E agourosa bombarda, a par com elle,
» Mata hum valido, e lhe espadana o sangue!

ANTISTROPHE IX.

- » Fanatico então perde
» A esperança de todo, e segue a fuga;
» Mas impetos de esforço
» Mil vezes o compellem
» A frentear os contrarios! . . . delirante,
» Ou pugnando, ou fugindo, hum monte o salva! . . .

EPODO IX.

- » Restos de seus Paráos, Corpos, Turbantes, (1)
» Vê dali revolvendo-se co'as ondas;
» Vê rodar sobre o Campo
» Cabeças, braços, troncos!
» Armas dispersas vê, tombados carros,
» E o cocar de Pacheco
» Ovante a tremular, qual Astro infesto!

(1) Os Paráos são humas Embarcaçoens de fórma particular usadas nos mares da India.

STROPHE X.

» Com voz, que o pranto entalla,
» Repellando a melena, oh meus perdidos
» Tantos antigos Lauros
» Sobre esse Campo! (exclama)
» Lusos, vencestes! vosso Imperio he firme,
» Quem o destruirá, sendo eu vencido?

ANTISTROPHE X.

» Mas Dezejo mo finge,
» Ou mo promette hum Deos? ... oh quantas guerras,
» Que estragos vos esperam
» Neste usurpado clima! ...
» Praia não ficará, monte, ou rochedo,
» Rio, ou mar sem tingir-se em vosso sangue!

EPODO X.

» E tu, que vencedor hoje campeias,
» E ris da minha fuga, e meos despojos,
» Oh! quanto mais quizeras
» Cahir ao meu alfange! ...
» Lá te espera na Patria atroz calumnia;
» Lá morrerás inglorio,
» Atido a hum Pão de esmola, em pobre Hospicio. (1)

-(1) Allude ao triste fim de Duarte Pacheco, que morreo ao desamparo em hum Hospital de Lisboa!!!

ODE VIII.

A D. Fuas Roupinho, Capitão das Galeras d'ElRey D. Affonso Henriques.

Su frente, que de triunfos se corona,
Per que su fama el Tiempo no consuma,
Engrandecer los Hados determinan,
Con luzes, que estos Orbes iluminan.
Silvei. Macabeo, Cant. XV. Est. VI.

STROPHE I.

Desde as margens auríferas do Tejo
A negociosa Archangel, e te onde
 He Padrão de Albuquerque
 A torreada Goa;
Do Zaire adusto á livre Pensilvania,
Vejo armadas undivagas nadando! . . .
 As variadas côres
Das flamulas Reaes briosas nutam;
 E o longo equoreo plaino
Da irada artilharia ao som retumba!

ANTISTROPHE I.

Mas entre Anglas, Danezas, Russas, Francas,
Batavas quilhas, navegar não vejo
 Os Baixeis Lusitanos,
 Que outrora retalhando
Com successivo gyro os longos Mares,
Hiam levar destruição, e a morte
 Da Patria aos inimigos;
Ou transportavam de Oriental riqueza
 Amplio tributo ao Tejo,
E mostravam ao Mundo ignotas Gentes!

EPODO I.

Ahl como te deslembras, Patria minha,
 Da marítima gloria, que outro tempo,
 Subio aos Ceos teu nome
 Terminos alongando ao vasto Mundo! . . .
 De Lysia o braço invicto
 Menos não trovejou no Mar que em Terra,
 Mesmo do Imperio seu na tenra infancia!

STROPHE II.

Vós o attestai, Nereidas, que de susto,
 Vós fostes esconder no fundo algozo,
 Quando o forte Roupinho,
 Maritimo Mavorte,
 Sobre os Mares vibrou de Affonso o raio!
 Quando em nuvem cruenta, a Morte horrenda
 Com jubilo sentada,
 Seus ministros cansou, que afadigados,
 Dos que a pugnar morriam,
 Almas levavam ao Elisio, ao Orco.

ANTISTROPHE II.

Duro foi vêr com impeto chocando
 As armadas Galés abalroar-se,
 O canto, o dardo, a lança,
 As implumadas settas,
 Rechinando, e toldando os longos ares:
 Vêr da espada, e do Alfange aos crebros golpes,
 Cahir as bravas hostes
 Como cahem no Campo á foice, as messes!
 Tingir se em sangue o Pego,
 Gritos de raiva, e dor, rasgando as Nuvens!

EPODO II.

Este nadando valido algum tempo
 Seu transitio retarda! Sobre o escudo
 Aquelle as praias ganha!
 Quem, matando-se, evita o captiveiro!
 Quem, como infernal Furia,
 Na inimiga Galé se arroja armado,
 E quanto se lhe oppõe derruba, e varre!

STROPHE III.

Qual depois que apoz si fechadas sente
 O valeroso Turno as ferreas portas
 Da renascente Troya,
 Maior nas armas soa,
 Mais sinistro clarão dos olhos vibra,
 Revolve com mais força a longa espada,
 E, firme, os golpes todos
 Rebate no broquel Septi-aurino, (1)
 The que ao rio se arroja,
 Ganha seus Arraiães illezo, e armado; (2)

(1) Formado de sete couros de Boi sobrepostos huns aos outros.

(2) Tum demum præceps saltu sese omnibus armis

In flævium dedit: ille suo cum gurgito flavo

Accepit venientem, ac mollibus extulit undis,

Et lætum sociis, abluta cæde, remisit.

Virg. Eneiad. L. IX. Vers. XXXV.

ANTISTROPHE III.

Assim no lenho voador penetra
 O Luso Capitão, chovendo estragos,
 Pela inimiga frota.
 Quantos medonhos Genios
 Gera a destruição, e a guerra seguem,
 Com horrido estridor em torno d'elle,
 As negras azas batem!
 E aprezados conduz ao Patrio Porto
 Quantos Baixeis Mouriscos
 Não salvára a fugida, o mar tragára!

EPODO III.

Menos brioso no cruento Ourique
 De cerrado Esquadrão rompendo o Centro,
 Das mãos do fero Abdalla
 A bandeira remio c'o a morte d'elle! . . .
 Nem ganhou tanta gloria
 Quando do impio Gamir dispersa as Hostes,
 O cercado Castello libertando! (1)

STROPHE IV.

Fati-dico Protheo, que a pugna via,
 Vezes tres meneando a fronte algoza,
 » Que vasto incendio (exclama)
 » Este clarão promete! . . .
 » Quantas, correndo o tempo, as longas agoas
 » Terão de ensanguentar, Batalhas Lusas!
 » Quantos Mares sem nome
 » Das Camenas na voz serão famosos! . . .
 » Que Promontorio, ou Praia
 » Não hirão assombrar Pendões do Tejo!

(1) Hum dos muitos Regulos Mouros, que então occuparam as terras de Portugal. D. Fuas o commetteu, e derrotou obrigando-o a levantar o sitio, que havia posto a hum Castello nosso,

ANTISTROPHE IV.

- » Quantos potentes Reys largando o sceptro,
» Do throno se derrubam!... quantos Reinos
 » Novo Culto recebem
 » Novas Leys, e costumes!...
» Que longiquas Nações, em lagos de ouro
» Dadivozo Commercio enlaça e prende!!...
 » De que alto asombro cheia
» Vê Europa dos Mares levantar-se
 » Num novo continente,
» De males, e de bens perenne Origem!

EPODO IV.

Ouvio do Vate a voz, e estremeceu-se
Toda a Costa Africana!... a dura juba
 Sacudio despeitoso
D'Adria o Leão rugindo!... retumbaram
 O Indicos Palmares,
Correntes do Erythreo a côr perderam,
E o fulgôr se eclypsou de Egypcias Luas!

ODE IX. (*)

Ao Ill.^{mo} Sr. Visconde de S. Lourenço.

Non ingrata cano, penitusque injussa, neque unquam
Arguerint ventura meis te secula chartis
Preteritum.

Sannazaro Eclog. 6

STROPHE I.

Quando inspirado a Cythara remonto
Com Pyndarico Plectro aos sons Thebanos,
A Adulação, que beja
Cruentada roseta
Do flagello, que o dorso lhe laçera,
Meus Hymnos não impluma,
Nem prepara grinaldas, que circumdem
Do titulado vicio impropria fronte

ANTISTROPHE I.

Livre nasci; Verdade foi meu Numen,
Por Jardins do Prazer, Vergeis da Gloria
Verdade andou comigo;
Não me deixou a Diva
Nos ermos da Desgraça errando em trevas;
Thé no amor, que de Jove
Mentindo chama o riso, andei sincero (I)
Só merito cantei, cantei virtude.

(*) Pedida

(1) Perjuria ridet amantum.

Virg.

EPODO I.

Indignado rubor me accende as faces
 Quando deifica enfatico Lucano
 De Aggripina o Algoz; ou quando avilta
 O energico pincel sublime Estacio
 Adulando hum 'Tyranno! arroja aos mares
 Perolas ricas no Erythreo pescadas,
 Quem desta arte profana o sacro influxo!

STROPHE II.

A qual, sobre arco Ismenio hoje se apronta
 Luminoso farpão, alvo sublime?
 Quem nas azas dos versos
 Hirá voando aos astros?
 Varão grato á Virtude, a Jove acceito,
 Grato a ti propria ó Clio?
 Inda por esses bosques, e essas grutas
 O Nome de Targini, e os versos sôam?...

ANTISTROPHE II.

Solta a voz divinal, publica ó Deosa
 Que em teos braços nasceo, que os tenros labios
 De harmonia ensopaste;
 Que lhe embebestes n'alma
 Os germens do saber, do honesto os germens
 Que as flores lhe apiedavas,
 Como avido Colono ao novo arbusto,
 Que breve em fructo o adita, e paga em sombra.

EPODO II.

Veio logo Amizade, e tomou praça
 Dentro em seu coração; desceo com ella
 A Paixão dos Heroes, o Amor da Patria;
 No magnanimo peito eis arde, eis cresce,
 Dezejo de ser util; fita a Gloria,
 Da Experiencia ao facho o passo move
 E encara novo Bivio Alcides novo.

STROPHE III.

Aponta-lhe de hum lado o ferreo Marte
 De guerreiros Heroes trilho escabroso;
 Cidades que se abraçam,
 Rios que de entallados
 Com montões de cadaveres recuam,
 E algemadas seguindo
 Nações inteiras de Alexandre o carro,
 De Frederico, Eugenio, e Castro, e Nuno.

ANTISTROPHE III.

Mas varão, que ao nascer propicio riso (1)
 Das Camenas obteve, em aureas letras
 Vêr no Templo da Fama
 Não deverá á Espada
 Esculpido o seu Nome! as Sacras fontes,
 Dos Satiros, das Ninfas
 Ledas Choreas, citharas, e flautas
 O separam do vulgo, e á Gloria enviam!...

- (1) Quem tu, Melpomene, semel
 Nascentem placido lumino videris,
 Illum non labor Isthmius
 Clarabit pugilem.

Horat. Od. II. Lib. IV.

EPODO III.

A outra senda que rosas alcatifam,
Que fructiferas arvores ensombram,
Sapiente Minerva o chama, o guia;
Inda alli dura o venerando rasto
Do Sabio de Estagira, Homero, e Maro,
De Newton, de Bufon, melifluo Tullio,
Incruentos Heroes, do Mundo esmalte.

STROPHE IV.

Esta perfire; sãa Filosofia
Do Supremo Principio o sobe á face,
Na luz, que espalha o Dia,
Vê reflectir seus olhos,
Ouve-lhe a voz no sibilo dos ventos,
Vê nas flores seu riso,
Sêu furor no bramir do mar, que empola,
Seu poder na extensão dos longos ares.

ANTISTROPHE IV.

Curvam ao novo Orphee Olmos, e Robles
Os alterosos tópes, quando enfeita
De dolci-sono metro
Da virtude os dictames!...
Param os Rios... vem ouvi-lo as ferás...
E das margens do Senna,
Quando seus versos de oiro escuta á Fama
Filinto, (Horacio Luso,) ao longe applaude!

ESTRODO IV.

Themis imparcial nas mãos lhe entrega
 A rigida balança, que hum momento
 Não deixa elle inclinar! . . . Donzella infausta,
 Desvalida Viuva, ou Velho inerme
 Nelle tem protecção, tem nelle escudo:
 E á sombra de seu braço pode affeito
 Zombar das fúrias de oppressor iniquo.

STROPHE V.

Direi seo coração ingenuo, e puro,
 Que mais que as portas de Orco odeia o Impio
 Que em fraude tinge os labios?
 O magnanimo Genio
 Continuo auri-chovendo á desventura?
 E, como outr'ora Tito,
 Perdido reputando o infausto Dia,
 Que não assignalou com beneficios!

ANTISTROPHE V.

Cidadãos de Ulissea, a vós appello! . . .
 Tu o assella, o Brazil, a quem deslumbra
 De mil seus raios dotes
 O esplendor luminoso! . . .
 Mas quem pode evitar halito impuro
 Da perfida Calumnia! . . .
 Segue a virtude, como a sombra o corpo,
 A Maripoza a Luz, e o ferro o Iman!

EPODO V.

D'Anyto ella por mão em plumbea taça
Morte propina a Socrates! por ella
Na fronte de Scipião laureis definham! . . .
Pacheco ao desamparo acaba a vida!
Por ella (Ovidio novo) em terra alheia
A lyra de Filinto abranda os ecchos,
E o divino Camoens á mingoa expira.

STROPHE VI.

Com viboras na grenha, e na alma o odio,
Torvo olhar, formas mil vestindo a um tempo,
 Como da Pomba o cóllo
 Varia ao sol mil côres,
O Monstro eu vejo erguer! . . dá Intriga ao lado
 Em torno ao sólio Augusto
Do sublime João nevoas engloba,
E o nome de Targini envolver tenta!

ANTISTROPHE VI.

O ouro acrisola tórrida fornalha,
Do Diamante o primor prova-se ao fogo,
 Na tormenta o Piloto,
 Sobre o campo o Soldado,
Alardeiam pericia, esforço inculcam;
 Co' a má ventura a braços
Quando o atino não perde, e a vence, e calca,
Mais venerando o sabio alteia a frente.

EPODO VI.

Prudencia, que do Principe sublime
Sempre a mente illumina, eis ergue o facho;
A treva se desfaz, calumnia foge:
João lhe ri qual Febo em Primavera,
Da-lhe a dextra real, Grande o nomeia,
Orna a Grandeza . . . mas o Heróe modesto
De ouvir proprio louvor, se enfada ha muito.

ODE X.

A Lucrecio, Poeta Romano.

Felix, qui potuit rerum cognoscere causas
Virg. Georg.

STROPHE I.

Hum Hymno de louvor na eburnea Lyra,
 Com que as Musas no Pindo me brindaram,
 Tambem será votado
 Ao sabio Antesignano
 Dos Romanos cantores, que, eloquente,
 Da Grecia ao Patrio Tibre
 De Epicuro frugal trouxe a doutrina,
 Ao canto Philosophico amoldando
 Da Senhora do mundo a sacra lingoat

ANTISTROPHE I.

Expraia-se, diffunde-se, qual Rio
 Com montesinos feudos engrossado,
 O alti-sono Lucrecio;
 Qual devorante incendio,
 Que atêa, lavra, cresce, estala, e bosques
 Seculares consome;
 Qual crepitante raio, que, cahindo
 Das enroladas Nuvens, deita ao longe
 Solta em fragmentos empinada Rocha.
 Vol. I.

EPODO I.

Fera superstição nos Ceos sentada
 Entre Ignorancia, e Medo,
 Trevas do humano Espirito engrossando,
 Pluralizava os Numes! . . . (1)
 Numes impios, crueis, que a sede infanda
 Cevam sómente em sangue!

STROPHE II.

Assim, da Mãe aos braços arrancada,
 Que delira de dôr, por mão paterna,
 De roço foste ás aras
 Da muito irada Cynthia, (2)
 Iphigenia infeliz! sagrado ferro
 Rasgou teu lindo seio,
 Porque, sôltos os ventos represados,
 A' vingadora Armada Aulide abrissem;
 Tantos, Superstição, malles sugeres! (3)

- (1) Não sem mistério alcança este prodígio
 De admittir, sendo hum só, pluralizar-se;
 Pois se não foi em partes dividido,
 Não podia caber n'huma só parte.

João Tavares Mascarenhas.

- (2) Veja-se *Lucr. de Rerum Natura. L. 1.º*
 (3) *Tantum Religio potuit suadere malorum!*

Lucr.

ANTISTROPHE II.

Assim ondas do lugubre Cocyto (1)
 Ninguém atravessou na fatal barca
 Sem lá solver seu naulo!
 Assim ao pomo á limpha
 Em vam Tantalo ergueo a vista, os braços! ...
 Assim penedo enorme
 Pezou nos hombros de Sisipho, o Abutre
 Mordeo de Tycio entranhas rebrotantes.
 E continuo ululou Mastim trifuace.

EPODO II.

Mas se, rodando de ingremes montanhas;
 Vinhão auritas pedras
 Cedendo á lyra de Amphião canoro,
 Formar soberbos muros
 A' Patria de Lico, depois manchada
 Com fraternas contendias;

STROPHE III.

Aos vivos sons, que a Cithara troveja
 Do Latino Cantor, se aballam, gemem,
 Se desunem, baqueiam
 As Pedras, que sustiam
 O Templo pavoroso, onde, evos tantos,
 Veio o mundo embahido
 A mentidas Deidades render cultos,
 E altares só conserva a linda Venus, (2)
 Nome, com que elle adora a Natureza!

(1) Veja-se Lucr. ibi, L. 3.^o(2) Lucr. L. 3.^o

ANTISTROPHE III.

Sim foi teu Deos, Lucrecio a Natureza! . . .
Oh! cegueira do homem! foge hum erro
 Para enredar-se em outro!
 A razão vindicando
Dos infames grilhoens da Idolatria,
 Presentir não soubeste
Hum Deos, que se revella em quanto existe! . . .
Tal co'a Lua equivoca o tenro Infante
Reflecção que no Lago a representa!

EPODO III.

Mas como co'as boninas da Poesia
 O teu engano enfeitas!
Como por inacessos labyrinthos,
 Do Raciocinio ao facho,
Sustendo a mão da Experiennia o fio,
 Das cousas vás á origem! . . .

STROPHE IV.

Como coloras de mimosas tintas
De Venus o prolifico sorriso,
 Que o ar, a terra, os mares
 Povôa, aformosêa,
Dissipa as nuvens, asserena os ventos,
 E faz, que, bonançosa,
Com difuso clarão, rutila a Esphera! . . .
Como a Dedala Terra ferve em flores,
E arvores curvam para dar-lhe abrigo!

ANTISTROPHE IV.

Eis chega a Diva!.. a seu benigno aspecto
 Amorosa influencia se difunde
 Pelos equoreos plainos,
 Por verdejantes bosques,
 Rápidos rios, elevados montes!...
 Com canticos ás aves,
 Rugindo as feras, saltitando os peixes,
 E os homens com ternissimos suspiros
 A ditosa chegada lhe saudam!...

EPODO IV.

Eis em seus braços o iracundo Marte
 Se arroja enternecido,
 E, sofrego fitando o rosto amado,
 Entre meigas caricias,
 Ouve-lhe os rogos, e, depondo as armas,
 A paz outhorga a Roma!

STROPHE V.

Eis em seu berço rustico nascendo (1)
 A infante Humanidade; e a pouco, e manso
 O commercio a conjunge
 De articuladas vozes:
 Eis da Necessidade á voz solerte
 As uteis artes brotam;
 Brotam artes gentis; Cidades se erguem.
 Thurificam altares; e, troando,
 As rigorosas Leis poem freio ao crime!

(1) Lucr. L. 5.º

ANTISTROPHE V.

Mas ah! com que igneos rasgos representas
 Os que Veuus ferio de amor insano!
 Que tumultuosas ancias!
 Que insasiaveis dezejos!
 Que embriaguez frenetica! . . . qual corre
 Da Fonte do feitigo
 Veio amargoso! e como murmurando
 Conscio remorso no intimo do peito
 As rosas do deleite murcha, e cresta! . . .

EPODO V.

Em vão brando sopôr derrama a noite;
 Em vão da Aurora ao riso
 Sorri de emtorno o Globo! o triste amante
 Não dorme, não repousa,
 Não vi, não folga! . . . a idolatrada imagem
 Continua o circumvoa!

STROPHE VI.

Mas, para castigar do mundo os erros,
 Se a Deosa da Vingança as redeas solta,
 Oh! que espantosos quadros
 O teu pincel ostenta! . . .
 Arrepiam-se as carnes, e o cabelo,
 Quando nos seus cimentos
 Mugindo horriavelmente aballa a Terra; (1)
 Quando do Sol, da Lua, e demais astros
 O tenebroso Ecclipse enfuta o brilho!

(1) Lucr. L. 6.º

ANTISTROPHE VI.

Como os ventos, que rabidos rebramam,
 No caminho arrancando idosas selvas,
 Ao pelago se arrojam! . . .
 O pallido Naufragio
 Nos fofos escarceos campeia iroso;
 E ás praias bramidoras,
 Delatando as traçoens do Mar infido,
 Vam tumidos cadaveres, que alvejam;
 Mastros, Vellas, Bandeiras, Lemes, Curvas! . . .

EPODO VI.

Eis das gargantas do Ethna escapa, e foge
 A inflammada corrente . . .
 Lá se abrasam Virgeis, Palacios, Povos . . .
 E os rios onde ha pouco
 As Nymphas se banharam, ora estancos
 Esteril lava os cobre!

STROPHE VII.

Mais cruel, que freneticos affectos,
 Que naufragios, vulcões, procellas, raios,
 Dos tumulos surgindo
 Horrifico contagio (1)
 Libra-se sobre o Mundo em azas negras;
 De um ramo de cypreste
 Mortifero licor sacode em roda,
 Cahindo no sepulchro infaustas gentes
 Como no fim do Outono as seccas folhas!

(1) *Lucr. L. 6.^a*

ANTISTROPHE VII.

Hum tabido vapor corrompe os ares!
E apenas rompem lugubre silencio
 Lamentosos gemidos!...
 Foge do amigo o amigo,
Foge o amante da amada, o Pay do Filho,
 Medonha hórrida morte
Despedagou os vinculos mais doces!...
Não ha praça que os mortos não allastrem,
Nem caza, que de lucto senão cubra!

EPODO VII.

Então... mas temeraria despenhar-te
 Não vás, insada Musa,
Seguindo mais ávante o egregio Vate!...
 A' timida andorinha
Não é dado co'as aguias remontar-se
 Ao claro firmamento!.,

ODE XI.

A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Ya, Muerte, verdugo triste,
A nadie querrás matar,
Ni te preciarás llevar
Otro, pues llevar podiste
Esto que no tuvo par.

Jorge de Montemayor, Pyramo e Tybe.

STROPHE I.

Lindas Musas do Ismeno,
Que a septi-sona Lyra
Dedilhaes sonorasas,
Prestai-ma; que enramar hoje pertendo
Com as flores de Dirce,
Do sublime Moniz a douta fronte,
Moniz gloria immortal do Luzo Pindo.

ANTISTROPHE I.

Vosso poder abrange
Tudo, que é grande, e bello;
Vós nos sagrados Templos
Guias airosas misticas choreas,
Que em cadenciados gyros
A marcha imitam dos lucifluos Astros
No espaço ao som da espherica harmonia.

EPODO I.

A's festas nacionaes, banquetes, nupcias,
 Da Scena aos quadros, do Amphitheatro aos ludos,
 Vós presidis risonhas;
 Vossa dextra regula
 Do Esculptor, do Pintor, pincel, e escopra,
 Do Archytecto o Geometrico compasso.

STROPHE II.

Quando Jove iracundo
 Contra os flagicios do Orbo,
 Empunha o raio ardente,
 A modulada voz soltaes, e o Nume
 Desfranze a testa, o raio
 Larga; encantada no espaldar do Throno
 Se encosta, escuta, os olhos fecha, e dorme!

ANTISTROPHE II.

Foi por vós inspirado
 Que Orpheo amañou Tygres;
 E que aos Thebanos muros
 Fez cantando Amphião chegar penedos, (1)
 Mas os accentos vossos
 Retumbam qual trovão no peito do Impio,
 No Throno assustam palidos Tyrannos.

(1) Quo carmine muris
 Jusserit Amphion Tiriis adcedere montes.

Stat. Theb. Lib. I.

EPODO II.

So vós ergueis o véo da Natureza;
 Sós no laboratorio entraes subterreo,
 Onde os metaes concreta;
 Onde matiza as côres;
 Onde elabora, Chymica sublime,
 No Alambique da Morte o ser, e a vida. (1)

STROPHE III.

Da Creação no dia
 A grande obra assististes,
 E com sereno rosto
 Do fervente bolhão do cahos negro
 Vistes brotar troando
 A terra informe ainda, os Astros turvos,
 Que a potente Attracção librou no espaço.

ANTISTROPHE III.

Tal do cérulo Oceano,
 C'o infante Amor nos braços,
 Em coralina concha
 Surgio a Deosa de Amatunta, e Paphos;
 Os Tritões, as Neyeydas
 Do carro triumphal em torno brincam,
 Animam buzios, e mudulam cantos.

(1) Estes versos exprimem o axioma da antiga *Phylosophia*
 = *Os mortos sahem dos vivos, e os vivos sahem dos mortos* =
 que indica as successivas metamorphoses da materia animal, e
 vegetal, que se descompoem morrendo, para resussitar reorgani-
 sada em novas formas. E' neste sentido que alguns doutos expli-
 cam a Fabula da morte, e fessurreição de Adonis.

EPODO III.

Os garços olhos, com meneio airoso
 A Diva volve em roda; e com sorriso
 De brandura inefavel
 O ceo, a terra, os ares,
 E os Numes todos do Estrellado Olympo
 Atrae, deslumbra, e de ternura inflama.

STROPHE IV.

Vós a Camões, e a Tasso
 Destes pinceis, e tintas,
 Com que um pintou sublime
 A terna Ignez, Adamastor tremendo;
 Outro d'Armida encantos,
 De Gofredo o valor sempre prudente,
 O invencivel Rinaldo, audaz Tancredo.

ANTISTROPHE IV.

Vós ao filho mimoso
 Da viva Phantasia,
 A Ariosto franqueastes
 Da Magia o condão; Jardins de Alcina,
 Os prestigios de Atlante,
 Em torno de París duros combates
 Canta, e no canto seu se iguala a Homero.

EPODO IV.

Cinge á Rogerio, e Bradamante a fronte
 Com as rozas de Amor; Laureis de Marte:
 Trememos se escutamos
 De Durindana os golpes,
 Quando Orlando de zêlos endoudece,
 Arraza os bosques, e os rochedos fende.

STROPHE V.

Vós ainda no berço
 Vate a Moniz fadastes,
 Vossas lições proficuas
 A mente juvenil lhe doutrinaram;
 Por vosso influxo, oh Deozas,
 Alcançou no verdor da juventude
 No Pindo Luzitano honroso assento.

ANTISTROPHE V.

Digno rival d'Elpino,
 Pelos campos de Dirce
 Guia a quadriga Elea,
 Pyndaricos relampagos vibrando;
 Aos Heróes Luzitanos
 De louros immortaes adorna a fronte,
 Ergue Padrões, que o tempo não consome! ... (1)

EPODO V.

Agora á sombra de rosal frondoso,
 Discipulo honrador do Grão Phylinto, (2)
 Do Cantor de Venusa
 Pulsa o dôce Alaúde;
 Canta Amor, Amizade, e Baccho, e Venus,
 Ou de austera moral lições prestantes.

(1) Allusão ás Odes Pyndaricas de Moniz, em que este tomou por modelo a Antonio Diniz da Cruz e Silva.

(2) Moniz é um dos melhores Lyricos da Eschola de Francisco Manoel, e as suas Odes Horacianas, são as mais numerosas, e mais bellas das suas composições.

STROPHE VI.

Ora sentado á meza
 Entre a festiva turba
 Dos sinceros amigos
 D'Anacreonte imita os sons chistosos; (1)
 Ou Lafontaine Luso,
 Vícios dos Homens attribue aos Brutos,
 E dos Brutos co'a voz ensina os Homens. (2)

ANTISTROPHE VI.

Da flebile Elegia
 Eis solta a voz gemente,
 E crepes arrastando
 Em torno á urna, que Firmina encerra,
 Tão cedo em flôr cortada,
 Nos prantos, com que a morte lhe lamenta,
 As virtudes, e as Graças lhe eterniza!... (3)

EPODO VI.

Mas que novo expectaculo!... na Scena
 De Thermacia, e de Irene, de Sélira, (4)
 Os tragicos successos,
 Sephocles Luso, ostenta!...
 Compaixão, e terror aflux derrama!
 E entre applausos, e lagrimas triumphal!

(1) Odes Anacreonticas êe Moniz.

(2) Collecção de dusentos Apologos em toda a sorte de metros, que admitte a nossa lingua.

(3) Alusão aoã seus Epicedios, e Elegias, e ao Poema em quatro cantos intitulado = *A Apparição* = em que deplora a morte prematura de D. Firmina Carlota da Silva Serva.

(4) Titulos das trez Tragedias de Moniz, representadas com grande applauzo no Theatro da Rua dos Condes.

STROPHE VII.

Do Grão Ferreira a sombra
 Nos Elysios se alegra
 Vendo de novo um Vate
 Romper afouto pela nova estrada
 Que elle primeiro a Europa (1)
 Ousou de abrir co'a Castro; exemplo honroso
 Raro seguido por Poetas Lusos!

ANTISTROPHE VII.

Oh Genio alti-sonante,
 Que os tiros meus deriges,
 A que alvo apontar mandas
 Farpões Dirceios que na aljava tenho?
 Direi como a Thersytes,
 Zoilo immoral, na frente a infamia imprime,
 E uma vida de crimes lhe eternisa? (2)

EPODO VII.

Como, deixando do Parnaso as grutas,
 Da Patria, que o chamava, á voz accode,
 E Desmosthenes Luso,
 Firme em Córtes advoga
 A causa da razão, da liberdade,
 Ídolo Augusto d'almas bem nascidas?

(1) Não está bem averiguado, se a primeira Tragedia da Europa moderna, foi a Castro de Ferreira, ou o Sophonisba de Trissino; mas não é aqui o lugar de elucidar essa questão da historia litteraria.

(2) Agostinheida, Poema Heroe Comico, em que Moniz tomou espantosa desforra das injurias, e calumnias, que Joze Agostinho havia vomitado contra elle, e Camões. E' desatino provocar o homem de talento, que tem uma penna bem aparada, e a arma de ridiculo á sua disposição.

STROPHE VIII.

Como rochedo immoto,
 Do infortunio ás procellas
 Não se acurva, não cede
 Do Carcere ao rigor, do exilio ás dores?
 Como entre áridas rochas
 Que cerca remugindo o vasto Oceano (1)
 Co'a sãa Philosophya exulta, e folga?

ANTISTROPHE VIII.

Banido assim do Olympo
 O pulchri-como Phebo
 Pastoreava os rebanhos
 De teu esposo, Alceste! e desterrado
 Assim na China adusta
 Da Gloria Portugueza o Bardo illustre
 Os quadros dos Lusíadas traçava! (2)

EPODO VIII.

Mas que vejo? . . . oh pezar! . . . em negra Nuvem
 Desce a Morte, e lhe corta o vital fio!
 Ei-lo descóra! . . . expira! . . .
 E ainda no arranco extremo
 O embriaga a dulcissima esperança,
 Que em breve a Liberdade em Lysia brilhe! (3)

(1) A Ilha do Fogo, uma das de Cabo Verde.

(2) E' tradição vulgar, que Camões desterrado da Índia, para a Cidade de Macáu, ahi em uma gruta, que hoje tem o seu nome, compozera grande parte do seu Poema.

(3) Ainda não ha tres mezes que Moniz me escrevia em sua ultima Carta « Lançando os olhos, por cima destes rochedos, que po-
 » dem chamar-se poeticamente = *Hymerrhoidas da Natureza* = to-
 » dos os dias espreito o reflexo da Liberdade, que não pode tardar
 » em amanhecer de novo, sobre o Horisonte da nossa terra! » Sim a
 Aurora dessa Liberdade já principia a raiar sobre nós, porem Mo-
 niz já não existe! . . .

ODE XII.

Aos Reis de Portugal.

Nor timeshall mar, nor steel nor fire, nor rust.
 Touch the hard polish of the immortal Bust.
Darwin's Botanic Gaid.

STROPHE I.

Eu, que, outr'ora, seguindo, insano, a piza
 Da solta Mocidade,
 Ergui para baliza
 Fantasmas de Prazer, e Liberdade;
 Que nos jardins de Gnido,
 Tripudiando co'as Nymfas, c'os Amores,
 Colhi mimosas flores,
 Que depuz sobre as aras de Cupido;
 E de Theios á lyra
 Já Lálage cantei, cantei Delmira:

ANTISTROPHE I.

Hoje que o facho da Estação terceira
 Da Razão me descobre,
 Já da vital carreira
 Sobre o termo, de longe o Alcaçar nobre;
 Melhor objecto ao canto
 Tomo alfim, e seguindo o Ismenio Vate,
 Contra a Inveja, que late,
 Ulula, geme, vendo alçar-me a tanto,
 O carcaz despovoado
 Do Desprezo, e Virtude, e Heroes entoado
 Vol. 1, 7

EPODO 1.

Assim nos versos meus retumba a Gloria
 Da alta Prole de Henrique,
 Que no sagrado Ourique,
 Face a face agourando-lhe a victoria,
 O proprio Jovê encara;
 E o Reino que fundara,
 Entrega a Sancho, alumno de Mavorte,
 De quem Affonso forte
 O herda, e com mil virtudes ennobrece...
 Mas ai, que o Filho ignavo o desmerece!

STROPHE II.

Qual segue o claro dia a noite escura,
 Voar do Sena ao Tejo,
 Ingrato á formosura,
 Mas Heroe sobre o Throno, o Irmão eu vejo.
 Contra elle Iberia a espada
 Arranca em vão; em vão Roma fulmina;
 A' Iberia atroz ruina
 Chove, e os feros de Roma conta em nada!
 Monarcas ensinando
 A manterem o jus do Regio Mando.

ANTISTROPHE II.

Descem em nuvem de ouro as Sacras Musas,
 E em armoniosos Hymnos
 Vem sobre as praías Lusas.
 Protegidas vibrar os sons d'vinos.
 O Tejo, athe li rudo,
 Vê da Sciencia o fructo cultivado
 Pelo assiduo cuidado
 Do Rei Agricultor, que dava tudo,
 E a propria vida dera,
 Se util nisso aos Vassallos se volvera

EPODO II.

Cantar com digna voz, com digno metro
 Só pode Febo intonso
 Valor do quarto Affonso,
 Pedro, que á morta Esposa outhorga o Sceptro, (1)
 Fernando, e o que brioso
 D'estranho jugo odioso
 A Patria salva! o misero Duarte
 Caro a Miqerva, e Marte,
 João, que cede ao Pai, que, sobre-humano;
 Teve um Arzilla o nome de Africano.

(1) Desenterrar huma amante depois de alguns annos de sepultada para coroar o seu cadaver, e cobrir legoas, e legoas de luzes para por entre ellas passar o seu feretro, he o rasgo mais gigantesco de paixão amorosa, que tenho encontrado na Historia; elle medaria a maior idea do sublime character deste Rey; mesmo sem as grandes acçoens de seo brilhante Reinado. Os Perversos, a quem a sua inexoravel justiça nunca perdoou, maneharam seo nome com o afrontoso epitheto de cruel, como se o coração de hum Nero, ou de hum Caligula podesse amar como D. Pedro! Os Homens de bem lhe chamaram Justiceiro, e a Posteridade; que examina os factos, e que julga imparcial, lhe confirmou este titulo, o mais honorifico para hum Monarcha. Os mesmos Homens que assim em Portugal mancharam a fama de D. Pedro I. appellidaram na Allemanha Tyranno ao Imperador Joseph 2.^o que toda a sua vida trabalhou em felicitar os seus Povos, chamaram na França Rey da Canalha ao bom Henrique 4.^o a quem o Povo chamava seu bemfeitor, quizeram fechar-lhe o caminho do solio, e alfin o assassinaram por mão do perverso Ravailac.

STROPHE III.

Qual Astro bemfazejo, e luminoso,
 Que ao mundo traz a vida,
 Manoel reluz ditoso
 Unico em nome, e fama esclarecida:
 Seus pendoens triumphantes
 Por virgens mares o Indostão pavoram... (1)
 Os Promontorios choram (2)
 O Filho, qne entre estrellas scintilantes
 A Elysia hoje brillhara
 Se, qual Roma, seus Reis divinizara!

ANTISTROPHE III.

Mas que Nympha gentil, solto o cabello,
 Em erma algoza praia
 O extincto Esposo bello
 Chorando abraça, e de pezar desmaia?...
 Que alto Roble frondoso,
 Patriarcha dos Bosques, jaz prostrado,
 Apenas perservado
 Junto á raiz hum rebentão mimoso?...
 Napeias, apiedai-o,
 De Rez daninha, e Furacoens salvai-o!...

(1) El Promontorio, que Eolo sus rocas
 Caudados hizo de otras nuevas grutas,
 Para el Austro de alas nunca enjutas
 Para el Zierzo espirante por cien bocas,
 Doblaste alegre, y tu obstinada entena
 Cabo lo hizo de Esperanza buena.

Gorgor. Soled. Y.

(2) Os altos Promontorios o choraram.

Camões Lusiad.

EPODO III.

Porque subito os ares se toldaram?
 Porque o trovão rebrama,
 Serpêa etherca chama,
 E prantos femininos, tudo atroaram?
 Quem carregou de lucto
 Esses Orfãos, que escuto
 Andar carpindo os Pais em soledade?
 Que diz a immensidade
 De Spectros, que das campas surgem fora?
 O Sol que enfia? ... a Lua, que descora? ...

STROPHE IV.

La vai Sebastião mal conselhado
 Levar ao Mouro a guerra;
 Mancebo desgraçado,
 A si, aos seus, ao Reino em Lybia enterra!
 E por mor deventura,
 Apoz extincto Fabula das Gentes,
 Caterva de Dementes
 Affirma, que ainda existe, e que vem jura!
 Qual relampago escoo
 O Velho que une o baculo á corôa:

ANTISTROPHE IV.

Oh! fado das Nações! tranquilla outr'ora
 De Sião a Princeza
 Com gloria insultadôra
 Em seus muros confia, os Reis despreza:
 Do Jordão caudaloso
 A margem com mil bailes retumbava,
 E nos ecchos quebrava
 A doce flauta o canto delectoso;
 Porém troca-lhe a sorte
 Alegria, e prazer, em lucto, em morte!

EPODO IV.

Sobre ella o Babilonio açoute estalla,
 No Templo o fogo gira,
 Ao ferro o Povo expira,
 E Rapina brutal vem dessolalla:
 Prendem ferreas correntes
 As Virgens innocentes,
 Que aljofrando de pranto o lindo aspecto,
 Vam adornar o leito
 Do vencedor soberbo; ou desditosas!
 Servir Escravas Barbaras Espozas!

STROPHE V.

Tal oppressa, envolvida em negro manto,
 Doze lustros jazia
 Elysia em magoa, e pranto,
 E de sua Gloria o brado enrouquecia:
 Clama o vencido Oriente
 » Onde os Lusos Pendões? onde tremolam?
 » Já a Orbe não desollam!
 » Do Ganges expiador ao Zaire ardente?
 » Nem vam Lusos ousados
 » Por mares nunca de antes navegados?

ANTISTROPHE V.

¶ Em quanto la na Occidua furna encerra
 » Fero Leão rugindo
 » Estes monstros da guerra,
 » Demos praça ao Prazer, que a nós vem rindo;
 » Sem recear-lhe a furia
 » As tranças ennastremos de mil flores,
 » Vaquemos aos Amores,
 » As Danças, aos Festins, e á doce Incuria! ...
 Assim Indiano, e Mouro
 Insultava, oh Pezar! nosso desdouro!

EPODO V.

Mas tem limite o mal, se o bem não dura;
 Da tetrica Doença
 Saude extingue a offensa,
 Bonança apoz tormenta os Ceos depura:
 O prado assolla o gelo,
 E Flora o faz mais bello;
 Alternam Rizo e Pranto, e Pranto e Rizo
 Dos Ceos por sabio avizo;
 Nação, que satisfez no abatimento,
 Torna de novo ao prisco luzimenoo.

STROPHE VI.

Já desnevôa Jove o rosto irado,
 » Vai (diz á Liberdade
 No tom com que abalado (1)
 » O Polo faz vergar.) minha piedade,
 Humilhada ao castigo
 » Elysia mereceo! não mais consinto
 » Que de seus Reis extincto,
 Fique o faxo, eu recordo o pacto antigo.
 » A Ulyssea descende,
 » E com luz Bragantina o faxo accende:

ANTISTROPHE VI.

» Mostrarei outra vez no Luso Imperio
 » Minha Mão providente,
 » Em hum e outro Hemisferio
 » Fazendo prosperar a invicta Gente:
 » O effludio mais perfeito
 » Do fogo animador de Ceos, e estrellas,
 » As virtudes mais bellas
 » Com a vida fará brotar no peito
 » Dos, que o tronco fecundo
 » Desse, que hoje installei, Reis der ao mundo.

(1) Terrificam capitis concussit terque, quaterque
 Cosariam cum qua terras, mare, sidera movet.—Ovidio,

EPODO VI.

- » Qual sobe ao ar seus cachos descangando
» Sobre fertil Pereira
» A frondosa Parreira
» Fructo, e sombra ao colono prodigando,
» Unidos com ternura
» Dois Irmãos de ventura
» A Patria inundarão; se amor infrene
» Não fizer que os condemne,
» Ao ve-los disputando, lacrimosa,
» Com Thebano furor o Sceptro, a Esposa,

STROPHE VII.

- » Eis o quinto João! com mão profusa
» Distribuindo o ouro,
» N'alma da Gente Lusa
» Lucra imperio maior, maior thesouro!...
» Como sobre a corrente
» O Tejo se ergue, e as Filhas melindrosas
» Em cançoens sonoras
» Festejando Joseph, o Heroe prudente
» Por quem culta Lisboa,
» Das ruinas surgindo, a fronte emprôa!

ANTISTROPHE VII.

- » Na belleza Mulher, no mais divina,
» Da Náo do Estado o Leme
» Toma Excelsa Heroína,
» Afronta os Escarceos, tufoens não teme!...
» Reinado portentoso
» De Alegria, e Pezar, de Lucto, e Glorias,
» De estragos, e victorias...
» Nella deve o Brazil, dos Ceos mimoso,
» Contra feró Inimigo
» A seus Reis em seus Bosques dar abrigo!

EPODO VII.

- » Abre-se a Esphera . . . divinal chuveiro (1)
 » Conduz ao Luso Estado
 » João de mim Traslado,
 » Em nome Sexto, em merito Primeiro:
 » Vencerá na pizdade
 » Tudo o que a prisca idade
 » De Tito divulgou; seo Nome a Fama
 » No aureo clarim acclama,
 » Por quanto argenta o mar, doura Piróo
 » Da Tumba occidental ao Berço Eóo (2)

STROPHE VII.

- » Por elle afortunar devem a Terra
 » Os evos de Saturno,
 » E mordendo-se a Guerra
 » Cahir do chofre ao Bárathro suturno!
 » Astrea foragida
 » Recobra, os que deixou no mundo, altares, (3)
 » No seio de seus lares
 » O velho findará tranquillo a vida,
 » Nem mais o Varão forte
 » Hirá, deixada a Esposa, expôr-se á morte!

(1) Rorate, Coeli, desuper, et Nubes pluant justum
Isaias.

(2) Bem conhecidos versos de Fr. Jeronimo Bahia
 Et virgo cede mandantes:

(3) Ultima cœlestum, Terras Astrea reliquit.
Ovidio.

ANTISTROPHE VIII.

- » Não mais se hão-de esconder nos vitreos pagos
 » Do azul Nereo as Filhas,
 » Ouvindo os, que em pedaços
 » Fazem bronzéos trovoens, guerreiras quilhas;
 » Só, declinando o Dia,
 » O canto escutarão do Navegante,
 » Que á saudosa Amante
 » Expede sobre as azas da Harmonia,
 » Modulado queixume
 » Filho do affecto, ou fiho do Ciume!

EPODO VIII.

- » Os ermos vestiram purpureas rosas, (1)
 » E de escavados montes
 » Hirão murmureas fontes
 » Fertilisar campinas sequiosas:
 » Não mais em sangue humano
 » Hade o punhal tyrano
 » A Traição macular, nem vil Mentira,
 » Orgulho, Ambição, Ira,
 » Homem, degradarão teo ser sublime,
 » Será sem pejo Amor, Amor sem crime!

(1) *Lætabitur deserta et invia, et exultabit solitudo, et flo-
rebit quasi lilium.*

Isaías C. 35. St. 6.

STROPHE IX.

- » Morre em feras o instincto carniceiro, (1)
 » Junto ao Tigre fermente
 » Dorme o manso Cordeiro,
 » Brinca em roda do Agor Pomba innocente;
 » O Cervo temeroso
 » Dá que virginea mão lhe enflora a testa;
 » E o da brava floresta
 » Coroado Terror, Leão juboso,
 » Prezo o collo arrogante
 » Em festoens, seguirá timido Infante:

ANTISTROPHE IX.

- » De Asia poly-climada, Africa adusta, (2)
 » De America plumosa,
 » (Então Rival Augusta
 » Da' culta Europas ou sabia, ou belicosa)
 » Oppostos Moradores
 » Ao Lusitano Rei trarão gostosos,
 » Por tributos preciosos,
 » De Genio, Producção, e Arte os primores:
 » Qual a Roma offertaram
 » Povos, que seus Heroes avassallaram.

(1) *Habitabit Lupus cum Agno, et Pardus cum Hædo accu-
habit, Vitulus, et Leo, et Ovis simul morabuntur, et Puer par-
vulus minabit eos.*

Isaias C. 11 V. 6.

- (2) *Serva ad Eroe si degno
Cura di Giove e Prole,
Quanto rimiri il Sole
Quanto circonda il mar.*

Metastasio Allemand Act. 3. Scen. ult.

EPODO IX.

Oh Musa, que, nos Ceos fitando os lumes,
 Sobre as plumas Dirceias
 Tanto os vãos alteias,
 Que devassas a pratica dos Numes:
 Pára, que eu vou languindo,
 E a Inveja está zumbindo
 Que ha muito já trasborda este meu hymno...
 Bem que lhe torne Elpino (1)
 Que não cabe da concha no regaço
 O Mar que rôlla por immenso espaço. (2)

(1) O Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Sylva.

(2) Esta foi a primeira Ode Pyndarica que escrevi; tinha então 17 annos, e frequentava a Aula de Rhethorica ouvindo as lições de um Mestre, excellente sujeito, e na verdade mui versado nos preceitos da Arte, mas, como depois conheci, fraco Poeta, e Critico ainda mais fraco. Eis a causa de ella ser rimada, o que não sam as outras; acreditava então, por que elle me dizia, que a rima era essencial á Ode Pyndarica, e elle o dizia talvez sem mais razão que o haverem Diniz, e Chiabrera rimado as suas.

O assumpto desta Peça foidado por elle para exercicio de classe; e tanto lhe agradou que tomou sobre si fazer-lhe algumas emendas em versos, que lhe pareciam menos bem torneados, e o que he mais notavel, he que nada o contentou tanto como as imitações de Isaías, que vem nas ultimas Strophes, que elle achava mui bem cirzidas com o assumpto!

Se eu hoje escrevesse esta Ode, deixaria em paz os Leões, os Cervos, os Miniosos e toda essa Poesia Biblico-Collegial, que tinha tanto que ver com o reinado de D. João 6.º como com o nascimento do Duque de Bretanha na Ode, em que Rousseau a introduzio tambem, e com menos desculpa que eu, porque era então hum Poeta de idade madura, e o maior Lyrico de França! Lembrou-me illiminar essas Strophes, mas não o fiz porque fujo de alterar composições da meus primeiros annos; e quando julgo que não podem passar sem grandes emendas, prefiro suprimi-las; tenho que he util haver nas obras de hum Poeta algumas que marquem o seu ponto de partida, para se julgar bem o espaço, que percorreo, e o que aproveitou com a idade, e os estudos.



LIVRO II.

ODES HORACIANAS HEROICAS.

ODE I.

A' Restauração de 1808.

Eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram!
Camões. Lusiad. Cant. I.

1.

Deozes, que sinto! . . . não tocada a Lyra
Sonorosa resoa! . . . que improvizo,
Sacro estremecimento vai passando
D'alma ás fibras, que attonitas aballa! . . .
Que innumera phalange
De ideias arrojadas,
De alti-sonos conceitos
Comessa a burbulhar na mente acceza! . . .
Sobre as azas de rapido transporte
Com vôo desenvolto os ares fendo.

II.

Que monte he este alcatifado em flores,
 Onde, Urania, pouzei?... que bando aquelle
 De engraçadas, harmonicas Donzellas,
 Que nesse ledas vagam laureo Bosque?...

Rompe-se o véo que a vista

Turbido me encortava,

E aos olhos se me expande

Quanto no vasto seio Europa enserra:
 Tal o Moderador de Homens, e Numes
 Lustra de hum golpe o dilatado Mundo!

III.

Cedendo ao pés seo, montão de gelo
 Dos Alpes se desata, e vem rodando
 Mais, e mais a engrossar: o Nilo, o Eufrates
 Rivalizando já, a lava undoza (1)

Com horrido estampido

Os Bosques traz comsigo,

As Aldeias derruba,

As ponteagudas Rochas, e parece
 Alardeando estragos, e ruínas,
 Que pertende engolir a terra inteira.

(1) Une masse de neige, que son poids seul detache des hauteurs, sur la pente des quelles elle etait suspendue, est ce qu'on appelle une *Lave de Froid*, parce, que c'est ordinairement en hyver, que l'accumulation des nieges en determine la chute. Elle est toujours accompagnée d'un fracas horrible, et rien ne pent s'opposer á sa tendance. Des habitations, des Villages entiers sont ensevelis; des Forets son rasées, des roches même cedent au choc, et sont entraînées.

W. Coxe, Lettres sur la Suisse. trad. de Ramond.

IV.

Taes os Modernos Vandalos eu vejo
 Tingidos de innocente Regio sangue,
 (Nem que pouco lhes fosse d'Attentados
 Terem enxovalhado o Patrio ninho)
 Seos ciumes, seus flagicios
 Levar a toda a parte
 Grilhões lançando duros
 As miseras Nações, que atropeladas
 Se armam a força em prol de seus Tyrannos, (1)
 Que a Seducção precede, e segue a Morte!

V.

Tu entre as Regiões Roza entre as Flores,
 Throno de Marte, de Minerva Throno,
 Oh Patria da Belleza, e dos Prodigios,
 Das Sciencias abrigo em ferreos Tempos,
 Doutrinadora Italia,
 Por Monstros, que entre Escravos
 Outrora confundiste,
 Em proprio, e sangue alheio ora te ensopas:
 Teos Muros, teos Padrões, Templos, Thezouros,
 Ves cahir, ves roubar, e ves-te Escrava!

VI.

Brama no Elysio de Camilo a Sombra
 Por Brenno novo escravizar-lhe a Patria,
 Que elle a sangue remio do Brenno antigo; (2)
 E, Trebia revocando á ideia, e Cannas, (3)
 Brama o valente Annibal
 Porque aviltado Celta
 Dome em tão pouco aquelles,
 Que, apoz estragos mil domar não podes;
 E, sepulchro a Pompeo, tão arduo a Cezar,
 De assim ver-se algemado escuma o Nilo!

(1) Conscriptoens.

(2) Vid. Tito Livio.

(3) Ibidem.

VII.

Negras roupas trajando o Despotismo
 A' frente lhes troveja!... infando Monstro,
 Que topeta com os Ceos, e destendendo
 Hum braço ao mar, e o outro ao continente
 Quer abarcar o Mundo!...
 Mas surge-lhe de encontro
 Do Thamiza o Neptuno,
 Que, alongado o tridente, o mar defende:
 Mas a Furia, do pelago repulsa,
 Mais rabida na Terra se encarniça.

VIII.

Em giro perennal onda apoz onda
 Se revolve no mar e em giro eterno
 A traição ás traições, o crime aos crimes
 Estragos a Violencias Gallia ajunta!...
 Sobre usurpados thronos
 Phantasmas de Monarchas
 Promulgam Leis de ferro.
 Devasta-se Germania, cede a Russia,
 E tu dos Prussos, oh Virgilio, oh Cezar!
 Ves teu Solio ruvindo, oh Frederico!

IX.

Em nevoa envoltas, tremulando as Aguias
 Vam funestar de Lysia os horisontes!...
 Eis o Tejo a bramir soltando a urna,
 Os seus priscos Heroes debalde invoca!...
 Eis Carceres aos Justos!...
 Eis promios aos Malvados!...
 Eis roubos, e assassínios!...
 Eis proscripto o Reinante!... em terra as Quinas!...
 Eis o sangue a golfar!... zunindo o Fogo!...
 O ameaço troando!... e prompto o raio!...

X.

Mas já da Região, que o Nome obteve
Do fraternal Amor, nuvem fulgente
Do mais purpureo azul conduz ondeando
Divindade gentil de Lysia aos ares!, ...

Negrumes detensosos

Ao seo aspecto esvaem-se!...

Eu a conheço!... he ella!...

Salve, Filha dos Ceos, oh Liberdade!...

Mãe do Genio, e Venturã, e Brio, e Glorã,

Oh Deoza do Phylosopho, eu te adoro!

XI.

Que benigno seo ar!... singelo o trage!...

A Virtude, o Valor conduz consigo:

Olha ao Tejo, ao Mondego, ao Douro, ao Minho,

E a persuaziva voz assim desata.

» Como! os briosos Povos

» Do Ganges Domadores,

» De Luso a illustre Prole,

» Intolerantes sempre a jugo estranho,

» Esquecidos de si, de Nunos, Castros,

» Com o resto do Globo assim se humilham?

XII.

» Quem Aguias espancou da invicta Roma,

» Quem não temeo Liões da nobre Hespanha,

» Quem derrubou feroces Africanos,

» Ferreos Rumes, e Naires adargados,

» Quem sugoitou brioso

» Crizi-geros Malaio,

» Janizaros guerreiros,

» Quem marchou sobre a Morte, que nos mares

» Junto de Adamastor se opoz de encontro,

» Do Senna ás Aguias pavido se encolhe?...

XIII.

- » Arde no dorso escravo o vergão negro,
 » Que imprime da Oppressão duro flagelo,
 » E nada vos desperta? ... olhai bem perto
 » Os Hispanos Liões, que embravecidos
 » Co' as Aguias arremetem (1)
 » Que seos Reys lhê roubaram,
 » E rugindo raivosos,
 » Co' as vigorosas garras, as empolgam
 » Co' as vingativas presas as lateram.
 » Seo exemplo imitai, segui-me, oh Lusos! ...

XIV.

- » Pela raiz se attranque Arvore infame,
 » Que em fructos tão pestiferos floresce;
 » Vosso brio encarando o iluzo Mundo
 » Conheça os seos grilhões, quebre-os, e vingue-se;
 » Aperte a seos Tyrannos
 » Correntes, que lhe apertam;
 » Eia! segui meos passos.
 » Haja tambem Leonidas em Lysia,
 » Se outro Xerxes a opprime! atado ao embo,
 » Quem não desperte a isto, eterno durma!

(1) Veis quebrada la fé, rota la guerra,
 Los pactos van del todo em rompimiento,
 Siento la aspera trompa en el oido,
 Y veo un fuego diabolico encendido.

Escilla. Arauc. Cant. 3.

XV.

Como por sabia mão calcado, e preso
O pó sulphureo subterrado em minas,
Se o fogo o toca, subito se enflama,
E, co' a mor resistencia mais possante

Sacode, pelos ares,

Muralhas, Edifícios,

As armas, e os Armados,

Como Leão dormente, que, espertando
Ao clangor da trombeta, errissa as jubas,
E ao caçador, que o busca, iroso investe;

XVI.

Tal do Numen a voz n'alma dos Lusos
Sopra despeitos! subito sam fogo;
Todo o sangue Francez beber já querem!
Edicto insultador vendo a fixar-se

O magnanimo Souza (1)

Banhado em pranto heroico,

Exclama furibundo

« Portugal expirou! » e o rasga, e piza:

E a turba, que o circumda acceza em brios,

« Portugal inda existe! » e ás armas correm.

(1) Ninguém ignora esta inemoravel expressão, com que o Marechal de Campo Jozé Lopes de Souza, então Brigadeiro, acompanhou a acção nesta Strophe fielmente pintada.

XVII.

O esteli-fero Polo hum brado atroa
 Por vingança clamando, e as Quinas surgem! ...
 Veneravel Prelado ás armas chama (1)
 Do vini-fero Douro a Gente ouzada.
 Troa o feroz Menezes (2)
 Com Bacelar, e os Freires! (3)
 Lá deixa a Lusa Athenas
 Bravo Esquadrão de nobres Escolares (4)
 Que a morrer pela Patria se offerecem,
 Seos defensores já, Mestres hum dia.

XVIII.

Mas eis vergando o mar ao pézo immenso
 Dos Baixéis dos Britanos, que briozos
 Voam a defender o amigo auzente:
 Surgem, fundeiam, desembarcam; fere
 O Sol nas limpas armas,
 E fulgindo se antolha
 O campo hum mar de fogo; (5)
 Soam clarins, tambores, treme a terra
 Com som quadrupedante, e co'as carretas (6)
 Que o fragor do trovão rodando imitam!

(1) O Exc. e Revendissimo Bispo do Porto.

(2) O Exc. Marquez Monteiro Mór.

(3) Os Exc. Srs. Bacellar, e Freires.

(4) A legião Academica.

(5) Ce formidable amas d'armes etincelantes,
 Cet or, ce fer brillant, ces lances eclatantes,
 Ces casques, ces harnois, ce pompeux appareil
 Défiaient dans les champs les rayons du Soleil.Voltaire, *Heruiad. Cant. 8.*(1) Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum.
 Virg.

XIX.

Assim outr'ora as combinadas Turmas
 Da Argiva Mocidade se estendiam
 Pelos campos Iliacos; secando
 Do Simoonte, e Xantho em marcha as ondas,
 Tremem de Troya os muros,
 E Priamo vacilla,
 Cantam bellicas tubas;
 Vario em opiniões o Vulgo incerto (1)
 Com trepido tumulto acode ás armas,
 Em veneer, ou morrer fixada a mente.

XX.

Como em margens do Narva em sangue tinto
 Os Russos semi-barbaros cahiam
 Do Alexandre do Norte aos pés triumphantes,
 Tal dos Gallos a chusma espavorida,
 Duros canhões largando,
 E os sabres assassinos
 Curva o joelho, e implora
 De Arthur, de Luzos, e Anglos, que a fulminam,
 Benigna Compaixão, e deslembra
 Da passada ufania, capitula!

XXI.

Mil parabens, oh Lysia, oh Patria amada,
 Findou-se a Escravidão, despoja o Lucto:
 Em Porto, em Torres teo Pendão tremula,
 Teos Aliados Fieis, teos nobres Filhos
 De verde louro enrama,
 De jasmins, e de rozas
 Entre festivas salvas!
 Renasçam dias de prazer, de gloria,
 Que abandonando amor, eu voto a Lyra
 A ti, oh Patria, ati, oh! Liberdade!

(1) Scinditur incertum studia in contraria Vulgus.

Virg.

ODE II,

A Hespanha,

Feitos altos a Musa, que te excita,
 Em grandiloquo metro me aparelha;
 Ja me assignala as chordas,
 E a meu sugeito ouvido o canto ajusta.
 Salvé, placido azilo
 Da casta, foragida Liberdade,
 La vejo o Templo seo aprico, immenso,
 Que encerrar-se não deixa
 De bronzeas portas de artesoados tectos,
Francisco Manoel.

I.

Quem perturba o pacifico silencio
 Do asilo, onde me occulto ao Mundo, aos Homens?
 Quem bole os verdes ramos,
 Que a entrada á gruta encobrem?...
 Hes tu, Musa, que outrora meo deleite,
 O Vate a visitar volves de novo?...

II.

Eu te deviso já!... teo sacro fogo
 De luzida espadana o peito accende!...
 Atropellado corre
 O sangue pelas veias!...
 Conheço o extasi santo, com que Apollo,
 De mim travando, me arrojava ao Pindo!

III.

A Lyra eis tomo! . . . as sonoras cordas
Já feridas do plectro ouzadas soam! . . .
Pelas faces em chamas
Resumbra, verte o Estro! . . ,
Em torrente abundoza os versos solto,
Que as lindas Graças na harmonia ensopam! . . .

IV.

Silencio, oh Terra! . . . não sopreis, oh Ventos! . . .
Rios, emmarmorai! . . . Nações, ouvi-me! . . .
Sacode as igneas asas,
Phalange de meos Hymnos,
E onde o Ebro revolve ondas de sangue,
Vai da Victoria aos Canticos juntar-te! . . .

V.

Oh Princesa do Mundo! . . . Flor d'Europa,
Senhora em terra, e mar, invicta Hespanha! . . .
Que, lustrando o Universo,
De Jove os olhos buscam,
Onde, em sacro Hymeneo, Amor, Virtude
O generoso Heroismo produziram!

VI.

Hes tu, que eu canto! . . . qual rompendo os diques
O sobrestante mar, cahindo a montes,
Do Batavo assustado
As Povoações derruba,
Na dextra o ferro, na sinistra o ouro
Gallia sobre as Nações rollava estragos! . . .

VII.

Espavorida então da terrea face
Fugia a Liberdade! . . . e foragidas
As Artes, e as Sciencias,
Seq candido cortejo,
Azilavam-se em ti, e, á sombra tua,
Novos prodigios sem cessar brotavam! . . .

VIII.

Incendio, que pegara em basta selva,
Mais, e mais devorando, mais se augmenta! . . .
Tal da Ambição a sede
Augmenta-se adquirindo! . . .
E Gallia, que só livres vê teus pulsos,
A lansar-lhe grilhoens soffrega corre! . . .

IX.

Ah! que deslembra a perfida que Mestra
Quem ataca he de guerra em solo, em agoas,
Verdade, que lhe attestam
Dois Mundos debelados
E, nodoa eterna no esplendor dos Francos,
A expensas proprias lho ensinou Pavia (1)

X.

Já, na amizade desfarçando a guerra,
Marcham seus Esquadroes! . . . trazem na frente
O bilingue Perjurio,
E quando generosa
Braços lhe abrias . . . roubam-te os Monarchas,
E, erguendo as Aguias, teus pendões abatem! . . .

(1) A celebre Batalha de Pavia, em que os Hespanhoes derrotaram completamente os Francezes, ficando captivo Francisco Primeiro, Rey de França.

XI.

Lgrimas de furor banham-te as faces,
 » Filhos? (aos Povos teos brioza exclamas)
 » Comigo se offenderam
 » Homens, Reys, Ceos, Justiça;
 » Eia... ás armas! a guerra! em taes affrontas
 » Hum crime he lamentar; sangue, vingança!

XII.

» Vede roubadas sacrossantas aras,
 » Os Princepes ouvi gemendo em ferros.
 » Vossos braços avitos,
 » Vossas Filhas, e Esposas....
 » Ah! se rebrotam Sarracenos novos,
 » Novos Pelaíos a estraga-los surjam!...

XIII.

» Vida escrava que monta?... he morto o Escravo,
 » Authomato, que move alheio arbitrio;
 » Do Medo se atropellem,
 » Os perfidos conselhos!...
 » Embora hum Hespanhol não salve a vida,
 » Mas livres pelas sombras entrem todos! (1)

(1) Forza non c'è che basti
 Popoli a soggiogar forti, ed invitti,
 D'ardir, di ferro, e di costanza armati.

Metastasio.

XIV.

Bem cemo a nuvem grávida de espessas
 Exhallações, que se urgem, que se enflamam,
 E horrissonas rebentam,
 Se despeija em sarniva,
 Relampagos, trovões, raios, torrentes,
 Que as campinas mais fertiles inundam.

XV.

Correm da Patria á voz co' a espada em punho
 Heroes, Campiões de Iberia, que retalham
 O Gallo fraudolento.
 Surge a morte em mil formas;
 Mordendo a terra o usurpador expira,
 Em sangue as Aguias afogadas boiam.

XVI.

Oh Argivos Heroes, Heroes Romanos,
 Themistocles, Leonidas, e Cimons,
 Catões, Regulos, Decios,
 Olhos cravai na Hesperia,
 Vede aqui deaputando hum Povo inteiro
 Quem primeiro se exponha a bem da Patria! (1)

(1) What pity is it
 That we can die but once to serve our country!
Addon's Cato.

XVII.

Heroínas d'Esparta embora applauda,
 Quem só acata o Merito envolvido
 Nas sombras do passado! ...
 Heroínas da Iberia
 Trocam settas de Amor de Marte ás settas,
 Atropellam canhões, combatem, vencem! (1)

XVIII.

Esmalte encantador do sexo amavel,
 Nymphas do Betis, meo primeiro affecto,
 Em quanto volva o Tempo
 Dos seculos o gyro,
 Coroadas de Mirtho, e Louro eterno,
 Do vosso adorador soai na Lyra!

XIX.

Mas onde, oh Musa, rapido voamos
 Em carro auri-lusente? ... esses que jazem,
 Pantanos sam da Estyge! ...
 Que fumo espesso os cobre?
 Com medonho sorriso algemam Furias
 Os Welches Esquadrões, que inteiros baixam! ...

(1) Consta dos Papeis publicos que no dia da memoravel revolução de Maio em Madrid, as mulheres se lançavam apinhadas sobre a Artilharia Franceza impedindo-a assim de continuar a fazer fogo.

XX.

Graças a ti, que luminosos ares
 Respiro alfim! . . . de Primavera eterna
 Já trilhamos o Elysio! . . .
 Respeitando Congresso
 De Heroes da Hespanha, d'alta Corte, imitam,
 Providente Concilio, em laureo bosque! . . .

XXI.

Que serie de Guerreiros, de Monarchas? . . .
 Sorriso approvador lhe assoma aos labios
 Quando em braços recebe
 De gloria reluzindo
 A multidão de Martyres da Patria,
 Que seus brios lhe assellam com seus golpes!

XXII.

Mas o Grão Campeador, Cid invencivel,
 Flagelo destructor dos Mauritanos,
 Trez vezes sopezando
 A victoriosa lança,
 A cujo coruscar Nações tremeram,
 Em Idyoma dos Ceos dest'arte exclama! . . .

XXIII.

» Bençãos! gloria! louvor! á prole eximia
 » Dos armigeros Godos, que sacodem
 » Estranho, ferreo jugo!
 » Mais que o nectar he doce
 » A quem campos de luz ditoso habita,
 » Ver seos Netos vence-lo em brio, em gloria!

ODE III.

A S. M. Fidelissima D. João VI.

Forse un di fia che la pressaga penna
Osi scriver di Te quel ch'or n'accena.
Tasso Gof. Cant. I. St. IV.

I.

Quando tentava desferir na Lyra
Portentosas accoens d'Heroes valentes,
Que em Europa, Asia, e Africa ensoparam
Em sangue a imiga terra:

II.

Quando entre turbilhoens de fogo, e fumo
Já Sampaio eu via, Castros, Cunhas,
Sobre cahidos thronos, razos muros
Hir tremular as quinas!...

III.

Fragrante exhallação (qual sahe das rosas
Ao surrir da manhã) perfuma os ares,
E, ao fulgor d'hum relampago, diviso
Donzella sobre humana!...

IV.

Na fronte a laurea, em purpura cingida,
 De neve o cinto, o manto de esmeralda,
 Solta a voz, que dos Ceos remeda a fraze, (1)
 E que serena os ventos.

V.

» Vate, (ella diz) não mais! de sanha, e de odio
 » Embriagado o Mundo assás tem visto,
 » E ouvido, com prazer, soár no Pindo,
 » Da Humanidade o estrago.

VI.

» Oh não foi a tal fim, que entre meus braços
 » Te surri ao nascer; que a Lyra de ouro (2)
 » Te confiei benigna, e no teu peito
 » Soprei divino alento.

VII.

» Busque o arco Phebeo alvo mais digno,
 » E hoje que a esphera lucido abrilhanta
 » O dia de João, do Ismeno as flores
 » A João se tributem!

- (1) Lucevan gli occhi suoi piu che la stella;
 E cominciomì a dir soave, e piana,
 Con angelica voce in sua favella.

Dante, Inf. Cant. II.

- (2) Quem tu, Melpomene, semel
 Nascentem placido lumine videris.

Horat.

VIII.

- » João, mimo dos Ceos, de Jove Alumno,
» Da Patria Redemptor, do Mundo exemplo,
» Prole dos Reis Heroes, Heroe mais que elles,
» Da Liberdade esteio!

IX.

- » Remove á Lusitania a dextra sua
» A negra Escravidão! . . . franco he seu pecto
» A's lagrimas do afflicto, que alli pode
» Depôr sua amargura.

X.

- » Como a hum fiso de Jove a terra exornam
» Metaes, Arvores, Rios, Plantas, Flores:
» A favor de João Sciencias brotam,
» E as melindrosas Artes.

XI.

- » Pasma o inculto Brazil, vendo em seu seio
» A Policia d'Europa, as Leis, e os Uzos,
» Vendo fructificar-lhe a Industria os Campos,
» Erguer Palacios ricos!

XII.

- » Soberbo, reclinado em montes de ouro,
» Vê como verga o mar, gemendo ao pezo
» De mil, e mil Baixéis, que lhe conduzem
» Tributos de dois Mandos.

XIII.

- » Tanto deve a João! oh fausto Nome! . . .
» Nome sempre famoso em vossa Hesperia! . . .
» Eterno sejas no Orbe, e de E'vo, em E'vo
» Medrando vás em gloria! . . .

XIV.

- » Oh Nome de João! por ti tres vezes
» Sacodio Lusitania o jugo estranho! . . .
» Oh Nome de João! por teu influxo
» Espera a paz o globo! . . .

XV.

- » Sim eu vejo-a descer em rosea nuvem
» Vem com ella a Virtude, e Amor, e as Graças
» Riem-se os Montes, riem-se as Florestas
» Da Deoza á grata vinda!

XVI.

- » Desfaz-se a escuridão, que assombra a Terra,
» Quem a espada brandio cultiva as messes,
» Quem dêo planos de morte as Leys protege;
» Nasce a geral concordia

XVII.

- » E curvando o joelho, e as mãos erguidas
» Em torno ás áras, emflorada a frente,
» A João, como a Numen, darão culto
» As Nações do Universo.

ODE IV.

*No faustissimo Nascimento do Infante
D. Sebastião.*

Jam nova Progenies cœlo demittitur alto.
Virg.

I.

Que alegre vem do rubido Oriente
Nascendo o Sol! . . . tão morbido, tão ledo,
O Thalamo da Noiva,
Não deixa Arabe Esposo
Por olhos, e por faces ressumbrando
Mimos, triumphos, que fruio de Noite!

II.

Rozas, colhidas no Jardim da Aurora,
Cingem-lhe a fronte, e em mil festões lhe ondeiam .
No peito, e sobre a espalda:
Fumam-lhe em aureo vaso
Pangeo perfume, que se emrolla em nuvens,
O Aromatico Alôes, Sândalo ameno! . . .
Vol. I. 9

III.

Tal sobre o Coche esmeraldino voa,
Setas vibrando de esplendor mais vivo! . . .
 Por auriga a Ventura
 Os impetos refrea,
Dos fogosos Ethontes, que não pode,
Por seu mal, subjugar o audaz Climenio!

IV.

Salve, Dia de Paz, que nos conduzes
Luminosa porção do Astro mais puro,
 Porque espirito influas
 No abençoado fructo
De Maria, e de Pedro! . . . eis elle assoma,
E dos Pais, e do Avô resume os dotes! . . .

V.

No Mundo antigo, e novo atoa o brado,
Que abona a Redempção de Lysia em riso;
 Do florido Janeiro
 As Nymphas melindrosas,
Tecem Choreas, Canticos ordenam,
Que lhe repete o Tejo, aplaude o Thames

VI.

Mil parabens, oh Patria, oh Mãe preciosa,
Tu revisto de Heroes, Berço de Numes! . . .
 Tu inda encontras graça
 Ante os olhos de Jove,
Que em ti se alegra, memore do pacto,
Que a elle te enlaçou no sacro Ourique! . . .

VII.

Blazone embora o Despota orgulhoso
 Do Senna, e Rhim, que de Bragança a estirpe
 Co' a de Bourbon findara;
 De Bourbon, e Bragança
 Nova vergonteia fulgida rebenta
 Onde Planta Real jámais brotaral

VIII.

Comessa a distinguir, mimoso Infante,
 No affectuoso sorrir materno affago, (1)
 Na Purpura nascido
 Ve lustroso Congresso,
 Que te rende homenagem! . . . turba immensa
 De Heroes nos Climas teos, Brazão de Lysia!

IX.

Sobre o Mosquete horrisono se encosta
 O Grão Caramurú, trovão dos mares,
 Cada passo, que move,
 Protervos invazores
 Parece inda esmagar, Vieira ouzado,
 Generoso Rival, Barreto o segue! . . .

(1) Incipe, parve puer, risu cognoscere Matrem.

Virg.

X.

Crespa a grenha, bravio em phraze, em modo,
Marte no peito, se no rosto a Noite,
Do grupo se destaca
O portentoso Dias,
E qual Heitor Brazilico, e Serpedon,
Abraça hum que lhe he Par em cor, em brio.

XI.

Que embebido ouviras (crescendo a idade,
E fulgindo a Rasão) de Heroes tão grandes
A Chronica instructiva!
Que estímulos de gloria
Não sentirás ao leres-lhe as façanhas
Golpes, que deram, Povos que domaram!

XII.

Cresce Infante gentil! no Avô piedoso
Na encantadora May, no Pay sublime,
Modelos tens viventes,
Onde aprendas sem custo
Quanto pode moldar a hum Regio peito,
Quanto pode hum Mórta! subir a hum Numen!

ODE V.

A S. A. R. o Principe de Galles.

Principe illustre, Successor di Regi,
Or che a toccar la Lyra
Sacro furor me spira,
O dimi, e se il mio canto a sdegno prendi
Non qual io son, ma quel ch'io dico attendi.

Filicaja Canz. 5. Str. 7.

O' Cythara, em que outr'ora percorrendo
Septi-sona harmonia,
Em Pindaricos sons mandei aos Astros
Os respeitados Nomes
Dos Heroes que de Lysia sustentaram
Em paz, ou guerra o sceptro,
Justos na paz, impavidos na guerra;
De novo hoje te invoco,
E ao não menor objecto sagraremos.
Precioso tributo
D'almos hymnos Dirceos: delles nas azas
Vá retumbar pelo Orbe
De Jorge o Nome extelso: o Tejo exulte,
E o Thames de ufanado

Incline toda a Urna, engrosse as ondas,
 Velocidade augmente,
 As margens sobremonte, ouvindo o Vate,
 Que em Piério transporte,
 As chordas dedilhando, assim se exprime: (1)
 » Salve Flor de Britania,
 » Heroe Filho d'Heroe, que ao Pai provecto
 » Sustentas o Diadema:
 » Surgindo ao lado seu qual verde chôpo
 » Que sombri-feia rama
 » Profuzo sobr'estende ao chopo annoso,
 » Que sem viço, e sem folhas
 » Inda he bello, respeito inda promove,
 » Nos galhos conservando
 » Grevas, Lorigas, Morriões, Pavezes,
 » Arrancados com sangue
 » Nos campos de honra ao perfido contrario,
 » Por vingadora dextra
 » De Viriato audaz, que ali pendentess
 » Por troféo os votára
 » A Endovelico Patrio, estranho Alcides!
 » Da liberrima Galles,
 » Fertil de Bardos, de Guerreiros fertil,
 » Benefico Patrono,
 » Qual se admira em Heroes, se préssa em Homens
 » Insólita virtude,
 » Que no teu Coração não brote, e enflorê?
 » Tua mente abastaram
 » De proficua doutrina as sacras Musas;
 » O proprio Deos da guerra
 » Teu valeroso brago adéstra ás armas;

(1) Huns tocam instrumentos sonorosos,
 Outros harpas dedilham com qde encantam,
Barbuda. Virg.

- » E Minerva te aponta
» Norma de bem-reinar no Patrio exemplo!
» O teu Governo, ó Jorge,
» Restituirá ao Mundo a Idade de ouro!
» Escrito está no Fado:
» O que hum Jorge traçou outro complete.
» Oh! grata prospectiva
» De Ventura, e prazer! . . . O Norte em chammas,
» Da liberdade acceso,
» A teu influxo brame, hum odio eterno
» Nas aras da Vingança
» Ao Corso usurpador protesta, e jura:
» Como Tufão que arrasta
» Tudo comsigo em gyro, corre, e vò
» Wezingerode ousado;
» Kutuzow como Jove relampeja;
» Platow fulmina, e trôa:
» Do fatal Berodino assoma o dia,
» Que em véo cruento envolto,
» Ao Gallo negrejando, aos Russos brilha.
» Na Peninsula em tanto
» Anjo exterminador Wellington gyra,
» De si varrendo em frente
» As Corsicas Phalanges: a seus golpes
» Exercitos succumbem,
» Praças ruem, Castellos não resistem,
» Debalde oppõem barreiras
» Os caudalosos Rios, salta os Rios,
» E em Victoria, e Sorauren
» Descorôa Joze, Soult affugenta! . . .
» Precipitai, oh Templos,
» O momento feliz, em que remate
» Arthur impondo á guerra,
» Possa o Esposo fruir da Esposa os mimos;
» Possa entregar se o Sabio

136 ODES HORACIANAS HEROICAS.

- » Sem susto á indagação d'altos portentos
- » Que com dextra profusa
- » Por Aguas, Terra, e Ceos soltou Natura;
- » O Agricola nos campos
- » Livre os sulcos abrir; e, recostado
- » Do Pomar que plantára
- A' odorifica sombra o Pomareiro,
- » Tranquillo adormecer-se
- » Ao som da vitrea fonte que murmura,
- » Sem que ao clangor desperte
- » Da trombeta Marcial! . . . Então, ó Jorge,
- » Os ditosos Humanos
- » Ledos dividirão contigo, e Jove
- » Seus cultos, seus affectos.

ODE VI. (*)

A Lord Wellington,

Sic Urbem ingreditur tanto comitante Senatu,
 Et vulgo ad spectata Ducis simul ora ruente.
Silio Italico de Bello Punico. Lib. 11.º

Dias de applauso, e pompa,
 De gloria, e de prazer, quando sentada
 No excelso Capitolio,
 Roma via a seus pés montões do Sceptros,
 Que palidos Monarchas
 Alli vinham depôr, seguindo em ferros
 Triumphantes Carroças
 De Marios, Scipiões, Cezares, Syllas! . . .
 Dias de applauso, e pompa
 De gloria, e de prazer! vós ténue sombra,
 Vós simile sois fraco .
 Do que hoje Elysia jubilo demonstra,
 Quando em seu gremio acolhe
 De Roliza o Trovão, do Porto o Raio,
 Do Rodrigo o Luzeiro,
 Wellington sem igual, de Marte Alumno,
 Discipulo de Pallas,
 Do Tejo Remidor, Brazão de Thames! . . .
 Wellington que reúne
 Prudente Ulysses, denodado Achylles! . . .
 Wellington, mais do que Elles
 Digno da Tuba do Meonio Vate,
 Que armonica retumba
 No seio da longiqua Eternidade! . . .
 Não vê o Heróe (voltando
 Após tres annos de saudade, e auzencia.
 (•) Pedida,

138 ODES HORACIANAS HEROICAS,
 De pugnas, de victorias)
 Pyramides soberbas, que decoram
 Em seu obsequio as Praças,
 Nem caminha sob Arcos de triumpho,
 Onde esculpidas note
 (Apuro do cinzel) suas proezas,
 Magníficos emblemas
 Que Politica ergueo, não puro Affecto! ...
 Mas a alma lhe não ferem
 Descalhidos semblantes, que nublára
 A taciturna Inveja,
 Ou que enrugára c'o a tremante dextra
 Ciosa Desconfiança! ...
 Vê transportes, vê rizos, que ressumbram
 Por olhos, e por labios,
 Em toda a condição, em toda a idade! ...
 Sobre as azas dos Vivas
 Seu Nome sóbe aos Ceos! d'hum lado, e d'outro
 A encontralo concorrem
 Apressuradas Turmas, que disputam
 Quem primeiro saude
 O Grande General! assim outr'ora
 Da torreada Goa
 Contentes Cidadãos o invicto Castro
 Recebiam cingido
 De viçosos laureis, inda escorrendo
 Bruto, perfido sangue
 Do infido Guzarate! ... Oh como o accento
 Do Louvor merecido
 Delicioso cála em conscio peito! ...
 Com que extasi, oh Wellington,
 Ora escutas a candida Donzella,
 Dizendo » eis por quem posso
 » Inda ao seio estreitar o Pai provector,
 » Sem temer me salpique

» Deseu sangue innocente o Gallo alfange!...

Mais ávante a Matrona,
 Com Esposo, com Filhos abraçada,
 Com lagrimas de gosto
 Te envia bençãos mil, seu Deos te acclama...
 Salve Britanno Marte,
 Heróe Homem! prodigio desta idade,
 Sem Ti de bronze, ou ferro!...
 Caro Libertador da Patria minha,
 Em quem Nunos, e Almeidas
 Olha para seu bem, renascer Lysia,
 Tu lhe soltaste os ferros...
 Por ti o Lavrador semeia, e colhe,...
 Por ti em nossos Campos
 Podem soltos pascer nossos rebanhos,...
 E com dextra profusa
 Por ti nossos Jardins Chloris floreja.
 Tu novo Astro propicio,
 Em torno aquem, Satellites brilhantes.
 Assombro dando ao Globo,
 Ardem Silveiras, Bacellares fulgem,
 Sulpulvedas rutilam,
 Com luz, que ao teu brilhar só não compite!
 He obra de teu Braço
 Se existe a Segurança em nossos Muros;
 Se inda o benigno mando
 Do Piedoso João escuta o Luso;
 E quando (e talvez breve)
 A Paz universal descer á terra,
 Os ditosos Humanos
 Pregoarão d'hum Hemispherio a outro,
 Que Arthur com braço, e mente
 Ensinando a domar o orgulho, e a sanha
 Do Despota da Gallia,
 A Paz universal foi obra sua.

ODE VII. (*)

A Lord Wellington.

The stars shall fade away, the sun himself
 Grow dim with age, and Nature sink in years,
 But thou shalt flourish in immortal youth,
 Unhurt amidst the war of Elements,
 The wrecks of Matter, and the crush of Worlds! . . .

Addisson's Cato. Acto 5. Scen. 1.

Como o louro Phebeo se agita, e treme!
 Como se aballa o Templo!
 Como o Bosque, que em roda lhe sombreia,
 A' terra curva os topos,
 E em jubiloso fremito sauda
 Apollo, que já desce
 Em auri-rosea Nuvem! longe, oh longe,
 Profanos, que não soffre
 O Numen lhe encareis a face augusta,
 Que so concede ao justo! . . .
 Eis o Deos! Eis o Deos! . . . fragrante effluvio
 De celeste ambrosia
 Presente o manifesta! . . . curvai, Moços,
 Curvai, gentís Donzellas?
 Eis o Deos! eis o Deos! madeixas de ouro
 Sobre a despida espalda
 Lhe ondeiam ao desdem, tinindo ao hombro
 A circumtecta aljava! . . .

(*) Pedida.

• Do sacro pé tocado o chão se enflora,
E do vizinho lago
O Cisne com seu canto atoa os ares! . . .
Salve Boedronio, Clario,
Smintheo! Carneion! Pithio! . . . se outro Nome
Ha que mais te contenta,
Eu libente to dou! de ti recebem
Luz os dois Hemispherios,
Côr os objectos; o calor e a vida
De ti deriva aos Entes;
Nas campinas por ti loureja Ceres,
Pluto no centro exulta,
E Baccho de seus pampanos reveste
Os ingremes Outeiros!
Tu guias Machaon quando procura
Salutiferas plantas,
Que moribundo enfermo ás trevas furtam;
Girardon, e Bernini
Ensinados por ti dam forma, e moto
Aos marmores, e bronzes!
Tu reges o pincel na mão de Albano.
E por ti sobre a tella
De phantastico mundo entorna os scres!
Por ti Mozart, Paissello
A harmonia dos Ceos no mundo imitam;
A ti deve o Poeta
Seus extasis, seu canto! . . . ao teu aspecto
Já me revolve a mente
Pyndarica refrega, e sobre as cordas
Da Phylintica Lyra
Rapidos, florendo, os dedos correm! . . .
Mas que assombroso Nome
Hoje aos Ceos mandarei! já nos meus Hymnos
Soberbos retumbaram
Quantos Lysia acatou ou Reys ou Numes;

Soou o invicto Nuno,
 Albuquerque terrivel, Castro forte.
 O sem igual Pacheco,
 Cabral que o mundo novo ao velho ajunta,
 Mas o remido Tejo
 Douro (1) Gualdaquivir, o Adour, o Nive
 A brados me convidam
 Ao Britano Campião! . . . sejam meus versos
 Hoje a Arthur dedicados,
 Quem mais digno de canto! Que virtude
 Lhe não floresce n'alma?
 Politico, e Guerreiro a penna, a espada
 A tempo ou larga ou toma;
 Rico sem altivez, Nobre sem fausto
 Sem orgulho em triumphos!
 Intrepido em revezes, talha, ordena,
 Executa, promove,
 Arroja-se ao porvir, constrange os Fados:
 De Jove á semelhança
 Pode o que quer, e quer o que só deve:
 E do mundo os applausos,
 Mais merecer, que consegui, deseja.
 Tal, quando a vez primeira
 Os olhos descerrava á luz do dia,
 Extasiado Bardo
 Cantou verace á mui ditosa Erina, (2)
 "Esse, que era em teu gremio
 "Qual astro assoma de esplendor não visto.

- (1) Gualdaquivir! parece-me que o Rio,
 Cada vez que lhe chamam tal alcunha,
 Impetos tem de pro no hombro a urna,
 E hír despeja-la em terra, onde o não chrismem.
Heroino d'Aragão.
 (2) A Irlanda.

- » Breve encherá de assombro
» Os Continentes quatro, e quantas Ilhas
» Nereo circum-defende
» Quando a Hesperia lhe abrir o immenso estadio,
» Que vencedor despeje,
» Quando barbaros Celtas em seu damno
» Dos Pyreneos se arrojem
» Immensos como estrellas, que scintillam
» Em clara estiva noite;
» Como a neve, que em flocos pelo Inverno
» Dos Alpes se debruça! . . .
» Que prantos! que alaridos hão-de erguer-se
» Nas miseras Cidades,
» Que o Betis ennobrece, e rega o Tejo! . . .
» Nos Asturianos Serros
» Nas saudosas ruinas de Granada,
» Onde em memores Cifras,
» O Mouro galanteio a amar convida! . . .
» Quando do Senna as Furias
» Dem ao fogo Jardins, Vergeis, Pomares,
» Soberbos Edifícios,
» Templos augustos, c'o Primor das artes;
» E nas cruentas Praças
» Sentadas em cadaveres celebram
» Horrorosos banquetes,
» E a doida embriaguez ajuste os brindes
» Aos ais dos muribundos! . . .
» Mas de ti, ó Arthur, c'a dextra tua
» Ha-de sahir o raio;
» Que de tanto attentado, e tantos Crimes
» A enormidade puna!

ODE VIII. (*)

A Lord Wellington.

Had Death been French, then Death had d'yd to day!
Shakespeare.

I.

Nymphas do Tejo, aos cantos, aos Tripudios!...
He Dia de prazer, Dia de gloria!
Novos Lauros á fronte se accomodam
Do sem-igual Wellington!...

II.

Novo raio de luz desbasta as sombras,
Que d'Iberia, e de Lysia a face enlutam!
Novo golpe mortal ao Despotismo
Novo deslustre á França!

III.

Branca pedra assignale este aureo dia,
Não pare o riso, não repouze a Lyra,
Não cesse de espumar nas amplas Taças
Almo licor de Bromio!

(*) Pedida.

IV.

Brindemos aos Heroes, que a Patria illustram,
 Aos Mavortes Bratões rixos no esforço,
 Aos briosos Hespanos, que não sabem
 Abandonar-lhe a piza!

V.

Mas do brinde o primor, do applauso a estrea
 A ti compete, oh Lord! a ti sublime
 Claro Fabio Albionez, Scipião mais bravo,
 Malborough mais ditoso!

VI.

Blazone embora o Despota da Gallia
 De Marengo, e Austerlitz, d'Eyland, e Jena,
 Rolica, Badajoz, Porto, Rodrigo,
 Mor brado dam pelo Orbe.

VII.

Seos Bravos Generaes, que se enfeitavam
 De aparatosos Titulos, que ousados
 Se atreviam ao Ceo, veja o Tirano
 Por ti fugindo, ou mortos!

VIII.

Prosegue invicto Heroel a Gloria ao termo
 Te prepara laureis, grinaldas tecer;
 Lysia remida, Hespanha libertada,
 Te dam cultos, e altares!

ODE IX.

A queda de Bonaparte.

Then let the Muses with such notes as these,
 Instruct us wat belongs unto our peace!
 Your battles they hereafter shall indite,
 And draw the image of our Mars in fight.
Waller. Pang. de Cromwel.

I.

Dirceia Lyra, que deteste as ondas
 Do Ismeno outr'ora, acompanhando o Canto
 Do Eleo Poeta, cuja cinza honraram
 Barbaras Hostes! . . .

II.

Que em mão de Flaco resoaste Lydia,
 Glicerio, Pyrrha com Latinos modos,
 Qual d'amplo Rio vem cristaes ornar-nos
 Floridos Hortos!

III.

Que o de Savona levantou de novo
 Da clave Argyva aos belicosos pontos,
 Que sustentaste, submetida ao grave
 Plectro d'Elpino!

IV.

Ficarás hoje no silencio envolta?
 Hoje que hum dia tem de festa o Mundo,
 Des-assombrado dos grilhões, que urdira
 Perfido Corso? . . .

V.

Oh! não! mudeça muito embora, e mórda
 As mãos de raiva abominando Elmiro!
 Eu, que amo a Patria, represar não posso
 Fervido canto.

VI.

Sem que repouse, teus bordoens ferindo,
 Bem como outr'ora, rubro mar passando,
 Hebreo Propheta Pharaó submerso
 Soou continuo!

VII.

De mais terrível Pharaó moderno
 Farei retumbe a estrepitosa queda
 Do extremo Occazo the do Sol ao rubro
 Fulgido berço!

VIII.

Immensa Torre de feroz soberba
 Se erguia o Monstro, sitibundo a sangue,
 E ao vasto Globo, que a seu Sceptro curve
 Despota ordena!

IX.

Ao seu acceno, de aguerridas Hostes
 Marchando Enxames, desolavam Reinos!...
 Terror lhe he Guia, vai na frente a Morte
 Segue-os o Estrago!...

X.

Baqueiam Thronos com fracasso horrendo,
 Reis descem, sobem!... vai de sangue tinto
 O Rheno, o Odér, Mansanares, Douro,
 Baltico, e Adria!

XI.

Oh ceos! Que densos torbilhões de flamas
 Por entre fumo vam crestar a esphera!...
 Por longas leguas o clarão medonho
 Trémulo corre!...

XII.

Moscow he cinza!... memorando exemplo
 De heroico Amor da Liberdade! Roma
 Quando hum teu Filho te salvou dos ferros,
 Dando-te ás chamas!...

148. ODES HORACIANAS HEROICAS.

XIII.

Do Grande Pedro revoava a sombra
Em torno ao Neto, que, enchugando o pranto,
Da nuuca vista acção pasmoza o arduo
Wkase firma! . . .

XIV.

Mas eis da face da universa Terra,
Do fundo equoreo, pela voz do sangue,
Contra o Tyranno por vingança clamam
Victimas suas!

XV.

O Eterno as ouve! . . . relampeando corta
Anjo da Morte, qual Procella, os ares;
Estygias settas de seu Arco expelle
Que horrido estalla!

XVI.

Qual se, ao abrigo da Caverna escura,
Dormindo o Urso de seu patrio clima,
Dos Caçadores ao estrondo, aos golpes
Subito accorda,

XVII.

Urrando se ergue, vingativo investe,
Este suffoca, despedaça aquelle, . . .
Dispersa os campos Venatoria Turba
Pavida corre!

XVIII.

Assim do Corso os Esquadroens, que a centos
Tragava o Gelo, devorava a Fome,
Do Russo as Hostes, do Cossáco as Turmas
Talham, destrogam! . . .

XIX.

Eis que se agregam ao Cossáco, ao Russo
Feróz Suéco, marcial Tudesco:
Une-se ainda da recente injuria
Mémore Prusso!

XX.

Sobre derrotas as derrotas fervem! . . .
 Deixam Amigos, Aliados deixam,
 Deixam Parentes o do Senna em lucto
 Atilla Novo! . . .

XXI.

Estende os olhos, vê d'hum lado o Lyrio,
 Qué o Luso arvora de Bordeaux nos muros;
 Vê triumphantes em Tuloza entrando
 Anglos, Hispanos!

XXII.

Vê d'outro lado (em huma vista em outra
 O Inferno encontra) todo o Norte em armas
 Cercar Lutecia de seu novo Impeio
 Pulchra cabeça!

XXIII.

Braveja o Monstro repellando as tranças,
 A mil recorre de vingança arbitrios,
 Tudo debalde, que do Throno o priva
 Duro Decreto.

XXIV.

No mesmo Paço onde traçara o plano
 De usurpar Lysia, solitario vaga! . . .
 Vil, que não achas hum veneno! hum ferro! . . .
 Vil, que não morres! . . .

XXV.

Vida que monta quando opprobrio a cobre?
 Tigres combatem the que a vida exhallam;
 Tu, maior Tigre, sem pugnar acceitas
 Teio desterro!

XXVI.

Gallia recobra seu primeiro lustre;
 Európa exulta; dissensões findaram;
 Com floreat laços as Nações ajunta!
 Paz venturosa!

ODE X, (*)

A Camões,

Fond impious Man! thinkst thou you sanguine cloud
 Rais'd by thy breath, has quench'd the orb of Day?
 To morrow he repairs the golden flood,
 And warms the Nations with redoubled ray.

Gray. Od. 6. Epod. 3.

I,

Serás lido, Camões, em quanto o Luso
 Livre aos ares erguer a heroica frente;
 Em quanto os nossos Campos
 Bacho, e Ceres adite, e Flora enfeite;
 Em quanto, revolvendo
 Aurinitidas ondas, leve o Tejo
 Mais guerra, que tributo, ao Rey dos Mares.

II,

Pinceis, Boris, e Marmores, e Bronzes
 Embora eternizar a gloria ostentem
 Desses grandes, que o Mundo
 Maldiz genu-flectindo; a mão do Tempo,
 Faz a hum ligeiro toque
 Derrubados cahir, rodar no Olvido
 Monumentos, Pyramides, e Bustos! (1)

(*) Esta Ode he em grande parte composta com versos de Camões, não aponto os lugares por me persuadir, que não ha Portuguez tão completamente ignorante que os não conheça.

- (1) The cloud-capt Towers, the gorgeous Palaces,
 The solemn Temples, the great glob it-self,
 Yea, all which it inherit, shall dissolve,
 And like the baseless fabric of a vision,
 Leave not a wreck behind,

Shakespeare;

III.

Assim pelos dezertos forra o musgo
Do impio Tyrano o Mausoleo pomposo,
Que inerte pó cobrira! . . .
Mas do sabio, e do Vate inflora a Urna
Justa Posteridade,
E a Patria saudosa vê seo Nome
Reflorecer co' a morbida Verdura! . . .

IV.

Tal refloresces Tu! . . . de Phebo ao lado
Inda embocas eri-sona trombeta,
Que, retinindo ao longe,
O peito accende, e a cor ao gesto muda:
Indo avidos Alumnos
Bebem Lições preciosas no teu canto
Cujo brado aos dois Orbes se destende!

V.

Promptos co' a vista em ficto, elles não podem
Seguir-te por luz fluida navegando
A espessos sem medida! . . .
Quando, da guerra alardeando as Scenas,
Mostras o immortal Nuno,
Que pelo Rey, e a Patria arranca a espada
Ameaçando a Terra, o Mar, e o Mundo! . . .

VI.

Aqui fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas,
E de Magriço aos golpes
Cae a soberba Ingleza do seo throno! . . .
Quem tinge em sangue as armas! . . .
Quem, co' cavallo em terra dando, geme! . . .
Quem, cos penachos do Elmo assoita as ancas! . . .

VII.

Quando Neptuno sobornado ordena,
 Que des-enclastre Hypothades soberbo
 Os Ventos, que dormiam
 Pelas covas escuras peregrinas,
 Quem ha hi que não trema,
 Vendo as Naus em tormenta, o mar roncando,
 E os raios, em que o Polo todo ardia? (1)

VIII.

Não vai mais doce desdobrando as ondas
 Remanso sem rumor como os do Lethes,
 Que de Ignez os queixumes
 Ante o Rey já movido a piedade:
 Ignez, de quem saúdozas
 As Filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram.

IX.

D'onde houveste o pincel, com que traçaste
 O veo de rouxos Lyrios pouco avaro,
 Que a Venus cinge a Forma,
 Porém nem tudo encobre, nem descobre?
 O sorrir lacrimoso, (2)
 E por columnas morbidas trepando
 Dezejos, que como era se enrolavam?

(1) Camões est le Virgile Portugais, admirable dans l'Art
 de peindre les objets phantastiques.

Baillet.

(2) Δακρυερ γαλαζαφαρ. Hom. Liv. VI. 1013

X.

Compungem-se os rochedos, quando a Affonso
 Soccorro implora a divinal Maria,
 Contra a chusma Africana,
 Que a vivos medo, e a mortos faz espantos!...
 Quando em ais suffocada
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co' orvalhó fica a fresca Rosa!...

XI.

Vêde-me em Raphael, vêde-me em Rubens
 Quadros, que vençam o inspirado sonho,
 Em que ao Monarcha Luso,
 Estando já deitado no aureo teito,
 Vem offertar de longe,
 Venturosos tributos do Oriente,
 O palmifero Indo, o sacro Ganges!...

XII.

Como amargas, e energicas retumbam.
 Quando as velas ao vento entrega a Armada,
 Vozes do velho honrado
 Que ficava nas praias entre a Gente,
 E não soffre, que, ó Luso,
 Deixes criar ás portas o Inimigo
 Para hires buscar outro de tão longe!

XIII.

Ali-geros Amores correi promptos,
 Salvai o terno Moço, e a linda Dama,
 Que abraçados perecem
 Na fervida implacavel espessura,
 Depois, oh dor! de haverem
 Visto morrer com fome os Filhos caros
 Com tanto amor gerados, e nascidos!

XIV.

Para acolher de Lysia os Navegantes,
 Que tanto mar, e terras tem passado,
 Eis brota hum novo Elysio! . . .
 Mil Arvores susurram! . . . embalsamam
 O ar milhões de Flores! . . .
 Vam Alimarias mil cruzando os prados,
 E mil Aves descantam sobre os ramos! . . .

XV.

Os doços, que dá Pomona, alli Natura
 Produze differentes nos sabores;
 Ali limões vigorozos
 Estão virgineas tetas imitando;
 A purpurea cereja
 Co' a Larangeira lustra, e o Persio Pomo
 Melhor tornado no terreno alheio! . . .

XVI.

Mas prodigio maior, ficção mais rica,
 Tudo teo, tudo assombro, eis chofra aos olhos! (1)
 De procelosa Noite
 Horror dobrando a horror, lá ergue a fronte
 Adamastor medonho
 Solta funesto agouro, e lida em balde
 Para o Gama torcer da heroica Empreza!

(1) La description du Geant Adamastor, le Gardien du Cap des Tourmentes, est une peinture des plus Poétiques, que l'Imagination puisse se former, l'idée en est touchée avec une force qui saisit, et enleve l'Esprit.

Mr. du Cartelas,

XVII.

De nobre emulação n'alma pungidos
 Os Numens de Epopeia, que te ouviam
 Em pasmoso silencio,
 Rompem o aplauso aqui, cedem-te a laurea;
 Discordes, não decidem
 Qual tem preço maior, mais jus á Fama
 No quadro original dezenho, ou cores!

XVIII.

Mas torpe inveja ao Merito não deixa
 Saborear em paz da Gloria o nectar! ...
 Onde ha mais luzimento
 Mais se envipéra, a tudo inverte o nome, (1)
 Os vivos atassalha,
 Mortos não poupa, Tumulo profana,
 As Urnas despedaça, e cresta os Louros.

XIX.

Seos ultrages sentio de Smyrna o Vate, (2)
 De Sulmona o Cantor (3) de Mantua o Bardo, (4)
 Que no Jardim das Musas,
 Como hum Cedro no Libano, se eleva! ...
 Nem tu proprio lhe escapas,
 Oh Camões immortal! oh gloria Lusa,
 Posto divino em metro, em voz divina! ...

- (1) Ella, que acceita a Empreza contra vivos,
 Por mais se enviperar em sanha nova,
 Nestes da Culpa Espiritos captivos,
 De tormentos crueis, faz dura prova.

Mozinho Aff. Afric. Cant. I.

- (2) Homero. (3) Ovidio (4) Virgilio.

XX.

Eu vejo levantar do lodo impuro
 Da Ignorancia, e do Crime, em que rojava
 Negro Zoilo, que intenta
 Teu nome denegrir, e entrar na areia (1)
 Onde unico triumphaste:
 Corvo que, revistir do Cisne alvura!...
 Ganso quer emular d'Aguia o remonte!... (2)

XXI.

Mas justa ley de imparcial censura
 As mãos da Zombaria em pena o deixa,
 Que, azindo-lhe da grenha, (3)
 Trez vezes o volteia em giro á frente,
 E atordoad o arroja
 Ao somnolento Rio, onde de chofre
 Cahindo, vai qual chumbo a fundo, e fica!

(1) Lustravitque fuga mediam Gladiator arenam.
Juv. Sat. 2.

(2) Da qual profunda, e tenbrosa buca,
 Nottula temeraria, al giorno ucisti?
 Torna la dove il sol mai non riluca,
 Tra foschi orrori, e lacrimosi, e tristi:
 Tu trionfi cantar d'invitto Duca?...
 Tu di Mondi noveli eccelsi aquisiti?...
 Tu dell' invidia rea figlio maligno,
 Di Pipistrel vuoi trasformarti in Cigno?

Marini.

(3) Paris ajoellou, a que o valente
 Meneláo corre, e azindo-o da cellada,
 Arrastrando o levava, onde acabara
 Se Venus, que isto via, o não salvara!

Gabriel Pereira de Castro.

XXII.

Tal Salmoneo, rodando em bronzea ponte,
E o facho sacudindo, do potente

Therpicheraunio Jove (1)

Relampago, e trovão contrafazia; (2)

Mas irritado o Numen

O não fingido raio arroja ao impio,

E com ponte e Quadriga em cinza o funde!

(1) Fulmine gaudens.

(2) Quatuor hic invectus Equis, et lampada quasans,
Per Graium Populos, mediamque per Elidis Urbem,
Ibat ovans! ... Divumque sibi poscebat honores,
Demens! ... qui nimbos, et non imitabile fulmen
Ore, et cornipedum cursu simulabat Equorum.
At Pater Omnipotens, densa inter nubila telum
Contorsit, (non ille faces, et fumex tædis
Lumina) præcipitemque inani turbine adegit.

Virg. *Æneid.* Liv. VI.

ODE XI.

*Pela morte de Thomaz Antonio dos
Santos e Silva.*

Candidus insuetum miratur limen Olympi.
Virg. Ecl. Daph.

I.

Do estellifero Olympo as aureas portas
Se abrem de par em par! por ellas entra
Guiado pela mão das ledas Musas
O Lusitano Homero:

II.

Deixado á terra o rude, inerte espolio
De novo revestido ethereo corpo,
Que Natura formou das mais mimosas

Exhallações das flores,

III.

Fulgura como o Sol no umbral do Oriente!
Braços abertos a acolhello accorrem
Do Tejo, e Sado, e Monda, e Lima, e Douro
Os portentosos Vates.

IV.

O Divino Camões, Virgílio Luso,
 Que d'entre elles descolla magestoso
 Qual Chiópia Piramide entre as duas (1)
 Que o sacto Egypto assombram!

V.

» Vem, Thomino. (lhe diz) tomar no Empyreo
 » O adamantino assento luminoso
 » Que em convívios celestes Jove outhorga
 . » Aos como nós famosos.

VI.

» Meu émulo em talento, e desventura,
 » Cantaste qual cantei, como tu viveste,
 » Morreste onde eu morri, e a Patria nossa,
 . » Como eu honrei, honraste.

VII.

» Do nectar immortal as plenas taças
 » Saboreando aqui com rósea boca
 » Tranquillo aguardarás teu caro Sylvio,
 . » Que os Versos teus amava:

VIII.

» Sylvio, que breve aqui virá, trilhando
 » Talvez a estrada que trilhaste infausta,
 » Sylvio, que saudoso em teu sepulchro
 . » Dispõe odoras flores.

(1) Chiópia por se dizer seu edificador Chiops, hum dos
 mais antigos Reis Egypcios.

ODE XII.

Ao Retrato de Bocage.

Manca il parlar, di vivo altro non chiedi
 Né manda questo amor se agli bechi credi.
 Tasso.

I.

Eu o conheço! ... he elle que inda pensa! ...

Por olhos, e por face inda transpira

A Santa Inspiração, com que abondozas

As Musas lhe acodiam!

II.

Sim! ... hes tu, oh Bocage! embora em cinzas

Urna apertada teo espolio encerre;

Vivem tuas feições nos rasgos' Mestres

Do alto pincel de Henrino! (1)

III.

Bem hajas, Phebo; que a zombar da Morte

Ensinaste os Humanos! ... não contente

De que a Lyra, ou Trombeta eternisasse

O Espirito no Mundo

IV.

Para o roubo vingar da Irmã de Clície,

Por quem mortaes, e Deozas desprezaras,

Inventaste a Pintura, que remisse

Do seo Imperio o Corpo!

(1) Henrique Joze da Silva.

ODE XIII.

*A Mr. Le Brun, o mais sublime dos
Lyricos Francezes.*

” Escribe lo quo Febo
” Te dicta favorable, que lo antiguo
” Iguala, y passa el nuevo
” Estilo. ”

Fray Luiz de Leon. Ode X.

I.

Sonho? vello! ou seduz-me
Deleitosa illusão! resurge, e torna
A afortunar o mundo
O alto Cantor do Ismeno,
Que acezos turbilhões na voz desata!

II.

Rápida como o Tigre
De seus versos despenha-se a torrente;
Já d'alma as chordas todas
Unissonas ressoam
Go' a Phebeia impulsão, que as estremece!

III.

Suspende hum pouco, oh Vate,
Suspende o vôo altivo, em quanto eu curvo,
E, a frente descingindo
Da Lyrica grinalda,
Ao Genio teu adorações tributo!

IV.

Mas do Cantor de Thebas
Não sam estes os sons! mais arrojados
Euros transpondo, e nuvens,
Em aligera turba
Teus Canticos, Le Brun, aos Astros sobem!

VOL. I.

11

V.

Oh pulsador sublime,
 Da Druidica Cythara! respira
 Em tua phraze, e ideias
 O Espirito divino
 Que animou Bardos teus, e os teus Eugbages!

VI.

Na solidão dos Bosques
 Pela intempesta Noite consonavam
 Aos só-pensados Numes.
 E os robles tropheados
 Co' as armas dos Heroes, curvavam topes,

VII.

Ao seu canto bramiava
 O emmarmorado mar, e o mar em serras
 Ao canto seu dormia!
 De Phebo, e Phebe os raios
 Cobria, e descobria horrendo Eclypse!

VIII.

Ou, dos matos sahindo,
 No calor das refregas accendiam
 O intrépido Guerreiro,
 E electrizado o Celta
 Tudo em Mavorcio frenezi varria.

IX.

Mas de feróz conquista
 Ferro devastador banio dos Bosques
 A inspiração, e os Numes,
 E os dispersos Ministros.
 Tingiram com seu sangue aras sem culto.

X.

Novas Artes viêram,
 Nova Religião! e o Gallo afeito
 A servil dependencia
 Balbuciou longo tempo
 Afeminados sons em Lyra estranha!

XI.

Sobre o Franco Horisonte
Qual Sol enfim raiaste, oh d'alma Euterpe
Verbi-potente Filho,
E ousaste, imberbe ainda,
Do Barbiton Druida apoderar-te!

XII.

Do teu plectro pulsado
Alti-sono troveja, e nos sepulcros
De seus antigos donos
Ledo rumor se escuta,
Gallia se ensoberbece, e pasma o Mundo.

XIII.

Sublime ordenadora
De mil-cores, fulgidos Phantasmas,
Robusta Phantasia
Com seu facho te mostra
Da vasta criação campos sem termo.

XIV.

Alli o enthusiasmo
Vês á vida chamando Homero, e Maro,
Que Heroes immortalisam,
Nasão, que inverte os seres,
Racine, que as paixões na Scena rege

XV.

Brada o Deos: » Mayer cante,
Raphael pinte, e Angelo edifique;
Tome o cinzel Bernini,
Linneo ensine e Newton,
Seja Nuno Guerreiro, e Nauta o Gama. »

XVI.

E o globo absorto escuta
A harmonia dos Ceos no canto humano.
Verte o pincel na tella
Mais formoso Universo,
Roma atonita vê n'hum Templo o Mundo.

XVII.

Os marmores, e os bronzes
 Parecem respirar, sentir parecem,
 E Amor terçando o arco,
 Sem que o Ciume o siga,
 Volupiosos farpões dispara ás flores.

XVIII.

Atracção portentosa
 Nos ares equilibra os varios globos.
 Os rebeldes cometas
 A leis o côlo inclinam,
 E he das cores o enigma aos olhos franco.

XIX.

A fulminante espada
 Denodado vibrando o Luzo invicto
 De Hispálicas ruínas
 Aljubarrotá Ihunda,
 E o turbante orgulhozo em Ceuta abate.

XX.

Tremúlam pelos ares
 Em nadantes Baixeis sagradas Quinas,
 E a Frota aventureira,
 De Lião a despeito,
 Zomba de Adamastor, e assusta o Indo.

XXI.

Assim do Esquecimento,
 Numerozo Cantor, salvas teu nome!
 De Grecia, e Roma os Astros
 Teu resplendor eclypsa,
 Só te iguala Philinthe, os mais transcendes!

XXII.

Oh! venturosa Senna,
 Que os dois Numens da Lyrica Harmonia
 Juntos cantando ouviste!
 E se Le Brun fallece,
 Te adoça a mágoa de Philinthe a Lyra!

ODE XIV.

A Moniz.

Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno! . . .

Camões Lus. C. I.

Como, a impulso da roda apressurada,
A torneanda Peça
Ao ferro cortador (girando ardente)
Sobre a Espera abandona
De si propria porções em cada giro,
Tal, nossa vida, Oleno,
Sobre a foice do Tempo a cada instante
Se gasta, se atenua,
Perde hum feitiço, perde huma ventura,
The que, estallando, acaba!
Inda hontem da saude as rubras rózas
As faces nos lustravam,
Inda hontem scintillavam nossos olhos
Com viva inquieta chamma,
E hoje a face enrugada se desbota,
E a languida retina
Dos externos objectos basta a custo
A' reflexão mal firme!
O fogo das paixões, n'alma sopito,
Fulgura, e não aquece,
Dura, mas não se augmenta, inda que affane
Por despertar-lhe os brios

Com vivifico assopro alma Esperança!
 Jardins, vergeis florentes,
 Cupulas de verdura, e rociantes,
 Flucti-sonas cascatas
 Não nos movem prazer! asperos montes
 Silvestres Espessuras
 Rochas agrestes, e Vulcaneos Lavas
 Pavor não nos suscitam! . . .
 Ai? que he do tempó em que enredado em braços
 De Lieutard como Ulmeiro,
 Da vide entre os abraços pampinosos,
 Rogava ás leves horas,
 Aos minutos rogava que inda hum pouco
 A fuga suspendessem? . . .
 Tudo, tudo voou! . . . só conservamos
 A Cythara, que, outr'ora,
 Sobre as margens do Ismeno, nos doara
 O Vate honra de Thebas,
 Por quem rutillam nos fulgentes astros
 Os gloriozos Nomes
 Dos Athletas, que intrepidos cingiram
 Triumphaute corôa
 Ante a Grecia no Olympico certame.
 A dextra, que, pezada,
 Desatina nas chordsas melindrosas
 Do ledo Anacreonte,
 Inda move com força Ismenio plectro,
 Seguir pôde inda o canto,
 Em que soam Heroes . . . oh! não deixemos
 Que da existencia o resto
 Escoe inglorio, e que a gelada dextra
 Da tremula velhice
 Nos despoje do plectro; e desarmados
 Da morte nos arroje
 No abysmo deslembroso! . . . os patrios Bosques
 Que ledos nos ouviram
 Doces canções d'Amor, curvem-se agora

Para que em nossos Hymnos
Escutem revivendo Heroes do Tejo! . . .
E quantos não reclamam
Tributos de louvor das nossas Lyras! . . .
Ves o primeiro Affonso
Que empunha a espada, com que o throno alcança?
Vês Sancho que brioso
Do dei-simile Pai segue os vestígios? . . .
Vês Moniz que offerece
Em troco da palavra não cumprida
Da Esposa, dos Filhinhos
A vida, que doe mais que a propria morte!
Eis do Luso terreno
O Codro generoso, o Curcio ousado,
Que, entalado na porta,
O invencivel Castello aos seus franqueia! . . .
Oh! que benigno influxo!
Que sublime clarão derrama em torno,
Diniz, a estrella tua!
Florece a Agricultura, Artes florecem,
E de teu solio á sombra
Encontram novo azilo as castas Musas!
Como a gloria lhe emulla
O terceiro João! . . . eu te saúdo,
De Pedro oh Filho exçelso,
Primeiro Redemptor da Patria oppressa,
A quem escora o throno,
» Ameaçando a terra, o mar, e o mundo,
O Heroe, que com justiça,
» Portuguez Scipião chamar-se deve! . . .
Treme Azamor, e Arzilla,
Treme Ceuta da espada Lusitana,
Que he raio em mão de Affonsos,
De Ataides, de Loppes, de Menezes! . . .
Mas onde vou deixando
O teu nome, ó Catão do Reino Luso,
Freitas, que, preferindo

168 ODES HORACIANAS HEROICAS.

A causa da justiça á da ventura, (1)
 Fiel ao juramento,
 Só quando o Rei não vive, a Praça entregas!...
 Oh Regulo do Tejo,
 Faria, mais que Heroe, que enxuto o rosto,
 Que o Forte não rendesse,
 Conscio de horrida morte, ao Filho ordenas...
 Onde ha Filho de Lysia,
 Que escute sem transporte o nome augusto
 Do impavido Pacheco,
 De Almeidas, de Albuquerque, de Barrêtos?..
 Quem pode amar virtude
 Sem os Castros amar! que digno verso
 Celebrar pode o nome
 Do feroz Mascarenhas, de Vieira,
 Hum, que em Dio rebate
 De Cambaia o poder, outro que arranca
 Ao Batávo espantoso
 A lacrimosa Olinda!... oh! com que assombro
 Vistes, Xemins briçosos,
 Ribeiro, que de hum Reino senão cega!...
 Conte dos Ceos estrellas
 Conte areias do mar, da terra as flores
 Quem as proezas tuas
 Numerar possa, intrepido Furtado!
 Dai-me ó Musas de Flacco
 A dulci-sona voz, porque descante
 O portentoso Henrique (2)
 O sabio Nunes, e os Hebreos sapientes,
 Que applanarão a estrada
 D'arduas Navegações ao Genio Luso!...

(1) *Victrix causa Deis placuit, sed victa Catoni.*
Lucano. Liv. I.

(1) O Infante D. Henrique, que fundando a Academia de Sagres, e promovendo o Estudo das Mathematicas preparou os grandes descobrimentos, e Navegações dos Portuguezes.

Auri-chuvo Commercio,
Ergue Estatuas aos nossos Argonautas,
Que, por mares ignotos,
Foram lançar a magestosa ponte,
Porque do largo Mundo
Os varios Continentes se conjugem,
Por onde os teus Alumnos
Trocã as producções de oppostos climas!
Os Dias, os Baldaías,
Crescencios, e de Zargo o Genio invicto,
Que os baixeis Luzitanós
De igni-vomós canhões armou primeiro!
Gama, que ousou, sem medo,
Furia arrostar de Adamastor sanhudo?
Novoa, que a esteira sua
Resoluto seguindo foi dar susto
Ao Malabar infido!
Cabral, que novo Mundo ao Mundo ajunta,
Correa, que descobre,
Manjimnifera Olinda, o teu recife!
O forte Albergaria,
Que em Meca faz tremer, sobre o sepulchro
Do mentido Propheta,
Moura superstição!... em quanto os mares
Se empolem, se revolvam
Ao rijo sôpro d'Aquillo's sanhudos,
Ha-de viver teu nome
Ousado Magalhães, que estradas novas
No pelago marcaste!...
Oh! que emprego sublime a nossas Lyras!...
Oleno, que ampla messe
De não-murchandos louros, que sombreiem
Nosso Jazigo honrado!

ODE XV.

Ao Padre Vicente da Cruz da Congregação do Oratorio de Lisboa.

Como em limpida fonte, em nossos mestres
Do Seculo das Letras Lusitanas,
E nas paginas ferteis dos Latinos
Tomem lingoagem pura os bons engenhos,
Francisco Manoel Epodo. I T. I.

Se intentas no bicipete Parnaso,
Vicenio, ser ouvido,
Sublime Tangedor da Lusa Lyra,
Ao ocio dá d'avesso,
Que não se alcança a gloria por caminhos
De inactiva brandura,
Põem peito aos alcantis de improbo estudo
D'onde risonha a Diva
Co'a laurea não murchanda te convida;
Ensopa essa alma inteira
Em nectar de omnimémor sabia Historia,
Que o estro te vigore,
Como ao fertil Arbusto anima, e presta
Humor vivificante
Rega salubre de opulento Rio:
De Sophia o Sol proficuo
Do teu engenho os fructos madureça;
Noite e dia medita
Quanto Grecia nos deo do Ceo bemquista;
De Theocrito, e Moscho
Ruræes doces canções, festivos Jocos
Do velho Anacreontê,

De Pyndaro os alti-sonos arrojos,
De Sofocles os Dramas,
E os portentos de Homero, que agigantam
A fraca Especie Humana, . . .
Vê depois como altivo o meu Lucrécio
Por não tentada senda
Guia ao Lacio as Aonias, e, nas azas
De seu metro robusto,
Sempre mais as ideias, que as palavras,
Percorre a Ausonia Esphera,
Qual rubido Cometa, sacodindo
Da grenha horri-luzente
Medos que enfiam palidos Tyranos!
Se em mais polidos tempos,
Se em fortuna melhor honrasse o mundo,
Só elle disputara
Da Romana Poesia o sceptro augusto
Ao Mantuano Vate;
Bem que ao nascer Caliope em seus bragos.
O recolheu benigna,
E com favos de Hymeto as lindas Graças
A infancia lhe allentaram . . .
Virgilio . . . a Nome tal, quem não se inclina! . . .
Quem pode ouvir sem pranto
Dido infeliz, que immerita perece . . .
Quem não prova a saudade
De Andromacha abraçando envolta em lucto
O Hectoreo Cenotaphio . . .
Quem frio pôde ver tenros meninos,
As Virgens, as Matronas
Com suas proprias mãos introduzindo
Entre festivos cantos
Na cara Patria os Gregos homicidas,
Que o ligneo bojo encerra . . .
Quem impetos não tem de arremessar-se
Na piza de Crebo
Para salvar a misera Princeza,

Que aos astros ergue os olhos,
 Os olhos, porque as mãos lhe opprimem ferros... (1)
 Ou não suspira vendo
 Priamo infausto, e a misera Rainha
 Com sangue maculando
 As aras que elle proprio consagrara... (2)
 Vá longe de Hypocrene
 Não nasceo Vate, não profane a Lyra!...
 Nem desprezes de Estacio
 As Thebanas canções, quando na mente
 Pierio ardor lhe ferve, (3)
 E hostes fraternas, e alternado mando,
 Em lamentosas pugnas,
 Com sacrilegos odios disputado
 Na marcia trompa entôa:
 Se vai de longe a Eneada seguindo (4)
 Nenhum Cantor Romano
 Recêbe de mais perto os seus fulgores:
 Censor, que te deslumbra
 Com profuso clarão de hum estro em chamimas,
 Cujo gelido peito
 Jámais se acalorou de ethereo fogo,
 Queres de Genio os vãos
 Sugeitar ao Geometrico compasso?
 Escapa a Natureza
 Monotono caracter deu aos Entes?
 Porque he bella huma Roza

(1) Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.

Virg. Eneiad. Liv. II.

(2) Sanguine fœdantem quos ipse sacraverat ignes

Virg. Ibíd.

(3) Fraternas acies, alternaque regna profanis

Decertata odiis, soutesque evolvere Thebas,

Pierius menti calor incidit.

Stat. Theb. L. I.

(4) Nec tu divinam Aeneida tenta.

Sed longe sequere, vestigia semper adora

Theb. L. I.

Em verdoso folhame entronizada,
 Com redolente aroma
 Em roda embalsemando os longos ares,
 He menos bello hum Cedro,
 Que no cume do Libano ás estrellas
 Com orgulho levanta,
 Pouso das Aguias, a ramosa copa?
 Não tem de Philomella
 O dolci-sono canto, e os sons maviosos
 A Brasilence Arara,
 Mas appraz c'o matiz das varias plumas!
 Não moldam de Ericina
 Meigos requebros, e anelladas tranças
 A Pallas, que, arrogante,
 Embraga o forte escudo, empunha a lança,
 E Exercitos derruba! . . .
 Contente de assombrar, de mais não cura
 Estacio, e se desmede
 Qual o Nillo fervendo am eadadupas! . . .
 Tydeo daqui troveja,
 Alem fulmina o Augure, e baqueia
 Com armas, com quadriga
 No Tenaro que espanta! . . . ali Jocasta
 Com lagrimas, com rogos
 Tenta acordar nos barbaros seus Filhos
 Fraternal amor dormente! . . .
 Mais ao longe impia Furia assombra as aras
 No regio sacrificio
 Votos a Jove pervertendo a Dite! . . . (1)
 Rápida em aurea Nuvem
 Desce dos Ceos a candida Piedade,
 Entre os dois campos poussa,
 Armas se abatem, lagrimas em chorro

(1) Nec Pater Ethereus Divumque has ullus ad aras.
 Sed mala Thesiphone trepidis incerta Ministris
 Adstat, et Inferno provertit vota Tonanti

Theb. L. XI.

174 ODES HORACIANAS HEROICAS:

Rebentam das vizeiras! . . . (1)
 Não rival, sem rival the hoje Ovidio,
 Aceito ás Musas todas,
 Por mates de harmonia navegando,
 Lá da origem dos evos
 Deduz o longo verso, em novos corpos (2)
 Mudando antigas formas,
 A fecunda invenção, e as facéis cores
 Deste, ó Vicenio, aprende,
 E honra as vezes com pranto os seus trabalhos.
 Que mellico sonido
 Sobre as azas dos Zephyros tremulla? . . .
 Escuto nelle a hum tempo
 Pyndaro, Alceo, e a namorada Sapho! . . .
 Horacio, eu te saúdo
 Legislador do Pindo, e Gloria, e delle,
 Ou, qual rapido Boreas
 Precipitados numeros correndo
 Altivo aos astros subas (3)
 As proezas de Drusso, ou suspirando.
 Qual vespero Favonio,
 Tanto mais bella, quanto mais perjura (4)
 Barina galanteies! . . .

(1) Vix steterat campo subita mansuescere pace
 Agmina, sentirique nefas; tunc ora madesunt
 Pectoraque, et tacitus subrepsit Fratribus horror.

Hel. Liv. XI.

(2) In nova fert animus mutatas dicere formas
 Corpora

Ovid. Met. Liv. I.

(3) Videre Rhети bella sub Alpibus
 Drussum gerentem, et Vindelici.

Hor. Liv. IV. Ode IV.

(4) Simul obligasti
 Perfidum votis caput, initeacia
 Pulchrior,

Hor. Ode VIII. Liv. II.

O que bebe no Rhodano espumoso, (1)
 O douto Ibero, o Anglo
 Decoram hymnos teus; e apenas cedes
 Na satyra ao de Aquino! . . .
 Terno Propercio, fervido Tibullo,
 Facil cantor de Lesbia,
 Em quanto tiver culto amor na terra
 Sereis na terra amados! . . .
 Nos mysterios das Musas erudido
 Por mestres tão sublimes,
 Qual da Grecia os Philosophos, que outr'ora
 Hiam ao sacro Egypto,
 Ao remoto Indostão da alma Sapiencia
 Colher salubres pomos;
 Para depois com indefesso estudo
 Da indole da Patria
 Nella os bens promover com luz estranha,
 Então virás, Amigo,
 Dos Vates immortaes, que o Tejo ufanam
 Beber lições precisas
 Com que á Patria proficuo á Patria agrade! . . .
 Vês como alegres correm (2)
 Os braços destendendo ao novo Alumno? . . .
 Esse que avança em frente
 He Ferreira, que ao metro as leis prescreve,
 E, das rasteiras trovas,
 A lingoagem levanta aos sons cadentes
 Da venusina Lyra,
 E com grego cothurno ousa primeiro
 Pizar soberbo a scenna?

(1) Me peritus
 Discet Iber, Rhodanique poter.

Hor. Ode XX. Liv. II.

(2) Fint of your Kind! Sociaty divine! . . .
 Still visit thus my nighths, for you reserv'd,
 And move my soaring soul to thoughts like your.

Thompson Winter.

Qual liquido cristal, que, em tenue veia,
 Com morbido susurro,
 De rocha em rocha escapa, assim nas almas
 Melifluos vão callando
 De Bernardes suavi-loquo os gorgeios.
 Como da aurora os raios
 Quando, surgindo, o Ganges avermelham,
 Com branda luz fulguram
 Teus versos, oh Rival do eximio Vate, (3)
 Que os rudes Pescadores
 Ensinou a trocar por doce avena (1)
 Os retorcidos busios ...
 Aligeros Amores, vinde á pressa
 Trazei de Idalia, e Chipre
 Lyrios, Boninas, Amarantho, e Rosas,
 Que a plenas mãos lancemos
 Ao divino Camões, ao Luso Homero,
 Que a meta assigna exácto
 Do Dialecto de Phebo ao Luso engenho;
 Que da rotunda boca (2)
 Gradiloquo, e corrente afflux entorna
 Harmonioso flumen,
 Que, os campos fecundando á nossa Historia,
 Prodigios circum verte,
 E faz que inveje o Tibré a gloria ao Tejo! ...
 Satellites brilhantes
 Destre Astro alti-splendente, os Ceos de Lysia
 Douraes, sublime Castro, (3)

(3) Fernão Alvares de Oriente.

(1) Sannazaro

(2) Dedit ore rotundo
 Musa loqui.*Hor. in Art. Poet.*

(3) Gabriel Pereira de Castro, Author da Ulyssea

Que á Patria, ao mundo, á Eternidade cantas (1)

Entre as armas nascendo

A Grão Lisboa, e seus primeiros muros! . . .

Tu do Douro ufania,

Brazão de Lysia, armonico Menezes, (2)

Cantor do Luso Achylles,

O intrepido Albuquerque cuja dextra

Na aurifera Malaca

Fixou das Quinas Santas o estandarte! . . . (3)

Tu que de Ilion em cinzas

Oh nectareo Macedo, á nossa Hesperia (4)

A braços co'a Fortuna,

Vendo varios costumes, varias gentes (5)

O multiconsocio Grego

Guias em marcio som de Smirnea tuba! . . .

Tu pollido Quebedo, (6)

Em cujo culto metro ouvante vòs

O Varão portentoso,

Que de Africano tem insignia, e nome, (7)

Que lhe lucrara Arzilla!

- (1) A Grão Lisboa, e seus primeiros muros
De Europa, e largo Imperio Insitano
Alta cabeça, se 'eu podesse tanto,
A' Patria, ao Mundo, á Eternidade canto.

Uli. Cant. I. Est. I.

- (2) Francisco de Sá e Menezes Author da Malaca conquistada.
(3) As Armas canto, e o grande Cavalleiro
Que ao vento as vellas deo na occidua parte,
E onde lá nasce infante o Sol primeiro
Fixou das Quinas santas o Estandarte.

Mal. Cong. Cant. I. Est. II.

- (4) Antonio de Sousa Macedo, Author do Ulysipo.

- (5) Ἀνδρὲς μοι εἴπατε Μούσα πολυτροπὸν, ὅς μευ ἄλλα.

Homer. Olys. Liv. I.

- (6) Vasco Mouzinho de Quebedo, Author de Affonso Africano.

- (9) As Armas, e o Varão illustre canto
Que de Africano tem insignia, e nome.

Aff. Afr. Cant. I. Est. II.

E tu em cuja Cithara sonora
 Virgilio não desdenha
 Na lingua de Camões soltar seus versos! ...
 Por tal arte, oh Vicenio,
 Foi ao Templo da Fama o culto Elpino (1)
 Cujas Ismenias setas,
 Bem forjadas nas incudes Dirceas,
 Tanto o Tempo feriram,
 Que exaníme soltou das mãos avaras
 Os nomes saudosos
 Dos Indicos Heroes, que o monstro infame
 Nas turbidas correntes
 Hia arrojor do Lethes deslembroso! ...
 Em tão gentil Pallestra
 Adestrado Gargão, mais forte Alcides, (2)
 Feroz prostrou, luctando,
 Feias Chymeras, horridos Phantasmas,
 Que do Parnaso as faldas
 Com deshonra da Patria salteavam ...
 Assim o culto Alfeno (3)
 (Nome saudoso a mim) e o Luso Ovidio (4)
 Mereceram, que as Urnas
 As Tagides saudosas lhe engrinaldem! ...
 E o divino Phylinto (5)
 Voa a la par do Lyrico Romano! ...
 Tu pois da Gloria amante,
 Tu, que genio possues, arte grangeia;
 Trabalha, e serás Vate,
 Trabalha, que he desdoiro entrar no campo,
 Para co' as armas limpas
 O Campo abandonar! ... nos dubios lances
 Terás no Amigo auxilio!

(1) Antonio Diniz da Cruz e Silva.

(2) Pedro Antonio Correia Gargão.

(3) Domingos Maximiano Torres.

(4) Manoel Maria Barbosa du Bocage.

(5) Francisco Manoel do Nascimento.

ODE XVI.

*A Domingos Pires Monteiro
Bandeira. (*)*

τῷδ' ἀνδρὶ πρώτῳ τοῦ πάντ' ἀγαθῷ,
 χροῖδ' ἐνὶ πῶ λώονιθιητῶν
 . . . ὅτ' ἦν, τότε Φωῖν.

I.

Em quanto na Germania espavorida

Em silencio espantoso

Calla de Marte a horrisona trombeta; (1)

E aprompta o Gallo audaz ao Mundo os ferros,

Que a liberrima Albion das mãos lhe arranca:

II.

Em quanto pelo mar, que enrubicera

Com mortês, e com sangue,

Quando ovante soltaste o vôo aos astros,

Oh! Nelson immortal, e envolto em fogo,

Foste ornar, nova Estrella, o firmamento: (2)

III.

Surgem louçans Nereidas, e admiradas

Reciprocas se mostram,

Memorando as acções do Heroe preclaro,

Na Patria, que se ufana com seu nome,

Pyramide triumphal no azul Imperio:

(*) Secretario da Meza da Consciencia, e Ordens, e Deputado com voto nella.

(1) Tratava-se da Paz entre a Austria, e França.

(2) Tinha-se dado a celebre batalha de Trafalgar, em que morrera este grande Almirante, depois de haver destruido as Frotas Hespanhola, e Franzeza.

IV.

Muza, tu, que meus labios bafejaste
 De celeste ambrozia,
 Quando recém-nascido os debeis olhos
 Mal descerrava á luz, e nos teus braços
 Apresentar me foste ao Délio Nume:

V.

Tu, que nas azas d'extasi acendido
 Guias o Grão Filintho
 The ao mistico throno, onde o Destino
 Rege a seu grado o Mundo, e lhe descobres
 Do futuro recondito os arcanos.

VI.

Se vallem minhas supplicas contigo,
 De jasmins, rhodias flores,
 Da rama virginal, ao raio izenta,
 Tece a Bandeira industrioza croa,
 Que os séculos, volvendo-se, não murchem.

VII.

Quem mais digno do que elle? ... Ah de mim longe,
 Que a Lyra, que me d'este
 De mentido louvor profanar ouze.
 Canto a Virtude: he da Virtude Alumno,
 Da Virtude cultor sôa em meo canto.

VIII.

Themis imparcial, que os seus Altares
 Desconsolada via
 Sem Ministro, sem victimas, sem fogo,
 Em tão fausto natal a voz desprende,
 E os grandes Fados teus abrio dest'arte.

IX.

» Graças oh! Jove! A estúpida Injustiça
 » Nem sempre as aras minhas
 » Ha-de incultas tornar! lá surge hum Génio,
 » Que, o facho da Razão tomando em punho,
 » Ha-de incensos queimar nos meus altares.

X.

- » Meu severo cultor, cultor de Pallas,
» Os annaes revolvendo
» Da douda antiguidade, de urnas de oiro
» Gostozo ha-de extrahir para reger-se
» Exemplos de Catão, de Tito exemplos.

XI.

- » No seio d'Amizade, e da Clemencia
» Tranquillo, recostado,
» Do crime zombará, que em vão bramindo
» Co' a cicatriz do raio do castigo
» Irá de chofre baquear no Inferno.

XII.

- » Cotre, ó Templo veloz, ditozo Dia,
» Sacro a mim, sacro aos Vates
» Por vezes cento, ou mais te veja ornado
» De Paradisicaes, cheirosas flores
» A fronte alçar no triumphado Ganges.

ODE XVII. (*)

*Aos Annos da Ill.^{ma}, e Exc.^{ma} Sr.^a D.
Constança da Cunha e Menezes.*

L'Amour a formé ses appas,
A l'Art elle sert de modele,
Et les Grâces font sentinelle
Pour que le Temps n'y entre pas.
Voltaire.

I.

Com que suave, torneado metro,
Me acodes hoje, sonora Euterpe,
Porque descante da gentil Constança
Lucido dia? . . .

II.

Constança, esmalte de preclara Estirpe,
De excelsos Cunhas, Marciaes Menezes,
Ciume a Venus, que das Graças bellas
Numero augmenta! . . .

III.

Amor se ufana, que ao fulgor divino
Vê de seus olhos dilatar seo Reino;
Folga a Virtude, que em sua alma ingenua
Candida vinga!

IV.

Quanto dar pode femenil Talento,
D'Arachne as Artes, de Minerva apuros,
Brilha em Constança, e d'arrostrar não teme
Improbo Estudo

(•) Pedida.

V.

Já se apropria do Britano austero
 Nervosa phraze, que o perceito esquivava,
 Os sons do Gallo, da engenhosa Italia
 Musico Idyoma!

VI.

Com brando accento, nova Karsch, adoça (I)
 De Kleist a Lingoa devotada ás Armas,
 E entre as ruinas do Latino Imperio
 Tacita escuta

VII.

Do grave Maro magestosos echos,
 Que, inda retumbam de aluidos Templos,
 Nas que, já de ouro, Colonatas forra
 Virede musgo!...

VIII.

Entra com Kant o santuario augusto,
 Onde desbasta do Empirismo os erros
 Transcendental Phylosophia, e varre
 Turbidas sombras!

IX.

Desce outras vezes com Linneo aos prados,
 Character, sexo, distinguindo ás Flores, (2)
 Ou de Natura com Buffon percorre (3)
 Epochas, Fastos!

X.

Agora admira nas douradas Folhas
 Da Patria Historia portentosos Feitos,
 Brazão de Lysia, que d'Avoz seos narra
 Inclita Fama!

(1) Anna Luzia Karsch, natural de Slesia, dita por Antónia a Improvizadora do Norte.

(2) Veja-se o systema sexual de Linnæ.

(3) Recorra-se a obra do Conde de Buffon, intitulada as Epochas da Natureza.

XXI.

Pende outras vezes dos canoros Císnes,
Que o aureo Tejo, modulando encantam,
Camões sublime, refulgente Elpino, (1)
Melico Elmano (2)

XII.

Ouve nas margens do soberbo Thames
Gray suspirando (3), trovejando Dryden (4)
Vê como empola, Metastasio ouvindo (5)
Tumido Tibre

XIII.

Vai com Delille por sapientes campos, (6)
Que florejara de Lucrecio o Genio (7)
Ou proprios versos accommoda á grave
Cythara Lusa! . . .

XIV.

Vem pois, Eutherpe, minha Lyra affina,
Saphicos modos soarão Constança,
The que repouze nos umbraes de Tethis
Languido Phebo,

(1) O Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos.

(2) Manoel Maria de Barbosa du Bocage, o mais harmonioso dos nossos Poetas, e elegante Traductor dos Jardins de Delille, das Plantas de Castel, da Agricultura de Rosset etc.

(3) Celebre Lyrico Inglez.

(4) O mais variado e Universal dos Poetas Inglezes, Traductor de Virgilio, e Author da celebre Ode Pyndarica, para a Festa de Santa Cecilia, que bastaria para o immortalisar.

(5) Depois de Virgilio nenhum Poeta soube melhor que Metastasio aliar o sentimento com da Phylosophia.

(6) O mais perfeito metrificador dos Franceses, e o melhor dos seos modernos Poetas.

(7) Famoso Poeta Latino, Author do Poema de *Rerum Natura*.

ODE XVIII. (*)

Ne di tanto vo lieta ch'io no gema
D'esser lontana dalla donna mia,
Lontana sempre!

Foscolo.

Do conjugal Amor Symbolo puro,
Terna, candida Pomba,
De Josino, e Marilia os Lares busca;
Os Lares onde alvergue
Encontrou foragida a saã Virtude! . . .
Os Lares onde brincam
Comedido Prazer, modestas Graças! . . .
E aos dois ternos Consortes
Prezenta o tenue dom, que te confio! . . .
Tenue dom, porém Filho
De ingenua gratidão, pura amizade!
Dize-lhe que, fugindo
Do Mundo enganador scilladas, riscos,
Quando corro a lançar-me
Entre os braços de hum Deos, que, compassivo
Dos Ceos descendo á Terra,

(*) Esta Ode foi remetida no bico de huma Pomba de alcorce acompanhando hum mimo, que a dois respeitaveis Consortes remeteo a Senhora D. Maria Jacintha, que tomava o veio no Convento da Villa de Cuba, no dia anniversario do Matrimonio dos ditos Senhores.

Pelicano melhor, com vivo sangue (1)

De seo rasgado seio

A' vida nos volveo; do Perystillo

De melhor Universo,

He para elles só, que a espasos volvo

A saudosa vista!...

Mas que leda lembrança acode á ideia?...

Este o dia ditozo,

Que os vio ante os Altares, enlaçando

As amorozas dextras,

Jurar-se eterna fé!... com que sereno

Encantador sorriso

Entre o pejo, e prazer suspensa a Esposa

Não proferio tremendo,

„ Sempre tua serei!.., serei teo sempre,

Em extasi de gosto

O Esposo proferio!... de Empyrio lume

Luminosa espadana

No vasto Templo subito se expande!...

As marmoreas Columnas,

As argentadas aras se abalaram

Com tremor jubiloso,

E do Orgão não tocado retiniram

Com suave harmonia

Os espontaneos sons!... e em quanto em roda

O attonito congresso

Em pio acatamento se immergeia,

Suave, como o sopro

De hum vespero Favonio, que o silencio

De clara estiva noite

Murmurando entre as rozas enterrompe,

O melodioso accento

(1) Kase ptiru, ka raspira

Osetrjen kgljónu svoje parsi,

I svom karvi bes osira.

Draghe ptichje pitta, i marsi.

Palm. Chro.

Da voz de hum Seraphim cantou desta arte.

» Salve, Par venturoso,

» Delicias do Senhor, da Terra esmalte!...

» Crescei, qual cresce a Vinha

» Sobre a fertil colina, em sãa Virtude!...

» Florescei na ventura

» Como o Lyrio floresce em terra amiga!...

» O Sol da Providencia

» Verterá sobre vos mais brando influxo!...

» Da vossa vida o tronco

» Regatos de Prazer banharão sempre!...

» E seos frondosos ramos

» Aura benigna de feliz socego

Embalará continua!...

» Virá Prole de vós, que vos semelhe,

» Que viva, cresça, e vingue

» Vosso esteio, e braço, da Patria Exempla

» Dos Ceos devello, e gloria!

ODE XIX.

*Nos Desposorios da Sr.^a D. Anna
Rodrigues Sette.*

Χαίροιτε λοιποὶ ἡμῖν,
 Ἡρώεις ἡ λυρὴ γὰρ
 Μοῦσος ἔρωτας ἄδει.
 Ἀνακ.

Heroes, para sempre
 Vos deixa o Cantor,
 Que a Lyra resoa
 Somente de Amor.
Ana. Liv. I, Ode I.

De novo enfloro a frente, afino a Lyra,
 E, entre Amphionias falsas
 Canticos de prazer c'o a voz lhe ajusto,
 Que vam do Tejo a Olinda
 Qual vem Progne, ao sorrir da Primavera (1)
 De enregelado clima a Ceo mais bello!

II.

Fiquem de parte Iliacas Batalhas,
 Simullados Ulysses,
 Impios Diomedes, inclitos Sarpédons,
 Sobrecenhos de Jove,
 Que ao sacudir das cerulas melenas
 Aballa, e treme o vasto Firmamento! (2)

- (1) My Muse, as a Bird of passage, flies,
 From frozen climes to milder skies
Young. Epist. a Voltaire.

- (2) Η, καὶ κυανέῃσιν ἐπ' ὄφρ' οἱ μέναι Κρονίῳ
 Ἀ' μεροσσαι, δ' ἀρα χᾶϊται ἐπερρωσαντο ἄρακτος
 Κρατος ἀπ. ἀβαιατοιο, μέγαυ δ' ἐλελιξεν ἰλυντοί.
Hom. Iliad. L. I.

Assim dizendo, de Saturno o Filho
 Franze o negro sobrolho, e do Monarcha
 Os ambrosiaes cabellos se enderessam,
 Na immortal frente, e treme o vasto Olympo.

III

Chordas tremi, dulcisonas da Lyra
 Amor tão só resoem,
 Só resoem de Amor também meas versos!...
 Vem Annalia aos altares
 Com o Esposo feliz!... correi, oh Graças,
 E de ricos festões os dois se enlaçam.

IV.

Qual rutila nos Ceos entre as Estrellas
 A prateada Cinthia,
 Quando no pleni-lunio larga entorna
 Reverberos de Luzes,
 Que lhe Phebo emprestara, e a quem, deixando
 Só macio clarão, tolhe ella o fogo!

V.

Tal de Olinda entre as Virgens, e as Matronas
 Fulge a formosa Annalia,
 Tem nos olhos prazer, nos labios rizo,
 E não sei que feitiço
 Desfargado adejando-lhe d'entorno
 Lhe ensaia o moto, lhe regula o passo (1).

VI.

Desce oh doce Hymineo! com o facho accezo,
 Preside ao juramento
 Da eterna fé, e amor! Pronuba Juno
 Do Consorcio lhe explica
 Misteriosos ritos, leys sagradas,
 Que o Dever promulgou, e os Ceos approvam!

(1) Quidquid agit pariter certant componere furtim
 Et Decer, et Charites, et Pudor ingenuus.

Balth. Castiglione.

VII.

- » Ter hum só sentimento, huma vontade,
 » E em corações diversos
 » Os Prazeres communs, communs as magoas,
 » E hum ao outro apoiado
 » Afrontar repelões da instabil sorte,
 » Como a vide abraçada ao Chopo amante!

VIII.

- » A senda he nova que te aponta o Fado.
 » Assim dura entre os Astros
 » Gravádo o Nome de Eponina, e de Arria,
 » De Mausolo a consorte
 » De tal modo luzio; e de E'vo, em E'vo
 * Hypermnestra realça em fama, em gloria.

IX.

- » Ella, unica piedosa entre Irmãas Tygres,
 » Do Adolescente Esposo
 » O punhal não cravou no peito inerte!
 » Ao nefando Decreto
 Do abominoso Pay faltou briosas,
 » Ao rancor se lhe opoz, poupou dois crimes.

X.

- » Surge (disse) oh Linceo, o somno expelle,
 » Que do Thalamo em roda
 » Par a par co'a Traição destende a Morte
 » Sangui-manchadas plumas!
 » Foge em quanto te envolve a Noite em sombras,
 » Se hum momento perdeste, a vida perdes!

XI.

- » Ouves rugir como Leão, que a presa
 Famelico lacera? ...
 » Minhas impias Irmãas lá se entre-animam
 » A Espozicidio infando! ...
 » Ouves nos ares tremulos suspiros? ...
 » Teos trahidos Irmãos a vida exhallam!

XII.

- » Ah! foge! o tempo em lagrimas não gastes!
 » Embora me sepulte
 » Barbaro o Genitor em carcer negro,
 » A ferro acicalado,
 » A veneno recorra; eu não desmaio;
 » Meu Consorte salvei, com gloria acabo!

XIII.

- » Parte: o meo coração levas contigo,
 » E onde quer que te arroje
 » Destino mais feliz! mares transponhas,
 » Ou te acolham Desertos,
 » Lá ergue hum Cenotaphio; alli piedoso
 » De quem tanto te amou dá honra aos Manes.

XIV.

- » Como o Arbusto gentil nascido á beira
 » De cristallino Rio,
 » Com quem sabio Cultor benigno esgota
 » Amor, desvelo, industria,
 » Suberbo emfolhã, e em sazonanados fructos
 » Ao seu bom Bemfeitor paga a Cultura!

XV.

- » Quando no peito do mimoso Infante
 » Por maternal industria
 » Dispostos foram da Virtude os germinens;
 » Em virtude progride,
 » He da Patria Brazão, aos Pays da Gloria,
 » Mimoso aos Ceos se volte, a si proficuo!

XVI.

- » Oh se algum dia eu te allumiar com Prole,
 » Com ditames, e exemplos
 » O Espirito lhe formal! que não cinge
 » Grinalda mais preciosa
 » De huma Matrona a fronte que a difficil
 » Perfeita educação, que lhe orna os Filhos!...

ODE XX. (*)

A Lycidas.

E vedi che i Pastor d'erbe novelle
 Sacrificio ti fanno; e dicon poi
 Sic propizio a chi t'ama, e a chi tonora.
Vennica Gambara.

Quando a mais pura emanção do Lume,
 Que os astros vivifica,
 Desce a infundir na Terra alento, e vida
 No Heroe, que o vasto mundo,
 Nascendo, vem honrar, na Olympia Estancia,
 Desenrugando Jove
 O rispido sobrolho, o raio deixa,
 E a solemne banquete
 Os immortaes Celicolas convida,
 O flavo Ganimedes,
 A sempre-joven Hebe se affadigam,
 Hum ministrando o nectar,
 Outra adoce Ambrosia! o Pai dos Numes
 Ufano se recreia,
 Contemplando as Virtudes, que adereçam
 A nova copia sua,
 Que aos Homens, seu desvello, e seu deleite,
 De conferir acaba,

(*) Pedida.

E os bens, que della brotarão sem conto!...

Assim na Lusa Esphera

Rutilou teu Natal, Lycidas caro,

Tu, que do affecto Luso

A estrêa grangeaste, e os Lusos honras!

Tu, Protector do Honrado,

Amparo do Infeliz, recto Ministro,

Cuja inflexivel vara

Torcer-se nunca soube, e que prendendo

Em tão difficil laço

Inteiresa, Piedade, Honra, e Sciencia

E's Cidadão proficuo,

E's Amigo fiel, e dás ao mundo

O sublime transumpto

Da gabada virtude em priscas eras!

Fallas, e em teus discursos

A facundia de Cicero se escuta;

Julgas, e em teus juizos

Parece de Catão, ou de Aristides

Na Curia, ou no Areopago

Distribuir justiça o Genio eximio!...

Se do saber te entranhas

Pelo bosque vedado ao nescio Vulgo

Acorrem-te ao encontro

Livio, Heredoto, Homero, e Maro, e o Sábio

Perceptor de Alexandre,

De Estagira braço, do Globo estrella!

Vem Euclides, e Newton,

Justiniano, Licurgo, e quantos outros

Ou nas priscas Idades,

Ou nas modernas Epochas souberam,

Do estudo a luz seguindo

Abrir caminho, atropellando empegos.

Para o monte escarpado

Onde torrea o venerando Templo

Da Literaria Fama

Onde nunca se ouviu fragôr das armas

194 ODES HORACIANAS HEROICAS:

Nem bellica trombeta
Com medonho clangor chamando á Morte;
Onde a dextra homicida
De injusto vencedor jámais pendentes
Deixou troféos cruentos
Em que atroz Despotismo emprega a vista
Com impia complacencia!...
Mas Templo, cujas portas se franqueiam
Só do merito ao brado,
Só aos raros Humanos, que apresentam
Por títulos, por foros
Os Titulos, os Foros, com que hum dia
Lá subirás ovante,
A approvação dos Ceos, do Mundo o applauso
Do desditoso as benções!

ODE XXI.

A Sr.^a Maria Gramville Oldman.

Dedicando-lhe a Traducção das tres Odes de Gray, intituladas: O Bardo, os Progressos da Poesia, e a Adversidade.

*Carmina possumus
Donare, et pretium dicere muneris.
Horat.*

I.

Tu, que possues do Luso, e do Britano
Os Idiomas des-similes, e ás Musas,
Amada Oldman, te inseres,
Ou no Cimbalo brinquem
Os dedos teus co' as flores da Armonia,
Ou soltes, Angla Sapho, Hymnos de fogo?

II.

Oh tu, de cujo riso o Sol dimana,
Que a lugubre existencia me illumina;
Que nos amantes braços
Fido azillo me offertas
Contra os dolos de amigos refalsados,
Punhaes da Inveja, e assinte dos Destinos;

13 *

III.

Como outr'ora das cábalas dos Zoilos
 Com a engraçada Emilia s'esquecia (I)
 De Bourbon o Virgilio,
 Ora com ella transpondo
 Do Mundo Metaphysico as barreiras;
 Ora folgando nos jardins de Gnido.

IV.

Pois que mil vezes m'enfeitaste a Lyra
 De rosas, e jarmins, e á fresca sombra
 Desse Plátano annoso,
 Contente m'escutaste
 Versos do Coração, de que eras alvo,
 Que decoravas terna, e Amor pagava.

V.

Canções, que á margem do soberbo Thames,
 O Filinto Britannico entoava. (2)
 Quando co' a mente acceza
 De Pyndarico influxo
 Hia, brioso, transvoando as nuvens
 Beber no Olympo a pratica dos Numes. (3)

(1) Gabriella Emilia, Marqueza de Chartelet, celebre igualmente pela sua vastidão de conhecimentos *Phylosophicos* (de que são bastante prova as suas *Instituições Physicas*, onde explana os principios de Loke, e a traducção, e comento de Newton) pela sua belleza, e extremoso amor a Voltaire, com quem viveo mais de 20 annos.

Il bet Parigi

Che tu Voltaire, via piu bello fai
 Riveder mi fa dato, e Emilia tua
 Dei Mondo Methaphysici leggiadra
 Abitatrice.

Il Conde Algaroti Epist. a Volt.

(2) Se para exaggerar o merito de hum Poeta Lyrico se lhe chama o Pyndaro, ou o Horacio da sua Nação, porque não poderei eu para elogiar o suavissimo, e sublime Gray appella-lo o Filinto Inglez? . . . O nome de Francisco Manoel, valle, pelo menos, tanto como o de Horacio, ou Pyndaro; e o Patriotismo manda, que não escacee a gloria dos meus para a dar aos estranhos.

(3) Verso de Filinto, ou Francisco Manoel.

VI.

Que altaneiro seu vôo! . . . a dextra armada
De Apollineos relâmpagos, e raios,
Ora se ostenta em chamas;
Ora se envolve em sombras,
Qual Jupiter seus lumes fecha em trevas
Mais magestoso a transluzir por ellas! . . .

VII.

Precioso expolio, que aturado estudo
Para mim conquistara em Pindo estranho,
E a que dei mor belleza
(Em quanto Elmiro as plantas
De roço oscula a estupidos Lucullos,)
O meu Amor liberrimo te offerta,

VIII.

Qual gentil Virgem, nos Certões nascida,
Que Uruguai banha, em simples attractivo,
Sim Amores inspira,
Mas hum certo ar bravo.
De entorno della de continuo expelle
Graças polidas, que ella attrahe continuo.

IX.

Ah! que hum dia se mostre amaciada
Por mão da Urbanidade, e troque á seda
Plumoso antigo ornato! . . .
Verá subito o enxame
De férvidos Mancebos disputar-lhe
Hum sorriso ao desdem, hum terno affago.

X.

Tal de Gray a Poesia: o Genio a inspira,
Orna-a Philosophia, o Gosto a pule;
Mas de seo pátrio Idioma
Natural aspereza
Hum pouco offende a louçania, o viço
Da egrégia consepsão do eximio Bardo

XI.

Hoje envolvida em melica Armonia
 Da mimosa de Venus Língua Lusa (4)
 Soberba a ti remonte
 Quem ha hi que lhe negue
 Applauzo, e estima aos quadros portentosos,
 Se he Britano o Desenho, e o Pincel Luzo? ...

(4) Hum dos motivos, que Camões no 1.º Canto da Luzia-
 da allega para a paixão, que Venus, mostra pelos Portuguezes,
 he a doçura da sua lingua, tão parecida com a Latina,

Sustentava contra elle (*) Venus bella
 Affeigoadá á Gente Lusitana
 Por quantas qualidades via nella
 Da antiga tão amada sua Romãna:
 No forte coração, na grande estrella,
 Que mostraram na Terra Tingitana,
 E na Língua, na qual, quando imagina,
 Com pouca corrupção, crê, que he a Latina.

Camões Lus. Cant. I.

(*) Contra Bacho,

ODE XXII.

A Jonio.

Nunc est bibendum, nunc pede libero
Pulsanda tellus,

Horat.

Entre as neves do turbido Janeiro
Ergue risonho a frente
De Jonio o Natalicio; raia luzes
Na Lusitana Esphera,
E convida ao prazer quantos se votam
A' sincera Virtude! . . .
Jonio de Marte, e de Minerva Alumno,
E que Rival de Achylles
Troveja sobre os campos de Belona,
E ao destemido Gallo
Faz a Terra morder, vertendo em sangue
Abominosa vida!
Mas, se tregoas hum pouco faz a Guerra,
Entregue todo a Phebo,
Nas curtas Férias d'improbo trabalho,
A Cythara d'Elpino
Com doce Plectro harmonico ferindo,
Hymnos Dirceos lhe ajusta,
E vê, d'emtorno a si Graças, e Amores,
As Dryas, e as Napeias,
E as Tagides gentis, que, pare ouvillo,
Féra d'agoa levantam

As orvalhosas frentes, como outr'ora
As Savonenses Nymphas
Vinhão bordar as Ligures campinas
De Chiabrera aos accents! . . .
Se para enriquecer-me o Sol lidasse
Como operoso Escravo
Nas Brazillicas minas, convertendo
Em ouro a esteril terra,
Eu dera a Jonio Luculianos mimos! . . . (1)
Mas se o mesquinho Fado
Me nega os Bens, que Numes são do Avaro,
Rico só d'alma pura,
De Ingenuo coração, festejar quero
Seu grato Natalicio
Com quatro copos d'explendente Alambre;
Que Madeira enriquece,
Prezado Filho das preciosas cepas,
Que para ornar-lhe o seio,
O Veneto sagaz roubara em Creta! . . .
Com mil fervidos votos
Aos Ceos, por que a carreira da existencia
De rosas lhe tapizem,
Com versos, que aprendi do eximio Mestre
Venusico Phylintho!

(1) Bonarem páteras, grataque comodus
Censorine meis ara sedalibus.

Horat.

ODE XXIII.

*A' Sr.^a D. Leonor Bernardina Xavier
Durão.*

Hic, hic morabor sedulo;
Ubi Gratiae, Decor, et Venus
Tam blanditer simul canunt,

I. *Petrus Crinitus,*

Pôde o Thracio Cantor de Pluto ao Reino
Tenebroso descer, e ali soltando
A dolci-sona voz casada á Lyra
Embrandecer Charonte.

II.

O infero Jove se recosta ao sceptro,
E extasiado o attende: commovida
A rígida Prosérpina lhe outorga
Tornar á vida a Esposa.

III.

Euridice ditosa, se no amante
Menos ternura houvesse! por fraguados
D'aspera senda, que conduz ao Mundo,
Vam tenteando as sombras,

IV.

Qual, do mirante, ao Mercador inquieto,
Que observa entrando com galerno vento
Do Tejo a barra o Galeão, que o Ganges
A enriquecelo envia

V.

No peito ao Vate o coração palpita;
Devora ávido o som da planta amada,
E se falha hum momento, já presume
Lhe he roubada a Consorte! . . .

VI.

Quanta vez a impaciencia, e quanta o susto
A voltar-se o persuade, e a contemplala!
Veda-lho ordem fatal do Rei dos Manes,
Em quanto pize o Averno.

VII.

Já lhes reflecte a tibia claridade
 D'aproximada terra... ah! que he mais facil
 O excesso sustentar da desventura,
 Que da ventura o excesso!...

VIII.

De prazer, e de amor Orpheo delira;
 Perde memoria, e cizo! e transportado
 Volta-se á Bella, quer lançar-lhe os braços,
 Salvámo-nos, exclama!...

IX.

Transgredido o precelto, arrebatada
 Lhe he subito a Consorte!... em vão procura
 De novo obtela; rogos balda, e os mestres
 Seus músicos primores.

X.

Ah! se elle houvera o magico prestigio
 Da tua linda voz, oh Ninfa amavel!...
 Se elle soubese, como tu, juntar-lhe
 Da harmonia os florêos!...

XI.

Da efficaz expressão, com que revestes
 Alheios sentimentos, se adornasse
 Sua eloquente dor, então veria
 Novo prodigio o Mundo,

XII.

As cenhosas Euménides dormirem,
 Vira parar dos Réprobros as penas;
 De marmore o Trifauce, e a fatal Urna
 Da mão cahindo a Mínos.

XIII.

Vira inda mais os Despotas do Inferno
 Derrogar sua Lei, torcer-se os Fados,
 Trouxera á luz a Esposa vezes duas
 Perdida, e recobrada.

ODE XXIV.

A' Actriz Jozefa Thereza Soares, representando a parte de Ninna.

N'alma, no coração, que effeitos deixa! . . .
 Ou júbilo, ou terror, ou pasmo, ou pranto! . . .
Bocage.

I.

Surge, sublime Actriz, surge, e dá gloria
 A' Lusitana Scenna, empenha os muitos
 Prestigiosos encantos, que Natura
 Te deo com mão rasgada.

II.

Surge, que tecem flóridas grinaldas
 Melpomene, e Thalia, que laureem
 Daquella, que na Elysia as traz vallidas,
 A magestosa frente.

III.

Eia! faze-me ouvir em som magoado
 Ais de Amor infeliz, quanto extremoso;
 Farta meu coração, que em sentimento
 Anhella d'ensopar-se

IV.

O Palladio Mondego, ora em silencio
 Morde lascivo a espreguiçar-se, as margens,
 Ora em levada, empola-se, trasborda,
 E solto assola os campos,

V.

Da Estação modelado. Em fina tella
 Se o divino Urbinate, o genio apura,
 Talhes, gésto, expressão, varia, e roupas
 Como o requer o assumpto.

VI.

D'arte igual mais enérgica Pintora,
 Das diversas paixões nos dá as cores;
 E esteril, sem-sabor monotonia
 Jámais te assombra os quadros.

VII.

Quanto em mil se admirou, em ti se aduna
 E's no imperio Clairou, Gaussin no pranto, (1)
 Le Couvreur no sentir, Oldfield no gésto,
 Dusmenuil no tocante.

VIII.

Assim te elevas da Memoria ao Templo,
 E Aguia Real sobre olhos com desprezo
 D'além das nuvens clangorosos Ganços
 Nadando em lago humilde,

(1) Clairon, Gaussin, Le Couvreur, e Dusmenuil celebraes
 Actrizes Francezas. Oldfield celebre Actriz Ingleza, que foi se-
 pultada junto dos Tumulos dos Reis de Inglaterra.

Si les Anglois ont inhumé la celebre Oldfield á coté de leurs
 Rois, ce n'étoit pas son metier, mais son talent qu'ils voulaient
 honorer. Chez eux les grands talens annoblissent dans les
 moindres etats : les petits avilissent dans les plus illustres. Et
 quant á la profession des Comédiens, les mauvais. et les medio-
 cres sont méprisés á Londres aut ant, ou plus que par tout ailleurs.

Rousseau.

ODE XXV.

*A desastrosa morte de duas Jovens que
se afogaram na Praia das Maçãs.*

De toutes ces formes l'effet,
Et tant de sodaines nuances,
Et telles diverses nuances,
Un jour les fait, et les defait.
O nature, nous nous plaignons.
Que des fleurs la grace est si breve,
E qu'aussi tot que les voyons,
Un malher tu dons nous enleve.

Baif.

O' praia das Maçãs, famosa outr'ora
Por orlares risonha
O Eden Luzitano! a quem saudam
Com jubilosos vivas,
Descobrimdo-te ao longe, os Navegantes.
Que deslembrao ao ver-te
Da viagem penosa os tedios todos! ...
Teu nome já tão grato
Como perdeste assim? porque resoa
Aos ouvidos dos Lusos
Agora aborrecido, em som de pranto!
Porque de ti desviam
Agora o rosto as Graças, e os Amores?
Porque a risonha Venus
Te maldiz iracunda, e te pragueja! ...?
Porque a torva Desgraça
Sentada em negra nuvem nos teus ares
Leda, e ufana campea? ...
» Porque (materno pranto alem responde)
» Essa praia funesta
» Theatro foi do tragico successo;
» Porque a foice da Morte

» Flores alli ceifou, que começavam
» No Jardim da existencia
» A hir desabrochando entre os aromas
» De juvenis encantos!
Como o prazer sorrindo nos conduz
Do precipicio á beira,
E d'elle atraigoado nos arroja
No abysmo do infortunio!...
Das maritimas praias fugi cautas,
Oh juvenis Donzellas!...
Sim, fataes para vós em todo o tempo
As praias se mostraram,
Corria as praias de Phenicia Europa,
Quando o fingido Touro
Para sempre a roubou ao Pai, e á Patria.
Nos litoraes rochedos
Geme Alcyone meiga em fórma alheia;
De Scicilia nas praias
Colhendo flores, ella flor mais linda,
Foi pelo Rei do Averno
Colhida, arrebatada a linda Filha
Da Legifera Ceres?...
Oxalá que taes quadros aterrassem
As tres formosas Nimphas
Que do Banho o prazer a ti chamara,
Oh praia lastimosa!...
Inda nos braços teus, honrado Almeida,
Extremoso apertaras
A Filha em quem teus olhos se reviam!...
Bemdiceras ainda
O justo Céu, a Esposa que aditara
Seu talamo pudico
Com tão formosa prole, inda te houveras
Pelo Pai mais ditoso
Da Lusitana terra!... nem teus lares,
Adelaide formosa,
Retumbariam com sentidos prantos,

Com maldições ao fado
Que a teus ternos parentes te roubara! . . .
E menos dois jazigos
De Colares no Templo indicariam
O Nada da existencia! . . .
Que idade juvenil, virtudes, graças
Não valem contra a Morte! . . .
E se inda os olhos teus, gentil Sophia,
Se abrem do Sol aos raios,
E luzeiros de amor derramam inda,
De intrepido Mancebo
Ao heroico denodo é só devido! . . .
Nas cristallinas aguas,
Pizando a mole areia, alegres rindo
Entraram mal cuidosas
As tres miseras victimas! . . . ao longe
Furibunda se enrolla
Cresce como montanha, onda espumante
A' praia vem, e envolve
As Donzellas gentis, que sepultadas
Nesse liquido abysmo
A' vista se esconderam; com cem braços
De irresistivel força
A funesta resaca as leva ao longe! . . .
Soam afflictos gritos
Das miseras, respondem-lhe outros gritos
De quantos presenciam
Tão funesta cathastrophe! . . . não gritas,
Intrepido Vieira,
Mas resolutto arrojas-te, combates
Co'as ondas, que soberbas
Por toda a parte rugem! . . . triumphante
Eis surge! . . . eis tras nos braços
Da mimosa Sophia o doce pezo,
Desanimada, e fria,
Em quanto as companheiras desditosas
Da vida despojadas

Lá vão rolando á descripção dos mares,
 Que alfim á terra volvem
 Seu exanime expolio!... ousado Joven,
 Recebe em minha Lyra
 Merecido louvor!... tu encaraste,
 Salvando alheia vida
 O semblante da morte!... e vós oh Nymphas
 Da ditosa Ulisseia,
 Carpi das vossas ternas companheiras
 O miserando fado;
 Derramai-lhe na campa odoras flores,
 Simbolo verdadeiro
 Dos que Natura lhe doara encantos,
 Na curta vida sua!

SONETO

*Que o Sr. Francisco Joaquim Bingre dirigio ao Author
 por occasião de ler esta Ode.*

Tagitano Cantor, Silva laureado
 Pela delfica Mão, que assás te inspira
 A tirar doces sons da acorde Lyra,
 Que a fama tem da terra, aos Ceus alçado!...

Eu, que ahi já cantei, quando do Sado
 Aos dois Cisnes cantar o Tejo ouvira: (1)
 Hoje nas praias da salobre Mira,
 Onde o Vouga descáe, vivo curvado.

Bem que ao estro gelasse a longa idade
 O sabôr me ficou, teu triste canto,
 Me encheu de dôr, de magoa e de saudade.

O tragico successo, é d'alto espanto!...
 Do teu sentido carne a suavidade;
 Até das pedernaes, arranca o pranto.

(1) Bocage, e Santos e Silva.

ODE XXVI.

A Actriz Josefa Thereza Soares, apparecendo pela primeira vez em Scena, depois de estar dois annos fóra do Theatro.

Jamque aderat spectata dies, qua nulla redibit
Dum lucem effundet Titan formosior ulla.

D. Thomaz de Bem. Castreidos Liv. II.

I.

Outra vez retilhar, Clairon de Lysia,
Vens o estadio Theatral esquivo a tantos;
Como descende coroadó Athleta
A' já deixada area.

II.

Mais os olhos encanta a Luz de Phebo
Pondo em fuga os Satellites da Noite,
De que ao Zenith, profusa derramando
Diluvios d'esplendores!

III

Quam doce he disfructar da Patria os mimos!
Mas no furor d'horrisona procella,
Surdindo á praya o Naufragado allagado
Mais doce a encontra ainda.

IV.

E eu que do Pindo com despeito ouvia
Estranhado na Scena o sacro Idyoma
Qual de barbaros labios viciado
Nos trava o patrio accento,

V.

Mimosa de Melpomene, e Thalia,
Quam ledó ora assomar te observo á Scena!
D'hum lado a Compaixão, e o Terror d'outro
Avanças magestosa.

VI.

O severo costume te precede (1)
Do veo dos E'vos atravez t'aponta
D'Egypto, Grecia, Roma, as Nações todas
Usanças, modos, trages.

VII.

Mil coloradas plumas destendendo
Viva Imaginação te circumvoa;
E d'ella a influxo, alheios sentimentos
Vivos te brotam n'alma.

VIII.

De ti, de nós, do Mundo nos deslembras
Quando empenhas os magicos prodigios
Teus olhos fallam, tua voz retumba
Dos corações no fundo (2)

(1) Arte de caracterizar tanto em desuso em nossos Theatros algumas vezes pela indolencia dos Directores, e quasi sempre pela ridicula vaidade dos Actores, e Actrizes, que só consultam o que lhe fica melhor, e não o que he mais conveniente: por isso vemos a cada passo os Romanos vestidos de Turcos, os Chinas vestidos de Romanos, os Inglezes do tempo d'Alfredo como os dos nossos dias, as Nymphas de mantos, e toucados, e ascriasdas como as Princezas. etc.

Par un mensonge heureux voules-vous nous revir? . . .

Aut severe costume il fant vous asservir

Sans lui d'illusion la Scenne deprovue

Nous laisse des regrets, et blesse notre vue.

Je me rie d'une Actrice indigne de son art

Qui rejecte ce joug et s'habille au hazard;

Don't l'ignorance altiere ouseroit sur la Scene

Dans un cercle enchainar la majeste Romaine,

Et qui n' offrant aux yeux qu, un faste inanimé

Consulteroit Meri (*) pour draper Idamé.

Dorat. Declam. Cant. I.

(*) Modista de Paris que fornecia os adornos de muitas Actrises.

(2) Words that weep, and tears, that speak.

Powley.

IX.

Onde hum Carre feroz, que te rezida?...
 Quando imploras piedede, és Castro inerte (1)
 C'os filhinhos beijando o chão, que piza
 O vacillante Affonso.

X.

Mas se marchando da Vingança ao faxo,
 Furibunda Medea, anhellas sangue,
 Tens na boca, o trovão, na vista o rayo,
 No rosto as fúrias todas!... (2)

XI.

Paga-se Actriz vulgar de palmas, vivas: (3)
 Tu silencio, tu lagrimas exiges,
 (Mais energico applauso) e, em nossos peitos
 Despotico dominio.

- (1) Voulez-vous sur la Scène exciter la tendresse?...
 Il faut que votre abord, que votre air interesse,
 E puisse faire eclorre en nos coeurs agités
 Le feu des passions, que vous représentés.
 (2) Aux roles furieux vous etes livrée?
 Qu' une œil etincelant peigne une ame égarée.
 Ayez l'accent, le geste, et le port effrayant,
 Que tout le peuple ému fremisse en vous voyant
 Laissez-nous pressentir vos complots homicides,
 Et sur vos pas sanglants traînez les parreicides.

O mesmo A.

- (3) Paraissez, armez-vous d'une noble assurance,
 Et de cette fierté, que permet la decence:
 Que jamais vos regards fautifs, et caressans
 No semblent mandier les applaudissemens;
 Le Public de daineux, hait, ce vain artifice,
 Il sifle la Coquette, Il applaudit l'Actrice.

O mesmo A.

Que arredadas desta doutrina não vam a maior parte das nos-
 sas Actrizes, que eu tenho visto desmaiar rindo, conversar para
 os Bastidores, e houve tal a quem eu vi com todo o descara-
 mento acceitar da Friza de boca hum papelisso de bolot.

ODE XXVII. (*)

A Mireo.

Sume superbiam
Quesitam meritis.
Horat.

I.

Cythara de Philintho, em que descorro
Novos modos de Lyrica Harmonia,
Cujos echos retumbam pelos campos
Da longa Eternidade!

II.

Cythara, grata aos Numes, e aos Humanos,
Hoje de novo te dedilho as chordas,
E o Nome de Mireo salvo das ondas
Do deslembroso Lethes!

III.

Divina Gratidão me inspira o Canto,
Divina Gratidão, que as mãos travando
Co' a sã Beneficencia os Homens prende,
Em religioso laço!

IV.

Une-se deste modo ao Desditoso
Aquelle, a quem sorrio nascendo o Fado:
Agros espinhos da Existencia em Rozas
Dest'arte se convertem!

(•) Pedida.

V.

Bramisonos tufões o mar revolvem,
Tortuoso corisco estala, e fende
Pezadas trevas, que envolvendo a esphera
A noite antecipavam,

VI.

Rasgam-se as vellas sibilando . . . estoura
O Mastro, as vergas; não regula o leme,
E as Nãos gemendo em grande copia as ondas
Pelas junturas bebem!

VII.

Debalde o Gama sem pavor pertende
Com grave mando, exhortações amigas
Chamar dos Nautas ao gelado peito
O Lusitano esforço!

VIII.

Eis subito clarão depura os ares,
Fogem os ventos; tranquilliza o Pégo,
E a Frota salva do eminente risco
Soccorredora Venus!

IX.

Porém menos propicia ao Luso Nauta
Foi a Deoza, oh Myreo, que a mim teu braço,
Que me arrancou das ondas Infortunio,
Que naufrago cortava.

X.

Quando se mova o Sol, parando os Astros,
Quando a Terra de flores não se arreie,
Quando a ingenua Virtude achar entrada,
No coração de Elmiro,

XI.

Deixarei de cantar Virtudes tuas,
As Virtudes dos teus, que vingam, crescem,
Quaes Salgueiros nas margens saudosas
Dos Babylonios Rios,

XII.

Hoje que de Açucenas coroadado
 Teu festivo Natal ao Mundo assoma,
 Como a Festa, de hum Deos celebrar quero
 Tão venturoso Dia

XIII.

Oh Genios do Prazer, voai ligeiros,
 Rozas colhei nos Hortos da Amizade,
 Com ellas, e fragante Rosmaninho,
 Me guarnecei o alvergue!

XIV.

Ledas Donzellas, festivosos Moços
 A Alegria conduza; e se resumam
 Em solertes Choreas, e Tripudios
 As prolongadas Heras.

XV.

Livre circule, e trasbordando, a Taça,
 Beba o Nectar de Chypre o pavimento
 E metade da Noite ao plumbeo somno
 A Musica subnegue.

XVI.

Cante a intervallos, jubilozo Choro
 Da minha Lyra ao som: « Em farta cópia
 » Chova sobre Mireo, de gloria, e ditas
 » Benefica torrente!

XVII.

» Puros, seus Dias, quaês Nectóreos, durem,
 » Corram serenos quaes do Tejo as ondas,
 » E os doces pomos da vívaz saude
 Natnra lhe offereça!

XVIII.

» Prodigio de saber, e de Virtude,
 » Aos Lusiranos grato, aos Ceos mimozo
 » Viva o seu Nome, quanto o Sol, na Terra,
 » A florecer na Fama!

ODE XXVIII.

A' Actriz Luduvina Soares, representando na minha Traducção da Zaira de Voltaire.

Da voi vienmi lo stile, e voi levate
Sovra se stesso il debile intellecto,
Poi che la Cetra mia ranca, e discorde
Si ha da lucci d'amor fate le corde.
Marini Adon. Cap. VII. Stan. V.

I.

Versos marcados de Aganippe ao cunho
Foram em toda a idade
Anciada recompensa
De intrepido valor, sublime engenho.

II.

Versos, que a Eternidade lhe afiansam,
Mais prezam, mais estimam
As almas bem nascidas,
Que do fulgido Oriente as perlas todas.

III.

Recostado no gremio da Victoria,
O Venecdor de Arbelas
Inveja ao fero Achylles
O grave som da Homérica trombeta.

IV.

E eu, que, mercê de Phebo, á frente enramo
De verdejante Louro,
Meus versos te consagro,
Porque os sabes prezar, e hes digna delles.

V.

Outro, pulsando a Cythara de Theios,
Celebra em metro ameno,
Formosa Luduvina,
Tco rosto encantador, e olhos divinos.

VI.

Descante as longas tranças côr da noite,
Que no nevado colo
Em ondas se debruçam
Como Ebano brilhando unido ao Jaspe.

VII.

Não (bem o sabes) que oblações eu negue
As raras graças tuas,
Ellas d'amor o incendio
No mui sensivel coração me ateiam.

VIII.

Porém quiz dadivosa a Natureza
Tão prodiga dotar-te,
Que em ti, tão raro em muitas,
He menor predicado a formosura.

IX.

Eu quero que por mim aos E'vos conste,
Que tu da Lusa Scena
Foste esplendor, e assombro,
Que de Gaussin a par soe o teu nome.

X.

Gaussin, sublime Actriz, se hoje te vira
De Zaira imitando
A candidez amavel,
Com peito ingenuo te cedera a palma.

XI.

Eu te vi! e de amor o fogo todo
Nos olhos teus ardia,
E brando sentimento
Por tua voz, e gestos se expressava!

XII.

Quem melhor do que tu pinta o combate
Dos oppostos deveres
De Filha, Irmãa, e Amante,
Que de honesta Donzella o peito agitam?

XIII.

Quem mais terna acolheo aos meigos braços
O Pay caduco, afflicto?
Quem d'alma abriu segredos
Com maior effusão ao terno Amante?

XIV.

Do Expectador em lagrimas os votos
Aos votos teus se uniram,
Quando humilde imploravas
A protecção dos Ceos na magoa tua.

XV.

Como suave, e puro o Luso Idyoma
Dos labios teus corria!
E por ti modulados
Julguei nos versos meus fallava Erato!

XVI.

Quasi nas veias se gelou meo sangue
Ao ver buido ferro
Rasgar-te o lindo seio,
A ver-te sobre o chão, luctar co' a morte!

XVII.

E inda no arranco extremo procurares
Do irado Amante os olhos
Como se inda buscassem
Justificar com elle os teus affectos.

XVIII.

Então me pareceo que Amor, e as Graças
Em luminosa Nuvem
Vinhão cubrir teu corpo
De candidos Jasmins, purpureas Rosas,

XIX.

Tanto póde a illusão da arte engenhosa
Em quem da Natureza
Co' a vida recebera
Alma capaz de lhe sentir o encanto!

XX.

Ah! conserva, Melpomene divina;
Tua melhor Alumna,
Faze que na ventura
Os bellos dias seus tranquillos corram,

XXI.

Ponham-me onde do Norte o Polo alveja
Com sempiterno gelo,
Ponham-me onde abrazado
Phebo o carro conduz proximo á Terra,

XXII.

Cantarei Ludovina, os teus louvores
Ao som da eburnea Lyra,
Serei sempre o teu Vate,
E heide morrendo articular teu nome.

ODE XXIX. (*)

A Mireo.

Com que fervidos votos, com que incensos
 Hoje festejar devo
 Os santos Numes que Myreo protegem?
 Com que mimosas flores
 Enfeitarei suas benignas aras?
 Qual sobre a eburnea Lyra
 Soltarei ledo altisonóro canto,
 Canto que, prolongado
 Dos E'vos pela intérrima carreira,
 Alto pregôe ao Mundo
 Que elle he presidio meu, minha esperança; (1)
 Que o que eu sou, o que eu valho
 Obra he de sua mão, que me sustenta
 Do precipicio á beira,
 Onde ha muito sem elle eu resvalára?
 Pelo chão rastejando,
 Dos rebanhos pizada, a Hera espira,
 Mas se frondoso Ulmeiro
 Seu amparo lhe presta, então viceja,
 Eleva-se, distende
 Nos amplos ares os ramosos braços,
 E presta amiga sombra
 Contra o calor ao lasso Viandante,
 Ou á ingenua Serrana,
 Que, ao bulicio das outras esquivada,
 Só do Amador ausente
 Alli vem recolher memorias ternas.

(*) Pedida.

(1) O et presidium, et dulco decus meum.

Horat.

Tal hera o meu destino,
Tal he com tua protecção; mil vezes
Ditozo quem obteve
Dos Ceos, qual hes, hum verdadeiro Amigo!
Feliz, feliz a Patria
Que vio no gremio seu, nascer hum Filho
Que tanto a glorifica!
Que virtude em tua alma não se alvergue?
Que Phocião, que Cimon
Póde contigo equiparar-se? Roma,
Quando livre dictava
Em época feliz as leis ao Mundo,
Ao ver-te invejaria
Tão grande Cidadão; bem que blasone
Com Regulos, e Fabios,
Com Cincinnatos, Decios, e Fabricios
Cujos brilhantes nomes
Os seus Fastos de gloria coroaram.
Canta libente a Musa
Intrepidos Heroes que, fulminando
Ou sobre as crespas vagas
Do encachoadado Oceano que remuge,
Ou sobre os marcios campos
Armados esquadrões de ferro e fogo,
Em triumphante carro
Vão receber a laurea da victoria
Em adornado Templo,
Precedendo-lhe a marcha os tristes grupos
De miseros captivos,
Que estridulas cadeas arrastando
Com violento despeito
Tragam o pó que se ergue no triumpho;
As prostradas effigies
Das vencidas Nações! porém mais leda,
Mais satisfeita a Musa
Aos Alexandreç, Carlos, e Turenas
Para cantar prefere

Pacificos Heroes que na virtude
Sua grandeza firmam;
E que só, como Tu, trabalham, lidam
Em prol da Humanidade;
Que noite e dia revolvendo assíduos
Os cultivando Livros,
Archivos do saber dos tempos todos:
Nelles cuidadosos buscam
Da moral salutar dictames,
Das Nações os direitos,
E dos Homens o juz; que se da Patria
Os confins não dilatam,
Zelam dos Cidadãos bens, e fortuna.
Quanto com firme dextra
Custa a balança equilibrar de Astrea!
Ver com serenos olhos
Montes de ouro nas mãos da fina Astúcia
Sem deixar corromper-se!
He este o teu braço: tu, raro exemplo
De probidade intacta
N'uma idade de crimes, e flagícios,
Por longo, tempos vive.

ODE XXX.

per gli acrei campi
Seminavan concenti, e spargean lampi
Tasti.

I.

Tal de Orpheo era a voz melodiosa,
Quando apoz si levava as vocaes selvas,
E, a natural fereza, des-vestindo
As Ferras o escutavam! (I)

II.

Quando de Bosques, Rios, Prados, Fontes
Vinhãam d'involta Satyros, e Nymphas,
Huns esquecendo Amor, outras o Medo
Do canto extasiados!...

III.

Taes os sons heram do Alaude eburneo
Do canoro Amphião, que auritas Pedras
Montava em torno ao demarcante sulco (2)
Da portentosa Thebas.

IV.

Quando toca Moreira, a magoa esquece, (3)
Ri-se a Tristeza quando Isbella canta, (4)
E Amor contente novas setas vibra,
Que no meo peito encrava!

- (1) *Silvestres Homines sacer interpresque Deorum
Cœdibus, et victo fœdo deterruit Orpheus,
Dictus ob hoc lenire Tigres rabidosque Leones;
Dictus et Amphion Thebance conditor arcis
Saxa movere son Testudinis, et prece blanda
Ducere quo velet.*

Horat.

- (2) *Interea Æneas Urbem designat Aratro.*

Virg.

- (3) O Senhor Carlos Francisco de Assis Moreira-

- (4) A Senhera D. Maria Izabel Ferreira,

ODE XXXI. (*)

Aos Annos da Prioreza de Santa Monica.

Davidico Cinnor, que retumbavas
Com divina harmonia
De Sião nos palmiferos cacumens,
Do Cédron pelas margens,
Orlas de Siloé, Jordanoas praias,
De Ramá nas alturas,
Onde consolações Rachel não soffre;
Perdoa, se; deixando
Hoje as flores do Pindo, ousou pulsar-te
As sonorasas chordas:
Mas da Lyra de Pyndaro, e de Horacio
Os volupiosos modos
Cantar profanos o Natal não devem
Da Vestal que, deixando
Do Mundo as illusões, ante os altares
Do Sempiterno Esposo
Em sacro amor se inflamma, arde qual lume
Da que em sagradas campas
Funebre tocha seu clarão diffunde.
Longe, longe do Vate
Ideas que dos Ceos a luz não córe.
Tu que sobre Harpa de ouro
Do Eterno á face sem cessar psalmeas,
Oh Seraphim ardente,
Melodioso Eloá, meu Canto inspira.

(*) Pedida

Eis me refere a mente
 Com divinal ardor! ante os meos olhos
 Profusas coruscando
 Com brilho septifulgido, qual vemos
 No pacifico Arco,
 Sublimes concepções, visões de gloria
 Gyrando se apressurau.
 Que cidade de gemmas estradada
 Com cem saphyreas portas
 Patente alli diviso! como corre
 Por leito esmeraldino
 Da vida o largo rio! que briosas
 Multi cores phalanges
 De ditosos Espiritos resplendem!
 Que Alma sublime, e pura
 Reveste Gabriel de hum lindo corpo
 Formado á voz do Eterno,
 Da essencia mais subtil das varias flores
 De que se adorna o E'den!
 Eis curva vezes tres, e da existencia
 Com respeitosa dextra
 Abre Uriel septi-sello volume,
 Aponta immortal verba,
 Que proclama com voz que alegra os Orbes
 O Cherubim que assiste
 Dos justos ao natal » Baixa (diz elle
 Vai adornar a Terra
 » Com virtudes sem par, com puros dotes:
 » Vae, e de exemplo serve
 » Do Eterno Esposo ás candidas Esposas,
 Que regeres prudente
 » Por dilatados lustros. Pór em campo
 » Ha-de das trevas o Anjo
 » Todos os philtros do enganoso Mundo,
 » Em vão, para apartar-te
 » Do santa vocação; porém que montam

- » As pompas da nobresa,
 » Dos terrestres prazeres os prestígios,
 » Aos mui previstos olhos
 » Daquella, a quem o Ceo predestinara,
 » E o nada lhe penetra,
 » Como penetra o sol a nevoa espessa,
 » Como o ferro candente
 » Derrete a branda cera, e solve a lympha.
 » De sal hum niveo monte.
 » Completo sobre a terra o longo gyro
 » De penitente vida,
 » Na sagrada Solyma, origem tua,
 » Virás receber leda
 » A palma triumphal, florea coroa,
 » Que eternas te decorem.

ODE XXXII.

Ao Sr. Mauricio Joze Sendim.

Me il Phebeo lauro alla tua dotta frente
 Premio, e corona, me dei sacri ingegni
 Amor con santo, inviolabil nodo
 Distringse teco.

Bellinelli. Epist. a Ticipolo.

I.

Imitar e' o píncl as varias Scenas,
 Que oppulenta offeréce a Natureza;
 Oppondo a sombra á luz, e a luz á sombra
 Dar vida a novos seres,

II.

Eis teu emprego, oh mágica Pintura!
 Tu encantas o Mundo, tu conservas
 Egregios feitos dos Heroes, e salvas
 Da morte as feições suas!

III.

Da Grecia o puro Sol sobre o teu berço
Brilhante amanheceu; pelos seus bosques
Os teus infantis passos ensaiaram
As Dryadas mimosas.

IV.

Agula nascente, que seu ninho deixa,
E busca em Céo estranho imperio, e prezas,
Tu foste alardear na culta Italia
Tua gloria, e prodigios!

V.

Roma no Capitolio te deu cultos: (1)
Sagrou-te sobre o mar Veneza hum Templo; (2)
Aras te ergueu Florença, (3) e Lombardia; (4)
Rivaes no estilo, e gosto.

VI.

O Belga nos seus pantanos obteve (5)
Tuas inspirações, e longo tempo
Menoscabado amante, o Gallo pode (6)
Conquistar teus affectos.

(1) Eschola Romana, cujo fundador foi Miguel Angelo. Raphael foi o seu maior genio. O Cardeal Bembo grande Poeta Latino, e Italiano, honrou a sua sepultura com o seguinte Epitaphio.

Ille hic est Raphael, timuit quo sospite vinci
Rerum magna parens, et moriente mori.

(2) Eschola Venesiana fundada por Bellini. Os seus maiores ornamentos são Ticiano, e Paulo de Verona.

(3) Eschola Florentina; o seu Chefe foi Cimabue, e produziu muitos Pintores de primeira ordem.

(4) Eschola Lombarda. O seu fundador foi Cosregio; Guido, e Zampieri são os seus melhores Artistas.

(5) Eschola Flamenga, fundada por Vaneyk. Os seus Artistas mais famosos são Rubens, e Vandik.

(6) Eschola Francesa; divide-se em duas, a Eschola antiga fundada por Coussin, e cujos maiores Genios foram Poussin, e Lebrun; esta Eschola não gozava de grande reputação por causa de seu estilo amaneirado, desenho pouco correcto, e falta de conhecimento da antiguidade. A Eschola moderna fundada por Vien; e cuja maior gloria he David, talvez he hoje a primeira Eschola Pictorica da Europa.

VII.

Entre cultas Nações teu carro ovante
Marcha tirado por brilhantes Genios;
Seguem-no grupos de formosas Nymphas
Floreos festões brandindo!

VIII.

O severo Desenho te precede,
Que copia fiel, e observa tudo:
Marcha de hum lado a Historia carregada
C'os passados successos.

IX.

Com cruento escalpelo a Anathomia
D'outro descose palpitantes membros,
E a teus olhos curiosos poem patentes
Veias, musculos, nervos!

X.

Mostra-te em breve mappa a Geographia
Do Mundo o quadro, os trages, e os costumes
Dos varios Povos: Physica, e Mathesis
Te dam lições proficuas!

XI.

Tua regoa, e compasso a Perspectiva
Sustem na sabia dextra, em quanto as tintas
A Optica illusora te mistura
Na engenhosa palheta!

XII.

Assim a hum teu acceno os bosques d'Asia
Zimbram com o vento sobre a tella, os Alpes
Com as geleiras suas se levantam
A' região das nuvens!

XIII.

De verdejantes Ilhas coroadas
Ergue a frente o Orelhana, resuscitam
Do Trasimeno as pugnas, e de Troya
O incendio refflammeja.

XIV.

Aos Filhos abraçada outra vez Castro
 Do inflexível Afonso aos pés prantea;
 Novamente de Ormuz se inclina o colo:
 A' espada de Alboquerque.

XV.

Nem os campos do Tejo ás Musas gratos,
 Desdenhaste habitar Deosa engenhosa;
 D'aqui de teus Alumnos leva a Fama
 Pelo universo a gloria.

XVI.

Ouve-se com louvor, e com respeito
 De Alexandrino o nome, e dos Vieiras,
 O do grande Coelho, cujos quadros
 O Escorial decoram.

XVII.

Tambem, Sendin amigo, ha-de o teu génio
 Merecer no futuro igual coroa;
 Então os quadros teus serão thesouros
 Do entendedor aos olhos!

XVIII.

Não te dê pena, que ao Pintor, e ao Vate
 Sobre a campá é que a Patria faz justiça;
 Vivos, nossa grandeza dá ciúmes
 A' soberba ignorante!

XIX.

Mas a Morte desarma a negra Inveja, (1)
 E conduz a Justiça, que pesando
 Na balança imparcial do Génio os dotes,
 Nos dá devido apreço.

XX.

Dos Destinos o Livro o louro Apollo
 Officioso descerra aos seus Alumnos;
 Nelle vi registado em aureas Letras
 Teu posthumo renome.

(1) *Pascitur in vivis livor, post fata quiescit.*

Ovid.

ODE XXXIII.

Ao Exc.^{mo}, e Rev.^{mo} Sr. D. Fr. Francisco de S. Luiz.

Bispo Conde de Arganil, e Reitor da Universidade de Coimbra. (1)

Quinci a te sacro mia Lyra
Ricca ognor d'etherei suoni.

Chiabr.

I.

Que vale o ouro, se ignorado dorme (2)
D'obscura mina no nativo centro,
Sem que das trevas o Trabalho o tire,
E sem que a Arte o repula?...

II.

Que vale o sabio, se, esquecendo os Homens,
Em vãs cogitações todo embebido,
Foge do Mundo, que illustrar devia,
Que o seu auxilio implora?...

III.

Alto não sôa de Licurgo o nome
Porque, de doutos Livros rodeado,
Das fêras Parcas aguardou tranquillo
Em seu remanso o golpe!

(1) Hoje Cardeal Patriarcha de Lisboa.

(2) Nullus argento color est avaris
Abdito teris.

Horat.

IV.

Mas porque a Esparta que gemia oppressa,
Com leys sublimes acudiu proficuo;
Heróes creando, que tremer fizeram
O Persico Tyranno.

V.

O titulo honrador de Pay da Patria, (1)
Que Roma livre a nenhum outro outhorga,
Não ganhou Tulio discursando o frouxo
Nos Lycêos d'Academo.

VI.

Mas fulminando no Senado, e Rostros,
Com voz de fogo abominanda turba
Dos Impios, que a Romana Liberdade,
Exterminar tentavam!

VII.

De homens tão grandes seguidor, correste
A promover a redempção de Lysia;
Da Nau do Estado sogobrada ao leme
Affouto a mão lança-ste.

(1) Roma patrem patriæ Ciceronem libera dixit.

Juv.

Roma depois teve muitos Pays da Patria; mas como já não era livre quando os proclamou taes; esses Pays da Patria foram os Tiberios, os Neros, os Comodos, e os Heliogabalos; os peores Principes, os Tyrannos mais ferozes, sem de ordinario os mais festejados, os mais honrados com Estatuas, e monumentos publicos, e parece que por huma especie de dirisão, e requinte de tyrannia para com os povos, a quem opprimem, capricham de se arrogarem de preferencia as denominações indicativas de elemencia, e de bondade. Mas lá está a Historia, lá está a Pos- teridade inflexivel, e incorruptivel, que lhes arranca a mascara e os redra a seu justo valor!...

VIII.

Ao despeito, e ambição inaccessible,
Cedeste á intriga com desdem; de novo
A's vozes da Nação, que te chamava,
Magnanimo accudiste! . . .

IX.

Assim Camillo desterrado outr'ora,
Sua iníjusta sentença perdoando,
Correu, voou, e de Quirino os muros
Salvou do horrivel Brenno.

X.

Independente os versos meus te voto,
Eu que teu rosto nem de longe hei visto;
E que as tuas virtudes admirando,
Lhe auguro eterna fama.

ODE XXXIV.

Wheresoe'er I turn my ravishd eyes,
 Gay gildeld Scennes, and shining prospects rises.
 Poetic fields encompass me around,
 And still I seem'd to tread on classic ground;
 For here the Muse so oft her harp has strung,
 That not a mountain rears its head unsung,
 Renownd in verse each shady thicket grows,
 And e'vry stream in heav'nly numbers flows.

Addisson.

Se, não tarde, meu prospero Destino
 Me permittir, bem como
 Lisongeira esperança me assegura,
 Que do Tejo deixando
 A saudosa foz, corra aos Paizes
 De Poetico influxo
 Onde Homero nasceo, onde Alexandre;
 Que nas margens do Ismeno,
 Em Elide, em Olympia estasiado
 De Pyndaro recite
 Os Hymnos immortaes, e que em meu torno
 Veja pular de gosto
 As arvores, o chão, outeiros, fontes,
 Que outr'ora os escutaram
 Em dias de esplendor, e hoje aturridos
 Dos barbaros accents
 Do indouto Habitador, do Turco atroce...
 Que sensação promiscua
 De gosto, e de pezar, saudade, e assombro
 Se apossará desta alma!
 Rio alli não verei, planice, ou monte,
 Ou Pelago, ou Ruina

Que de antigos portentos me não falle!
 Do bicornéo Parnaso
 Aos cumes subirei já não canoros! ...
 Do Cythéron á sombra
 De Edipo, e de Jocasta as desventuras,
 D'Antigone a piedade,
 Sacrilego furor dos ímpios Filhos
 Hão-de occorrer-me á idéa! ...
 Vendo os destroços do Pyreo, tão ermo
 O tremendo Areopago,
 Derribado o Pecil, hão-de inundados
 De lagrimas meos olhos
 Presumir que do gelido sepulchro
 Merencorios surgindo
 Melciades, Themistocles, e Cimon,
 E Péricles facundo
 Vem accusar degeneres seos Nettos!
 » Onde, Sparta, onde existe
 » Prisco brio de intrepidos Guerreiros,
 » Com que luziste hum tempo?
 » Termopilas (dizei,) mostrai-me aonde
 » Impavidos pugnaram
 » Sos trezentos Heroes, votando a vida
 » A patria Liberdade,
 » Contra, as Hostes de Xerxes que empataram?
 » Quero odorosas flores
 » Soltar a plenas mãos no sitio honrado,
 » E em Lusitano metro
 » Hum cantico entoar-lhe... eu vos saudo,
 » Maratona, Plactea,
 » De renome immortal!... tinto de sangue
 » O Mar de Salamina
 » Cuido inda ver!... como deixaste, Apollo,
 » O teu mimoso Pindo?
 » E tu que, em solidão de estiva noite,
 » Inda escutas gemendo
 » Da ternissima Sapho a mesta Sombra,

- » Ao menos me descobre
 » Por entre a relva, oh Lencate, hum vestigio
 » De teu soberbo Templo,
 » Mostra-me hum capitel dessas columnas
 » Que os raros, que escapavam
 » Do fatal salto, miseros amantes
 » Em torno d'elle erguiam,
 » Tropheo religioso! ou dá que ao menos
 » Eu possa recostar-me
 » No tumulto de tantos que morrêram!...
 » Do Archipelago ó Filhas,
 » Insulas productoras, leves sombras,
 » Mostrai-me em vosso gremio
 » Dos quadros de Theocrito!... nas vozes
 » De vossas lindas Ninfas
 » A harmonia ouvirei, e os meigos quebros
 » Do culto antigo Idyoma,
 » Que inda em versos de Sophocles me encanta!
 » Me lembrarão seus bailes
 » Das antigas Choreas? em seu rosto
 Notarei alguns traços
 » Do formosura de Helena »... oh! dos Vates
 Modelo, Pai, e Assombro,
 Oh cego Lynce, oh portentoso Homero!...
 Como o sol sempre novo,
 E sempre inspirador, e sempre o mesmo,
 Cujo berço disputam
 Sete povos rivaes! onde foi Troja,
 Nesses magicos sitios
 Que inspiraram a Iliada, minha alma
 Hirá colher imagens
 Com que nos versos meus teu canto exprima!
 Eu, que de noite e dia
 Teo Poema immortal folheio, estudo
 Nelle prestigios novos
 Absorto encontrarei, quando sentado
 No verdoso cacumen

Do Ida basti-arbori-gero destenda
 A deslumbrada vista
 Pelos campos de Troada marcados
 Pelas batalhas tuas,
 Pela amena extensão de Misia, e Thracia,
 Por longos Promontorios,
 Margens do Xanto, margens do Simoente!
 Desandando évos trinta,
 Minha Imaginação das mudas cinzas
 Reergue os Teucros muros,
 Os Gregos arraiaes outra vez bordam
 As bellicosas praias!
 Meia espada despindo o fero Achylles
 Ao Rey dos Reys se attreve!
 No carro destructor Meneláo vò,
 Lá se trava, e combate
 Contra o formoso Adultero, a quem salva
 Soccorredora Venus!
 Qual em manso redil dois feros Lobos
 Ulysses, e Diomedes
 Protram de noite adormecidas Hostes
 Do miserando Rheso,
 E os cavallos fataes ilezos trazem!
 Depondo o capacete
 Toma nos braços o assustado Infante
 Heitor, e ao lado o rosto
 De perolas orvalha a terna Esposa!
 Lá de involta combatem
 Homens, e Numes!... qual trovão rebrama
 Do fervido Mavorte!
 Nas cavernas echi-sonus o brado!
 Sobre o Athos lá pousa,
 Descendendo do Olympo, a augusta Juno!
 Lá Neptuno contempla
 De Samothracia os Teucrós, e os Achivos!
 Deixa em Imbros-seo coche,
 E aos trepidantes Danaos tras auxilio...

Eis vem Vulcano armado
De devorante incendio, e queima os Rios,
Que já piedade imploram!
De Croco, e de Jacintho se matiza
Gargara, em quanto envolto
Em aurea nuvem da Consorte em braços
O Padre se adormece!
Jas Patroclo... Sarpedon, não te valle
De Jupiter ser Prole,
Que no manto da morte estás envolto!...
Eis do amigo á vingança
Frenetico o Pelida se arremessa,
Vai o sangue em torrentes,
Destruidor, como a peste, varre e prostra
Os miseros Dardaneos!...
Surdo aos rogos da Mãe, Heitor o encontra,
E, em torno aos patrios muros,
Prezo ao carro do imigo furibundo,
Se arroja o seu cadaver!...
Eis, succumbindo aos annos, e aos desgostos
Por Cylenio guiado,
O miserando Priamo de beijos (1)
Cobre a Mão homicida,
Que o filho lhe roubou, e a peso de ouro
Lhe rime o espolio exangue!...
Oh! sublime cantor! quando algum dia
Se extingua este Universo,
Da geral destruição benignas Musas:
Hão de salvar teus versos,
Para o som de aureas Harpas decanta-los
Nos convívios do Emyreos.

(1) *Χειρὶ Ἀχιλλεὺς λαβεῖ γυναικα, καὶ πρὸς χεῖρας
Διίτας, αἰδραφομένης, αἰσι πολέων κταίνοι υἱας.*

Hom., III. L. XXIV.

ODE XXXV.

A' Chegada do Principe Augusto.

O della stirpe dell' invitto Marte
 Verace figlio, a cui cedé pugnando
 Ogni del Mondo piu remota parte,
 Non ch'il Belga, il German, l'Anglo, il Nermando
Zappi Sont. II.

I.

Vem, Lysia jubilosa te abre os braços,
 Prole do invicto Heroe, de quem recorda (1)
 O valor, a justiça, os beneficios
 Saudosa a Italia em ferros!

II.

Não vez como das Tagides cercado
 O Rio, que já leis dictava ao Ganges,
 Acode ao teu encontro, e te sauda
 Com clamor jubiloso!

III.

Porque o caminho ao teu baixel ajude
 A urna inclina serenando as vagas,
 Em quanto d'agoa á flor nadando as Filhas
 Co' as niveas mãos o impelem.

IV.

Ah! com menos prazer nos aureos tempos
 Por sua larga foz entrando viram
 Co' as ledas novas de encontrado Oriente
 O aventureiro Gama!

(1) O Principe Eugenio, ViceRei da Italia.

V.

Mas já firmas o pé no chão dos Lusos,
 Que de prazer estremecendó, brota
 Espontaneo do seio em ledó agouro
 Os Myrthos, e os Loureiros!

VI.

Olha da Lusitania as sabias Musas,
 Que, as Lyras dedilhando, te recebem! ...
 » Bem vindo! (cantam) vezes mil bem vindo
 » Da alta Maria o Esposo!

VII.

» O que de Pedro herdou a espada invicta (I)
 » Estrago de Tyranos; o que acceita
 » De defender com ella o encargo honroso
 » A Lusa liberdade:

VIII.

» A Lusa Liberdade, que comprada
 » Foi com tanto valor, com sangue tanto!
 » Nos redutos de Cale, e nos do Algarve,
 Nas linhas de Ulysseia!

IX.

» Oh nobre Protector das doudas Musas (2)
 » Do Rheno, e do Danubio, que teo nome
 » Em Cantos immortaes aos Astros erguem,
 A' Eternidade votam!

X.

» Musas, e Vates acharás em Lysia,
 » Que se o vôo tão alto não despregam,
 » Mingoa d'Estro não he! ... mas foi-lhe avara
 » Sempre de Augusto a Sorte!

(1) O Imperador D. Pedro legou ao Principe Augusto a espada, com que ajudou a libertar Portugal.

(2) Dizem que S. A. R. tem grande affecto á Poesia, que a cultiva, e tem na sua livraria huma collecção completa das obras dos milhores Poetas Allemães.

XI.

- » Facil definha sem cultura a Planta,
 » Facil do Engenho o fogo se esmorece
 » Quando do Throno as virações fagueiras
 » Benignas lhe não sopram!

XII.

- » Mas já ao nome teu propicio Aurora
 » Faz que em seo peito as esperanças brotem,
 » E de Ti, e da Esposa as acções grandes
 » A celebrar se apromptam!

XIII.

- » Vem Heroe Cidadão, vem chefe invicto (1)
 » De Cidadãa Milicia! . . . estes que observas,
 » Do Luso Povo Cidadãos Soldados,
 » Por chefe já te acclamam!

XIV.

- » Não temem arrostrar contigo á frente
 » Phalanges, Esquadrões de Escravos-hostes,
 » Se cumpre defender Raynha, e Casta,
 » Que n'alma tem gravadas!

XV.

- » Por ambas morrerão! . . . na Liberdade
 » O Throno de Maria está fundado,
 » Huma sem outra subsistir não podem,
 » Nem a Nação sem ambas!

XVI.

- » Mas quem com tanto ardor te aperta no peito?
 » A linda Amelia, o Idolo dos Lusos,
 » Cujo affecto ganhou com meigo afago,
 » Com maternos desvelos! . . .

(1) S. A. R. he Commandante da Guarda Nacional em Ba-
 viera.

XVII.

- » Tua Irmã, que a te amar nos ensinava,
 » A ler tua alma nas virtudes suas;
 » Assim formosa Aurora nos promete
 » Hum mais formoso dia!

XVIII.

- » Maldita a Morte! vezes mil maldita!
 » Que assim na flor da Idade a condemnara
 » A verter pranto eterno envolta em crepes
 » Sobre funerea Urna!

XIX.

- » Tal ao Hectoreo tumulto abraçada (1)
 » A mui leal Andromacha, regeita
 » Ternas consolações, e invoca a sombra
 » Do defensor de Troia!

XX.

- » Eia!... da tua Amelia os passos segue,
 » Que ao Thálamo de Esposo te encaminha;
 » Ella he digna de ti! sua ventura
 » Lysia de ti confia!

- (1) Solemnes tum forte dapes, et tristia dona
 Ante urbem luco, falsi Simoentis ad undam,
 Libabat cineri Andromache manesque vocabat
 Hectoreum ad tumulum, viridi quem cespite inanem,
 Et geminas, causam lachrymis, sacraverat aras.

Virg. Aenid. Liv. II. vers. CCCCI.

ODE XXXVI.

A Sr^a D. Maria Isabel Ferreira.

Se l'Angiolletta mia tremolo, e chiaro
 Alle stelle, onde scese, il canto invia,
 Ebra del suono, in cui se stessa o bblia
 Col Ciel pensa la Terra irne del paro.
Testi.

I.

Nova guerra intimando á Natureza,
 O deshumano Amor tinha formado
 Seus crueis Batalhões, tenindo ao hombro
 Curvo arco, e plena aljava!

II.

A' grande expedição dos Ceos se arrojam,
 Qual plumosa Colonia, que fugindo
 Da rispida Estação vai de arribada
 A Ceos mais aprasiveis.

III.

Ei-los na Terra: hum amoroso influxo
 Como electrico fogo abala tudo,
 Une-se planta á planta, o bruto ao bruto,
 E o Racional suspira!

IV.

Já sibilam nos arcos recurvados
Os buídos farpões; gemidos soam;
E o ciume feroz co' as negras azas
Assombra a face ao globo!

V.

Prezos Entes innumeros, ávante
O cruel vencedor segue a Victoria;
Hia acabar no mundo a Liberdade
Sem hum ditoso acaso!

VI.

Onde o Tejo triumphal por floreas margens,
As correntes auri-feras desdobra,
Ouve Isbella cantar, e então suspenso
Fica o Tyranno hum pouco!

VII.

Presta funda attenção; descora, esfria,
Cahem-lhe armas, e esforço, pende á terra,
E o que inteiras Nações rendem ha pouco
Rendido a Isbella fica!

ODE XXXVII.

*A Excellente Actriz Josefa Therezta
Soares.*

L'Illusion, cete Reine des coeurs,
Marche a tá suite, inspire des alarmes;
Le sentiment, les regrets, les douleurs,
Et le plaisir de repandre des larmes.
Voltaire Epist. á Mad. Gossin.

I.

Debalde o sabio Prometheo lidando
Com mão solerte humedecido Barro,
Plasmara hum vulto, que em feições, em talhe
Jove semelha! . . .

II.

Debalde a trança lhe debruça em ondas,
Lhe rasga os olhos, o nariz lhe afile,
Lhe avulta as faces, lhe dilata a boca,
Barba crinesce!

III.

Debalde, em meio de igualados hombros,
Surgir fizera o torneado collo,
Debalde ao termo de nervosos braços
Mãos espalmara!

IV.

Em vão sústera o bempalpado Tronco
Duplice escora, apta a suste-lo immoto,
Apta a leva-lo de hum lugar ao outro,
Rapida, lenta!

V.

O apuro excelso do Escultor divino
 Seria apenas linda Estatua morta,
 Se de hum seo raio não fraudasse a Phebo
 Sabia Minerva!

VI.

Tocado o Busto do sidereo lume,
 Scintillam-lhe olhos, vem-lhe á face as rozas;
 Purpureo rio lhe decorre as veias,
 Move-se o homem!

VII.

Rival do Filho de Japeto eu pude,
 Fervida a mente de Phebeio influxo,
 Formar Medea! Shakspear tivera
 Vendo-a ciumes!

VIII.

Ah! tu, que pódes, Theatral Minerva,
 Tu avimenta esse gentil composto;
 De ti he digno, delle hes digna, surja
 Comtigo á Scenna!

IX.

Tacito susto, ao coração em gyro
 Congelle o sangue da Donzella amante,
 Tema ao ouvir-te, que o seu bem se volva
 Perfido Grego!...

X.

Quando levantes o punhal, e ao Filho
 O golpe impendas... oh! detem-te, brade,
 Mãi extremosa!... astri-formoso Infante
 Una a seo peito!

XI.

De crebro applauso retumbando em roda
 Trema o Theatro! da grinalda minha,
 Flores, que a trança, tirará, te exornem,
 Tragica Musa!

ODE XXXVIII.

Improvisada vendo passar a guarnição da Fragata Cisne, que voltava de Argel resgatada.

Auro redemptus scilicet acrior
Milles redibit! flagitio additis
Damnum.

Horat. Lib. III Ode V.

I.

Resgatam-se, aditando o Moura infido,
Lusos Nautas, que armados se renderam,
Como se á Lusitania pertencessem
Cobardes combatentes!

II.

Que espera a Patria do que em pés, e em pulsos
Traz os vergões de barbara corrente?
Do que humilde tremeu ao grito, á vara
Do Cómitre Agareno?

III.

Pensa que de outras armas revestido,
N'outra peleja os Mouros desbarate?...
Não! que esforgo viril não ressuscita
No peito, em que morrera!

IV.

Solto das rêdes é valente o Cervo? (1)
 Recobra a lãa tingida a côr primeira? (2)
 D'alma a metade ao que empolgou co' as garras
 A Escravidão não rouba?

V.

Do opprobrio ao damno outro maior ajuntas,
 Do ouro o dispendio; a luz do brio apagas;
 Se o que pode morrer, e acceitou ferros,
 Mal-conselhada Patria,

VI.

Prosegues em remir! . . . ah! verás breve
 Virem de Argel, e Tunes os Corsarios
 Os teus navios capturar nas aguas
 Das Fortalezas tuas.

VII.

Não era assim quando de Lyçia os bravos
 Com ferro, não com ouro, os seus remiam;
 Quando as Cortes negaram por Fernando
 A conquistada Ceuta!

(1)

Si pugnat extricata densis
 Cerva plagis; erit ille fortis
 Qui sese perfidis dedidit hostibus,

(2)

Neque amissos colores
 Lana refert medicata fuco
Horat. Od. V. Liv. III,



LIVRO III.

ODES HORACIANAS MORAES.



ODE I.

A Esperança.

Vem, vem, doce Esperança, unico alivio
D'esta alma lastimada,
Mostra na croa a flor de Amendoeira,
Que ao lavrador pervisto
Da Primavera proxima da novas.
Francisco Manuel.

Foram-se as neves, os trovões, e as chuvas,
E o calor bemfazejo
Do renascido Sol Natura accorda
Da inação, do letargo!
Pelas veigas, que os frios não apertam,
Temerária Violeta,
Do Floreo Reyno Embaixadora amavel,
Vai levantando a frente,
Que affaga o olfato, que emfeitiça os olhos,

Roupagens de Esmeralda
 Veste a Terra: abrigar-se em nossos campos
 Lá de gelidos climas,
 Progne já volve, e a Irmãa a injuria antiga
 Que n'alma inda lhe punge,
 Em dulci-sono canto lhe deplora,
 E lhe responde em coro,
 Sonoroso trinar do alado Povo.
 Maculosa Serpente,
 Que tumida jázeo no gelo envolta, (1)
 Ora de acceza crista
 Despe a velhice, e a pelle, e o Sol enfia,
 Em sibilos brandindo
 A tri-farpada lingoal!... em quanto ao longo,
 Pelas margens dos rios
 Segue na flauta da Pastora as modas
 O Pastor, sobre a relva
 Vendo os Gados brincões pular contentes.
 Tua Estação he esta,
 Doce Esperança!... em reluzente nuvem
 Tu desces sobre os campos
 Pela mão da risonha Primavera!...
 He ella a Aurora do Anno,
 E tu da vida o Sol, doçura, e mobil!...
 Flor dos mimos de Jove,
 Nada ha grande sem ti, nada ditoso!
 Tu hes quem leva ao campo
 O denodado Heroe, co'a gloria em mira,
 Por ti, sem susto arroja

- (1) Vestibulum ante ipsum, primoque in limine Pyrrhus
 Exultat telis, et luce coruscus aenâ;
 Qualis ubi in lucem Coluber mala gramina pastus,
 Frigida, sub terra, tumidum quem bruma tegebat,
 Nunc, positus, novus, exuviis, nitidusque juvena,
 Lubrica convolvit, sublato pectore, terga,
 Arduus ad solem, et linguis miscat ore trisulcis!

Virgilio.

Por entre os Esquadrões, por entre o fogo
 O fervido Ginete! . . .
 Por ti Gama, e Colomb, soltando as velas
 Por incognitos rumos,
 Uniram novo Mundo ao Mundo antigo!
 O Mercador avaro,
 Por ti não teme de arrostar Neptuno!
 A' tua voz suando
 Abre o Agricola os sulcos d'onde brotam
 As luridas Espigas,
 Sustento das Nações, riqueza dellas;
 E o Mineiro da Terra
 Vai no centro escavar a prata, o ouro,
 Que ou chamam sobre os Povos
 Altas Venturas, ou mortaes desditas!
 Do teo baço se alenta
 Mal-premeado Amante, que em suspiros
 Envia parte da alma
 De huma Ingrata pulsar, tremendo, o ouvido! . . .
 Tu confortas o Emfermo
 Sobre hum Colchão de dores! . . . a penuria
 Comtigo o pobre esquece;
 E em lugubre masmorra o Prizioneiro
 Canta ao som das correntes. (1)

(1) Estes versos me foram suscitados pela bella *sirvente* (canção na Lingua Provençal (que o bravo, edesgragado Ricardo 1.º Rey de Inglaterra, aleivosamente encarcerado na Alemanha, e entregue ao Imperador Henrique VI, quando voltava de Palestina (*) compoz na sua prizão: eis aqui a 1.ª Strophe

Ja nul hom pris non dira sa rason
 Adreistement se comme hom doulent non:
 Ma per conort pot el faire chanson,
 Pro a d'amis; mais poure son li don,
 Honta i auron se per ma reeson
 Souy fach dos yvers pris,

(*) Veja sobre este successo, e seus motivos o Padre d'Orleans.

Historia da Rev. de Ing.

Encostado em teu hombro, em ti co' a vista,

Ante o Rey ressentido

Se apresentou Moniz » Eu fui (diz elle

Com accento não tremulo)

» Temerario em jurar; do regio Moço

» O espirito brioso

» Regeita sujeição, pague a cabeça

» O delicto da Lingua,

» Farta de sangue meu buido Alfange,

» Rey, com causa agastado,

» Que a palavra cumprindo o peito offerto! . . .

Tanto no Heroe podia

A formosa Ambição de immortal gloria,

E o quadro linsongeiro?

Em que, oh doce Esperança, lhe mostravas

Os ultimos seus Netos

Enramando-lhe hum Tumulo de Flores!

Vem pois, benigna Deoza.

O azilo entra do Vate, que te envoca,

E te consagra a Lyra!

Nas aras tuas, que enfeitei devoto

Co' a flor da Amendoeira,

Desagrada verás em sacrificio

A rez, que te he mais grata! . . .

Oh possa eu sempre desfructar teus mimos,

E, da prizão terrena

Ao remir-re minha alma, entre teos braços

Desfalecer tranquillo!

ODE II.

A Verdade.

L'Eternel nous cacha ces objets des Sciences,
 Il nous rendit heureux sans tant de connaissances.
Le Roy de Prusse,

I.

Deshumana Verdade,
 Perenne manancial de nossos males,
 Retalhadora, aspérrima tyrana
 De nossos corações, de nossas almas,
 Foi de vingança em hora,
 Que ao Mundo te enviou Jove agastado.

II.

Ao clarão de teu facho
 Foram em fuga as Illuzões amaveis,
 Que da vida o caminho tapizavam
 De candidos jasmims, purpureas rozas:
 Nunca mais as veremos
 Nossa face ameigar com mão benigna.

III.

Onde os bens, ó Verdade,
 Que prometeste aos credulos Humanos! . . .
 » Eu vos fiz ler (dirás) fundos misterios
 » Da maquina do Mundo; pezar tudo
 » Por seu real emporte;
 » Ler sem vos illudir no amago d'alma.

IV.

Teus favores são esses? . . .

Leva-os embora aos Incolas do Averno.
Roubaste-nos o nectar da existência,
E com dextra de bronze, em plumbea taça
Aos labios nos chegaste
O fel da isolação, e do receio.

V.

Em teu hombro encostado
Carrancudo Philosopho me clama:
» Prezumes, Nescio, que os fulgentes astros,
» Que os olhos te enfeitçam, te alumiam,
» Sam meigas Divindades,
» Sobre o Mortal vellando, accorde, ou durma? . . . (1)

VI.

» Despe tão rude engano,
» São como este, que pizas, meros globos,
» Crês que moram nos bosques ruraes Nymphas? . . .
» Erras: Pois Amizade, e Amor ao menos (2)

Com seu balsamo abrandem
Meus agros, espinhosos dissabores,

(1) J'ai déjà dit ma pensée sur le système des Anciens, que peuploit tout l'Univers de substances moyennes entre Dieu, et l'Homme. J'ajouterai ici que ce système ne pouvoit manquer de réussir parce qu'au fond nous sommes si persuadés de notre faiblesse, de la disette de nos talens, que nous rapportons toujours à quelque chose extérieure tout ce qui peut nous arriver d'heureux, nos bons mouvemens, le succès de nos affaires. De là sont nées tant de Divinités dont le Paganisme abondoit, inventées proprement pour leur faire honneur de nos vertus, et pour nous en oter la gloire: comme si, malgré tous nos efforts, nous ne pouvions rien mériter. De là sont venu les Anges, les Genies distribués suivant le système de Platon, qui veillent à tout le gouvernement sublunaire, et qu'averlissent chaque Homme de la voie dans la quelle il doit marcher.

Mr. Deslandes Histoir. Critique de la Philosophie.

(2) Amitié, doux penchant des humains vertueux,
Le plus beau des besoins, et le plus saint des noeuds,
Le ciel te fit pour l'homme, et sur tout pour le sage.
De Lilla.

VII.

» Que fallas d'Amizade?

» Que me fallas de Amor! sonhos! . . . chimeras!

» Nesses augustos, respeitosa~~s~~ nomes

» Se envolve apenas sórdido interesse:

» O Amigo, que te abraça,

» Onde crave o punhal c'os olhos busca.

VIII.

» Imaginas que Lydia,

» Que te chama seu Bem, que nos teus braços

» Languida morre, e languida resurge,

» Te he fiel, e te adora? Como a Abelha

» De flor, em flor adeja,

» Voa perjura de hum amante a outro.

IX.

Se os astros não m'escutam,

Se n'hum bosque estou só, se Amor he sonho,

Se Amizade he chimera, talvez ache

No estudo de mim mesmo os meus prazeres! . .

» Novamente deliras,

» No Mortal, que verás? . . . Hum verme a rojo.

X.

Se teu fructo, ó Verdade,

A perda he do prazer, eu te maldigo. (1)

Volve Amor, Amisade, illusão, volve, (2)

Povoa os bosques, diviniza os astros,

Entre os vossos feitiços

Morro enganado, mas ditoso morro!

(1) Solem enim é Mundo tollere videntur, qui amicitiam
é vita tollunt; qua a Deis immortalibus nihil melius habemus,
nihil jucundius.

Cicero.

(2) Venez Plaisirs charmans, venez Graces naïves,

Que vos jeux désormais embellissent nos rives,

Je consacre mon Luth au beau Dieu des Amours,

Je suis sous son empire,

Dejà ce Dieu m'inspire,

Adieu, Mars, pour toujours.

Frederic, Roy de Prusse.

ODE III.

Allegoria.

Sipourtant quelque Esprit timide,
 Du Pinde ignorant les detours,
 Opposoit les regles d'Euclide
 Au desordre de mes discours,
 Qu'il sache qu'antre fois Virgile
 Fit meme aux Muses de Sicile
 Eprouver de parcs transports,
 Et qu'enfin cet heureux delire
 Peut seul des Maitres de la Lyre
 Immobiliser les accords.

Rousseau.

I.

Oh Nau soberba, que por mar de leite,
 Soltas vellas, e flamulas vogavas,
 Em teu rumo tranquillo demandando
 O Porto da Ventura! . . .

II.

Que Aquilo, e Boreas subito bramindo
 Contra ti rebentar unidos viste,
 Romper-te a Enxarcia, derribar-te as Vergas,
 Sumergir-te o Pilotol

III.

E d'improviso o Aquilo amainando,
 A Boreas resistindo astuta, e forte,
 Em fim ganhaste as praias do repouso
 Com constancia inaudita;

IV.

Oh pelos Ceos, que aos impios habitantes,
Que tam bem a acolheram, e te affagam,
Não se fie, a que intrepida te rege,
Generosa Equipagem!

V.

Sam Listrigões! . . . sam perfidos! . . . degolam
Do somno em braços hospedes encautos,
Ou, em traidor banquete, impio veneno
No vinho lhe misturam!

VI.

Este o asilo, que o barbaro Diomedes
Offertava n'hum bejo refalsado,
E o impio Polyphemo ao Grego astuto,
E aos tristes, que o seguiam! . . .

VII.

Fugi da infanda Terra, oh nobres Moços,
E de novo insultando ventos, mares,
Não deis fundo se não no ameno porto,
Que segurança he dito!

ODE IV.

A Invasão Franceza.

Neque

Per nostrum patimur scelus

Iracunda Jovem ponere fulmina

Horat.

I.

Assás lançado Jove colérico

Tens sobre Lysia setas mortíferas:

Assás rasgado a Guerra

Tem já seo seyo candido.

II.

Vimos cobrindo Phalanges barbaras

Ferteis campinas que o Tejo aurífero,,

Entre flores correndo,

Rega tranquillo, e placido:

III.

Vimos por terra pizadas, láceras

Sacras bandeiras, que outr'ora a Affrica

Curva adorou com o Indo;

E a recém vista America.

IV.

Vimos roubados com mãos sacrilegas

Puros Altares, que, em vez de victimas,

Tingiam com seu sangue

Assassinados Flámines.

V.

Do Despotismo martello horrisono

Sobre a bigorna batia fervido

Corrente eterna, e dura

A nossos pulsos tremulos.

VI.

Os que, a aditar-nos sulcando o pelago
 Ricos thesouros, vinham undivagos
 Sam do fero Estrangeiro
 Presa á avaricia sordida. (1)

VII.

Inda fumegam nos campos horridos
 Com sangue, e cinzas Leiria, e Evora;
 E assustado o Habitante
 Conta o successo tragico;

VIII.

„ Aquí, diz elle, brioso, impavido,
 „ Aberto a golpes de imigos Vándalos,
 „ Eu vi cahir Almonte
 „ Banhado em sangue tépido.

IX.

„ Nenhum mais basto gado lanigero
 „ Contou pulando na relva morbida:
 „ Ou mais extensos campos
 „ Cobrio de espigas luridas.

X.

„ Nunca a seus lares Pobreza misera
 „ Pulsou debalde: remio benefico
 „ Mil Orfãos desvalidos
 „ Da Fome ás garras tétricas.

XI.

„ Alem renhindo Tigres famelicos
 „ Por terna Virgem, com furia horriffica,
 „ Poupando-a a mor desdouro,
 „ A espedaçaram rabidos.

XII.

Neste de males profundo Bárathro
 Tu nos lançaste, nefando seculo,
 Que de nós tão remota,
 Tens a virtude timida.

(1) A enorme contribuição lançada sobre este Reino.
 VOL. I.

XIII.

De Heroes famosos Netos degéneres,
 Torcendo o passo da estrada lúcida,
 Que os conduzira á gloria.
 A perdição corriamos

XIV.

Da vil Molleza nos braços languídos,
 Não caprichava nos jogos belicos
 Do primor, do triumpho
 O Prevertido Jóvene;

XV.

Mas sabe em paga na infame Cithara
 Das Lays o nome cantar harmonico,
 Como a des-horas entre
 D'alheia esposa o Thalamo!...

XVI.

Oh pejo! oh crime!... que direis Pósteros?...
 Matrona illustre sem pejo a escandalo
 Franca diz que a seus filhos
 Não sabe o Pai legitimo.

XVII.

Mas se violento co' a dextra rubida
 O Réo fulmina, se o acha súplice,
 Jove espalha a tormenta,
 Volve a bonança placida,

XVIII.

Se ao Ceo envias humildes supplicas,
 Vertendo, oh Lysia, sinceras lagrimas,
 Verás o Sol da dita
 Dourar-te a escura athmósphera!

ODE V.

Ao Somno.

Je t'attends, vole, ó doux sommeil,
Qui regnes sur la Terre entiere
Tour á tour avec le soleil.

Fuslier.

Com que doçura desusada os membros
Me prendeste, e sentidos
Hoje, oh benigno Somno! quanto tempo
Ha que, em vão revolvendo
Na ingrata pluma o quebrantado corpo,
Com debil voz bradava «
» Vem, do Silencio carinhoso Filho!
» Vem, meos despertos olhos,
» Com a vara letargica tocando,
» Em supor deleitoso
» Meos pezados desvelos adormenta! . . .
» Assim de Pasythea
» Sempre mais vivo, sempre mais constante,
» Por ti o amor floresca! . . .
» Assim depares sempre em seo semblante
» Novas graças, e encantos! . . .
Mas, surdo aos rogos meus, longe teo vôo
Dos Lares desviavas
Do suplece Cantor, e aos aureos Tectos
Dos mimosos da Sorte
Teus dons hias levar mal-recebidos! . . .
Em quanto horrida turba

De Espectros feios, de medonhos Sustos,
De Visões espantosas,
Em torno de meo leito divagando,
A idea me atterravam!
Hoje porém desceste, e a flux a taça
De teu nectar suave
Me fizeste esgotar! entre teos braços
Jazi inteira a Noite
Em branda paz, que a do sepulcro imita!
Oh ditosos aquelles,
Que, adormecendo, nunca mais despertam!
Mas tarde ao desgragado
Esse mimo concede a Natureza!...
Mas tu ao menos podes
Dar-lhe, piedoso somno, que a miude
Tal ventura antegoste?...
Ah silencioso Deos! se cotinnuas
A vezitar meos Lares,
Se ás vezes me concedes, que entre sonhos
A imagem de Josina
Com amoroso gesto se me antolhe,
A minha eburnea Lyra,
Que outr'ora enfeitigou do Tejo as praías,
Já cantando as Virtudes
De briosos Heroes, que a Patria honraram;
Já soltando arrojado
Germanos Cantos por affeito estillo;
Aquella eburnea Lyra,
A que juntar não desdenhou seo metro (1)
O portentoso Homero,
Virgiliano Delille, d'ora avante
Em piano sonido
Louvores do teu Bem, e os teos Louvores
Resoará somente!

(1) Alude a Tradução da Imaginação de Delille, que o Author publicou em 1817, e da Illiada de que publicou o 1.º Livro em 1811.

ODE VI,

Ao Padre Manoel Ferreira Giraldes.

Tu, quidem, ut es lecto sopitus, sic eris ævi
 Quod superest, cunctis privatus doloribus ægris

Quid tibi tantopere est mortalis, quod nimis ægris
 Inctibus indulges? quid mortem congemis ac fles?
 Nam si grata fuit tibi vita ante acta, priorque
 Et non omnia pertusum congesta quasi in vas
 Commoda perfluxere, atque ingrata interiere,
 Cur non ut plenus vitæ conviva recedis!

Lucr. Liur. III.

Tão preciosa, Dorindo, a vida encontras? . . .

Tão arduo te parece

Dizer eterno a Deos ao mundo, á Gente?

Tu, que outr'ora a meo lado

Escutaste as lições, que o bom Limano (1)

Da magistral cadeira

Aos attentos Discipulos dictava,

Tu, que já de Epitecto

Releste extasiado aureos dictames,

Que ao somno esquivos olhos

Sobre os livros de Seneca rendias,

Mulhermente receas

Restituir teu corpo á socia Terra!

Que bens lograste, e perdes?

Emborcou-te a Fortuna os amplos cofres?

(1) O Padre João Silverio de Lima, Professor de Philosophia Racional, e Moral.

Acaso reflectido
 Do rutiloso Sol da Magestade,
 Qual Cinthia illuminaste
 Com alheio fulgor teus contrerancôs?
 Divina Melodia
 Te acalantou nos braços da Riqueza?
 Seus mais vigorosos pomos
 Te offereceo risonha a Formosura!
 Da Pobreza e do Honesto,
 Obscuro Cidadão, marchando em meio,
 Tens gasto essa existencia,
 E saudades terás de hum Mundo infame;
 Onde prospera o Vicio,
 Onde a Fraude triumphava, onde a Virtude
 Geme aos pés da Insolencia,
 Se persegue a Verdade, e o Genio opprime?
 Vê Socrates, que bebe,
 Victima da Rasão, lethal Cicuta! . . .
 Vê cego Belisario
 Mendigando no Imperio, que salvara! . . .
 Co'a vencedora dextra
 No morrião, que abalara a Goda espada,
 Hum gbolo recebe! . . .
 Famelico, descalço, e roto, e quasi
 Insano pelo excesso
 De tanta desventura, a Italia gira
 O Cantor de Goffredo
 De immeritas prizões fugindo a custo! . . .
 Vê Leibnitz no desterro,
 Lavoissiere em patibulo affrontoso! . . .
 E sem que Liçia deixes,
 Que recompensa teve o bom Pacheco? . . .
 Porquem anda esmollando
 Aquelle honrado Ethiope? . . . Homem digno
 Do canto de hum Virgilio,
 Ou desse, cuja vida assim prolongas,
 Emfermo em pobre leito

O divino Camões, o Luso Homero
Suspira pelo auxilio,
Que com pejo virtuoso lhe grangeias! . . .
E o seu Rival Thomino
Proximo a perecer, sem pés, sem olhos
Onde agora o deparas? . . .
Onde findou Gargão? . . . Alfeno aonde! . . .
Onde o nosso Philinto
Em breve acabará! . . . em terra alheia
Sem a mão de hum amigo,
Que as palpebras lhe cerre! sem que ao menos
No ponto extremo escute
De seu nativo Idioma o meigo accento;
Misero! . . . em ar estranho
Exhalará o Espirito! . . . ah! quem póde
Com tão feios exemplos
Inda a vida prezar? que espera o Sabio! . . .
Que espera o virtuoso! . . .
Magoas, perseguições, trabalhos, lidas,
A indigencia, o desprezo! . . .
Oh! não! benigna Morte, ah! tu me poupa,
Acolhe-me em teu gremio,
E minha alma recosta no paterno
Seio de hum Deos piedoso!

ODE VII.

*Ao Sr. João Vieira Caldas, Alferes
do Real Corpo de Voluntarios Com-
merciaes, mandando pedir-lhe as
Obras de Francisco Manuel.*

Oh di stato, e di fortuna

Potesse io cangiar con te!

Metast. Zenob. Act. I. Scen. III.

I.

Viajante immenso de ignorados Mundos,
Militar, Caçador, Mercante, e Vale,
Philosopho, Estadista, Alumno eximio
Do Lyceo do Rocio;

II.

Tu que ladino da existencia as nuvens
De prazer com relampagos malizas,
E a porta fechas ao protervo bando
De aturados desgostos.

III.

Caldas jovial, que do motejo as setas
A' flux encravas no brutal Travanca; (1)
Quanto o génio te invejo, e esse elasterio
D'espírito inturbado.

IV.

Dos braços de Lycêo, de Amor ao braços
Passas sem custo; se Mavorte o manda
As' armas corres, se a Mercurio aprouve,
Tranquillo vás á Praça! . . .

(1) Célebre estúpido, que o Amigo, a quem dirijo este Poema, fazia desesperar, intimando-lhe como certas disparatadas viagens a Paizes, que nunca existiram: divertimento que se nos tornava em verdadeira comedia, e lhe adquirira o epitheto de Viajante, entre os Amigos, e para os quaes = Viagem, e Mentira = eram synonymos.

V,

Triste de mim, a quem louçãos Amores,
A quem não ri Prazer, e a mão pezada
Da esréril, sem sabor Melancolia
O coração rebenta! . . .

VI,

Manente o Sol, entre empoeirados rumas
De Cívicos Papeis barafustando,
Estrago a vista, de paciência apuro,
Athe, que assoma a Noite,

VII,

E languido, e cansado aos lares volvo;
Mas se procuro amenisar hum pouco
O amargor da tristeza, tenue allivio
N'outrs fadiga encontro.

VIII,

Com Kant estudo, Newton me illumina,
Buffon da Natureza abre-me arcanos,
Com Heródoto, e Livio o veo levanto
Dos annaes do Universo,

IX,

De Smyrna o Bardo sobre as azas do estro (1)
A's campinas Ilíacas me arroja,
Vejo o Simões em sangue, o Xanto em fogo,
Homens preliando, e Numes.

X,

D'aqui Ajax veloz, d'alem Sarpédon, (2)
Pelos Teucros Heitor, por Grecia Achylles,
Estão librando a ferro, a sangue, a fogo
D'Europa, e d'Asia os fados.

(1) Assim chamavam os Germanos aos Poetas, que com seus Cantos celebravam os Heroes, ou animavam os Soldados nas batalhas, e a quem quadrará melhor tal nome do que a Homero?

Vos quoque, qui fortes animas, beloque peremptas,

Versibus in longum, Vates, dimittitis ævum,

Plurimis, secuti, sudisti carmina, Bardi.

Lucano Pharus. Liv. I.

(2) Consulte-se a Illiada, ubique.

XI.

Lamento o honrado Priamo: já corro
A socorrer Andromacha infelice,
Que o Filho beja em lágrimas, e eis noto
Sobre elevada Torre

XII.

A Argiva divinal, que attenta ás pugnas,
Que accendem seus encantos, como a Lua
Os mares, que revolve, e ouvindo-a, e vendo-a
Quasi lhe absolve o Amante.

XIII.

Oh! quanto custa á Lusitana Lyra
Transpor de Homero a solpha portentosa! . . .
Oh! quanto conservar-lhe o garbo, a força
A's mui difficeis notas,

XIV.

Que mil não deram, mil desafinaram,
Menos, Pope o teu génio, e o teu, ó Monti, (1)
Mas se, havendo os pínceis em vão cançado
De arduo objecto na copia,

XV.

Destro Pintor de subito effervece
De Wanloo, ou d'Albano ao ver hum quadro,
Talvez consigam de Filinto os versos
Afferventar meu Estro,

XVI.

E sons prestar-me, que de Homero exprimam
Os enérgicos sons: seu livro de oiro
Me envia, oh! Caldas, faça obsequio ás Musas,
Quem tanto ás Musas deve!

(4) Alexandre Pope, o melhor dos Inglezes Traductores de Homero, e nisto sem rival em quanto entre os Italianos não appareceram o celebre Poeta o Abbade Vicente Monti, e o Cavalleiro Hypolito Pindemente, dos quaes o primeiro traduzio a Illiada, e o segundo a Udisseia, ambos com a maior perfeição.

ODE VIII.

Ao Sr. João Vieira Caldas.

Il fant parmi le Monde une vertu traitable,
A' force de Sagesse ou pent ete blamable;
La parfaite raison fuit tonte extremité,
Et vent que l'on soit sage avec sobriété.

Moliere Misantr. Act. I. Scen. I.

I.

Se o doce Aonio c'os Tufões a braços,
Vai ver no gremio da rosada Aurora
Nascer Infante o Dia á verde sombra
Dos frondosos Palmares,
Que ao Ganges expiador as margens orlam!

II.

Teo pranto, oh Caldas, censurar não ouzo;
Não deslustra o Guerreiro o sentimento
Chora o Pelida se o seu Bem lhe roubam,
Ou ve morder a terra
A esvair-se de sangue o caro Amigo.

III.

De ti se auzenta o Irmão, metade tua,
Quasi em annos igual, socio em prazeres,
Na dor consolo! . . . mas não des no excesso!
Triste fado he dos homens
Ser-lhe a propria Virtude estrada ao Vicio!

IV.

O turbido sobrolho desenruga,
Dilata o coração, que a magoa empena,
Espulsa, ou, se istó he muito, adoça ao menos,
O amargor da saudade
Co' este Licor, que Bromio te offerece,

V.

Eis o Bressane, e o Maximo, que ajudam,
Comnosco empunha a taça! erga-se a Aonio
Immensa libação! ... nas azas do Estro
Quando as vellas desfira
Vá consola-lo nosso adeos sincero

VI.

Já não descora o duro Granadeiro
Do Indo o nome escutando: alegre Nauta
Medonho Adamastor desdenha ao longe,
E volve em breve ovante,
Como Aonio vira, fulgor na Patria!

ODE IX.

As saudades de melhor Tempo.

Questo é il faggio, Amarilli, e questo é il rio,
Ove Thirsi, il mio ben lieto solea
Venir alle fresche ombre, allor che ardea
Con maggior fiamma il luminoso Dio,
Faustina. Maratti.

I.

Estes os Sítios, que a mimosa Infância
Me acolheram benignos: estes troncos,
Ora de vinte Invernos carregados,
Quando eu nasci, nasceram!...

II.

Como parece, que risonhos folgam
De acolherem com sombra o prisco Alumno,
Ai quam diverso do que então me viram,
Ora aqui me recebem!...

III.

Murchou duro Desgosto a cor das faces,
Banio dos labios festival sorriso,
E com gélida dextra afogou n'alma
O prazer pululante!

IV.

Lanso os olhos em torno, e quanto observo
Que saudosas memorias me recorda!...
He este o tanque em que eu expunha ao Vento
Navios de costiga:...

V.

Como tudo mudou! . . . barbaro ferro
Extinguiu a Parreira, a cuja sombra
Em corridas, em luctas longas horas
Com meos iguaes folgava.

VI.

Inda essa rua, que atravessa a Herdade,
Não se estendia aqui! . . . ondeavam messes
Por onde agora os tardos Bois arrastram
Os chiadores carros!

VII.

Recendente Alecrim, verdosa Murta,
Horta frugi-ferente, que em Meandros
Rega a torcida limpha, novo he tudo,
Meus olhos tudo estranham! . . .

VIII.

Ja repousa na Terra o Dono amavel, (1)
E mesquinho Senhor domina agora,
E a Caseira banio, que tantas vezes
Em seus braços me trouxe!

IX.

Longos serviços, probidade exacta
Nada á triste valeo! . . . cansados annos
La vai a desgraçada ao desamparo.
Arrastar na indigencia!

XX.

Aqui á sombra da Arvore de Tysbe
Mudo recolherei memorias ternas! . . .
Talvez aqui mais recordar não possa
Os prazeres da Infancia!

(1) Domingos Pires Monteiro Bandeira.

ODE X.

A Lieutard.

Trahit sua quemque voluptas
Virg.

I.

Em dourado caminho estrepitando,
Folga o ouco Myreo, quando posterga
Nas ruas, que embaralha, quantas seges
Avante lhe corriam.

II.

Namorado de si o fofa Auliso
Nem pelos proprios Numes se trocara,
Se attrahio no Passeio os vagos olhos
De lepídas Madamas.

III.

Cravando aquelle pelos Ceos a vista,
Compõem, descompõem Mundos, e insensato
Cuida dar Leys aos Orbes, quando o pobre
Nem a si reger sabe.

IV.

Eu outro a expensas de ouro, Insectos, Pennas,
Pintadas Conchas, Esqueletos d'Aves,
Sofrego ajunta, em quanto os rotos Filhos
Escasso Pão almejam!

V.

Amaldiçoa o mar, que a nado evade,
Ganhoso Mercador, e, ao vello em calma,
De novo fia ao perfido Elemento
Os dias que salvara!

VI.

Outro esquecido da saudosa Esposa,
Das doguras de amor, pezado o braço
Do lustroso fusil, fatiga os montes
Na piza, ao veloz Gamo!

VII.

Dominante Paixão arrastra a todos;
Eu Estranho ás Invejas, e aos Partidos,
Sem de nada curar, mesmo da gloria,
Porque se matam tantos.

VIII.

So desejo viver tranquillo, e quedo
A teu lado, oh Lieutard, as amarguras
Adoçando no Nectar, que produzem
D'Hesperia, e Lysia os montes!...

IX.

E passeando na inmanchada Lyra
Os dedos perguigosos, teos feitiços
Hir descantando em sons, a quem sobeja
Ser de ti escutados;

X.

Em extasis de Amor beijar-te as faces,
As niveas mãos, os tentadores olhos,
E em teo morbido seio esperguiçado
De manso adormecer-me!

ODE XI.

Despedida a Amor, e ás Musas.

Muses, gardez vos faveurs pour quelque autre;
 Ne perdons plus ni mon temps, ni le votre
 Dans ce débats, ou nous nous egayons;
 Tenez, voilà vos pinceaux, vos crayons,
 Reprenez tout: J'abandonne, sans peine,
 Votre Helicon, vos bois, votre Hypocrene,
 Et vos lauriers d'épine envelopés,
 Et qui la foudre a si souvent frappés.

Rousseau.

Outra vez (embocando
 O Clarim do prazer, e a aljava prenhe
 De envenenadas settas,) Mandas que siga, Amor, teus estandartes,
 E que entre em novas pugnas?...
 Compassivo huma vez, oh Nume, poupa
 Teu não remisso escravo:
 Já combatí, valente, e não sem gloria, (1)
 Da ternura no campo
 Por teu Imperio, oh Deos!... inda gotejam
 Não fechadas feridas
 Do coração, que impavido rasgavam
 Das Marcias, das Licores
 Olhos gentis, sorrisos vencedores.
 Inda repete o Echo
 Nas longas praias, que entrecorta o Tejo,
 Ardentes cantilenas,
 Em que elevei da Cithara nas falsas
 Aos Astros teu Imperio.

- (1) Peleijei, peleijei, (e não sem gloria)
 Nas barbaras, indomitas phalanges
 Do forte domador de humanos peitos,
 Insano Amor potente.

Garção, Od. II. Stroph. II.

No teu soberbo Capitolio ainda
 Pendem tropheos (em conto)
 Que este braço alcançou! . . . Mas ora é tempo
 Que, as vellas amainando,
 Entre no porto alfim: d'adolescência
 Murcheou-se a florea quadra;
 Primavera da vida: perto assoma
 O Esto co'a prudência,
 Serios cuidados, rígidos deveres;
 Mais severos estudos.
 Pedem minha' attenção: reclama a Patria
 Do incensavel cultivo,
 Que dera a meu espirito nascente
 O fructo, a recompensa.
 Lindas filhas do Istmo, eu vos entrego
 A Cythara sonora,
 De que mantive em ambas as Fortunas
 Illesa a dignidade.
 A influxo vosso surgirão quaes Astros
 Mais felizes talentos.
 Q'as prestigiosas cordas lhe temperem,
 Não lamenta Lucullo
 Tenue jactura de metal luzente;
 Não defalca o Danubio
 Mesquinha soga, que infeliz Colono
 Torce a banhar seus Campos,
 Nem vai menos soberbo, ou mais tardio
 Ao negro Mar por guerra.
 A que porção longiqua do Universo
 Não chega o vosso Imperio?
 Té nesses Campos de tristonho aspecto
 De Phebo onde os reflexos
 Luz não diffundem, são visiveis trevas,
 E tem horrído Inverno
 Gelado o mar, gelladas sempre as fontes,
 Entre as neves enloam
 Seguindo os vãos de Ventura ao Cisne

Na Lyra altisonante,
Dersehávim, Lomónson aureos Hymnos; (1)
Sobre a Trágica Scena;
Ssumarokow grandiloquo troveja,
Pranto, suspiros, palmas
Do Expectador em extasi arfancando!...
Profundo como o rio
Despenhado d'alpestres eminencias,
No som da Epica tuba
Chereaskow magestoso aos Astros sobe (2)
A Russiana glória!...
Vós, a quem Genios taes votam seus Cultos,
Deixai que mudo eu fique
Envolvido na paz do esquecimento:
Feliz porque meus Versos
Nitidos sempre de moral severa,
Nem sordido interesse,
Nem torpe adulação inficionaram;
Porque de Padua o Vate (3)
Gostoso o repetia; o douto Alfeno (4)
Os pedio vezes cento;
Oléo (5) os preza; e até do Sado o Homero,
O Cantor de Silveira, (6)
Atenção lhes prestou, folgou d'ouvillos.

(1) Poetas Russiaños de grande fama adquirida por muitas obras, e o ultimo por huma Tragedia intitulada — O Falso-Demetrio.

(2) Chereaskow, grande Poeta, e profundo Litterato, Author d'huma Epopea intitulada — a Russiada.

(3) Francisco Maria Pamfili, Paduaño de hum decedido talento para o Genero Anacreontico.

(4) Domingos Maximiano Torres.

(5) Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

(6) Thomaz Antonio dos Santos e Silva, Author do Poema, em 4 Cantos, intitulado — Silveira — não tinha ainda composto a sua Brasiliada, a primeira das nossas Epopeias modernas.

ODE XII.

A's desgraças da vida.

S'a ciascun l'interno affanno
 Se vedesse in fronte scritto,
 Quanti mai che invidia fanno
 Ci ferebbero pietá!

Metastasio.

Quanto fora melhor que a humana Espece
 No germen sofocada
 Perecesse ao nascer! . . . quantos poupadas
 Oh misera, Progenie
 Do criminoso Adão, trabalhos, lidas! . . .
 Contra nós se conjuram,
 Fazem-nos guerra os Elementos todos! . . .
 O Ar nos enregella,
 O Fogo nos devora, o Mar nos sorve,
 A Terra nos sepulta! . . .
 Do tenro Infante ao Joven, delle ao Homem,
 Do Homem ao caduco,
 Só contemplam meos olhos, só descobrem (1)
 De duros soffrimentos
 Funesta Gradação!! . . se o Desgraçado,
 Que no pó se revolve,
 Erguer podesse os olhos, e hum momento
 O recatado arcano
 Das almas penetrar, desses, que o Mundo
 Aclama venturosos,

(1) Nec nox ulla diem, nec noctem aurora secuta'at
 Quæ non audierit mistos vagitibus ægris
 Ploratus, mortis comites, et Funeris atrî.

Lucr. de Rerum Nat. Lib. II.

- » Guardai, guardai (dissera) essas grandezas,
» A purpura, que cobre
» Ralados corações d'internas ancias;
» A coroa, que cercam
» Diamantes por fora, e dentro espinhos;
» Esse fulgido throno
» Apoz cujo espaldar Perfídia empunha
» Acicalado ferro!
» Lautos Festins, a que preside o Medo,
» As gemosas Baixellas
» Cujos fulgores chamas sam Inferno,
» Que os crimes alumiam
» De quem as mal-ganhou!... os prênhes cofres
» De lagrimas, e gritos,
» De maldições do Orphão despojado.
» Da trahida Viuva?...
» Mais miseros sois que eu, pois vos nem resta
» O desafogo ao menos.
» De poder-vos queixar! »... oh! não bastava
Que apenas matizassem
Entre bastos Espinhos raras Flores
Os campos da Existencia?...
Não bastava a terrífica Phalange
Das tremulas Doenças?...
Da desprezada, sordida Indigencia
Abominosos Filhos,
A Fome, e o desamparo?... o tropel negro
Das Paixões, que devoram
O triste coração, onde se aninham?...
Inda, oh sorte! cumpria
Para mais refinar nossa amargura,
Que n'alma nos bratassem
Esta ancia de saber, estas ideas
De futura existencia,
De gloria, perfeição, jubilo, e dita,
Que por sendas nubladas
De duvidas, de trevas, de incertezas,

A's cegas nos impelem
 O vacillante Espirito, que envolto
 No escuro Láberintho
 Não depara hum Fanal, não topa hum fio! . . .
 Em vão forceja, e lucha
 Com as superstições, com vãos systemas,
 Com pavorosos Medos,
 Monstruosas Chymeras, torpes Erros! . . .
 A Razão orgulhosa,
 Que blazona de Mestra, e luz promete,
 Ou traidora nos deixa,
 Ou com fatuo clarão nos extravia! . . .
 Cem vezes mais ditoso
 Bruto, que, sem que a preze, acceita a Vida,
 Que sem temor existe,
 Perece sem pezar! facil instincto
 A's precisões lhe acode;
 De abusivo poder não teme os ferros;
 Não receia ignominia,
 Tem na garra o seu jus, e a lei na força;
 Rugir não ouve ao longe
 Medonho Phlegetonte envolto em chamas,
 Nem das Furias ao brado
 O Vaso do Prazer das mãos lhe escapa! . . .
 Que mais quizera o sabio
 Que, como elle, viver em liberdade,
 Tranquillo entrar na Campa!

ODE XIII.

A prematura morte do meu Irmão Antonio Avelino da Costa e Silva.

Chamavi 'O Cielo, e intorno vi si gira,
Mostrandovi le sue bellezze eterne.

Dante. Purg. C. XIV.

I.

Cortado na viçosa Primavera,
Cahiste, Antonio, qual Botão mimoso,
Que ao abrigo das Folhas entre-abria
O purpureo escarlata! . . .

II.

Já mil Nymphas gentis o disputavam
Ornato ao seio, esmalte das madeixas,
Quando o sopro de hum Zephyro mais forte
O desarreiga, o murcha!

III.

Mas inutil não fosse esses, que a Parca
Te fiou de existencia escassos dias,
Soubeste amar os teos, os teos te amaram
Por seo te houve a Virtude!

IV.

De Gloria ao Templo o Espirito elevaste,
A Patria em risco impavido te ha visto,
Terçando as Armas, hir jurar teu sangue
A seus Pendões sagrados!

V.

Porém quando, estendendo as nivas plumas,
 Pomba innocente se aproxima ao ninho,
 Troa o duro fuzil; sente ella o estrondo
 Ao mesmó tempo, e a morte!

VI.

Curvando aos aureos fructos, que, ambiciosa
 Tenta esconder co'a verdejante coma,
 Se ufana a Laranjeira; eis desce o raio,
 Põem-lhe a ufanía em cinzas.

VII.

Soberba Náo, que os mares do Levante
 Vencera impune, e que dobrara os cabos
 Naufragosos impune, á foz do Tejo
 Ao fundo se desliza!

VIII.

De igual maneira os phantasiados Louros,
 Que intentavas roubar ao Gallo ovante,
 Viste trocados na funerea pompa,
 E sem temor os viste!

IX.

Eu que de Zeno, co'as lições ferrenhas
 Petrefiquei meo peito, que insensível
 Dita, e desdita encaro, olhei-te em pasmo
 A combater co'a morte!...

X.

Longos mezes eu vi o infausto Joven,
 Subjacente ao punhal d'horrido Morbo,
 Entre as ancias folgar, rir entre as dores
 Sem descorar na lucta!

XI.

Hum suspiro, hum só ai, hum só queixume
 Anuiar não vi teu rosto inberbe;
 E ao tremendo signal que envolto em lucto
 Lhe fez o Anjo da Morte,

XII.

Já sem voz em meo peito reclinando
 A amortecida fronte, que nadava
 Em gélidos suores, mal surrindo
 Dormio do Justo o somno (1)

XIII.

Manes do caro Irmão! se he grato, he doce
 Do fragil barro ao animo liberto (2)
 Ver saudade nos seos, vede pranteando,
 Como lhe enfloro a Urna.

(1) Imitação de Klopstock.

(2) Allusão a aquelles bellos versos de Gray.

On some fond breast the parting soul relies,
 Some pious drop the closing eye requires;
 Ev'n from the tomb the voice of Nature cries,
 Ev'n in our ashes live their wonted fires

ODE XIV.

A brevidade da vida.

a los honrados vida honrada
 Les conviene, o la muerte acelerada.
Ercilla. Araucana. Cant. VII.

Dia com dia, mez com mez se absorve,
 O anno ao anno devora,
 O E'vo ao E'vo!... e se escoa impersentida
 A Vida como o Rio
 Hindo sempre apoz si, de si fugindo!... (1)
 Sentidos se enfraquecem,
 Cedo, sem saber como, ao tempo eu cedo!...
 Meo Estro, outr'ora em chamas,
 Na mente arrefecido apenas dura!...
 E quasi observo inerte
 Da Formozura o tentador sorrizo!...
 Ante a Razão austera
 De meos passados Erros se desdobra
 A prolongada teia!...
 Que pejo!... que pezar!... oh se eu pudesse
 Comessar novamente
 A carreira vital?... como, emmestrado
 Da sabia Experiencia,
 Correr sobera a salvo o ambage abstruso,
 Que o Laberintho enreda!...
 Ai misero de mim!... debalde fora!...
 Se recuasse o Tempo,

(1)

*Le Tygre commence, et bruyant
 Se poursuivant toujours, et toujours se suyant.
 La Moine, Saint Louis.*

Eu de novo insanira!... eu deslebrara
 Propósitos de agora!...
 Taes os Votos, que, em horrida tormenta,
 Forma o pallido Nauta
 Mal que se applaina o pélagos empolado,
 Galerno sopra o Vento,
 De azul se forra o Ceo, subito esquecessem!...
 De novo escravo incenso
 Levara da Fortuna ás surdas aras;
 De novo pertendera,
 Subir afadigado ao Pindo esquivo,
 Para deixar ao Mundo
 Caduca aura de Fama, nem que as cinzas (1)
 No gelido sepulchro
 Podessem com louvores deleitar-se!...
 Novas Lálages, Lydias,
 Outras Delias, Oldmans, Lieutards, Marillas
 Fariam sem descargo
 As chordas resoar da eburnea Lyra!...
 Discreta andou Natura
 Em ordenar, que as Parcas nos fiassem
 Tão curta o vital fio!
 E existencia maior, de que servira?...
 De se augmentar a Lista
 De trabalhos, insanias, magoas, crimes,
 Remorsos, e infortunios!...
 Foram de desejar mui largos dias
 Se ao Homem, conduzido
 Por sisuda Razão, ao seo arbitrio
 Pelos Ceos fora dado
 Prescrever-lhe o theor, the que por tedio
 De ver o Sol nascendo,
 Morrendo o Sol, desse o postremo arranço
 Em braços da Virtude!

(1) Seram del denique famam
 Non auditoro Cineri post fata relinquens.
Variari. Prod. Ruit. Liv. I.

ODE XV.

*Ao Sr. D. Antonio Caetano da Penha
Pinto C. R.*

I.

Hirás breve viver, amavel Pinto,
Co'as Venus de mantilha, e pé gretado;
Cos hirsutos Camponios,
Que, á porta das Adegas,
De barrete na mão, torcida a gambia,
Sobre o cajado o canjeirão te offertem!

II.

Destendendo nas arduas serranias
A froxo os olhos, do Breviario alçados,
Já tarde arrependido,
Verás teus soes sumir-se
Nos perguiçosos braços da Indolencia,
Da Inercia sem sabor, do triste Enjoo!

III.

Terás por ternas expressões polidas,
Por doces mimos da louçã Gertruria;
Dois irras por fineza,
E, em vez do ambar, que espiram
Labios de rosas, sorveras trombudo
Nojente exalação d'alhos sedigos!

IV.

Como arderás de Tédio, e de despeito,
Quando em bom Portuguez o ideia engastes,
Ao ver de boca aberta,
Estolidos ouvintes,
Qual se fallasses Grego aos Tupinambas.
A hum Arabe Latim, Hebreo aos Chinas!

v.

Como então volveras vista saudoza
 Ao bom tempo passado, em que, na Elysia
 Pelo Anglo Cemiterio
 Scismavamos sozinhos,
 Lembrando-nos que a Terra he pó dos mortos,
 Amassado com lágrimas dos vivos!

vi.

Nunca mais me veras, e o bom Jacindo (1)
 Com o fio correr da Experiencia
 Physicos Laberintos;
 Nunca mais has-de ver-me
 Com Virgilio nas mãos, ao meo Vicenio (2)
 Gostoso revelar do Pindo arcanos!

vii.

Nossos debates, e amigasas teimas
 Quanta a ti, quanta a mim darão saudade!
 A mim, que solitario
 Fico á tristeza entregue,
 A ti, que vegetar vás nesses montes,
 Entre Homens, que só tem d'Homens o nome!

viii.

Misera condição da espece humana!
 Longuissima cadeia de desgostos
 Nos ata ao sofrimento! . . .
 He por turno infallível
 O dia de amanhã peor do que o de hoje;
 Sempre o passado lagrimas excita.

(1) Bacharel em Medecina Jacintho da Costa Pinheiro.

(2) O Padre Vicente da Cruz da Congregação do Oratorio de Lisboa.

ODE XVI.

Ao Doutor Antonio Soares de Azevedo.

Me il Febeo lauro alla tua dotta fronte
Premio, e corona, me dei sacri ingegni
Amor con santo inviolabil nodo
Districte teop.

Belinzi.

I.

Elegante Cantor, que ao Patrio Douro
Sustens co'a Lyra as fugitivas ondas,
Que meiga olhou Melpomene nascendo,
Erato ornou de Flores,

II.

Tu, que soltas á Scena Lusitana,
Como Perseo a Andromeda, as correntes,
Com que o máo Gosto da Nação castrada,
Ao poste a tinha preza,

III.

Por ti remida a augusta fronte elleva,
Falla; o Terror seus quadros alardeia,
E as deliciosas Fontes se deslizam
Do sympatico pranto! (1)

(1) Or ope the sacred source of sympathetic tears.

Gray, *Od. V. Strop. III.*

ODE III

Vendo-a triumphante, a trepida fugida
Os sonórosos Monstros arremetêm,
E a severa Moral em metro augusto
Solta sentenças de ouro!

v.

Surjam de novo os Cezares, e os Titos,
Radamistos, Cromwells, Brutos, Mafomas,
Surja de novo Atreo, sangue parente
Fumado a taça horrível.

vi.

Nymphas do Douro, entrelaçai Choreas
Cingi de Louro a frente ao Vate eximio,
Que outra vez reconduz aos nossos campos
As Musas foragidas!

vii.

Oh! se do Tejo, onde me prende o Rado
Eu podesse ajudar a illusre Empreza!
Da Patria benemerito meo nome,
E o seó subira aos Astros!

Digitized by Google

ODE XVII.

Ao Sr. João Pedro da Costa. ()*

Quando di grembo a Teti
 Sorge a mortali un desiato giorno,
 Volgere il piede intorno
 Con le liete Bachanti alcun non vieti!
Chiabrera.

Se rico Eu fosse do metal, que avara
 No seio a terra esconde,
 Com que se compra a propria formosura;
 Se os Lares me adornassem
 Pulchras Estatuas, falladores Quadros,
 Assombroso trabalho
 D'Angelos, Girardons, Tiepolos, Paulos,
 Ouro, Estatuas, Pinturas,
 Em teo Natal, não parco, te offertára,
 Mas a insana Fortuna
 Trépida foge a habitação do Sabio,
 E vai levar seus mimos
 Aos ricos Pavilhões, onde encostado
 Da Ignorancia, e do Vicio
 Nos torpes braços Prebendado Idiota,
 Vai o rol soletrando
 Dos reditos immensos do Rebanho,
 Que esfola, e não tosquia;
 Mas, se não posso dadivoso honrar-te,
 Farei que espume o Nectar
 Nas amplas taças, e em festivos cantos
 Brindarei aos teus annos,
 Rogando aos Numes, que da vida o estame
 Benignos te prolonguem
 The que des cabo da emfadona empreza
 De publicar meus versos!

(*) Guardamór da Camara Municipal de Lisboa.

ODE XVIII.

A Pedro José Constancio.

Amansi a la Campagna,
 L' Agnella, e il Capro, e la Giovenca, e il Tauro.
 Ne ve chi del gioir premio rechieda;
 La sua cara Compagna,
 Che seguitando va del Myrto al Lauro,
 Senza mercede il bel Colombo ha in preda:
 Sol le Donne rapaci
 Vendon gl'amplessi, e i bacci,
 E'l prezzo fanno a le lor gioie stesse,
 E'l uom le compra, e'l piu ne godon esse.
O Conde D. Fulvio Testi.

I.

Já me enfadam lamurias amorozas
 Em versos sem sabor, que ao Mattos cheiram, (1)
 Em que, oh Dorindo, vezes mil ao dia
 Por Metaphora espiras. (2)

II.

Arruma a hum canto a Lyra, e deixa Phylis,
 Que entre lanções d'Holanda, n'alta noite,
 Quando em regello á porta lhe descantas,
 Dorme á perna estendida.

(1) Sem sabor pelo assumpto. Perdoem os apaixonados de João Xavier de Mattos, confesso que sam estimaveis alguns dos seus Sonetos, e Canções: mas quem poderá levar ao fim sem dormir a maior parte das suas froxas Eclogas de legua e meia?

(2) Faudra-til de sang froid, et sans etre amoureux,
 Pour quelque Iris en l'air faire le langoureux?
 Lui prodiguer les nom de soleil, et d'Aurore,
 Et toujours bien mangeant, mourir par metaphore?
Boileau.

III.

De riso estoíro se me sobe á mente
 Que insensato porfiás na conquista
 D'hum peito fernenil, só com belleza,
 Cizo, ternura, e versos: (1)

IV.

Moeda, que no Imperio do Namoro
 Não tem giro, ou valor: Mulher he aço,
 Que só se atrahe ao Iman protentoso
 Dos Dobrões, e das Peças.

V.

Sahiste ha pouco do Collegio, e assentas
 Ser artigos de Fé mil noções falsas,
 Que a berreiros nos cascos te impingiram
 Doctissimos Pedantes.

VI.

Pensas, que podem com seu canto as Muzas
 Bosques desarraigat, mover penedos, (2)
 Render o coração empedrenido
 D'esquiva formosura.

- (1) Io con musici accenti
 I miei lunghi tormenti
 Raconto a Phylli: Ella sen ride, e mira
 Che'n man, non porto altro, che plectro, e Lyra.
Il Conte D. Fulvio Testi.

- (2) Movit Amphion lapides canendo,
 Tu que, testudo resonare septem
 Callida nervis

Tu potes Tigres, comites que Sylvas
 Ducere, et rivos celeres morari.
 Cessit inmanis tibi blandienti

Janitor atque
 Cerberus: quamvis furiale centum
 Minant angues caput, aestuatque
 Spiritus teter, saniesque manat
 Ore trilingui.

Horat. Liv. III. Od. XI.

VII.

Pois os Bosques, e as Penhas já perderam
O sentido de ouvir, e as nossas Damas
Em quanto ellas s'esganam psalmiando,
Ou dormem, ou conversam.

VIII.

Venha de mil Iliadas munido (1)
O Patriarcha Homero sem dinheiro,
E verá dar-lhe a lépida Madama
Co' a porta nos narizes.

IX.

Assim pensava Ovidio, settas duas (2)
Dando ao Filho de Venus, hum de oiro,
Que amores concilia, outra de chumbo,
Que amores affugenta.

X.

Pões as mãos na cabeça, a casa giras,
Bradas que o bello-sexo calumnio,
E o catalogo immenso desenrolas
De antigas Heroínas.

- (1) Carmina laudantur: sed munera magna petuntur
Dummodo sit dives barbarus ipse placet.
Aurea nunc vere sunt sæcula; plurimos auro
Venit honos: auro conciliatur amor.
Ipse licet Musis venias comitatus, Homere,
Si nihil attuleris, ibis, Homere, foras.

Ovid. Art. de Am.

- (2) Eque sagittifera prompsit duo tela pharetra
Diversorum operum, fugat hæc, facit illud amorem.
Quod facit auratum est, et cuspidæ fulget acuta:
Quod fugat obtusum est, et habet sub arandine plumbum.

Ovid. Met. Liv. I.

E da aljava das settas duas tira
De contrarios effeitos; esta aparta,
Aquella Amor produz, mas he dourada
A que o produz, com ponta aguda brilha:
Romba a que aparta, e chumbo tem em baixo.
Tradução de Almeida, aliás Frei Jozé do Coração de Jesus.

XI.

Citas-me Hélena o Espozo, a Patria, o Throno
 Pela Amante deixando; e cá mais perto
 Lucrecia austera o involuntario crime
 Lavando com seu sangue.

XII.

Do Troyano gentil cheirosas tranças,
 Bem polido fallar, gesto engraçado,
 Doce voz, doce canto, não prenderam
 A bandalha Princeza. (1)

XIII.

Mas do Phrigico Imperio o fausto, a pompa,
 De que idea não tinha a ferrea Esparta,
 Ouro, rubis, e purpura, em que ardia
 O julgador das Dcosas. (2)

XIV.

Se impavida Lucrecia o ferro encrava
 No coração, e em sangue verte a vida,
 Raiva foi de cedido haver forçada
 O que vender podia.

(1) Hélena

(2) Paris.

Innumeras urbes, atque aurea tecta videbis:

Quæque suos dicas. Templâ decere Deos,

Ilion aspicias, firmata que turribus altis

Mœnia Phœbeæ structa canore Lyre.

Quid tibi de turba narrem numerosa virorum?

Vix populum tellus sustenit: illa summa

Occurrent denso tibi Troades agmine matres:

Nec capiet Phygias Patria nostra nurus.

Oh! quoties dicas, quam pauper Adhæia nostra est!

Una domus quatinvis Urbis habebit opes.

Ovid. Epist. Paris ad Helen.

XV.

Se o patóla Tarquinio, em vez de hum ferro,
 Hum milhão de sestersios lhe mostrara,
 Huma vez, e cem vezes a acharia
 Mui franca a seus desejos. (1)

XVI.

Em quanto o duro Inverno espreme as Nuvens,
 E a chuva cahe a cantaros na terra,
 Commigo vem no lar intrincheirar-te
 Contra o furor dos Frios.

XVII.

Ferve no aheneo vaso a Perdiz nédia;
 Eis do bom Moscatel botelhas oito,
 Dom de singello Amigo, que não tarda
 Em vir acompanhar-nos.

XVIII.

De Epicuro discipulos contentes;
 Conversemos, cantemos: no amplo copo
 Bebe amavel loucura, que deslembra
 Teus agros dissabores. (2)

XIX.

Vagando apoz por Bosques de Parreiras,
 N'outro mundo melhor, Ninfas aos bandos
 Acharás, que benignas te compensem
 Dos rigores de Philis.

- (1) Non ego divitibus venio præceptor Amoris;
 Nil opus est illi, qui dabit, arte mea;
 Secum habet ingenium, qui, cum libet, accipe, dicit,
 Cedimus, inventis plus placet ille meis

Ovid. Art. Am.

- (2) Verum pone moras, et studium lucri;
 Nigrorumque memor, dum licet, ignium,
 Misce stultitiam consiliis brevem,
 Dulce est desipere in loco.

Horat.

ODE XIX.

*A hum Traductor de Horácio em
proza.*

Voi-lá les beaux emplois de cette nouvelle secte de Traducteurs. Ne pouvant s'élever jusqu'à nous, ils nous abaissent jusqu'à eux, et nous font ramper comme des misérables. Parce qu'il leur est impossible de suivre notre rapidité, que les entraîne, il nous estropie; et par un défaut de jugement, ou de veine poétique, ils mettent tout en prose, jusqu'à nos chansons.

Horace se plaignant dans le Parnase réformé.

I.

Que impio delicto o numeroso Horacio
Cometeu contra ti, que o dilaceras? ...
Ouve, Alcino, a razão da Obra mesquinha
Levanta a penna inerte.

II.

Se piadora Perêa des-azada
Pode altiva igualar d'Agua o remonte,
Se orelhudo Jumento ao Urco airoso
Disputar galhardia,

III.

Se a turbida Aguape desemxabida;
 Pode em força exceder no bom Champanhe,
 Poderá Tulio em bem limada proza
 Verter d'hum Vate o estro (1)

IV.

Siga-lhe passo a passo os pensamentos,
 S' o colorido falta, o quadro he morto; (2)
 No leito funeral Belleza extincta
 Já não accende amores.

V.

Não basta da invenção nas ricas minas
 Cavar novas ideias; cumpre ornallas;
 Hum Sultão d'hum Derviz no pobre traje
 Mais que hum Derviz não mostra.

(1) A l'exception de Madame Dacier, peut-être trop intéressée sur cette matière, pour qu'on doive s'arrêter à son témoignage, il me paroît que les sçavants conviennent assez qu'on ne peut traduire les Poètes, qu'en vers; la seule expérience suffit pour nous en convaincre. Je m'attendrais d'autant moins là-dessus qu'un homme célèbre, que nous rappelle ces sçavants Magistrats qui parurent à la renaissance des lettres, vient, dans un ouvrage nouveau, de prouver que les vers seuls peuvent nous rendre une partie du génie, et du caractère de ceux qui ont écrit en vers; mais ce qui me semble vrai des Poètes en general, je le crois principalement vrai des Poètes Anglais.

Mr. du Resmel..

(2) Toute traduction en prose d'un excellent Poète est l'éstantpe d'un tableau de Rubens; quoique je n'y trouve pas Rubens, j'y vois son invention, son dessin, son ordonnance; mais comme je n'y vois pas son admirable coloris, que anime tout, l'ouvrage est mort.

Racine, le fils, Reflex. sur la Poésie.

VI.

Ouve na Tuba de Delille, e Pope
 Como troa soberbo Homero, e Maro!...
 E ve s' em Dacier, se em Desfontaines (1)
 A sombra encontras d'ellos.

VII.

Sei que pode sem metro haver Poesia;
 Não Poema; substancias sam diversas
 Alma, e Corpo; porém formar-se o homem
 Não pode sem que s'unam. (2)

(3) Soions persuadés qu'une traduction en prose ne peut rendre qu' imparfaitement un bon Poete. Jelis avec plaisir la traduction de Homere par Dacier; mais je n'y cherche pas ce qui je n'y puis trouver, c'est a dire tout Homere. Elle ne prétend pas elle meme nous le donner: elle compare sa traduction au cadavre de Helene, sur le quel on remarqueroit seulement les restes desfigurés de cette beauté, qui fit tant de bruit.

Racine le fils, ubi supra,

(4) Le consentement unanime des Nations confirme ce qui j'avance. Apulée, et Lucien quoique tous deux fertiles in fictions, et ornemens poetiques, n'ont jamais été comptés parmi les Poetes. La Fable de Psychée auroit été appelée un Poeme s'il auroit des Poemes en prose. Le songe de Scipion, quoique fiction tres-noble, écrite en stille poetique, ne fera jamais mettre le non de Ciceron parmi ceux des Poets Latins; de même que parmi ceux de nos Poetes Français, nous ne mettons point celui de Fenelon.

Le meme.

ODE XX.

Ao Sr. Carlos Francisco de Assis Moreira.

Viens, oh ma bouteille chérie,
Viens enivrer tous mes chagrins;
Douce compagne, heureuse amie,
Verse dans ma coupe élargie
L'oubli des Dieux, et des Humains.
Mr. Parny.

I.

Não, ó Moreira, amargos desfavores
D'essa ingrata gentil, que me inamora,
Não encravam no peito do teu Silvio
As settas do desgosto.

II.

No pavez da razão baldo-lhe os golpes:
Satelite d'Amor, não d'elle escravo,
Trocára do Universo as bellas todas.
A huma hora de repouso.

III.

De Romanesco Heroe não quero a gloria:
Amo, se amado sou, se odeiado, odeio;
Plena Botelha, como agora, empunho,
E a flux bebo a alegria

IV.

Presumias tal vez mesto hoje olhar-me
Sustendo a custo as lagrimas nos olhos,
Qual mil vezes te vi quando o ciúme
Te borbulhava n'alma!

V.

Eia! arrazem-se os copos! brinda, Amigo,
A' minha liberdade!... Nunca falta
Bella Mulher, que a libito nos busque,
Nos ame, e nos traíçoe.

ODE XXI.

*Ao Sr. Antonio Bernardo Rodrigues
Sette.*

Va; ti cónsola, addio,
E da me langi almeno
Vive piu licti di.

Metast. Zenob. Acto II. Scen. III.

Vai, caro amigo, e retranspondo os mares,
Lá onde coroada
Dos Cannaviaes preciosos, que destillam
Saluti-fero Nectar,
Com que se adoça o paladar da Europa;
Entre amenas Lamedas
De auri-floreos Manjins, que desabroçam (1)
De seos verdes cazulos
O arminho vegetal, que inveja o Gallo.
E, por mão fabricado
De solerte Britano, arreia o Luxo,

(1) Manjim chamam os Indios ao Algodão; nasce em humas Arvores semelhantes ao Marmeleiro, de que ha Pomares arruados. Sua madeira he molle como a do Sabugueiro, a folha semelhante á da Pereira; com pé comprido, e vermelho. Com o suco desta arvore se curam feridas; dá humia formosa flor amarella á feição da campainha; e no centro tem hum botão verde do tamanho de hum noz, que fecham trez grossas folhas, como as que occultam a rosa; dentro do tal botão he que se cria o Algodão; tanto que está perfeito, que he por Agosto, a mesma natureza abre as folhas, para o mostrar tão candido como todos sabem, e, se ha negligencia em o apanhar, logo calhe por terra. Em cada botão ha quatro cazulos, com seus caroços pretos continuados por quatro ordens, que he a sua semente. No mesmo anno em que se semea, produz. O Gentio come os caroços cosidos, em hum guizado, que chama *mingáo*. Estas Arvores duram 7 a 8 annos.

A tua Patria Olinda,
 Esteiada nas belicas façanhas
 Do azevichado Achylles, (1)
 Do Vieira magnanimo, desfructa
 Da Liberdade os mimos,
 Ao Genitor Ancião, que te suspira,
 E atalaiando os mares,
 Cre, que em cada Baixel lhe chega o Filho,
 Piedoso a dextra oscula;
 Co' a Filhinha gentil, que he teu retrato,
 Apresenta-lhe a Espoza, (2)
 A linda Flor, que a America transplanta;
 Que por seguir-te affronta
 Furias de Eolo, furias de Neptuno;
 Que para mais não ve-los
 Patria, Pais, Affins deixa, e o Choro amavel
 De Nymphas desde o Bergo
 Consortes de seus ais, e de seus risos;
 Troca de ameno Tejo
 Deleitosas Vergeis, de que hera ornato,
 Por bronceas penedias,
 Que estranha Sol escalda, outro Ceo cobre;
 Por barbaras campinas
 Nunca trilhadas pelo pé das Musas;
 Onde Rios sem nome
 Sem gloria estendem perguigosas ondas;
 Testemunhas apenas
 Da impiedade do perfido Armopira,
 Do antropophago Aymore,
 Do Tapuia boçal; procura os braços
 De Irmã saudosa, e meiga,
 Por quem já Hymineo accende o facho;
 Por quem Pronuba Juno
 Manda ás Graças tecer festões de Flores? . . .

(1) O valente Capitão Negro, Fellipe Camarão, hum dos Restauradores de Pernambuco.

(2) A Sr.^a D. Maria Theresa do Carmo.

Oh quanto he deleitoso,
 Oh quanto he doce ao coração dos nossos,
 Apoz comprida ausencia
 Salvo tornar! . . . se resurgisse o Homem
 Mor prazer não sentira
 Vendo, ao sahir do gelido sepulchro,
 A Aurora apavonada
 Durando as sombras, e vertendo as cores,
 Pelas densas ramagens,
 Pedimpenados Zephyros brincarem,
 E o Rouxinol saudoso
 Sua ternura harmonico trinando
 Ao som da clara fonte,
 Que por entre os seixinhos serpenteia! . . .
 Sê pois, sê venturoso
 Tu, a quem ao nascer sorrio Fortuna,
 Amor, e a Natureza;
 Ve tranquillo correr serenos dias
 Ao lado da Consorte
 Anjo no coração, Anjo no rosto! . . .
 Teus patrios Arvoredos
 Te offertam sombra, e paz! . . . lá desfolhar-te
 As Rosas da Allegria
 Não hirá de Politica Procella
 Impetuosa rajada;
 La *Elmiros* não ha, *Cotins* de Lysia,
 Que as redes da calumnia
 Com malefica mão lançar-te intentem;
 Que apupados em Scenna, (1)

(1) Allude-se á Comedia intitulada = o máo Amigo = com que Antonio Xavier castigou os caninos abocanhamentos com que o Zoilo de Camões tambem o atassalhara nas Cartas de *Manoel Mendes Fogaça*; e que, representada no Theatro do Salitre, foi recebida com geral applauso, e mais daquellas pessoas, que conheceram quem era o ridiculo original que alli se copiava. Nesta Peça o Actor Caetano José de Sousa arremedou Jozé Agostinho tão perfeitamente, que a illusão foi quasi completa.

Armem o arco do crime, e te desparem
 As settas da Impostura;
 Oh! que diverso o fado meo se ostenta!...
 De Jenny os agrados,
 Bem como a sombra ao sol, se esvaeceram!...
 De meos prazeres socio.
 Moreira se ausentou, tu me abandonas!...
 Solitario, remoto
 As doguras de Amor, e ás da Amizade,
 Literarios Insectos
 Circum-zumbir-me ouvindo, e o que mais fere
 Meo coração sensível,
 Vendo cahir, como em marmoreo Dique,
 Sobre os muros da Patria
 A atroz alluviação, que Europa affunde,
 E arrastrou na corrente
 Tantos thronos, e Reys, tantos Imperios!...
 Quando alfim no Horisonte
 Te verei assomar, tranquillo Dia,
 Em que em nossas fronteiras
 Cessem de retumbar trovões da Guerra, (1)
 Nem cruenta Victoria
 Mais offerte em dourado amphycopello
 Sobre enramadas aras
 O sangue dos Heroes ao Despotismo!
 Desce em purpurea nuvem,
 Desce, oh Filha dos Ceos, Paz suspirada,
 No bá Rathro sepulta
 Essas Furias crueis, que se apostaram
 A despovoar este Orbe!...

- (1) No more shall Nation against Nation rise,
 Nor ardent warriors meet with hatefull eyes,
 Nor fields with gleaming steel be cover'd o'er
 The brasen trumpets shall kindle rage no more,
 But usefess blades into sithes shall bend,
 And the broad faulchion in a ploug-share end.

Pope.

Basta de horrores, lagrimas, estragos,
Basta de odios, e ciumes!...
Suba ao throno de novo a Humanidade!...
O duro Granadeiro
Troque o fuzil ao Vomere!... a Matrona
No mais suture ao verse
Alumiada c'hum Filho!... o fero Marte
Direito não tem nelle!...
Volva Hymineo, e Amor, volvam Prazeres!...
Amplio entornando o ouro,
Fraternize o commercio as Nações todas!
As Artes, as Sciencias
Quebrantem seos grilhões, surjam mais bellas!
Os Mirons, os Lysippos
De novo animem marmores, e bronzes!
Novos Albanos soltem
Do magico pincel portentos raros;
Nas azas da Harmonia,
Inda aos Ceos Crescentini, e Hayden se ellevem;
Lavoisieres melhores,
Outros Newtons, e Kants, Ciceros, Livios
O Universo abrilantem,
E da Lyra de Pindaro interrogue
Mais ditoso Phylinto
As harmoniosas chordas; veja as Graças
Enflorarem-lhe a fronte,
E rima o Tejo de invejar o Eurotas!...
Mas, amiudando os sopros
Galerno Vento teo Baixel convida!...
Adeos, e não te esqueça,
Que nas margens auríferas do Tejo
Hum amigo deixaste!

ODE XXII.

Ad Sodales.

Juissons des ce soir de ce charmant jardin,
 Le present est plus sur que n'est le leudemain,
 Souvent un Ciel serein se couvre de nuages,
 Aux charmes des beaux jours succèdent les orages.
Le Roy de Prusse.

I.

Bebamos; que, a compasso dos momentos,
 Nos vai cortando a Morte o estame á vida,
 Não veremos quiçá surgir de novo,
 O Sol que ora declina! ...

II.

Talvez ataque da existencia as fontes
 Repentino torpor; talvez vingado,
 Nosso sangue vertido a bem da Patria
 Inunde os Campos d'honra! ... (1)

III.

Mas longe, oh melancolicas ideias,
 Longe, longe de nos! ... ao Gallo infido
 Vão perturbar opáparos banquetes,
 Vão aguar-lhe a alegria.

- (1) Illustres fils d'Albert, l'enemi de son foudre
 Tous les deux, juste Ciel! vous a reduits en poudre,
 Mais, si vous périssiez, cest sur le Champ d'honneur.
Le Roy de Prusse. Epist. sur l'employ du courage.
 Mais vous avez un fils, que Vienne vous envie,
 Et peut au champ d'honneur mourir pour la Patrie.
Belay, Siege de Calais, Act. I. Scena I.

IV.

Outros, deixada do Empirismo a esphera,
 Reinos transcendentaes com Kant invadem; (1)
 He nosso estudo affugentar cuidados,
 Lico preceptor nosso: (2)

V.

Regule o Fado o turbido futuro.
 O Presente afferremos, que ligeiro (3)
 Voa o Prazer, e desandar seu voo
 Não sabe a humanas preces.

VI.

Eia! arrazem-se as taças emfloradas
 De liquido rubi; a Lillias, Marcias
 Brindemos, e ao prudente, que não fia
 Em femenil constancia. (4)

(1) Kant celebre Philosopho natural de Konisberg, Author da critica da Rasão pura, e de muitas outras Obras, marcadas ao cunho do grande Genio.

(2) Dulce periculum est,
 Oh Lenex, sequi Deum
 Cingentem viride tempora pampino . . .

Horac.

(3) Je suis de son avis, ici bas tout mortel
 Doit jouir du présent, c'est le seul bien reel.
Le Roy de Prusse.

(4) Nel onde solca, et ne l'arena semina,
 E il vago vento spera in rete accogliere,
 Chi sue spiranse fonda in cor difeminia.
Sanazaro, Arcad. Egl. VIII.

ODE XXIII.

A João Antonio dos Santos. ()*

Scribendi recto sapere est principium et fons
Horat.

Do bem escrever saber primeiro he fonte.
Ferreira.

I.

Por affincados, improbos estudos
 Se compram os laureis com que as Camenas
 Engrinaldam a frente magestosa
 De inspirado Poeta.

II.

Se desejas, ó Jonio, que o teu Nome
 Largo sõe nos campos do Futuro,
 Dá de avesso á Preguiça lisongeira,
 Ao O'ccio, aos vãos Prazeres.

III.

Nos livros immortaes de Grecia, e Roma
 Tens do bello ideal o vero typo;
 E, nossos bons Auctores te franqueam
 Da elloqução as minas.

IV.

Estuda, pensa, escreve, emenda, e lima;
 Nem consintas que a Cythara te infame
 Com louvor de Magnatas viciosos
 Adulação mesquinha.

V.

Vem d'alma livre os versos que não morrem,
 E do Escravo a acanháda phantasia
 Azas d'Agua não tem, com que transponha
 O Lethes deslembroso.

(*) Condiscipulo, e amigo do Author, e fallecido em 1836,
 exercendo o lugar de Secretario da Camara Municipal de Lisboa.

ODE XXIV. (*)

Ao Author.

I.

Encarcerado pela mão da Sorte
 Na Torre anosa de funestos dias;
 Com rija Escolta de pungentes Dores,
 Que os grilhões atalaia;

II.

Escassa fresta da Prisão medonha
 Mostrando apenas que inda Phebo he vivo;
 E á dura porta, com as negras chaves
 Canescente velhice!

III.

Divina voz, semi-divinos dados
 Gozar não posso, nem fruir me he dado;
 Som, que não seja de funereos Corvos,
 Ou Mochos agoureirós!

IV.

Supre porém reminiscencia amiga,
 Imagens feias da masmorra austera;
 E congruente paralelo idoneo
 Lindos quadros lhe pinta!

V.

Ella então finge Phylomela doce,
 Nas tardas Horas do lascivo Mayo,
 Soltando aos ares o melifluo nectar
 Dos magicos seus trinos!

VI.

Zephyro meigo despargindo em torno
 Finge ella a hum tempo as vibrações cellestes,
 Tal soa o Canto das formosas Marcias,
 Tal de Moreira o Cravo!

(1) Esta Ode me foi dirigida pelo meu muito prezado Amigo Thomaz Antonio dos Santos e Sylva, que em nossos dias recebeu o quadro dos talentos de Homero, e Camões com o das suas desventuras!...

ODE XXV. (*)

O corte escasso, que da teia Jove
 Talhou, convém borda-mo-lo de flores,
 Só vives longo tempo
 Quando á Tristeza encolhes
 As azas, que ao Prazer prudente largas.
Francisco Manoel.

I.

Se ao doce canto das formosas Marcias,
 E arpejos doces do Moreira amavel,
 Do meu Thomino se juntasse o grave
 Fulgido metro!

II.

Se a par com elle tactear podesse
 A eburnea Lyra do meo grande Mestre,
 Phylintho eximio Utz, e Rousseau, e Horacio
 Pindaro Luso,

III.

Se quando em taças de fervente Ponche,
 Fuma a Alegria, eu te dissera « Amigo,
 » Brinda sem pejo, que juizo he raro
 » Ser doido a tempo!

IV.

» De parte arruma nebulosas penas,
 » Serios cuidados! ve que a vida he breve,
 » Ou que he só vida, o que dourou momento
 » São rigosijo!

(*) Em reposta á precedente.

V.

- » Deixa o praguento, sem sabor Thersites (1)
 » Hir do Argonauta no Barquinho ao Lethes, (2)
 » E que o mesquinho Manteigueiro arrote
 » Critica, e versos!

VI.

- » Deixa o Futuro, que nos não pertence,
 » Magon prevista da dobrada angustia, (3)
 » Aos sostenidos, variações, volatas
 » D'alma te entrega!

VII.

- » Ladino espreita na emoção, que eu sinto
 » Qual das Cantoras, quando a voz desprende,
 » Dos lindos olhos me despede ao peito
 » Setta amorosa!

VIII.

Então fruira galhofeiras Horas,
 Curtas achara prolongadas Noites,
 Das Bellas Artes, e de Amor lançado
 Sobre o regaço!...

IX.

Mas se Thomino, em tenebrosa Estância
 Encarcerado pela mão da Sorte,
 Sahir não pode, e do fulguedo ao Monte
 Seguir meos passos!

(1) Nome com que a Satyra designava o Zoilo de Camões.
 (2) O novo Argonauta, Título de hum ruim Poema de Jo-
 se Agostinho.

(3) Il pensare al morir la morte affretta,
 E piú tardi se muor, si men sarpetta.

X.

Sem ter quem ouze competir meos voos
E, apoz deixando o, estimular meo Estro,
Como presumes, que eu desfrute, ou goze
Praser completo?

XI.

Mais uffanara Luctador nervudo
Ter resistido de Milon ás forças (1)
Que haver prostrado no arenoso circo
Mil inimigos!

(1) Este celebre Athleta da Antiguidade, depois de haver obtido muitas victorias, veio a morrer desgraçadamente na sua velhice, entallado em huma Arvore que pertendera escachar, e devorado por hum Leão. Huma das obras primas de Puget he o grupo em que se figura este acontecimento, que o Padre Doissin no seu Poema de Escultura cantou nestes lindos versos:

Non procul hinc agnosco tuum, Pugete, Milonem,
Eximiae simulacrum artis; quem fissile robur
Captivum retinet, verum ecce paludibus exit,
Bellua vasta, Leo, et rabie stimulatus edendi,
Imprimit in magno truculentos corpore dentes,
Offensum luget marmor, furit, æstuat, ardet.

Sculp. Liv. II.

ODE XXVI.

A Moniz.

Not all that glister's gold
Gray.

Le masque tombe, l'Homme reste,
 Et le Heros s'évanouit.
Rousseau.

Não me dirás, Moniz, em que se funda
 O zótico direito,
 Que os preclaros varões alto reclamam
 De impunes delinquirem?
 Querem por força, que da gloria o manto
 Com seu fulgor encubra
 Os torpes vícios, que lhe fervem n'alma,
 Os crimes que perpetram:
 A urna das graças emborcada inteira
 Em suas mãos avaras,
 Dos prestados serviços lhes parece
 Pequena recompensa!
 De hum exercito á frente derrotaram
 Da Patria os inimigos?
 Delapidar a publica Fazenda,
 Attentar contra a vida,
 Dos Cidadãos, e contra a liberdade,
 Já licito reputam;
 Querem que os Tribunaes, Leys, e a Censura
 Decoro, Honestidade
 Ante elles emudeçam! mas si a Patria

Lhes premeia os serviços,
Si nisto é justa, o não será si os pune
Quando o dever infringem!
Si he Curiolano Heróe, deve por isso
Calcar aos pés o Povo?
Deve Manlio por isso escravisa-lo?
Não; triumphos, corôas
Pelas suas victorias lhes decretem;
Mas pelas traições suas
Da Patria hum vá banido, outro perega
Do Tarpeos depenhado;
Tal proceder he justo! embora acويمem
De ingratição o Povo!
Si frequentar podessemos de Athenas
Os Banhos, os Theatros,
O Acropolis, o Foro, em mui diverso
Ponto de vista aos olhos
Se nos mostraram muitos homens grandes:
Si Aristides foi Justo,
Si Phoeion innocente então se vira!
Não posso lêr sem riso
O applauso, que os Romanos Escriptores,
Enfaticos tributam
A Scipião, que citado por Tribunos
A dar conta ante o Povo
Dos publicos dinheiros despendidos
Nos cargos que exercera,
« Romanos (diz) hoje venci Carthago:
» Ao Capitolio vamos
» Render graças aos Numes! » mais airosa
Por ventura não fora
Ao de Carthago destructor triumphante
Dar contas como honrado,
E assim lavar-se da suspeita torpe
De infame peculato?
» Mas (dirão) hum Patricio! Homem tão grande
» Responder ante a Plebe! ...

E essa Plebe não era o Soberano?
 Consules, e Senado
A hum Plesbecito seu não se humilhavam?
 Os proprios Dictadores
Não depunham as Faces? dessa Plebe
 Suor não era, e sangue
Por Scipião o dinheiro despendido?
 Confiado não lho haviam? ...
Que Codigo permite os bens alheios
 Reger, sem que o Regente
Responda pelo emprego, que fez d'elles?
 Só recusa dar contas
Quem mal governa, ou fraudolento intenta
 C'o alheio levantar-se!
Pelo que fez de responder não teme
 Varão; que não remorde
Consciencia accusadora; a hum dever sacro
 Scipião ousa evadir-se!
Louvem-lhe embora as belicas Façanhas,
 O militar talento,
Porém capacitar-me não pertendam
 Da probidade sua.

ODE XXVII.

A hum presumido de Fidalgo.

... o laurel das grandes almas
Jámais se tece das avitas palmas.

Diniz.

I.

Se teus grandes Avós a Patria honraram,
Se arriscaram por ella o sangue, e a vida,
Se a virtude habitou dentro em seu peito,
Nobres de certo os creio!

II.

Mas para ser, quaes foram, nobre, e honrado,
Tu que fizeste? vir do sangue delles? ...
Puro acaso isso foi; não te dá gloria
Hum capricho da sorte. (1)

III.

E o poderás provar? Lucrecias todas, (2)
Foram todas Penelopes as dignas
Espozas dos Heróes, de quem descendes?
Huma so Messalina,

- (1) Mais je ne puis souffrir qu'un fat dont la molesse
N'a rien pour s'appuyer qu'une vaine noblesse,
Se pare insollement du merite d'autrui,
Et me vante un honneur qui ne vient pas de lui.

Boil. Satyr. V.

- (2) Mais qui m'assurera qu'en ce long cercle d'ans
A leurs fameux Epoux vos ayeiles fideles
Aux propos des galands furent toujours rebelles? ...
Et comment savez-vous si quelque audacieux
N'a point interrompu le cours de vos aieux,
Et si leur sang tout pur ainsi qui leur noblesse
Est passé jousqu'a vous de Lucrece en Lucrece.

Boil. Satyr. V.

IV.

Não houve, que á torrente azul, e pura
Desse sangue, lasciva, misturasse
Rubro sangue Plebeo de hum gordo Frade,
Ou de hum esbelto Pagem!

V.

Ignoras que em Alcaçares dos Grandes
Por mão do Occio, e do Luxo entra mais vezes
Torpe Adulterio, que na humilde Choga
Do Lavrador mesquinho!

VI.

Viciosa não he sempre a grandeza,
Nem a pobresa honesta; em toda a classe
Reina a Virtude; mas o vicio lavra
Melhor entre as delicias!

VII.

Loucura he blasonar de hum grande nome,
Que tem por base a femenil fraqueza:
Si vales só pelo que os outros foram,
E's mera sombra d'elles!

VIII.

Que monta seres Neto de Albuquerque,
Quando descóras de huma espada ao brilho?
Se não fundas Imperios, não conquistas,
Senão loureiras Damas?

IX.

Que importa vir do grande Castro? acaso
Pugnaste em Dio, (1) ou sobre o mar venceste? (2)
Tens limpas mãos como elle? ... não, que a infamias
Por ouro te não poupas.

(1) Como D. Fernando de Castro.

(2) Como D. Alvaro de Castro.

X.

Não valêra então mais de Pays obscuros
Nascido haver qual o Adail Barriga, (3)
Como elle ennobrecer prosapia humilde,
Ser hum dos Heroes Lusos?

XI.

Quem mais a estima grangeou do Mundo,
Catão, ou Cezar? Tullio, ou Catilina!
Pois nasceram Plebeos Catão, e Tullio,
Entre a grandeza os outros.

XII.

E hum a Patria agrilhoa, o outro a morte
Achou tentando-o; Tullio salvou Roma,
Catão longo pugnou para salva-la,
Emfim morreo com ella!

XIII.

Queres ser grande, illustre, e nobre, e honrado?
Sê justo, e bom, e sabio, e probo, e livre:
A Patria serve; sê bom Pay, e Esposo,
Sê valedor, e affavel.

XIV.

Cultiva as Letras, as Sciencias honra,
E então embora te proclames prole
Dos Cunhas, dos Almeidas, dos Pachecos,
De Jove, si quizeres! . . .

(3) O famoso Lopo Barriga, Adail, ou capitão das correrias nas terras de Africa, era de extracção humilde, porém o terror dos Mouros, e o mais valente Guerreiro, que tivemos n'aquelle tempo. Antonio Diniz da Cruz celebrou em huma Ode Pyndarica, as façanhas deste Heróe Portuguez.

ODE XXVIII.

*Ao meu amigo o Sr. Francisco de
Moraes.*

[L'on ne va point au cœur en blessant les oreilles,
Duresnel.

I.

A'manhã! ... ámanhã! ... esta palavra
Azoa-me o juizo! não a explica
Da Academia nossa o Diccionario,
E o de Constancio douto!

II.

Bluteau consulto, e diz-me que he o dia
Proximo, de que o tempo anda pejado,
De que já está sentindo agudas dores
Para o parir ao Mundo!

III.

Dar á tal palavrinha observo o Vulgo
Identico sentido; porém vejo
Quem em phraze do Moraes « amanhã » sôa
D'aqui a muitos dias!

IV.

» A'manhã (elle diz) trago a Ulyssea,
» Trago as obras de Caldas, de Lavigne;
Passam quatro, outo, dez, e vinte dias,
E o amanhã não chega!

V.

Não entendo! ou Moraes he mentiroso,
Ou o Bluteau me engana, e mente o Vulgo;
Mas Moraes é Philosopho, instruido,
Philologo chapado.

VI.

Lê por livros de fita, e de aureas folhas,
Dá sóta, e az em chymica, e pertende
Por a limpo o que chama certa Seita (1)

Romantica Poesia.

VII.

Romantica Poesia, invenção guapa
De certos Vates novos, que desdenham
De quanto produzio de Grecia, e Roma.

O mui fecundo Genio.

VIII.

Grande achado fará quando descubra
Que inimigos de métrica harmonia,
Querem que cada verso seja hum corno,

Duro, retorto, agudo.

IX.

A's Musas dando baixa, a Lyra sua
De Trovador trocaram por Thiorba;
E querem apeiar de seus altares.

De Homero os Deoses todos.

X.

Querem só Bruxas, Trascos, Lobishomes,
Corni-geros, capri-pedes Diabos,
Defuntos a sahir das sepulturas,

Alguma Fada ás vezes.

(1) O meu amigo, Homem de bom juizo, e instrucção, quando algum versejador de má morte o importunava com alguma composição redicula, baptisada com o titulo de romantica, tinha prompta a seguinte pergunta. « V. m. não me dirá que romantico he esse que se não parece com o de Walter Scott, nem com o de Chateaubriand, ou dos Alemães? » He a isto que se allude nestas Strophes, e não ao genero Romantico, em que se tem publicado lindissimas composições, não só de Estrangeiros, mas de Patricios nossos.

XI.

Lindo maravilhoso gandaiado
 Nos contos de garraias cosinheiras,
 De velhas, que com voz desafinada
 Com elles nos emballam:

XII.

Pois o estilo! que nojo! que embrexado
 D'ideas delambidas, de occas phrazes!
 Parece que Grazian, e que Thesauro (1)
 Conceitos lhe ministram!

XIII.

E julgam estes loucos encartar-se
 No officio de Poetas! cingir louros,
 Com que as Musas risonhas coroaram
 Camões, Garção, Phylinto!

XIV.

Pois juro que os romanticos bastardos
 Com todos seus rozarios de quadrinhas,
 Não alcançam que o seculo futuro
 Si quer lhe saiba o nome!

(1) Lotemio Grazian com a sua *Arte de agudexa de engenho*, e o Conde Manoel Thesauro com o seu *Canochial de Aristotico*, reduziram a systema o máo gosto do seculo de seiscentos, como Aristoteles com a sua arte Poetica, reduziu a regras a bon Poesia.

ODE XXIX.

Fiquei desapontado!

Garret. D. Branca, Cant. VI.

I.

Apregoam da Hespanha os Jornaes todos
 Que Escoiquiz traduzio de Young as noutes,
 Que bem as traduzio! cahi no logro,
 Fiz em Madrid compra-las.

II.

Depois de longos mezes veio o livro,
 Por excessivo preço; pégo a le-lo,
 Logo embirrei co' o prologo, onde o Cónego (1)
 Mui ancho nos declara.

III.

Que sendo Hereje o Author, cortou da obra
 Quantos trechos vio nella, que amargassem
 A Orthodoxo padar; n'hum Toledano
 Prebendado inda o soffro.

IV.

Passo ao Poema! que nojo! vi que o Padre
 Sabia tanto Inglez eomo eu sei Turco;
 Pois só de Letourneur a prosa ensossa
 Poz em rasteiros versos!

V.

E ao menos isso o fanfarrão declara?
 Qual historia? inda encontro outra ratice
 Entre as noutes em verso traduzidas
 Em prosa mescla algumas!

(1) D. João Escoiquiz. Author d'esta miseravel versão, foi
 Arcediago de Alcaraz, e Cónego da Sé de Toledo.

VI.

Podéra inda passar tal contrabando,
 Se fora Letourneur fiel, e exacto (1)
 Traductor, e supprisse a versão sua
 Do original as vezes!

VII.

Mas'quem ignora ahi que esse Francelho
 De Young atassalhou todo o Poema,
 E fez do texto Inglez as nove noutes
 Tornar-se em vinte e quatro?

VIII.

Ora trechos transpõem, ora os suprime,
 Ideas suas introduz mil vezes;
 E em sentido, e expressão faz ao Poeta
 Judiciarias cento.

IX.

E ha na Hespanha quem gabe a vista disto
 De Escoiquiz o talento, e o gosto? e era
 Este o Ayo, e Mentor de hum Rey Mancebo?
 Em boas mãos cahira.

(1) Para se fazer ideia da exactidão com que Letourneur traduz Young, basta citar estes versos da Epistola a Voltaire

My Muse, as a bird of passage, flies

From frozen climes to milder skies.

Letourneur tradnz as palavras *as a bird of passage* com estas *comme un petit bateau*.

ODE XXX.

Meditação em noite serena.

Campos, y arboles umbrosos,
 Noche tan clara, y serena,
 Sed testigos de mi pena,
 Y enseñad a los dichosos
 Que avisen en causa ajena.

Jorg. de Montem. Pyramo, e Thisbe.

I.

O Ceo azul de Estrellas tachonado, (I)
 O clarão melancholico da Lua,
 O Ribeiro, que trepido murmura,
 A aura serena, e fresca,

II.

Que menêa das Arvores os ramos,
 Das Flores os balsamicos esfluvios,
 Que todo o ar em torno aromatizam
 Com variados perfumes,

III.

A muda solidão, que me circumda,
 Tudo me alheia o espirito, e desterra
 Bulicio insano do inquieto Mundo
 Que fujo, e que me enfada.

- (1) Humana forma al humedo elemento
 Miguel usurpa de candor ornado,
 Y por alas arranca al firmamento
 Una porcion de estrellas tachonado.

Silveira, Machabeo; Cant. V. Est. V.

IV.

Ergo os olhos ao Ceo, nos Ceos habita
 Tudo quanto na Terra amei sincero;
 Thomino (1) Oleno (2) Elmano (3) Alfeno (4) Ismeno (5)
 Gloria do Luso Pindo.

V.

Aquella Estrella he Marcia (6) esta he Jozina, (7)
 Lieutard estoutra (8), o meu amor primeiro;
 Inda parece que de lá me acenam
 Com raios luci-tremulos.

VI.

Passou, não volta a quadra dos amores,
 Que mal concordam co'a madura idade;
 Abelhas, Borbuletas não procuram
 Nectar em murchas rozas.

VII.

E os amigos, que a vida me encantavam
 Com doutas fallas, com sonoros versos,
 Hum apoz outro tem cedido á fouce
 Da inexoravel Mortel

VIII.

Myope, enfermo, e só no Mundo existo,
 Só, que não me criei c'os Homens d'hoje,
 Nem seu pensar ao meu pensar responde,
 Nem sua lingua entendo.

IX.

Inimigos da Paz, e das Cameras,
 Folgam nas dissensões, nos odios folgam,
 De Avós honrados desacatam cinzas,
 Só dam aprego ao ouro!

- (1) Santos e Silva.
- (2) Moniz.
- (3) Bocage.
- (4) Domingos Maximiano Torres.
- (5) João Vicente Pimentel Maldonado.
- (6) D. Maria Constança Lima Barbosa.
- (7) D. Josepha Umbelina Cid.
- (8) ~~Madama~~ Bernardina Lieutard.

X.

Como o Nauta, que misero perdera
O Baixel nos navifragos rochedos,
E luctando com as vagas conseguira
Ganhar ignotas praias,

XI.

Onde, em vez de encontrar branda acolhida,
De hospedeira Nação, só vê selvagens
Que tímidos o fogem, ou lhe apontam
Mortíferas zagaías,

XII.

E n'ancia de salvar de novo a vida,
Sem mais sustento que bravias fructas,
Vaga o deserto, mais polida gente
Buscando onde descance.

XIII.

Assim vou demandando o passo lento
De melhor vida o porto, e que do Eterno
Benigno o Tribunal hade acolher-me
Me afirma a consciencia!

XIV.

Lá não apresentarei manchado o rosto
Com ferrete de sangue, ou de perfidia;
Ninguem me hade accusar dos seus desastres,
De mim pedir vingança!

ODE XXXI.

*A morte do meu amigo Nuno Alvares
Pereira Pato Moniz.*

Quando inveniemus parem?

*Horat.*Ah cruda Morte, e chi fia che ne scampi
Si con tue fiamme avampi
Le piu elevate cime?*Sannazaro. Arcad.*

O constante Varão, que não descóra
 Ante ameaçada morte,
 E olhos só crava do dever no trilho,
 Nunca ó verás rojando
 Dos Tyrannos nas Cortes o instrumento
 Tornar-se de seus crimes:
 Nunca o verás vender do Povo a causa
 Por immeritas honras;
 Nunca o verás sacrificar ao ouro
 De aváros Estrangeiros
 Da Patria os interesses, muito embora
 A cega Deosa de Antio
 Delle desvie a urna das riquezas:
 Embora a Prepotencia,
 E o odio dos Partidos em seu damno
 Vibrem tremendos raios,
 Arabica Palmeira, elle não curva (1)
 Ao pezo da desdita!

- (1) Tal, viendo-se opprimida, se levanta
 Con mas vigor la generosa planta.

Silveir. Mechabeo. Cant. I. Est. XXXVI.

Co' a approvação dos Bons elle contente,
E co' auxilio do Jove,
Vê surrindo o mortifero cutello
Na mão do algoz erguido:
Vê sem susto ondear linguas de fogo
Da fogueira que prompta
A devora-lo está! ou vai banido,
Mas com sereno rosto,
Buscar em clima barbaro o descango,
Que a Patria lhe denega.
Ali do bem que obrara a consciencia
Das penas o consola!
Não merecido mal redunda em gloria
Do innocente, que o sofre;
Não vale a vida o preço da virtude:
Assim Catão, que observa
Roma em cadeias, rasga o peito heroico,
Co' a Liberdade morre!
Assim Phylinto nas formosas margens
Do triumphante Senna
Ao som da Lyra amaciava as dores
Do exilio, e da pobreza!
E tu, tambem, Moniz, que denodado
Na Tribuna, e no Prelo
Da Nação, e das Leys, da Liberdade
A causa defendes-te
Com intrepida voz, e a força inteira
De patriota ingenuo,
Sem lamentar-te, os ferros, e o desterro
Tiveste em recompensa!
Ilha Africana te acolheo: seus montes,
Novo Orpheo te escutaram
Da Horaciana Lyra os sons canoros
Ali jámais ouvidos!
Soberbo Galião, que contrastando
Os Euros, e as Procellas,
Foi do Oriente aos confins, e delles volta

Duas vezes impune
 Dobrando affouto o tormentorio cabo,
 Muitas vezes á vista
 Das patrias costas o devora o pego!
 Assim, cantor sublime,
 Quando doura outra vez a Liberdade
 De Lysia os horizontes,
 De Lysia, que te chama, a vida acabas (1)
 Antes que ao Tejo volvas!
 De Cabo Verde as Dryadas chorosas
 As Nayas, e as Oreas
 Co' as mãos de ebano hum comaro levantam
 Sobre o frio cadaver
 Do Vate extincto; e em cima desvelladas
 Plantam vigosas palmas,
 Frondosos Cedros, e nativas flôres;
 Seu Espirito applacam
 Com barbaras Canções em lingua ignota!
 No Cippo, que o remata (2)
 A septi-sona Lyra pendurando,
 Com que o prendara Clio
 Na idade juvenil! assim de Ovidio
 Sobre o sepulchro humilde
 Só de barbaras Getas retumbaram
 As funebres Endeixas!

(1) Segundo informações, que acabo de receber, Moniz expirou na Ilha do Fogo, no mesmo dia em que partia de S. Thomé hnuma Sumaca, em que o Governador o mandava buscar, para o trazer consigo para Lisboa.

(2) Ἀθλῶν γὰρ Πελίῳ δειδυπότος ἔφ' αἰνέτας
 Τῆν' εἰ ἀμφιρῆτη πεφνε, καὶ ἀμύματο γαστῶν
 Ἀμφ' αὐτοῖς, εἴηλας τι δῶ καδυπερθεῖ ἔτευσεν.

Apol. Rhod. Argon. Liv. I. vers. MCCCIV.

Morte lhes deu na undi-cingida Tino,
 Vindo dos jogos funeraes de Pelias;
 Hum comaro de terra ergueu sobre elles,
 Onde dois Cippos collocou.

ODE XXXII.

*A' Sr.^a D. Maria Izabel Ferreira,
acabando de cantar a Aria "Om-
bra adorata aspetta. (*)*

Awake, Eolian Lyre, awake,
And give to rapture all thy trembling strings.
Gray. Od. V. Str. I.

I.

Deozes! que escuto! . . . armonicos concertos
Tremulam pelos ares! . . . gratas Musas
Enlaçando o matiz dos sons do Piano
O prestigio redobram!

II.

Ouçõ a voz de Romeo, que afficto, insano, (1)
Por Julieta, o seu bem, clama debate;
Veneno matador lhe corre as veias,
Mordendo o tronco á vida . . .

III.

Oh! poder da Illusão! . . . cantora amavel,
Eximio Tangedor (2)! . . . Meu estro he pouco! . . .
Vós mesmos redobrando esses portentos
Tecei vosso elogio.

(*) He da bella Opera Italiana, intitulada Julieta e Romeo, cuja musica he dos mais felizes partos do grande Zingarelli.

(1) Romeo he o nome do primeiro Galan da sobredita Opera, parte que foi desempenhada no Theatro de S. Carlos pelo sem-igual Crescentini.

(2) O meo amigo o Padre Carlos Moreira, que fazia no piano o acompanhamento.

ODE XXXIII.

Ao Padre Vicente da Cruz.

Dulci optata die pingit mens anxia nocte.
Santos e Silva.

Quando a Thytonea Moça hoje com roseos dedos
 As portas orientaes ao Sol abria,
 Vi, ou cri ver sonhando em pé junto ao meu leito
 Huma Ninpha gentil, qual fingem Vates
 Do Pelago surgindo a Deosa de Cythera
 Apenas revertida a linda forma
 De verdilonga trança, em torno gotejante.
 « Quem hes? . . . (alvorçado então pergunto)
 Ella com mesto rosto, em branda voz, que sôa
 Qual de Collini o canto em Ssená Ausonia (1)
 » A Nayada (me diz) sou de teo vitreo lago,
 » Que os mudos Habitantes, que o povoam,
 » Esquivo noite e dia aos Sylphos malfazejos,
 » Animal miador, daninho Infante,
 » Mas ah! de balde lido; a meu desvello ingrato,
 » De mim, delles te esqueças, nem procuras
 » Seo numero augmentando; o imperio dilatar-me;
 » Eia, rompe a detença, e não consintas
 » Que por mais tempo ingloria em méos cristaes desertos
 » Ellevar-me não possa á flor das agoas,

(1) Josepha Collini, Cantora Piamonteza.

- » De mim juntando em roda em meiga cantilena
» Varias de forma, e côr, abaixo, acima,
» Mil circulos tecendo as turbas nadadoras.
» Entre os floreatos jardins, bosques sombrios
» Onde Vicenio passa, em paz, tranquilladas horas,
» Ora entregue á leitura de aureos livros,
» Ora em inação doce, em grato devaneio,
» Tanques, onde, em cardumes, fervem Peixes,
» Dos Zephyros ao sopro amenos se embaloigam,
» Offertam folgazão aos niveos Cisnes;
» Delles se em brando metro a supplica lhe fazes,
» Liberal mandará colonias bellas.
Dizendo assim fugio, como o fulgor, que rompe
Da Noite a escuridão, seintilla, e foge.
Mas quem, Vicenio meu, tão ferreo he que resista
A' Belleza, que roga, e mais se he Deosa!
Seu rogo te refiro em novo, e facil metro,
Seus votos preencher de ti só pende.

ODE XXXIV.

*A Morte de Francisco de Borja de
Carvalho e Mello.*

Todos asi en la tierra dormiremos,
Hasta que el pié del Todo poderoso
España el polvo, de que está formada.

D. Juan Escoiquiz.

I.

Tem em roda de mim ceifado a morte
Quantos amigos do praser a taça
Esgotaram comigo em ledos dias,
Da verde adolescencia!

II.

O veloz Tempo sacodindo as azas,
Cercado de annos, mezes, dias, horas,
Progenie sua, tem hum apoz outro
Cavado os seus sepulchros.

III.

Elmano, Alfeno, Melíbeo, Thomino
N'esse abysmo profundo baquearam;
Alcino, Ismeno, e Oleno, que eu presava
Inda mais que elles todos!

IV.

Tambem tu, oh Francilio, já pagaste
Da Humanidade o feudo á Morte; o Nume
De Epidauro não pôde defender-te
Co' a doenti-fuga vara!

V.

Posto que houvesses estudado assiduo
Da arte sua os segredos, e as doutrinas;
Quando a hora fatal sôa, que valem
Da Medecina os meios?

VI.

Nem genio, nem virtude embarga a morte;
Perece o sabio, qual perece o louco:
Como ignobil Pintor, Raphael morre,
Como Achylles Thersytes!

VII.

A differença he que dos máos, dos nescios
Vai com elles o nome á sepultura;
E que o bom Cidadão chorado sobe
Do Omnipotente ao seio.

VIII.

Assim subiste Tu, em cuja campa
Corre o pranto da Esposa, dos amigos;
Que em torno della saudosos plantam
Os louros, e os cyprestes!

IX.

Mortaes insanos! delirando em odios
Com ferro, e fogo revolveis o Mundo,
Sem occorrer-vos que da gloria a estrada
No tumulto fenece!

X.

Valem riquezas as infamias, lidas,
Porque as compraes? eu só lhe dera aprego,
Si com ellas peitar podesse acaso
A inexoravel Parca!

XI.

Porém si os cofres de dobrões peçados
Cumpre deixar nas mãos de avaro herdeiro;
Si ouro a vida hum momento não prolonga,
Para que o buscam tantos,

XII.

De honra, virtude, e da saude a custo?
Melhor não fora no trabalho honesto
Esperar pelo termo da existencia
Sem crimes, sem remorsos!

ODE XXXV.

*A' Morte de D. Maria Constança Lima
Barbosa,*

Nascendo moriens.

Massenius, Sarcotis Liv. I.

Toutes choses mondaines
 Qui vestent nerfs et veines,
 La mort egale prend,
 Soient pauvres, ou soient princes,
 Dessus toutes, provinces
 Sa main large s'étend

Ronsard.

I.

Quando nasce, a morrer começa o Homem,
 Mas a Morte ante nos chega estranhada:
 Nada ha mais certo que ella, e sempre novo
 Successo nos parece!

II.

Muito embora de lustros vinte ao termo
 Cheguemos; sempre aos olhos no horizonte
 A vida se apresenta, qual miragem
 Nos Egyptios desertos!

III.

Em deredor de nós debalde vemos
 Engolir cada dia a sepultura,
 O merito, a grandeza, a sãa virtude,
 A formosura, o genio!

IV.

Toda a face da terra, que pizamos
 Consta de gerações em pó desfeitas,
 Que acamando-se vam humas sobre outras
 Athe ao fim dos E'vos!

V.

E hum Emfermo não ha que recostado
Sobre o leito da dor, de força exausto,
Já turva a vista inda contar não ouse
C'hum dia de existencia!

VI.

A bondade de Deos na sombra envolve
Da morte a horrenda imagem! que seria
Do mortal, que ao marchar ao-seo encontro,
Sempre a tivesse á vista!...

VII.

Da desesperação cahindo em garras,
Desconsolado, inerte esmorecera,
Como a relva espontanea, que nos Campos
Brotá, voceja, e seca!

VIII.

Nem virtudes, nem crimes, nem prazeres
Nem Cidades, nem Povos vira o Mundo;
Poderiam cuidar de si, dos outros
Aflictos muribundos!

IX.

De tão lugubre ideia emfatuado
Quem de amor ao prazer se abandonara!
Sem amor acabado já não tinha
A triste Humana espece?

X.

Na linda quadra dos amores nossos,
Lembrou-nos huma vez si quer, oh Marcia,
Que romperia os nossos mutuos laços
A truculenta Morte!

XI.

Oh não! Sonhos de gostos, de ventura,
De mui longo viver, nos circumdavam,
Nem viamos do amor por entre as chamas
As rugas da Velhice!

XII.

E a Morte veio, e tu subiste aos Astros;
A unir-te ao choro das leaes amantes;
Jaz teu espolio em tumulto modesto,
Que o meu desvelo erguera!

XIII.

Na surda noite alguma vez apenas
Junto ao meo leito a sombra tua eu vejo!
Vejo-a meio dormindo, e mais formosa
Na alma luz que a rodea!

XIV.

Os ternos olhos para mim volvendo
Sortir-me inda parece, e convidar-me
Para segui-la a habitação ditosa
Do perene descanso!

XV.

Quero erguer-me, e não posso: fallar tento
E a lingua da vontade se recusa
A obedecer ao mando, e em tanto a sombra
Nos ares se dessipa!

ODE XXXVI.

Ao Anno de 1844.

Nous, qui dans l'Océan des Etres
Nageons tristement confondus;
Nous dont l'existence legere,
Pareille á l'ombre passagere,
Commence, parait, et n'est plus.

Malfilatre.

I.

Este anno, que encetel, finda-lo eu devo?
Ou na mente de Jovê estará fixo,
Que do Livro da vida, em seu decurso
Meo nome apague a Parca?

II.

No intimo d'alma occulta voz mo affirma;
E sinto enfraquecer de dia em dia
Alegria, saude, forças, vista;
E o estro já tão vivo!

III.

Do applauso o accento, da Beleza o aspeito,
Já frio escuto, indifferente observo;
Da Musica as celestes melodias
Meu peito não emflamam!

IV.

Mas si o Ceo dá que este anno findar veja,
Para mim virá elle amigo, e fausto,
Ou trazer-me virá desgostos novos,
Mais agras desventuras?

V.

Co' a vontade do Eterno me resigno;
Mas fui tão infeliz na verde idade,
Que justo fora envelhecer tranquillo
Em doce mediania.

VI.

Annos cincôenta e seis vivido tenho,
De que modo? estudando, e padecendo.
Para tão pouco mal valia a pena,
De me crear o Eterno.

VII.

Minha inerte materia lhe não disse
» Plasma-me, oh Deos, espirito pensante
» Une a mim! » mas só elle he que conhece
Do seu obrar as cauzas.

VIII.

Sabe só elle porque ao Roble rude
Existencia de seculos concede,
E do Homem a machina assombrosa
Tão presto se desune!

IX.

Sua vontade he ley! cumpra se! as campas
Reguei de muitos com sincero pranto!
Mas talvez huma lagrima não caia
Na terra que me cubra!

ODE XXXVII.

Na convalescença de molestia grave.

La Parque ne fait point de grace;
 Tout meurt; c'est pour l'humaine race
 L'inviolable arrêt du sort,
 Le rang, le sçavoir, le courage,
 Rien de ses loix ne nous degage,
 Tout meurt, puis que Pindare est mort.

Lamothe.

I.

Para mim a sorrir começa Hygia,
 E foge ao seu sorriso a Febre ardente,
 Que nas veias o sangue atropelado
 Co' sopro rescaldava.

II.

Mais viva luz nos olhos me refulge
 Branda, e serena; a viva phantasia
 Já no seio da noute não se aterra
 Com pavorosos sonhos!

III.

A pouco, e pouco vão volvendo as forças
 Aos decepados membros, nem me abala
 Tremulos nervos a gelada dextra
 Da convulsão nocturna!

IV.

Bem pensei outra vez não ver floridas
 Do meo Pomar as Arvores, que do Horto
 Não mais entre os canteiros aspirara
 O arómata das Flores!

v.

Que não mais com meu plectro tiraria
 Accordes sons da Lyra; que fechando,
 Ultimo Alumno, de Phylinto a escola,
 Fora encontrar meu Mestrel...

vi.

Na nuvem septicor Iris já via (1)
 O cabello a Proserpina votado
 A cortar-me apromptar-se!... ouvia ao longe,
 No turbido Cocito,

vii.

Do Cão trifuace os trisonos latidos,
 Os roucos brados do horrido Charonte,
 E nos bordos da Barca o som medonho
 Dos rebatidos remos!

viii.

Via em seu Tribunal Eaco, e Minos,
 E o ferós Rhadamonte interrogando
 As criminosas almas!... e das Fúrias
 Colear as serpeas grenhas!...

- (1) Tum Juno Omnipotens, longum miserata dolorem,
 Difficiles obitus, Irim demisit Olympo,
 Quæ luctantem animam, nexosque resolverat artus,
 Nam, quia nec fato, merita nec morte peribat;
 Sed misera ante diem, subito que accensa furore;
 Nondam, illi flavum Proserpina vertice crinem
 Abstulerat, Stygio que caput damnaverat Orco.
 Ergo Iris croceis per Cælum rosida pennis
 Mille trahens varios adverso sole colores
 Devolat.

Virg. Æneid. Liv. IV. Vers. DCLXXXV.

IX.

Lá nos umbraes do Elysio, que pratea
 Pura luz immortal, já me accenavam
 Oleno, (1) Alcino (2) Ismeno (3) e já não cego, (4)
 O almo cantor do Sado.

X.

Com aprasivel gesto me apontavam
 Para ameno bosquel, onde sentados
 Cantavam Corydon, Phylinto, Elpino,
 Em Lyrico certume!

XI.

O divino Camões os ouve attento
 Para entre elles julgar! Pyndaro, Horacio,
 Sapho, Petrarcha, e Tasso em roda applaudem,
 Com variado affecto! ...

XII.

Mas no livro da morte inda marcado
 Não estava o meu nome; inda das Parcas
 Do estame meu não desvestira a róca
 O redopiado fuso!

XIII.

Oh benigno, ou cruel, inda o Destino
 Quer que de Ethereas auras me alimente: (5)
 Inda me he dado de Apollonio o canto
 Trazer ao Luso metro; (6)

(1) Moniz.

(2) Joaquim Seveverino Ferraz de Campos.

(3) João Vicente Pimentel Maldonado.

(4) Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

(5) Quem si fata virum servant, si vascitur aura
 Ætherea, neque adhuc crudelibus occubat umbris.*Virg. Æneid. Liv. I. vers. DL.*(6) Allusão aos Argonautas, Poema de Apollonio de Rhodes,
 cuja traducção em verso Portuguez tenho muito adiantada, e
 que espero concluir em breve, e publicar pela imprensa.

XIV.

E com elle seguir de Eson o Filho
Da Hemonia Jolchos, no Baixel de Palas, (1)
A Colchida remota, onde a despeito
Dos bronzipedes Touros;

XV.

Da armigera seara, e do tremendo
Vigil Dragão, que o guarda, o velocino
Co' favor de Medea roube, e a Grecia
O restitúa ouvante!

XVI.

Graças! mil graças aos benignos Numes,
Que delongaram o fatal instante,
Em que de mim tem de cobrar a morte
O infallivel tributo!

XVII.

Homens, Imperios, Monumentos, tudo
Tem de hum dia findar! genio, virtudes
Poder, grandezas, nada valem quando
A hora tremenda sôa!...

(1) A Náo Argos, em que os Mynias fizeram a viagem de Colchos, e que fora construida debaixo da direcção de Minerva.

ODE XXXVIII.

*A Madame Lavallete, salvando seu
Esposo da Morte. (*)*

Virtus recludens immeritis mori
Cælum negata tentat iter via,

Horat.

Virtude! quando o lucido reflexo
De teus celestes olhos
Fere no peito digno de acolher-te,
Qual acorda a centelha
O incendio, que na pólvora dormia,
Insolito ardimento
De veia em veia lavra! ... em vão pertendem
Da gelida Prudencia
Cortar-lhe o passo timidos conselhos;
Ao teu clarão marchando:

(*) Esta illustre Sr.^a. a honra do sexo, e do amor conjugal em nossos tempos, alcançando licença para fallar sem testemunhas a seu Esposo o Coronel Lavallete na prisão, onde estava esperando a morte, a que fora condemnado, o disfarçou com os seus proprios trages, o fez sahir, ficando em logar d'elle. Fag-se justiça a Luiz XVIII, que teve, apesar dos Jesuitas, a magnanimidade de perdoar este estratagemas, em virtude do motivo d'elle.

Virtuoso mortal desvia a vista

De tudo, que he terrestre,
Aspira a maior gloria, e só contempla

Da Justiça, do Honesto,
Do rigido Dever fragosa senda,

Em cujo termo avulta
Teu Templo augusto com marmorea pompa!

Que tem que em seu caminho
Verta veneno a perfida calúnia?

Que tem que praguejando

Marche a seu lado a detractora Inveja?

Que aprompte a Tyrannia

Equuleos, e Catastas! . . . e que a morte,

Com todo o seu cortejo,

Desdobre no patibulo afrontoso

O cruentado manto

Para enyolve-lo todo; e que ouça ao longe

O brado de Ignominia

Mandando-lhe fechar da Fama a porta?

Não treme, não vacilla,

Não descora, não geme . . . está seu peito

Sereno como as ondas

De pacifico lago em vernal dia!

Sorri tranquillo, e brando

Qual do Ganges sahindo a rubra Aurora?

Assim da Natureza

Gritos suffoca, e sacrifica Bruto

Da Patria á Liberdade

Os Filhos, que elle proprio sentença! . . .

Assim do ingrato Povo

Que tão mimoso tinha, e bem servira,

Recebera Aristides

Sem murmurar immerito desterro! . . .

Assim . . . mas fôra pouco

Entre eximios Varões mostrar prodigios

De teu sagrado influxo! . . .

Quanto não realçou, Deosa, contigo

O lindo, e debil sexo?...

Se ao cutello das Leis, trahida a Patria;

Pausanias fugir tentã

Em sacro-santo asylo, a Mãi, na frente

Da amotinada Plebe,

Pedras traz, que primeiro ella lhe arrojã;

Porque as Tribus liberte

Da inevitavel perda, a furia arrosta

Do terrível Assuero

A compassiva Esther!... mas se, oh Virtude,

Em femenino peito

Ao conjugal Amor a mão presentas,

Então mores portentos

Observa o mundo atonito, então fulges

Com resplendor mais vivo!...

Co'a propria vida do consorte a vida

Prolonga a linda Alceste;

Prostra Protesiláo Dardáneo ferro,

E a terna Laodamia

Sebreviver não pode aos seus amores!...

Do irado Pai as furias,

Porque salve Linceo, sem medo afronta

Hypermnestra... mas quanto

Tempo antigo exaltou em nossos dias

Iguallas, ou transcendes,

Oh terna Lavallete!... em vão rodeiam

Seu miserando Esposo,

A' morte devotado, ferreas grades,

Horrificas Phalanges,

Debalde o irado Rey, que immoto ouvira

Suas preces, seu pranto,

Magnanimas offertas da Amizade

A' sua phantasia

Armado de vingança se apresenta;

Com piedoso artificio

Ella a prisão penetra; « ah! foge! ah! foge!

» Caro Esposo (ella clama)

- » Foge da morte, immerecida penna
» Desse, que, consagraste
» Teu vivo affecto ao Idolo da França
» Já o bravo dos bravos
» O generoso Ney, Reo de igual culpa,
» De Luxemburgo a terra
» Que seu sangue tingio, que vezes tantas
» Tinha poupado a Parca
» Nos duros campos de horridas Batalhas!
» Foge! não te detenham
» Vãs considerações! fugir da morte
» Quando nos marcos campos
» Pela Gloria infeitada se apresenta
» He desdouro, he fraqueza, . . .
» Mas he louco, e cobarde o que a não frustra
» Quando a segue a ignominia
» Sobre o vil cadafalso illude os Argos
» Que attentos te vigiam!
» Sirva meu véo de lhes furtar teu rosto! . . .
» Salva-te amado Esposo
» Da Virtude, e de Amor a vida aceita;
» Neste osculo recebe
» Meo coração! . . . minha alma hirá contigo! . . .
» Embora me condemne
» O frio Estoico . . . de partido opposto
» Do Rey enfurecido . . .
» A colera não temo . . . alegre morro,
» Cumprindo os meus deveres!

ODE XXXIX. (*)

*A Morte de D. Anna Luiza Dufourcq
Potsch,*

Ne victar potrà mai letargo, o tomba,
 Perfida Invidia, ingiuriosa sorte,
 Che dovunque virtù la scorge, o chiama,
 Non la segua per tutto anco la Fama.

Marini. Ad. Cant. X. Stanz. CLXX.

Heta ditosa si no Mundo
 Pode chamar-se algum Mortal ditoso:
 Em reciproco amor, mutua ternura
 Que mais, e mais lhe vinculava o tempo,
 Com seu Esposo disfructava unidas
 Da paz, e de hymineo delicias puras.

Moniz. Apparição. Cant. III.

I.

Porque floreira com feroz contento
 Ensanguentada foice a Morte horrenda?
 Qual fecha nova victima esta campã
 Em seu marmoreo seio?

II.

Por quem terno Hymineo, voltando o faxo,
 Flebiles ais derfama, e des-cingiado
 Da florida capella as lindas tranças
 Graças, e Amor prauteiam?

(*) Pedida.

III.

» Analia pereceo! ... nos fundos Bosques
Em lamentosos échos, soa! ... ao longe
» Analia pereceo! ... respondem Grutas
Do saudoso Tejo!

IV.

» Analia pereceo! ... a flor mais bella
Que de Lysia alegrava os férteis campos! ...
Tão cellêste Belleza, oh! não podia
Na Terra durar muito! ...

V.

Por eutre a escuridão de hum Mundo infausto
Scintillou qual relampago! ... sumio-se,
Mais pezadas deixando as densas trevas
Co'a nuvem da saudade! ...

VI.

Quam variavel dos Mortaes a sorte! ...
Quam perfido o sorriso da Fortuna! ...
Se hoje da roda nos levanta ao pino,
Amanhã nos derruba! ...

VII.

Hontem iada apertando Analia em braços,
Sentindo-a suspirar sobre seu peito,
Em extasi de gosto o terno Esposo
Hum Numen se julgava!

VIII.

Quem não dissera que propicia Estrella
Com suave clarão dourou seu berço! ...
Quanto podem Virtude, e Formosura
Em Analia lhe deram.

IX.

Hoje vagando por desertos Lares,
Chama debalde Analia! ... geme, ulula,
Delira de pezar, e até piedade
Em seus rivaes desperta! ...

X.

Amorosos Phantasmas, que o rodeiam,
Com saudosa lembrança a dor lhe avivam!...
Aqui meiga surrio... alli pulsando
O Cimbalo honro,

XI.

As Horas encurtou, fez que os Favonios,
Librando-se nas azas, para ouvi-la,
Mais do costume em vezitar as Flores
Tardassem por quem morrem!...

XII.

Ledos momentos que o prazer dourava,
Suaves expressões, gentis gracejos,
Hum volver d'olhos... são punhaes que n'alma
Sem descansar golpeiam!

XIII.

Oh Musa da Elegia em lucto envolta!...
Lyra votada a prantos, e a lamentos,
Não cesseis de chorar d'Anafia o fado
Em piano sonido.

XIV.

Oh Tagides gentis, campestres Nymphas,
Consortes de seus ais, e de seus risos,
Sobre o Tamulo seu com mão profusa
Lançai Coraes, e Flores!



LIVRO IV.

ODES HORACIANAS EROTICAS.



ODE I.

A Venus.

Voi mi deste l'ingegno, e voi lo stíle,
Da voi le carte a ben vergar appresi;
E se v'ha stilla di purgato inchiostro
Prende sol qualità dal nero vostro.

Marini. Ad. Cant. IX. Str. III.

I.

Soberano prazer, de Homens, e Numes. (1)

Alva Filha da espuma, (2)

Tu que com teo throno d'ouro

Reges em Chipre o Imperio dos Amores;

Aphrodita, Dionea, Formusura,

Creação, Natureza,

Ou se outro nome ha hi que mais te apraza,

Co' esse te invoco, encantadora Dival!

(1) *Æciadum genitrix, hominum, Divumque Voluptas.*
Alma Venus! *Lucr. de Rer. Nat. Lib. I.*

(2) A Mythologia fingia Venus nascida da espuma do mar.

II.

He tuá a Rosa, Imperatriz das Flores; (1)
 A mais bella das Plantas,
 Dos Jardins ufanía,
 Da Terra ornato, esmalte das Campinas:
 Com seus botões a tua fronte enramas:
 Em teu morbido seio
 Mais suave difunde os seus perfumes,
 E o candor teu co'a purpura realça!

III.

O soberbo Leão, Rey dos desertos,
 Ao teu menor accêno
 Vem a teus pes humilde,
 As ferozes mandíbulas lhe prendes
 Com floreas redeas; em seu largo dorso
 Magestosa te assentas;
 E elle, Corsel submisso, te conduzê
 De soberbo com carga tão formosa!

IV.

Teu producer sorriso anima, e cria
 Os variados seres;
 De teu fogo tocados
 Se unem por ti, por ti se reproduzem;
 Sem ti ha muito já volvido houvera
 Ao cahos primitivo
 O Mundo organizado; a Eterna Noite
 O cubrira com o manto tenebroso.

(f) A Rosa era entre os Gregos consagrada a Venus.

V.

Quando lá no Ida de pleitear-te ousaram
 A palma da Beleza
 Pallas, e a altiva Juno,
 Mal do Pastor aos olhos refulgiram. (1)
 Francos, sem veos, teos immortaes, encantos,
 Foi tua a maçã d'ouro,
 Bramiram as rivaes, e despeitosas
 Vingam a injuria d'Illion no Incendio.

VI.

De ti nasceo o aligero Menino,
 Que a Jove arranca o raio,
 A Neptuno o tridente,
 De longe ao Rey do Averno as settas vibra,
 Co' as setas fere o duro Deos da guerra,
 E do facho derrama
 A ternura, o tormento, a dor, e o gosto
 Do Excelso Olympo do Oceano ao fundo.

- (1) Le qualità di quelle membra intatte
 Quai discriver saprian Pittori industri,
 Rendono oscuro l'alabastro, e il late,
 Vincono i gigli, eccedono i ligustri.
 Piume di Cigno, e nevi non disfatte,
 Son foschi esempi ai paragoni illustri,
 Vedesi lampeggiar nel pio semblante
 Candor d'avorio, e luce di diamante.

Basta ben ch'alla gloria a voi concessa
 Fu lor dato poggiar pur col pensiero,
 Nè fu lor poco onor, che fusse messa
 La certezza in bilancio, iu dubio il vero.
 Ora di bocca la giustizia istessa
 Publica il suo parer chiaro, e sincero.
 Obbligo suo per la mia mano offerto,
 Questo Pomo presenta al vostro merto.

Marini, Adm. Cant. II, Stanz. CXLI, e CLVI.

VII.

Os passos teus risonhas acompanham,
 As semi-nuas Graças
 Coroadas as fronte;
 De verdes Myrthos, de puniceas rosas;
 Os ledos Jocos, Risos, e Prazeres,
 Da festiva Alegria
 Formosa prole, te precedem sempre,
 Promptos, servos fieis, ao teu preceito.

VIII.

Quando no carro, que alvas Pombas tiram,
 Do estelifero Olympo,
 Vens visitar a Terra
 Para hospedar-te a leda Primavera
 Matiza os campos de vistosas flores;
 Doce, amoroso influxo
 Por ares, terras, e agoas se difunde,
 Arde tudo de amor, de amor suspira.

IX.

Arde tudo de amor nos fundos mares,
 Si á coralina concha,
 Domesticados junges
 Feroces Tubarões, e os mares cortas;
 Escamosos Tritões, gentís Sereas,
 Do pego as Nymphas todas
 Te circumdam cantando alegres Hymnos,
 Athe que chegas d'Amphitrite aos pagos.

X.

Só tu amansas de Mavorte a furia;
 E o Padre Omnipotente
 Nada aos teus rogos nega.
 Quebrou da morte os inquebraveis foros,
 Para aos teus braços restituir amantes
 De Cyniras o Filho,
 Bem que encantada de seu gesto lindo
 Intentasse Proserpina dete-lo.

XI.

Do Cedri-fero Libano as Cavernas
 Que teus nestos lamentos
 Por elle repetiram,
 Retumbaram então com ledos brados;
 Com jubilosos Cantos, que entoavam (1).
 Comtigo as Tyrias Virgens
 Quando, abrindo-se a campã, Adonis surge,
 E ao seio o apertas entre ardentes beijos.

XII.

Por ti guiado o profugo Dardaneo
 Poude a pezar de Juno
 Lansar na Ausonia terra
 Os fundamentos d'Alba, a May fecunda
 Da Septicole Roma; a quem os Fados
 Davam do Mundo o Imperio;
 E davam recolher da sabia Grecia
 De Artes, e Letras a formosa herança.

XIII.

Tu do invido Lieu, frustrando os dolos,
 O denodado Gama
 Ao Indostão guiaste;
 Descobriste a Cabral ignoto Mundo:
 E ao que Ormuz, e Malaca subjugara,
 Ao prudente Albuquerque
 Inspirante o fundar nò rubro Oriente
 A segunda Metropole de Lysia.

(5) Allusão ás Festas da Ressurreição de Adonis, celebradas annualmente na Phenicia, e outras partes.

XIV.

Tu deste a Lyra á namorada Sapho,
 E ao ledo Ancião de Theios;
 Tu teceste a grinalda,
 Que cingio de Petrarcha a fronte honrada;
 Os preceitos d'amar dictaste a Ovidio:
 Tu afinaste as chordas
 Da Lyra de Camões, quando cantava
 Da miseranda Ignez a infausta sorte.

XV.

Todo o teu fogo incendiava o peito
 Do sem igual Phylinto,
 Quando Hymno portentoso
 Em teu louvor cantou! Tu modulaste (1)
 Do meu Alfeno as consonancias doces,
 Quando com aureo metro
 Pintava ao Mundo o criador influxo,
 Que exerces nas acções da Natureza. (2)

XVI.

Eu tambem consagrei aos teus louvores
 Minha Cythara humilde,
 Tambem nas aras tuas
 Queimeei devoto Incenso! abriguei n'alma,
 Sem profana-las de teu filho as chamas;
 Dá pois, benigna Deosa,
 Que o nome meo no templo teu gravado,
 Quando eu for cinza, e pó, não trague a morte.

(1) Hymno a Venus de Francisco Manoel, huma das mais sublimes composições, que possuímos.

(2) A bellissima Ode Pyndarica de Domingos Maximiano Torres, intitulada — Venus Physica.

ODE V.

*Ao Dia dos meus annos, em 15 de
Agosto de 1831.*

Omnia pretereunt.

Ovid.

I.

Dia dos annos meos, como soturno
Do pobre Vate os Lares visitaste,
Sem trazeres comtigo qual sohias

Os risos, e os prazeres!

II.

Os somnolentos olhos descerrando,
Junto do Leito meu não vi Josina,
Que de novo vestida, alegre, e rindo

Os parabens me dava!

III.

Ergui-me, e tacteando a eburnea Lyra,
Bacho. Musas, e Graças chamo; em balde;
Nem Graças, nem Lieu, nem Musas ouvem
A invocação do Vate.

IV.

A' meza me sentei; ali de novo
Senti mais viva de Josina a falta;
Pois não a vi entre festivos brindes
Venturas agourar-me!

V.

Não vi Moraes, assíduo Gazeteiro
De Romantico Mundo, a dar-me parte
De quantos giram por Britânia, e Gallia
Não classicos Poemas!

VI.

Mas Jozina a fiel, a terna amante,
Por mais de lustros trez sempre a meo lado,
Cedeu da Morte á foice, e dorme agora
No seio do sepulchro:

VII.

Moraes, o tão Phylosopho, tão livre,
Em Palacios de Grandes se aposenta;
E do amigo cantor the neste dia
A convivencia esquece!

VIII.

Triste, que tem de conhecer hum dia
Dessas Armidas o fingido encanto,
Quando o magico espelho a Experiencia
Aos olhos lhe apresente!

IX.

Comi pouco, e sem gosto! encasmurrado
No campé deitei-me a ler Virgilio
The subnoute; que triste dia de annos!
Tal o haja o que me odeia!

ODE II.

A Bacho.

L'amore ci fa piangere,
 Il vino ci fa ridere,
 Cui piace amor lo seguirò,
 Che il vino io seguirò
Maffei.

I.

Na verde mocidade
 Sequaz já fui de amor;
 Huns olhos garsos, hum gentil sorriso (1)
 Meu coração prendiam,
 Mostrando-me na terra o Paraíso.

II.

Então no sacro monte,
 A Cythara tangendo,
 Cingida a frente de fragrantas rozas,
 Suspirando entoava
 As de Sapho canções melodiosas.

III.

Mas hoje que o cabelo
 Começa a branquear,
 Deixando o trilho que seguio Petrarcha,
 Só dou culto das Indias
 Ao vencedor, thyrsi-gero Monarcha.

- (1) Un tempo era il mio genio,
 Languir por un bel ciglio,
 Error dégl'anni teneri,
 Follia di gioventù.
 Quant'è miglior diletto
 Versar dentro il suo petto
 Due fiaschi, e forse piu.

Maffei.

IV.

Ao Numen d'alegria,
Ao Numen binascido,
Que acompanham os Satyros saltantes,
Que co'as Thyadas tecem
Bailes, crudi-carni-voras, uivantes. (1)

V.

Ao Deus por quem nas grutas
Do Cytheron á noite
Echo-retumba o ruido das Orgias,
Que as Bachantes celebram
Co' as crini sparsas Nayas, e Hamadrias.

VI.

Bem louco he quem se torna
De hum lindo rosto Escravo
Para soffrer desprezos, e esquivanças;
E o que he mais duro ainda,
Ingratidões, mentidas esperanças!

VII.

Não foi para a gastarmos
Em magoas, em desgostos
Que á vida nos chamou a Natureza.
Do vinho as alegrias
Valem mais que os favores da belleza!

VIII.

Rapaz, traze apressado
Os copos, e as botelhas,
Delta geitoso o Moscatel, e o Douro,
Esses preciosos Vinhos,
Que são de Lysia vegetal Thesouro?

(1) A palavra crudi-carni-voras corresponde exactamente ao epitheto *υποβορος* que Appolonio Rhodio no seu Poema dos Argonautas, dá ás Thyadas pelo costume de comerem pedaços crus das victimas sacrificadas a Baccho, nas festas chamadas *homophagyas*. Vid. Potter. Arch. Liv. II. Cap. XX.

IX.

Que das Britanas Ilhas
A deslavada Gente,
Bebedora de insipida cerveja,
Que abençoar recusa.
O Deos de Thebas, tanto nos inveja!

X.

A nós do sol nascidos
Em laranjaes odóros,
Seus mais preciosos dons reserva o Nume!
A nós, em cujos peitos
Arde de Marte, e Baccho o sacro lume,

XI.

Ambos da guerra Deoses,
Força, arrojo nos denam
Para expulsar os Mouros, e dobrando
O tormentorio cabo,
Irmos Africa, e India avassallando,

XII.

Deita mais, como ferve!
Que doce aroma exhala!
Que força! que sabor! he ambrosia!
He nectar! ... que suave
Transporte a dominar-me principia!

XIII.

Ouçõ acordes concertos!
Ouçõ harmonicos cantos!
Vejo Nymphas, e Phaupos, vejo o Pindo!
Vejo de Lusos Vates
Hum choro Hymnos a Bacho desferindo!

XIV.

Dá me a Lyra! ... não essa! ...
A de marfim, que Oleno,
Morrendo, me deixou! ... quero este dia
Dar com elles meu canto!
Ao grande Bassareu, Pay d' Alegria!

ODE III.

A Marcia. ()*

Ouvís! . . . ou aprasível Fantasia
 Me entretém, e me encanta! como descem
 Ruidosos os Prazeres! como alegres
 Junto a mim dispõem alas!
Francisco Manoel. Ode a Amizade.

Traduction.

Que entende-je! est ce un songe aimable et vain, qui me
 charme! quel doux tumulte! je vois descendre l'ardent ensaim
 des Plaisirs; ils me sourrient: les voila que abbattent près de
 moi leur vol!

Mr. de Sané, Poesies Líriques Portugaises Fol. CCXLIII.

Cerrada escuridão a esphera enluta,
 E os ventos furibundos
 Pelos ares horrisonos bramando
 Ao rebombo se ajustam
 Dos medonhos trovões, a queda precede
 Do relampago o chofre!
 Crepitande predisco assouta os vidros
 Da tremula janella,
 E as ruas co'a precipite enxorrada
 As gentes ensurdecem.

(*) D. Maria Constança Lima Barbora.

360 ODES HORACIANAS EROTICAS.

Sobre nevoas sentado o Deos do frio
 Gira, ruge, e dispara
 As retalhantes setas! não tardemos,
 Marcia, meu doce encanto,
 Contra elle hum reducto o lar nos seja,
 Seus tiros despontando
 No felpudo capote, em quanto estouram
 No calido brazido
 Gostasas Rebordãas! e a fusca Helena
 Do porco a pingue carne
 Volve na chiadora frigideira!
 Conversemos, folguemos,
 Que junto a hum puro amor contente existe! . . .
 Que me importam chymeras,
 Com que tantos insanos barafustam?
 Que me importa que Urano
 Dos Planetas o numero accrescente!
 Que do Equador ao Polo
 Duas vezes por dia as ondas corram . . .
 Sem que seu peso lhe obste?
 Que me importa saber odiosos Nomes
 Dos coroados Tigres
 Que no sangue dos homens se fartaram
 Na degénere Roma?
 Mais ditoso serei quando conheça
 Se indígenas, se estranhos
 Foram acaso os Atavos dos Lusos? . . .
 Outros a lautas mezas
 Com variados manjares fumegando,
 Ao clarão destumbroso
 Das lavradas, retortas serpentinas
 Bebam em taças de ouro
 Aborrimto, e tedio de mistura
 Com Champagne, e Falerno
 Com Málaga, e Tokai, com Rheno, e Châpre! . . .
 Nós a quem mais contenta
 O patrio Lavradio, a sós ditosos,

Da ralhadora Tia

A suspirada da auzencia aproveitando,

Com elle brindaremos

Da rubida saude á Divindade,

A' comedida Venus,

Ao Numen pampinoso em Nisa honrado,

E á Musa de Phylinto

Que esta Lyrica Cythara me empresta,

Não ves as nuas Graças

Que de mãos dadas para nós caminham!...

Os trefegos Amores

Não vês como de emtorno andam brincando?...

A risonha Alegria

Tece amante canção; que me apresenta

« Sylvio: Tu a executa,

» (Ella me diz) a tua Marcia canta,

» Celebra os teus prazeres.

ODE IV.

A Marcia. ()*

Ali era meu gosto sobrehumano
 Cantar os seus agrados, os seus mimos,
 Merecidos da minha fé constante,
 Da meu coração terno.

Françisco Manoel.

Traduction.

Heureux alors! heureux audessus de tous le Mortels, je chan,
 tais, ó Marcie, tes graces, tes tendres faveurs, digne prix de
 ma foi constante, d'un cœur, qui d'aimait que toi.

Mr. Sané, Poesies Liriques. Portugaises pag. CCLIII.

I.

Essas estrellas, que embebida encaras,
 Soltas fugindo pelo aereo espaço,
 E a teus olhos parecem
 Brilhante pedraria,
 Que sabia distribue solerte agulha
 Sobre o Caftan de Persiana Esposa:

II.

Só para recamar da Noite o manto
 Julgas que as produzira a mão do Eterno,
 Marcia, meu doce enlevo,
 Mais terno meu cuidado,
 Fonte de meu prazer, sol de meus dias,
 Principio, e caro fim de meus desejos?

(*) Á mesma.

III.

Tem destino melhor; são outros Globos
Mais amplos, mais formosos, que este nosso,
Que a tyrannia habita;
Onde campea o crime
Onde entre Algoses, onde entre bipennes
Veze mil a Innocencia acaba a vida.

IV.

Que varia multidão de ignotos entes
De outra fraze, outra côr, figura, e essencia
Ditosa lá se alvergue,
Embora outro discuta;
Com aereas hypotheses não tento
Acreditar o que provar não posso.

V.

Sei sómente (o que Amor me disse hum dia
Quando dois Hymnos lhe offertava em honra
Da sua amada Psyche)
Que essa estrella mais bella,
Que luz primeira, e que ultima se esconde;
Dos Amantes fieis encerra as almas.

VI.

Ali campos de luz trilhando aos pares,
Sem sombra de pezar, que os emnevõe,
Serenos dias passam;
Ali novos prazeres

Estremes, sem fadiga, e sem temores.
Gozam sem saciedade, e anhellam sempre!

VII.

Lá hiremos tambem, e os membros nossos,
Novos feitiços, juventude nova,
Novo vigor tomando,
Em gostos nadaremos,
Sem precisar, que perfida bebida
Dos teus Argos os olhos adormente.

ODE VI.

A Marcia. ()*

Va, ti consola, adio,
E da me lungi almeno
Godi piu lieti di.

Metast. Hyps.

Onde, oh Marcia Gentil, de mim distante
Vão conduzir teus passos?...
Que ferteis campos, que flóridas veigas
Vão de teus olhos bellos
Ao doce influxo, revestir mais pompa?...
Que inspidos meus dias
Sem ti decorrerão, Idolo amado?...
Como sobre a bigorna
D'atro disgosto rigida saudade
Bate as pungentes settas,
Que neste coração raivosa encrave!...
Oh como os meus suspiros
Vão sobre as igneas azas do Dezejo
Buscan te fervorosos!
Mas, se voltando, a carinhosa Marcia;
Outra vez me conduz
Hum coração amante, oh vezes cento
Venturosos tormentos,
Que do meu bem a rijida constancia
Conhecer me fizerem!

(*) Á mesma,

ODE VII.

A Marcia. ()*

O Toi de tous les biens le plus cher a mon cœur,
Qui m'adoucis les maux, me embellis le bonheur,
Dont la raison aimable, et la sage folie

M'int tant de fois, dans ma melancolie,
Consolé de la mort, et presque de la vie...
Reçois l'hommage de ces vers,
Douce des traction des mes chagrins amers.

Mr. Delille.

I.

Volve de novo, para mim tão fausto,
De Marcia o Natalicio,
Marcia a melhor metade
Deste meo coração; que se hum momento
Della existe distante,
Definha de pezar, prazer não sente.

II.

Marcia de ingenuo affecto honrado exemplo
N'hum seculo corrupto,
Marcia a minha alegria
Marcia, o Idolo meu, a gloria minha,
Marcia, a quem voto a Lyra,
Que herdei do festival Anacreonte.

III.

Brinea nos labios seus feitiço amavel,
Graça lhe anima o moto,
Em seus olhos scintilla
Ternura, a que o pudor tempera o fogo;
E em seu morbido seio
Languido se recosta Amor sorrindo.

(*) Á mesma.

IV.

Canoro Rouxinol, que ao pôr do dia
 Suspira em sombra amena;
 O trepido ribeiro,
 Que murmurando em seixos se desliza!
 Do alvo jasmim, das rosas
 A fragrancia que os Zephyros perfuma,

V.

Não tem tanta doçura, e graça tanta,
 Tanto não nectarizam
 Meo coração singello
 Como Marcia, se em torno á cerviz minha
 Lança ao desdém seu braço,
 E em pudibunda voz me diz « Eu te amo!

VI.

Oh! que tumulto então lavra improviso
 Por veias, por arterias!...
 Do Sol a luz se ecclipsa!...
 Nada escuto, não penso, e só me avisa
 Hum confuso desejo
 Que inda no mundo estou, que homem sou inda!

VII.

Deoses!... Deoses!... guardai se sois piedosos,
 A constancia de Marcia;
 Dai, que a seu lado eu possa
 Sempre amante viver!... verel sem pena
 Em tranquilla Ventura
 Dos Reis o Sceptro, os cofres de Lucullo!

VIII.

Ah! se ella deve perfida trahir-me,
 Se hei de ver em seu peito
 Tão gentil fogo extinto,
 Tão barbaro pezar poupar-me, ó Numes,
 Antes dessa hora infausta
 Finde esta vida, que eu contente espiró!

ODE VIII.

A Marcia. ()*

Non mensas, sine te, volo Deorum:
 Non si me rutilis præesse Regnis,
 Excluse Jove, Dii, Deoque cogant.

Joan. Secund.

I.

Nem sempre d'armas fragor horrisso
 De humano sangue correntes tépidas
 Ressoarão nas cordas
 Da minha culta Cythara.

II.

Nem da Memória na tella fulgida
 Vertendo as cores com pincel inclito
 Traçará quadro austero
 Philosophia rispida.

III.

Se aos fulminantes vôos de Pyndaro
 Prodiga applausos o mundo attonito,
 Segundo lhe não fica
 Theio cantor Bachi-cola.

IV.

Assim rompendo por nevoa turbida,
 Oh Lesbia Sapho, dos mortos seculos,
 Teus truncados suspiros
 Inda nos tiram lagrimas!...

(*) A mesma.

V.

Eu, tão amante, qual tu, de Eolicos
 Vestindo arpejos do Tejo numeros
 Hoje de Marcia os annos
 . Descantarei armonico.

VI.

Marcia, e meu Numen, de affecto vivido
 A quem accezo jurei viridico
 Fé, que extinguir não pode
 Do Tempo a dextra omnidoma.

VII.

Com ella ao lado, pulsando o Barbiton
 Sem teus espinhos, crime rabido,
 Verei deslizar ledo
 Da vida o curso rapido.

VIII.

Nos altos montes, nos prados floridos
 A de meus versos Phalange alti-sona
 Fará retumbar Marcia
 Em amorosos canticos.

IX.

E quando ao termo liberto o Espirito
 Do fragil barro por senda lucida
 Formos de Jove ao seio
 Repouso achar benefico,

X.

Vate sensível, Donzella candida
 As nossas Urnas virão sollicitos,
 Qual de Petrarcha, e Laura,
 Engrinaldar o Tumulo.

ODE IX.

A Marcia. ()*

Aymons-nous, ame de ma vie,
 Aymons dans l'age des Amours,
 De la Veillesse, et de l'envie,
 Que nous importent les discours?...
 On voit mourir, et renaître les jours,
 Mais des que la lumiere helas! nous est ravie,
 Songes-y bien. c'est pour toujours.

Dorat.

I.

Oh Marcia, vês quam rapido se escoo
 O pressuroso Tempo... mais hum anno
 Correo da tua idade não sentido
 A se affundir no Lethes!...

II.

Outro correo da minha!... assim nos vamos
 Par a par visinhando ao final termo,
 De huma existencia, que desgraça, e dita
 A espaços matizaram!...

III.

Tal o Sol ora fulge, ora se eclypsa,
 O mar se torna ou marmore, ou montanha,
 Nem vão por outra senda esses, que o Mundo
 Grandes, e Heroes acclama!

IV.

Bem que forrado das Vulcanear armas,
 Achyles expirou! do Throno aos ferros
 Desce o bravo Perseo, e o Carro segue (1)
 Do vencedor Romano!...

(*) A mesma

(1) Perseo Rey da Macedonia, foi vencido pelo Consul Paulo Emilio, em cujo triumpho figurou como Prisioneiro.

VOL. I.

24

v.

Nem incognitos mares afastaram
Do infausto Montezuma o Tygre Ibero, (1)
Que mais irritam dons, e sem traga-lo,
A fome não sacia!

vi.

Olhos áperta, a fera Lybythina
Os dias nos aponta em ferreo Livro,
E, mal que finda a somma, accena á Morte,
Que nos separe o estame!

vii.

Minha Marcia, meo Bem! oh terna amante,
Frustramos-lhe o rigor, ao Prazer dando
Quantos momentos a Deidade austera
De vida nos conceda!

viii.

Vamos revalidar de Amor ao Templo
Os votos de ternura, e coroados
De odoroso Amarantho, e Paphyas Rosas,
Queimar devoto incenso!

ix.

Nume nos seja Amor: lote he das Parcas
Quanto lhe denegares: esperemos
Hum com outro abraçados sem sogobro,
O derradeiro instante.

(1) Fernando Cortez, o principal dos Devastadores do Mexico, com lamentoso atraso da Civilisação Americana, que começava a desenvolver-se naquella vasta Monarchia, e no Perú. O Conego Espoquiz o celebrou ha pouco em huma longa Epopeia que de certo pouco augmentara a sua fama.

ODE X.

A Marcia. ()*

Dans de tourmens cruels voir languir ce qu'on aime,
C'est sentir mille fois les coups affreux du sort;
Dieux, qui d'un œil serein voyez ma paine extreme,
Secourez mon Iris, on donnez-moi la mort.

Routier.

I.

Da Febre em braços, Tu revolves, Marcia,
Na ingrata pluma o quebrantado Corpo,
E hum ai, que exhalles, do affligido amigo
No coração retumba!

II.

Leio em teus olhos o combate interno
D'agudas ancias, que em tua alma luctam;
E em vão meus rogos vam pulsar no ouvido
Dos inclementes Numes!...

III.

Qual rosa na manhã te olhei the agora
Uffana, e viva despargindo encantos,
E ora te vejo, como a rosa á noite.
Murcha pendendo á Terra!

IV.

Oh! se algum Impio em phrenezi nefando
As aras desvestir dos moveis sacros,
Ou mão puzer do velho Pay honrado
Na veneranda face;

V.

Não lhe quebrantem em tormentos a alma,
Veja nas garras de lethal doença
Gemer, penar aquella, que idolatra
Sem que valer-lhe possa!

(*) Á mesma.

ODE XI.

A Marcia. ()*

Dulce est desipere in loco,
Horat.

Longe, cuidados meus, dou-vos ao vento,
 Que no seio profundo
 Do azulado Oceano vos sepultem.
 Nasce hum dia de Rozas,
 Hum dia de prazer, de Marcia o dia! . . .
 Quem me engrinalda a fronte
 De floridos festões? qual das Camenys
 A Cythara me afina
 Em que, o de Theos ledo Ancião tentando
 Cantar da Guerra os Numes,
 Davam notas de Amor sómente as chordas? (1)
 Rompe-se o veo luctuoso
 Que de sombras a mente me ennoitava!
 Meo estro adormecido
 De novo accorda, e em versos se desmede!
 Eia arrazem-me as taças
 De espumante licor, que o Douro adita! . . .
 Sus! a Marcia brindemos

(*) Á mesma.

(1) Θείω λίγειν Ἀτρείδας.
 Θείω δὲ Κάδμοι ἀδιν.
 Ἀ' ἑαρίτης δι' χορδαῖς
 Ε' ροτα μοι νηῖ.

Anacreonte Oda I.

The que d'erguer o Copo afroxé o braço;
The que roxeem faces,
E allegria sem termo accenda o peito? ...
Quem ha hi que prohiba
Que innocente loucura nos transporte
N'hum dia de contento? ...
Eia! de novo enchei, brindai de novo
De Marcia ao Natalicio
Que mil vezes, feliz, na esphera assome! ...
Tremam da Salla os Tectos,
Co' a leda vosaria! ... e retumbando
O pavimento tremulo
Do cadente pulsar da acceza dança
Despérte em sobresalto
Bizonho Velho, que por baixo habita! ...
De inveja elle se morda;
Que não he para as rugas da Velhice
O prazer, que desperta,
Marcia gentil, na rozea mocidade
O dia dos teus annos!

ODE XII.

A Marcia. ()*

Dans le fond des forêts votre image me suit,
 La lumière du jour, les ombres de la Nuit,
 Tout retrace à mes yeux les charmes, que j'évitel
Racine, Phedr.

Quando de Phebo a Irmãa pela estrellada esphera
 Rege o carro em serena magestade,
 E nos que puros vão regatos trepidando
 Seu clarão melancolico scintilla,
 E o Zephyro adejando a custo abana, e treme
 De esperguicadas Arvores as Folhas;

Oh! quanto o divagar me apraz nesta campina
 Respirando os Balsanicos perfumes,
 Que a Flor que os exhallou, traidores, me delatam,

Ouvir trinar saudosa Phylomella,
 Que inda da antiga injuria a magoa não deslembra
 E a conta solitaria á muda Noute!
 Aqui a folgo seu minha alma se dilata
 Livre de inquietações, longe ao desgosto!...
 Doce tranquillidade a pena me adormenta,
 E hum moimento me esquece que sou Homem!...

(*) Á mesma.

ODE XII.

Ad Marciam.

“ Lusitani carminis versio. ”

Dum per immensi lucidas Olympi
Incolas claro, placidoque vultu,
Et gravi passu bijugas refrenat

Cynthia Bigas;

Rivulis quando, trepidante vena,
Emicat claris soror ipsa Phebi;
Et reperiectos rutilans opacos

Mesta nitores:

Dulce quam prato simili vagari! . . .
Atque odoratos Zephyros anhelans,
Flora, quos Myrthis animas odorans

Nuncia prodi! . . .

Suavis oh quantum Phylomela ramis
Concinit tristis memores querellas,
Forte quæ nocti, tenebrisque semper

Sola reponit!

His in alternis vicibus beatiss,
Non fatigatus animus catenis
Se se propagat, posito timore,

Et sine curis.

Suavitas quædam refugos labores
Corde dimitit, fugit atra nubes;
Me puto humani in memorem parumper

Esse laboris.

Mas que fatal lembrança a paz de novo expelle?
Marcia!... oh meo Bem! teu riso, teus encantos

Da Torre da Esperança ao longe me aliciam
Co' magico fanal d'outros Prazeres!...

Oh como atropellado o sangue corre as veias!...
Que medonho, que lugubre este sitio!...

Adeus, oh Phylomela! oh Bosques, oh Regatos
Sem Marcia, para mim, nada ha formoso!...

Schema quod dirum, variante scenna,
Jam novum surgit, laceratque mentem!...
Marcia!... oh lux, deliciæ meæque!...

Risus, et una

Philtraquæ longe speculis amorum,
Spes ubi est, spargis, magico veneno
Me ligant certe illecibris, ut optem

Gaudia plura!

Sanguis, oh quantum rarefactus intus
Estuat venis, agitatque motus!...
Et locis istis residere visi

Luctus, et horror!...

Vadat ah tristis Phylomela! vadant
Silvæ obumbratæ, rivulique vadant!...
Marcia solum gratiæ refulgent,
Atque Venustas.

O Doutor Antonio Gomes de Sepulveda.

ODE XIII.

A Marcia. ()*

Este dia tereis
 Por nossa maior gloria;
 Este he cuja memoria
 Devidamente sempre cantareis:
 Este levantareis
 Em alto, em desusado, em grave canto:
Camilla, Od. II. Str. III.

Quando tua Alma pura
 Pelos ares descia em aurea nuvem,
 Pela mão conduzida
 De ardente Seraphim, para animar-se
 Oh Marcia, o teu composto;
 He fama que Eloá, fiel Ministro
 De Jehovah Supremo,
 Sobre o Altar fronteiro ao Throno augusto
 Da Trina Divindade,
 Livro, em que dos Mortaes se estampa o fado,
 Abrio, e leo dest'arte:
 » Desce, e vai adornar co'a luz brilhante
 » De formozas virtudes
 » Esse de provação mesquinho Globo:
 » Lá correrão teus dias

(*) Á mesma.

» De magoas, e prazeres matizados:
» Lá gemerás mil vezes
» Que se apraz Adonay de pôr em prova
» A indómita constancia
» D'aquelles de quem mais se paga, e sempre
» O premio ao fim lhe outhorga.
» Humano coração mais que nos males,
» Na ventura fraqueja.
» Mas feliz o Mortal em quem se empregue
» Tua fiel ternura,
» A cujo fado o teu destino ligues,
» Que em teu amor se abraze,
» Que viva para Ti, e que o teu Nome,
» Tuas graças e dotes.
» Em vividouro canto immortalize »
Então no espaço ethéreo
Tres vezes lampejou, soou tres vezes,
Trovão cujo estampido,
Em vez de eucher os animos de susto,
O jubilo desperta.
Da fiel Amizade então nos braços
A' Mãe apresentada
Lacrimoso sorriso lhe excitaste.
Em virtudes, em graças
Como em annos cresceste, até á quadra
Em que amor a seu jugo
Nos prendeo com festões de Paphias rosas:
Desde então minha Lyra
Sempre o teu nome harmonica resoa.
Oh! Idolo d'est'alma,
Que se abraza por Ti no amor mais puro,
Tu me adoças as magoas,
Tu meus negros destinos esclareces.
Oh! quem pudera, oh Marcia,
Sempre ao teu lado despendendo os dias,
Continuo embriagar-se
Da suave doçura de teus mimos,

Dos ternos teus affagos!

Quem podera dizer do Mundo á face:

« N'este coração puro

» Eu só domino, e reyno! . . . á minha Esposa

» O Mundo eu trocaria,

» Se tivesse a escolher entre ella e o Mundo.

» Quando a rubida Aurora

» Volupioso clarão sólta na Esphera

» Da minha terna Marcia

» Mal abertos ainda os meigos olhos

» He a mim que procuram,

» Fictos em mim os sorprehende o somno,

» E a leve phantasia

» Em ledos sonhos a entretem comigo.

ODE XIV.

A Marcia. ()*

Siati sempre (gli dice) amico il Cielo,
 Tronco, ch'in mezzo al cuor piantato io serbo
 Le tue chiome no sfrondi o neve, o gelo,
 Le tue braccia no spezzi austro superbo,
 E quando ogni altra pianta i pregi perde,
 In te verdeggi il fior, fiorisca il verde.

Marini. Ad. Cant. VI. Str. CXXX.

Vês, Marcia, o Pecegueiro,
 Que outrora no horto teu plantei cuidadoso,
 E que a ti consagrara,
 Como agora ao prolífico sorriso,
 Do carinhoso Março
 'Todo de flores se cobrio rosadas,
 Que os olhos teus recreiam,
 E abundante colheita te prometem
 De Persiannos pomos,
 Que melhores tornou terreno alheio? (1)
 Incredula temeste,
 Que no terreno novo mal podesse
 Alargando as raizes,
 Vegetar, e crescer! mas não sabias

(*) Á mesma.

(1) He opinião vulgar que o Pecego sendo venenoso na Persia, se tornou salubre na Europa, assim o indica Camões.

E o pomo, que da Patria Persia veio,
 Melhor tornada no terreno alheio.

Que Amor na fresca Cynthra
 Em Pomar fertil o escolheo, e que elle
 Seo cantor intruia,
 De o bem dispor nas regras, e que as Graças
 Invisíveis tomaram
 O doce encargo de velar por elle.
 Ellas sim lhe acudiram
 Co' rega em tempo idoneo; ellas vedaram
 Aos ventos procellosos
 Que o maltratassem com violentos sopros,
 E ao seu rogo, que manda,
 Zephyros brandos, placidos Favonios
 Sobre elle a cada instante
 Seo vivifico sopro derramavam,
 As Cortezãas formosas
 D'alma Raynha de Amathunta, e Paphos,
 Viam medrar alegres
 Cada dia a seu tronco, e assim disiam
 « He de Marcia, e de Sylvio
 » A Arvore mimosa, a nós pertence
 » Defende-la, apieda-la;
 » Pois elle em sua Cythara mil vezes
 » Cantou nossos louvores,
 » E ella em nossos altares não se esquece
 » De queimar puro Incenso,
 » E devota emrama-los co' as premicias
 » Das Flores, que cultiva!
 As pulchricomas Graças de azues olhos,
 Rosi-toncadas Virgens,
 Dulci-ridentes, se explicavavam! Nunca
 Se deslembram os Numes
 Dos cultos, que lhes dam mortaes sinceros,
 Que ingratição remissa
 Caber não pode em animos celestes;
 Tão vergonhosa peste
 Só brota, e lavra em corações abjectos
 De mesquinhos Humanos,

A quem nascendo não sorriram ledas
As ingenuas Virtudes!
Verás em breve, Idolo meu, oh Marcia,
Esses flexíveis ramos
Curvar ao pezo dos formosos pomos,
Que ao olhar dam contento,
Lisongeião o gosto, o olfato, encantam!
Mas não cuides, oh Bella,
Que não tens de pagar condigno premio
Pelas fadigas minhas!
Tu ris? não penses, que zombando fallo:
Viste Onzeneiro avaro,
Que real a real reconta exactos
O Dinheiro que amua,
Fructo de extorções mil nos ferreos cofres?
Pois soffrego has-de ver-me
Os Pecegos contar, e cada hum delles
Delicioso beijo
Nos labios teus hade render-me, oh Bella!

ODE XV.

A Marcia. ()*

Noi non avrem pienni gl'onor dei morti
 Né sarem forse acompagnati al rogo,
 Colle lacrime altrui, ma pur co'i nostri
 Indivisi sospir avrem la pace
 De gli spirti innocenti.

Varano, Demetr. Art. V. Sen. VIII.

I.

Brindemos, Marcia, aos Numes que propicios
 Nos deram mais hum anno de existencia,
 Em vez de se extinguir em nós crescendo
 D'intenso amor a chama.

II.

Brindemos de Cupido á Mãy formosa,
 Que impera soberana em Gnido, e Paphos;
 A' leda Hygia, á provida Minerva,
 A's Musas, ao Segredo:

III.

E emgrinaldemos com festões de flores
 Modestas aras dos Penates nossos,
 E hum cantico devoto lhe entoemos
 D'almo, candido jubilo.

IV.

Que importa que a Fortuna caprichosa
 Emorque a indignos delle os cofres de ouro?
 Que emporta que da gloria em braços outros
 Deem largo brado no Orbe?

V.

Qual delles poderá lisongear-se
 Dos que gosamos lucidos momentos?
 Qual delles como nós dirá morrendo
 Amei, e fui amado?

(*) Á mesma.

ODE XVI.

A Marcia. ()*

Qui s'arretera sous votre ombre
sentira tressaillir son cœur, et re-
pandra malgré lui des larmes.

Florian. Gons de Cord. Liv. VIII.

Oh Dryades, oh Pan, campestres Divindades,
Oh Nymphas, que folgaes de ver boyando
De vossas tranças de ouro o lucido ornamento,
No limpido christal dos vitreos lagos:
Oh vós que fatigaes, mais rapidas que os Euros,
Os montes do Capréolo na piza;
Oreades; e vós, viçosas Amadrias;
Genios da Terra, e do Ar, que tantas vezes
De flórida grinalda a fronte me cingistes,
Quando á sombra das verdes Larangeiras
A' Lyra de Phylinto os Canticos unia;
Numes, á vossa protecção confio
O myrtheo rebentão, que hoje ao nascer da Aurora
Deste arroio dispuz na margem verde:
A Marcia o consagrei, de Marcia he hoje o Dia,
Marcia o Idolo meu, a gloria minha! ...
Cresça, e como elle cresça o amor na minha Amada (1)
Floresça, e della a Fé tambem floresça!
Côpe, e dê fresca sombra aos ternos Amadores,
Ao misero por fado, e não por crime! ...
Ao Vate, que accendido em sacro ardor das Musas,

(*) Á mesma.

(1) Crescent illæ, crescetis, Amores.

Virg.

De Gesner, ou de Rost a flauta emboque (1)
 Ou, Tompson Lusitano, em versos magestosos (2)
 Da Natureza os quadros alardee! ...
 Oh Deoses, d'aqui longe os A'quilos sanhudos,
 Longe o Capro daninho, o Mocho odioso,
 E longe, mais que tudo, o coração damnado,
 Longe o calumniador, e o lisongeiro! ...
 O Amante sem constancia, a Bella sem firmesa! ...
 Se meu voto escutaes, benignos Numes,
 De cada vez que os Ceos de Marcia o Natal doure,
 Religioso virei sacrificar-vos
 Sobre gramineo altar hum candido Novilho,
 Flôr dos Rebanhos meus, que já na frente
 Sinta a lunada força, e já, raspando a areia,
 Procure seus rivaes, e á guerra os chame,
 Lyrios com larga mão, e rozas dispargindo
 Sobre as cinzas da victima immolada,
 Do Barbiton de Kleist as chordas animando, (3)
 Vosso applauzo farei que aos Astros suba! ...

(1) As Canções Pastoris de Rost, são o que a Poesia Alle-
 mãa possui de mais acabado neste genero, seu unico defeito he
 penderem para a licensiosidade.

(2) O sublime Author das Estações, da Liberdade, do Cas-
 tello da Indolencia, e outras Poesias marcadas com o cunho do
 Genio. Tompson he tambem hum dos primeiros Tragicos de In-
 glaterra; foi virtuoso, viveo pobre, e morreo com geral saudade! ...

(3) Kleist, he hum dos primeiros Poetas da Allemanha, ou
 se considerem os seus Poemas consagrados ao Heroismo Guerre-
 ro como Cicides, e Paches, ou aquelles, em que, como na Pri-
 mavera se mostra digno Rival de Tompson, e de Saint Lambert,
 e Roncher, ou os seus Idyllios, em que rivalisa com Gesner em
 sentimento, e mimo de pinturas, ou os seus contos. As qualida-
 des de Litterato, e Poeta sublime juntava todas as virtudes de
 Homem, de Cidadão, e de amigo; morreo como Heroe na ce-
 lebre Batalha de Kunesdorf; chorado pelos seus naturaes, e
 honrado pelos seus Inimigos! ...

ODE XVII.

A Marcia. ()*

Ben ebbe amica stella,
 Chi per donna si bella,
 Púo far contenti in un l'occhio, e il desio.
 E sicuro puo dir, 'quel core é mio!
Guarini.

I.

Vês como fulge a namorada Aurora,
 E as portas abre do rosado dia,
 E o Tejo encrespa de ceruleas pregas
 Viração deleitosa? . . .

II.

Vês como dobram galhardia as Flores:
 E seu ambar prodigam mais activo,
 E como as Aves de hum raminho, em outro
 Harmonicas descantam? . . .

III.

Vês esta scena de prazer, de encanto,
 Que adorna os montes, interessa os vales,
 E, como em hum painel, nos dá o esboço,
 Do que era o Paraíso?

IV.

Pois dar-te inda não pode escassa idea
 Do prazer, que borbulha na minha alma,
 Quando, oh meu bem, nos braços teus me apertas,
 E juras que me adoras! . . .

(*) Á mesma.

ODE XVIII.

A Marcia. ()*

L'acque parlan d'amore, e l'aure, e i ramí,
 I pitti augelli, i pesci, i fiori, i l'erbe,
 Tutti insieme pregando ch'io semper ami.

Petrarcha.

I.

Observas, Marcia, este Jardim formoso,
 Brilhante do matiz das varias flores...
 Escutas dos ali-geros cantores
 O trinar sonoro?...

II.

Vês esse Lago ao Alamo visinho,
 Onde em lasciva calma anda boyando
 Candido Cysne, aos olhos figurando
 Montão de leve Arminho?...

III.

Vês essas Arvores curvando ao pezo
 De fructos odoriferos, que, ao vê-los
 Nos verdes ramos lourejar tão bellos
 Fica o desejo accezo?...

IV.

Vês o amigo fulgor do Sol nascente,
 Que este pomposo quadro te allumia,
 Volve vida, e prazer, volve energia
 Aos animaes, e á Gente?...

(*) Á mesma.

V.

Ora se visses o Jardim sem flores,
 Sem canto as Aves, sem o Cysne o Lago,
 Troncos despídos pelo Hyberno Estrago,
 O Sol sem resplendores? . . .

VI.

Não dirias « Expira a Natureza,
 » Este Jardim thegora tão risonho,
 » He só deserto lugubre, medonho,
 » Sem graça, sem belleza! . . .

VII.

Tal a Virgem! . . . se Amor lhe accende o seio (1)
 He formoso Jardim com fructos, flores,
 Mas, sem elle, vastissimo de Horrores,
 Deserto aspero, e feio! . . .

- (1) Ut vidua in nudo vitis, quæ nascitur arvo,
 Nunquam se extollit, nunquam mitem educat uvam,
 Sed tenerum pronò deflectens pondere corpus,
 Jam jam contingit summum radice flagellum,
 Hanc nulli Agricolaë, nulli accolluere juvenci;
 At si forte cadem est ulmo conjuncta marito,
 Multi illam Agricolaë, multi accolluere juvenci;
 Sic Virgo dum intacta manet, dum inculta senescit,
Catulo Liv. II.

ODE XIX.

A Lydia. ()*

Não se farta de versos a saudade,
Nem de relva se farta o manso Gado.

Garção.

Perché privarmi, oh Dio! degl' occhi tuoi?
Oh Dio! perché ten vai? perché mi lasci?
E mi lasci soletia, se non quanti
Mi faran compagna la doglia, e il pianto.

Marini. Adm. Cant. XVII. Str. XVI.

Se a dulcisona Lyra

Que harmoniosa pulsei, gloria não pouca

Soube lucrar-te, oh Tejo;

Se attento enriqueci as margens tuas

Das peregrinas Flores,

Que os campos criam do Imperial Danubio,

Do Arno, do Senna, e Thames,

Que contigo dá leys ao vasto Mundo;

Esse Baixel protege,

Que leva em si metade da minha alma!...

Estofa as mansas agoas,

E com Lydia o conduz a salvo porto;

Onde fundeie illezo!

Aquilão rugidor, Boreas sanhudo

Hide soprar ao longe

Pelos longos Certões, ermas ruínas!...

(*) A Sr.^a Luiza Chiaveri Ricci.

Vós tanto ás Nymphas gratos,
 Zephyros mansos, placidos Favonios,
 D'elle soltai em torno
 As variagadas fulgurantes plumas,
 E antes, que sobre as terras
 As engraçadas Pleiades entornem (1)
 Frugi-ferentes chuvas
 Reconduzir me a suspirada Amante,
 Que saudoso recorde,
 Quando rompendo a apovonada Aurora
 Da Noute o véo sombrio,
 O dia nos conduz, e quando a Lua
 Dos ares as campinas
 Com seo reflexo em solidão prateia,
 Pousada assim n'hum ramo
 Deplora em melancolica harmonia
 Saudosa Phylomella
 Os roubados, dulcissimos penhores,
 Que o Caçador avaro
 Do ninho seu arrebetou tyranno. (2)

(1) And from the Pleyads fruit full showers descend.

Pope.

(2) Qualis populea mærens Philomelle sub umbra
 Amissos mæritur fetus, quos durus Arator
 Observans nido implumes detraxit.

Virg.

ODE XX.

A Lydia. ()*

Tecum vivere amem, tecum obeam libens,
Horat. Od. IX. Lib. III.

I.

Volves de novo, apoz hum lustro, volves
 Oh sempre amada Lydia,
 A bem aventurar infaustos dias
 Do saudoso amante:
 Volves, qual foste, carinhosa, e bella;
 Encontras-me, qual fui, amante, e firme!

II.

Alfim vejo surgir no rubro Oriente
 Hum Sol a mim jucundo;
 Desfazer-se os negrumes detensosos,
 Que o peito me enoítaram;
 Agras saudades, Solidão, Tristeza,
 Vão chofre no Barathro sumir-se!...

III.

Embora vem, oh Lydia, ou doce causa
 De minhas amarguras,
 Perene manancial de meus prazeres!...
 O nosso Patrio Tejo
 Da aposentada Lyra outra vez ouça
 Correr meus versos, e teu nome co'elles!

(*) Á mesma.

IV.

Momentos de ouro, que me dás a furto
 Do teu Argos cioso
 Quanto mais valem que usurpados thronos
 Por mão do Despotismo! . . .
 Se convenções Politicas os vedam,
 O Codigo de Amor os não condemna!

V.

Porque o destino caprichoso, injusto
 Dois corações separa,
 Que para viver juntos fez Natura? . . . (1)
 Que feliz fora, oh Lydia,
 Se contigo vivesse, e se expirando
 Co' a já languida mão te unisse ao peito! (2)

- (1) At me ab amore tuo deducet nulla senectus,
 Sive ego Thitonus, sive ego Nestor ero.
 Nonne fuit satius duro servire tyranno?
 Et gemere in tauro, sæve Perille, tuo?
 Gorgonis et satius fuit obdurescere vultu?
 Caucasias etiam si pateremur aves?
 Sed tamen obsistam.

Propert, Eleg. XXV.

- (2) Te spectem suprema mihi cum venerit hora,
 Et teneam moriens, deficiente manu.

Tibulla.

ODE XXI.

A Lydia. ()*

. . . . Oh mille volte
 Mal consigliata donna, che si lascia
 Ridurre in povertá d'hun solo amore!
 Che fede? Che constanza? immaginate
 Favole dei gelosi, e nomi vani
 Per inganar le simplici fauciulle!
 Là fede in cor di donna, se pur fede
 In donna alcuna, ch'io nolsó, si trova,
 Non é bontá, non é vertu, ma dura
 Necessitá d'amor, misera lege
 Di fallita beltá ch'un sol gradice
 Per chegradita esser non puo da molti.

Guarini. Past. Fid.

I.

Q'insania, oh Lydia! teu amor juraste
 Circumscrever a hum só? . . . pobre innocente! . . .
 Para arrastar os ferros da Lealdade
 Nasceo a Formozura? . . .

II.

Cres que virtude he tal? . . . Mulher sem graças,
 Q'outro dote não tem, tenha a constancia,
 Beleza he como o Sol, que apraz a todos,
 E a todos favorece.

III.

Fida socia d'amor he variedade.
 O Mundo variedade está prégando! . . .
 Vês florescente sempre, ou murcha a terrá?
 A Arvore em fructo, ou nua? . . .

(*) Á mesma.

IV.

Namorado d'hum sitio para o Rio? ...
A Abelha se limita a Chyprea Roza? ...
Voa de flor em flor e o nectar colhe
Aos fabricandos favos.

V.

O Sol, a Lua, a sombra alternos reinam,
Varia o Tempo, as Estações variam:
E, se o Homem contemplas, que mudanças
Desde a Infancia á Velhice? ...

VI.

Busca na Historia os decantados nomes
Dessas priscas formosas, que ufanaram,
Vastos Imperios, mais de dar-lhe o berço,
Q'opulencia, e Victorias.

VII.

Amou Hélена hum só? ... Theseo, o Esposo,
Paris, Deiphobo, e mil nos braços teve!
Semiramis, Cleopatra quem pode
Contar quantos amaram? ...

VIII.

Traição chame o ciúme á variedade.
Deixa que rosnem rabujentos Velhos,
Tu mais sabida, pois que a amor pertences,
D'Amor segue os ditames.

IX.

Ouve meus ais, minha paixão premea:
Venus o exemplo da, franqueou-se aos Numes,
E na terra mil vezes, foi colhida
Em amorosos furtos.

ODE XXII.

A Madama Lieutard.

Reçois ce nectar adorable
 Versé par la main des plaisirs,
 Et laisse au gré de leurs desirs,
 Par cette liqueur favorable
 Remplir les Esprits, et les yeux,
 De cette joye inalterable
 Que rend l'Homme semblable aux Dieux.
Rousseau.

I.

Tenho, oh Lieutard, de Madeirense vinho,
 Que, mais que outro de Lysia, me namora,
 Attestado Barril; oh vem comigo
 Passar alegre a noitel . . .

II.

Junto do Lar accezo has-de encontrar-me
 Virando eu mesmo no comprido espeto
 O saboroso lombo, que repinga,
 E ateia a leve chama! . . .

III.

Verás em monte as rebordãas, que estimas,
 Negras Olivas, estridentes Nozes,
 O bom Queijo Bretão açafrado
 E a picante senoura.

IV.

Sem nos embarçar que berre o Vento
 Ou do Sul, ou do Norte, e denodados
 Aventuras na Russia buscar fossem
 Os Quixotes da Gallia,

V.

Abraçados, á meza, e mais unidos
 Ainda os corações, desfructaremos
 Innocentes Prazeres, que não sonham
 Os Tyrannos da Terra!

ODE XXIII.

A' Noute.

Qu' a pas lenta l'Aurore s'avance
Pour ouvrir les portes du jour.

Parry.

I.

Obra prima de Jove! oh Mãy fecunda
De quantos Orbes pelo espaço immenso
Torbilhonando vão; oh Noute amiga
Coeva da Existencia!...

II.

Tu que em teu brando seio aos homens prestas
Meigo recobro em regalado somno,
Impias angustias, que lhe roem n'alma
Paralysando ao menos!...

III.

Inspiradora de sublimes cantos,
Tu que o Estro de Young incendiavas,
Que dás d'avesso á tímida modestia
Abrindo a Amor vereda!...

IV.

Compassiva Deidade!... abrandando hum pouco
Rápido trote da veloz Quadriga,
Por mais do uzado brandas sombras tuas
Este Hemispherio envolvam!...

V.

De rispido Tutor, de Mãy prevista
Lydia hoje a furto me recebe amante,
E, enlaçada em meus braços me franqueia
Gostos que valem Mundos!

VI.

Noute! do Vate, que te vota a Lyra,
Annue ao rogo, e em teu altar deponho
Estes Festões de Flores, que ao surgires,
Despontam do casulo!

ODE XXIV.

Ao Mez de Abril.

Avril, l'honneur de prez vers
 Jaunes, pers,
 Qui, d'une humeur bigarrée,
 Emaillent de mille fleurs
 De couleurs
 Leur parure diaprée.
Bemi. Belleau.

I.

Como alegre, e festivo
 Abril descende á Terra
 Em transparente, e apavonada nuvem!
 Que viva luz do facho seo derrama!
 Como a seu riso os campos
 De variegadas flores se revestem.
 De almo perfume os ares emfrascando!

II.

Vem do remoto Egypto
 A viajante Andorinha
 Tecer seu ninho em nossos verdes bosques:
 Donde de nova prole acompanhada,
 Fugirá quando assome
 De gelos coroadado o triste Inverno,
 Com fria mão as nuvens espremendo.

III.

As Arvores se vestem
 De flor, e de verdura,
 Ao avaro Colono prometendo
 Farta colheita de mimosa fruta
 Premio tão desejado
 Que de hum anno de lidas, de suores
 Da bondade dos Deozes elle aguarda.

IV.

Afferrolhou Eolo
Nas profundas cavernas
Austro chuvoso, e os procellosos Ventos.
E só deixa vagar nos limpos ares
Zephyros, e Favonios.
Companheiros fieis de rubra Flora,
Da meiga Ceres, da gentil Pomona.

V.

O Rouxinol saudoso
Com dulcisono canto
Tarde, e manhãa os prados enfeitiga;
Em quanto no seu ninho a meiga Esposa
Desvelada acalora
Os implumes filhinhos, que hãode hum dia
De seo Pay emular cansões, ternura.

VI.

Agora as Graças folgam
De dansar nas campinas
Co' a linda Venus; e o louçam Cupido,
De novas setas povoando aljava.
Vai amiudando os tiros
Por Homens, animaes, plantas, e flores,
Que todos ardem do prazer do fogo.

VII.

Em meu Jardim agora
Lindo Mez te recebo,
De negocios liberto, em ocio brando,
Goso teu Sol tão puro, aura suave,
Desabrochar observo
A verde Madresilva, rubros Cravos,
Os alvos Lyrios, as purpureas Rozas.

VIII.

Deste lago na borda,
 Desta Amendoeira á sombra,
 De Vates Gregos, de Latinos Vates
 Os versos leio, os de Ariosto, e Tasso,
 De Metastasio, e Rhedi;
 E os do grande Phylinto, a quem cederam
 Todos a palma os Lyricos modernos.

IX.

Outras vezes da Lyra
 As chordas dedilhando,
 Oh ledo Abril, meus Hymnos te consagro,
 E para os escutar Rítilia rindo, (1)
 O regador descança,
 Com que, cuidosa jardineira, a sede
 Saciava dos floridos canteiros!

X.

Oh quem assim podera
 Por dilatados annos
 Viver em paz, em doce mediania!
 Mas dobrado da vida o cabo eu tenho.
 Pouco tarda que a Morte
 Venha cobrar, Credora inexoravel,
 Divida, que ao nascer impoz Natura.

XI.

Feliz, si quando a Terra
 Cobrir meus ossos frios,
 A Amisade guardar memorias minhas;
 Se os versos meus, em que expandi minha alma,
 Dos Posterios conseguem
 Imparcial apreço, e as almas ternas
 O tributo lhe outhorgam de hum suspiro.

(1) D. Rita de Cassia Pereira.

ODE XXV.

A Delia.

Changer sans cesse, et vouloir
toujours qu'on vous aime; c'est vou-
loir que á chaque instant on cesse
de vous aimer; ce n'est pas cher-
cher des cœurs constants, c'est d'en
chercher d'aussi changeants que
vous.

Rousseau.

Os delictos, que, oh Delia, me accumulás,
No Tribunal sagrado,
Onde julga a Razão, não tem castigo! . . .
Sem proveito recordas
Dois lustros da paixão, do amor mais ternos;
Daś-me debalde em rosto
Com finezas, e extremos, que pagaram
Extremos, e finezas!
Inconstante não fui, não fui prejuizo,
Jurei amar, e inda amo
Delia gentil, aquella a cujos olhos
O Sol se envergonhava,
Cujo semblante a Venus deo ciúmes,
Em cujo lindo seio
Se esperguigava languido Cupido,
E nas doíradas tranças
Os trefegos Prazeres se enredavam! . . .

VOL. I.

26

Meo Idolo fiz della,
Meo Idolo será em quanto eu viva! . . .
Mas de lethal Doença
Ferreia mão desfolhou da face as rozas;
Os volupiosos globos
Denegrio, escavou: jaz das madeixas
Perdido o lustre, e a gala!
Scelou a Idade da Doença o estrago;
Onde a virginea graça
Difundida em teu gesto? . . . onde o feitiço
Daquella voz sonora,
Daquelle rir, que n'alma hia ferir-me? . . .
Nada, oh Delia, conservas
D'aquella de algum tempo, que em meu peito
Teve altar, teve cultos! . . .
E inda ingrato me chamas, me condemnas
Porque em mim não deixaram
Lugar para outro amor os teus encantos? . . .
Qual será meo delicto?
Ser fiel? . . . ser constante? . . . mudar devo
Porque tambem mudaste? . . .
Oh! não o esperes, não! . . . the que da Morte
O regelado sopro
Me extinga a vida, da paixão primeira
Me abrasarei no Incendio! . . .
Isto pede a ternura, o brio, a honra,
E, se julgas te engano,
Torna, oh Delia, de novo a ser qual foste,
Verás sem o que injusta,
Chamas traição, como a teos braços corro,
E abengoando os Numes
Pelo tornado Bem, te rendo amante
Adorações, e Cultos!

ODE XXVI.

A Violeta.

Ego flos fieri velim novellus
 Qui molli Climenes resectus ungue,
 Atque inter niveas jacens papillas,
 Uno nascitur, interitque sole.

Thom. Maria Desantons.

I.

Vai, oh formosa Embaixatriz das Flores,
 Vai dos amantes timidos emblema,
 Violeta amavel, de meo Bem no peito
 Gozar macio encosto.

II.

Por gratificio hum só favor te imploro, (1)
 Quando ao seu coração te avesinhares,
 Narra-lhe o meu amor, mas vê que o Pejo
 A astucia não perceba.

- (1) Que o generoso peito
 Nunca a favor acceito
 Grateficio negou, que foi possivel.

Manoel Tavares Cavalcire Ramalhe Juvenil, Canção III.

ODE XXVII.

A hum Amigo.

Procura hum Cafre da brutal Negricia,
Carrega-o de ouro, e o teu rival respeita.
João Vicente Pimentel Maldonado.

I.

Como t'enganas, mal cuidadoso Amigo,
Quando, ao frio rigor d Hybernas Noutes,
Qual exacto Morcego, (1) andar rondando
As Ruas da Cidade!

II.

Quando da prenhe bolça a montes soltas
Cruzados Pintos, efigiadas Louras,
Porque o pejo de Lesbia desespinhes,
E te receba a furto!

III.

Pensas que he dita, pensas que he ventura
Seus mimos disfructar, e os seus abraços? ...
Excessos como os teus eu não fizera,
Nem pela propria Venus.

IV.

Se jura que t'adora, crês que t'ama?
E que cega em paixão torce a virtude,
Se te cede remissa n'alta noute,
Restos que vende ao dia?

V.

Julgas teus seus favores! ... são de todos!
Quando beijos de fogo nella imprimes,
Em teus braços a perfida só pensa
Quem os seus melhor pague.

VI.

Venha hum dia contigo á competencia
Fetido, negro Cafre, mas vergando
De ouro ao pezo, e verás que meiga ao leito
O recebe, e te expulsa!

(1) Nome que o Vulgo dá aos Guardas da Policia.

ODE XXVIII.

Aos Amigos.

Quis scit ann' adjiciant hodiernæ castina summæ
'Tempora Di Superi.

Horat.

Des jours, que la Parque, nous file
Consacrons donc le cours à Cypris, à Bacchus?
Et que faire sans eux d'une vie inutile
Il vaudroit autant n'otre plus.

La Motte.

I.

Em quanto atroa Têrisites os Templos
Com ferrea voz vazia de conceito,
E Lynceo no Brazil talvez co'a Lyra
Faz bailar os Macacos:

II.

Em quanto da Gazeta faz Breviario
O sujo Padre Henrique, e sobre a Scenna
O cantor Bachanal, e o vão Macedo,
A Estupidez laurea.

III.

Eu que contente de viver tranquillo,
Não me embaraço que os vindouros saibam
Que no Mundo existi, e a quem não tenta
D'Estadista a mania!

IV.

Em funda Taça de fervente ponche,
Entre os chistosos ditos dos Amigos,
Dias cumpridos d'afflicção penosa
Lanço, mergulho, afogo,

V.

Caros amigos, ser feliz na vida
Não he dado ao Mortal; em gyro alternam
Pena, e prazer; á pena não cedamos,
E o prazer se aproveite.

VI.

Ai daquelle, que estúpido s'enfuna
De fortuna o levar da roda ao pino;
Que, em breve, desandando, vai lançallo,
No abysmo da miseria!...

VII.

Vimos ha pouco pavonar no Tejo
Rodomontes d'Eyland, Roldões de Iena,
Promettendo debaixo d'huma planta
Esmagar as Hespanhas.

VIII.

E ora, vemos fugindo o Luso ferro,
Dos travessos Rapazes entre apupos,
Os que foram the qui Leões sauhudos,
Mais mansos, que Cordeiros.

(1) Rhodonte, e Roldão, os mais valentes dos Heroes dos Poemas de Boyardo, e de Ariosto, o primeiro entre os Seracenos, e o segundo entre os Christãos.

ODE XXIX.

Aos meus versos.

Mais moi qui les Graces cherissent,
 Je hais, les biens, que l'on adore,
 Je hais les honneurs, qui perissent,
 Et le soin qui les cœurs devore;
 Rien ne me plaît, fors ce qui peut déplaire
 Au jugement du rude populaire.

Dubelloy.

I.

Se acaso por capricho da Ventura,
 Os meus versos do Lethes se remirem,
 E se hum dia os vindouros, que os pessuam
 Em lelos se cansarem;

II.

Não acharão sublimes pensamentos
 De pomposa armonia revistidos,
 Aureas sentenças, que apinhado o Povo
 Pelos ouvidos beba,

III.

Qual já, denso hombro, e hombro, devorava (1)
 Com soffrego appetite Reys extinctos,
 Debellados Tyrannos fuzilando
 D'Alceo na sacra Lyra.

IV.

Mas hade achar a audacia generosa,
 Franco sentir d'hum peito bem nascido,
 Hum elastico Espirito, que affeito,
 Desponta ao fado as setas.

- (1) Reges, et exactos Tyranos
 Densum humeris bibit aure vulgus.

Horat.

ODE XXX.

*Ao Rv.^{do} Prior da Represa, o Padre
Joze Cordeiro da Cruz, retirando-se
de Lisboa sem despedir-se.*

Sed rura cordi sepius et quies
Nunc in paternio sedibus, et solo....
Veiente nunc frondosa supra
Hernica, nunc Curibus vetustis.

Hic plura ponere vocibus, et modis,
Possim solutis, sed mensor interim
Nostri verecundo latentem
Barbiton ingeniosa sub antro.
Estac. Od.

I.

Foi-se o Prior? ... he crível! ... deo ás trancas? ...
Nem poderam detelo de Belmira
As Graças que enfeitigam mesmo aquelles
Que só na ideia a viram? ... (1)

II.

Sem dizer agua vai, foi-se o marmanko? ...
Nem hum vale se quer, deu aos amigos? ...
Assim cumpre o protesto do Rocío
Calcar em quanto exista? ... (2)

III.

Nem do Pombo a vista amor-sonante,
Nem do Moreira o Cravo, nem meus versos,
Nem *per valli* (3) *per boschi*, que a discordia
Soprrou nas Marcias duas, ...

- (1) Allusão a huns versos do mesmo Prior.
(2) Outra semelhante.
(3) Outra allusão particular,

IV.

Do maldito maneta conseguiram (1)
 Hum suspiro, hum adeos, hum terno abraço?...
 Nossas almas roubou, pegou do alforge,
 E co'ellas fez-se á malta.

V.

Ora permitta Jupiter, e o Fado
 Que a travessa Fortuna a urna dos males
 Sobre a caróla, meo Prior, te emborqua
 Em merecida pena!

VI.

Famintos ratos roam-te o Breviario:
 Torne-se-te vinagre o Carcavéllos;
 E daninha Raposa o galinheiro
 Te proteja á Franceza.

VII.

Fatigado da caça, é o Sol tiszando,
Freixo não aches, que te acolha á sombra,
 Nem fagueira *Lacaia*, que reparta
 Comtigo a sobremeza!... (2)

VIII.

Dure o flagello thé, que baixe a orelha,
 Como a Doninha vai do Sapo á boca,
 Buscar venhas do Maximo no indulto (3)
 O perdão do teo erro.

(1) O Padre Cordeiro tinha perdido o braço direito combatendo contra os Francezes na defeza d'Evora.

(2) Toda esta Strophe se refere a factos particulares, que seria difficil, e occioso explicar; pensão annexa ás Poesias familiares.

(3) O nosso commum amigo Manoel Maximo Moreira, hoje fallecido.

ODE XXXI.

A Sr.^a Maria Granville Oldman.

*Te spectem suprema mihi cum venerit hora,
Et teneam moriens, deficiente manu.
Tibul. Liv. I. Eleg. I.*

Que julgas, bella Oldman, que o Luzo Vate,
Teo extremoso amante,
Suplica aos Ceos quando nas aras queima
O aloes dulci-oloroso,
E de alecrim florido as engrinalda?
Não pede, que a Fortuna
Lhe sobre-emborque o cofre; ou longos campos
Romper com juntas cento;
Olhar tristes, e pallidos Clientes
Espreitar-lhe ajoelhados
Hum sorriso ao desdem, qual mercê grande;
Beber em amplos scyphos,
De rubins, e de perlas cravejados,
Os deliciosos vinhos
De Champagna, de Málaga, do Rheno:
Em quanto os mares vergam
Ao pezo dos galíoes, que lhe conduzem
O abundoso producto
D'Engenhos dez, que, do Brasil nas roças,
Lhe occupam mil Escravos
De azevichado rosto, e crespa grenha!

Poderão por ventura
 Ricas Estatuas, effigiadas Urnas,
 De Damasco os estofoſ,
 Orientaes gemas, finas Procelanas
 Do Japão precatado
 Venturosos fazer-nos? . . . quantas vezes
 Abre a cortinal tella
 Do opulento Miombo, e, em torno ao leito,
 Onde tarde se encosta,
 O elevado Sejano, adeja a Angustia? . . .
 Quando menos o aguarda
 D'hum Nero a Esposa, seu brutal marido
 Vê do throno arrojala,
 E travar de outra, que conduz ao Solio
 Pizando-lhe a cabeça!
 Oh como de bom grado então trocara
 C'huma escrava o destino! . . .
 Mais custa o bem perder, que nunca havelo!
 Tanto amarga a lembrança,
 Quanto a do mal passado he deleitosa (1)
 Se módica Fortuna
 Da servil dependencia me redime;
 Se de mim não se offendem;
 Patria que adoro, Principe que estimo:
 Teos favores disfructo,
 E posso ao som da Cythara de Dryden, (2)
 Eternizar teo nome;
 Que mais quero dos Ceos, que mais do mundo?
 Pedira inda hum amigo,
 Se hum amigo existisse! mas presumo
 Que esse bem precioso
 He privativo ao Ceo; a terra ao menos

(1) . . . Revocate animos, mestumque timorem
 Mitite; forsán et hæc olim meminisse juvabit.

Virg. Eneid. I. v. CCVI.

(2) Celebre Poeta Ingles.

Não sei que inda dourasse!
 Nem teimoso Sebastico, que espera
 Escorado em Bandarra,
 Vêr chegar o Encoberto, he mais varrido,
 Que o nescio, que confia
 Encontrar amizade em peito humano.
 Embora as leys lhe pregue,
 Gabe-lhe encantos Cicero eloquente; (3)
 Arrebata me a obra,
 E do Author a illusão me faz piedade!
 Quanto mais me namora
 Se, ao fanal de Carnéades murchando,
 A duvidar me ensigna? . . .
 Mas, engraçada Oldman, se omnimotoras
 Regras do Ente Principio
 A mim, como aos demais, disfructar védam
 Philantropas doguras,
 Se em minha alma á ambição insaciavel
 Entrada não consinto;
 Só rogo a Jové que conserve, e esteie
 Minha aurea mediania;
 Que teu amor se aive, qual diamante
 Se achrysóla no fogo,
 Que em quanto a mocidade nos enrama
 Co'as rozas d'alegria
 As frentes juvenis, d'amor em braços
 Em doce paz vivamos:
 E ao turvejar-me a derradeira Aurora (1)
 Em teu mórbido selo
 Descançar possa affroxo a face fria . . .
 Inda a dextra apertar-re . . .
 Sentir teos beijos, e no arranco extremo
 Semi-dizer teo nome! . . .

(3) Vej. o bello tractado de *amicitia* de Cicero.

(1) . . . E em turvejando
 A hora do pavor, que os Reys não poupa;

Bocag. Tom. III. Epist. I.

ODE XXXII.

A força do costume.

Iste pudicus amor, blandique modestia vultus
Addit et fomæ pretium.

Bapin. de Horat. Cult. Liv. I. vers. CCXLIX.

I.

Com Belmira brincando acaso hum dia,
O meu Bem lhe chamei per zombaria:
Pois como a não vi bella,
Pensei perigo não correr com ella.

II.

Enganei-me, vingou-se; a todo o instante
A via, e lhe fallava em tom de amante;
Tal graga, tal ternura
Nella achei, que supria a formosura.

III.

Sem o saber, minha alma surprehendida
Da mais viva paixão se achou ferida,
E as frases do gracejo
Subito foram frases do desejo.

IV.

Della zombei; por ella morro agora,
Julgo, sem vela, seculos huma hora.
No ardor, que me consume,
Mortaes, vede o que em nós faz o costume!



DYCTHIRAMBO

A Bacho.

A s'envi laissons-nous saisir
Aux transports d'une double ivresse:
Qu' emporte, si c'est un plaisir,
Que ce soit follie, ou sagesse?

Mr. de La Mole.

I.

Silencio, Amigos! olhem!... Bacho ahi entra
Sorrateiro co's Phaunos, e as Bachantes!...
E o bom velho Sileno, que borraxo,
Tropeça, e cambalea.

II.

Promptos á voz, que intentam dar-nos vaia
Pilhando-nos de subito! ligeiros
Co' as taças arrazadas nos voltemos
Ió Bromio! cantando...

III.

Embaçado ficou o Deos furfante,
Co'a procissão Tyrsigera, que o segue!...
Estrepitosos rufos já retumbam
Nos tympanos, e adufes.

IV.

Co'a tempestade acorda estremunhado
O odre Myrtillo, que no chão dormia...
Ergue hum pouco a cabeça... empisca os olhos...
Esfrega as ventas... fica

V.

Parri-toucadas Nymphas galhofeiras
A chorado lundum eis vem tirar-nos! ...
Vamos de furia; chovam embigadas,
E beijos por descuido.

VI.

Que trambulhão foi esse ... e que risota? ...
Quiz entrar na folia o bom Sileno,
Vai se não quando a terra se lhe escoa
Dos pes por maganeira.

VII.

Lá jaz como hum Cassão no pavimento,
A capella a huma banda, o Thyrsos á outra! ...
Que bem aventurança! ... onde se estende
A cama da por feita.

VIII.

Corní-barbi-caprípede selvagem (1)
Essa lyra de pampanos m'enrama,
Lieo m'inspira altisonos cantares! ...
Leva rumor! ... começo

IX.

Io Bacho! ou Lieo! ou Bromio! ou Liber!
Qual mais te aprasa! ebrifestante Numen,
Ingnigena, binado, auri-cornuto (2)
Amansador de Tygres!

- (1) E que attentos corriam para ouvillos
Os Phannos, os auritos Egipanes,
Capri-barbi-cornípedes-felpudos
Moradores das Selvas!

Francisco Manuel.

- (2) Te vidit insons Cerberus aureo
Cornu decorum, leniter atterens
Caudam: et recedentis trilingui
Ore pedes, tetigit que crura.

Horat.

- (1) Allusão ao Carnaval de Veneza Republica.

X.

Tu das tom, das sabor, das gosto á vida:
 O liquido rubi, não parco, entornas;
 E, antigos, ferreos odios desvestindo,
 Beijam-se os inimigos!

XI.

Que doce he ver teos folgasoes validos
 Sempre a rir, e a cantar, sem que lhe emporte
 Que ronque o mar, que se embraveça o Vento,
 Que se revolva o Mundo!...

XII.

Companheiro hes de Amor, cujos feitiços
 Se requintam contigo: escancaravas
 Das Danaes Adriaticas ás torres
 As bem trancadas portas (1)

XIII.

Mal que assomas vai dando aos calcanhares
 Bichancrosa Etiqueta afrancezada,
 C'os Rapapés, Momices, Cortezias (2)
 Que alma traidora embuçam.

- (1) L'instant ou de ses jeux la fete est annoncée,
 Fait d'une ville sage une ville insensée
 Les beautés de ces lieux, que, dans de tristes tours,
 Au fond de leurs palais, traînent des jours obscurs;
 Sous de maitres altiers, d'effroi toujours saisies,
 Victimes de l'amour, et de ses jalousies,
 P'assent de trop de gêne, à trop de liberté,
 Sur elles leurs Epoux n'ont plus d'autorité.
 C'est alors dans Venise, une loi respectée;
 De paroître convert d'une face empruntée,
 Elle est pour le mystere un asile assuré,
 Un mortel sous le masque est un mortel sacré.

Mr. Rosset. Agricull. Chant. II.

- (2) Paver coglionerie tai cose inante,
 Ma l'adottar le Leonine corti,
 Et divennero gravi, et sacrosante:
 Due passi, o men lunghi, piú o men corti,
 Un inchino talor piú, o men profondo,
 Capace he di mandar susopra il Mondo.

L'Abate Casti. Am. parlanti.

XIV.

Longe, oh boni Nictileu, de mim remove
 O nefando Mortal, que impio, profana
 Nosso mor attributo, e em crespo estilo (1)
 Desfarga o que alma sentel . . .

XV.

Longe do meu Paiz, que tão mímoso
 Tens de teus gratos dons, o Gallo infido,
 Que, em Scithico banquete, em sangue humano
 Caldea os teus alambres!

XVI.

Como, oh meigo Lieo, vides consentes
 Em seu clima brutal? . . . com o Thyrsos as fere,
 L'Hermitage, Cahors, Bourgonha vejã
 Murchar, arder-lhe as cepas.

XVII.

Mate-lhe a sede paludoso charco,
 E nas festas a livida cerveja,
 Triste invenção, que nunca ponde a Jove
 Hir espumar nas Taças!

(1) Et hercle Deus ille, princeps, parens rerum, fabricator que Mundi, nullo magis Hominem seperavit a cæteris, quæ quidem mortalia essent, animalibus, quam dicendi facultate. Nam corpora quidem magnitudine, viribus, firmitate, patientia, velocitate præstantiora in illis mutis videmus; eadem minus ege-re acquisitæ extrinsecus opis. Nam et ingredi citius, et pasci, et tranare aquas, citra docentem, natura sciunt. Et pleraquæ contra frigus ex suo corpore vestiuntur, et arma his ingenita quædam, et ex obvio fere victus sunt; circaquæ omnia multus Hominibus labor est. Rationem igitur nobis præcipuam dedit, ejusque nos socios cum Diis immortalibus voluit. Sed ipsa ratio neque nos juvaret, neque tam esset in nobis manifesta; nisi quæ concepissimus, mente, promere etiam loquendo possemus: quod magis deesse cæteris animalibus, quam intellectum, et cogitationem videmus.

Quintil. Instit. Rhethor. Liv. II. Cap. XVII.

XVIII.

Que improviso furor me abarca a mente! ...
 Que retinidos bronzes! ... e que altares
 Fulgindo em santo fogo! ... que infinita
 Turba lhe dança em torno! ...

XIX.

Que furibundas Thyades laceram
 Coroado Mortal! ... escute o Mundo
 De Pentheo o destino! ... escute, e apreenda
 A ter respeito aos Nûmes! ... (1)

XX.

Na famosa Cidade a quem deu nome
 Da roubada Sydonia o Irmão vagante,
 Imperava Pentheo; feliz se ao sceptro
 Religião juntasse!

XXI.

Já sujeito o Indo, e o Ganges, e plantados
 Por toda a terra os mysticos seus ritos,
 Co'as Bachantes Thioneo volvia á Patria,
 Corre a encontrallo o Povo.

XXII.

Do Pontifice á voz tarefas largam
 Matronas, e Donzellas, tranças soltam,
 Brandem Thyrsos frondentes, e ao Cytheron
 Vão celebrar as Orgias.

XXIII.

Velhos, Moços se apressam: só repugna
 Sacrilego Pentheo! « onde oh Thebanos,
 Delirando correis? ... brada, onde oh castas
 » Anguigenas Matronas? (2)

(1) Discite justiliam monuit, et non temere Divos.

Virg. Aeneiad.

(2) Descendentes da Serpente, que Cadmo matou de cujos dentes semeados nasceram Homens armados; vejam-se sobre essa passagem, e todo o Episodio, Ovid. Metamorphe, Liv. III.

XXIV.

» Velhos! não vos pejaes dos longos annos,
 » Das niveas cans enxovalhar dessa arte?...
 » Insensatos!... soffreis que vos imponha
 » Mentida Divindade?...

XXV.

» Guerreiros, meus iguaes, á illustre fronte,
 » Em vez de louros, pampanos se ajustam?...
 » Cobrem pelles ferinas duros membros,
 » Que as armas callejaram?...

XXVI.

» Ritos magicos, tympanos, e flautas;
 » Ebrias Mulheres rabidas ladrando,
 » Tem tamanho poder, que hum a Cidade,
 » Envolvam na vertigem?...

XXVII.

» Rapaz lascivo, em purpuras envolto,
 » Myrrha escurendo as tranças, porque insano,
 » Sonhou ser filho a Jove, ha de ver Homens
 Dobrarem-lhe o joelho?...

XXVIII.

» Não me escutam sequer?... que horror! que pejo!...
 » Eu propios, sim!... perturbarei mysterios
 » D'impia dissolução!... o Deos, e as aras
 » Farci rollar na terra!...

XXXIX.

Dalli cego, e frenetico já corre,
 Voa, chega ao Cythéron: mas apenas
 Lhe assoma Bacho, subita demencia
 Se lhe apodera d'alma.

XXX.

Insta a voz do pavor troando o ouvido;
 Duas Thebas ver julga, e o Sol dobrado:
 Que o rodeiam Leões; Leão parece
 Aos mais, que o Deos fascina,

XXXI.

Hirto o cabello, á fuga se abandona: . . .
 Mas a Mãe (a primeira, Evohé clamando)
 » Morra o Leão! o thyrsos lhe despara,
 Que o vai ferir no rôsto.

XXXII.

Uivando logo as Menades o cercam
 Thyrsos, páos, pedras, cantos, quantas armas (1)
 Mostra acaso, ou furor, no Rey, que em terra
 Roga piedade, empregam

XXXIII.

Do Phantasma illudida, eis chega a Esposa (2)
 Brande a secure, que roubou das aras,
 E ao misero, que os braços lhe estendia
 D'hum golpe leva o colo.

XXXIV.

Pelos campos dispersos vão seus membros,
 Sceptro não lhe valeo, não valeo throno! . . .
 Envolvido no pó, ou sobre o solio
 Punido o crime he sempre.

(1) A pedra, o páo, o canto arremessando.

Camões Lusíadas.

(2) Com a illusão, com que Bacho fazia que Pentheo parecesse a todos Leão.



LIVRO V.

ODES ANACREONTICAS.



ODE I.

A Esther Levi Ben-Maimon.

I.

Quanto te vejo vestida
Ao modo de Barberia,
Minha ardente phantasia
Crê vêr Africa orgulhosa,
Que vem foros de formosa,
Com Europa pleitear.

II.

Esse adorno de cabeça
Dá realce ao teu semblante,
Mais gentil, mais elegante,
Essas roupas tão airozas,
Pitorescas, e vistosas
O teu talhe fazem ser.

III.

He assim que huma Ave estranha.
De Cathay, ou Novo Mundo,
Co' matiz ledo, e jucundo,
Que nas pennas nós lhe vemos,
Faz que a todas a julguemos
As de cá mui superior!

IV.

He assim que ninguem olha
 Para o Sol, qué reverbera
 Cada dia sobre a esphera;
 Mas se rubido Cometa
 Pelos Ceos a marcha enceta
 Todos correm para o ver.

V.

Cara Esther, eu não preciso
 Para amar-te com ternura,
 Dessa estranha compostura,
 Porem da-te ella tal graça,
 Que impossivel he não faça
 Teu amante transportar,

ODE II.

A Esther.

I.

Hum Baixel está no Tejo
 Verga dalto, e preparado,
 Que fendendo o mar salgado,
 Para as terras do Levante
 Levar deve a minha amante,
 Levar deve a minha amada,
 Tão querida, tão prezada
 A mimosa, terna Esther!

II.

Caro Bem, a tua ausencia
Para mim golpe he de Morte,
E maldigo a dura sorte,
E maldigo o Pay tyranno,
Que aos furores do Oceano
Te aventura, e das procellas,
Por quebrar as prisões bellas,
Com que a ti me liga Amor.

III.

Elle finge, o Judeu cauto
Mil projectos negociosos,
Por deixar os tão formosos
Puros ares d'Ulyssea,
Mas eu leio em sua idea:
Todo o fim, todo o concelho
Desse avaro, e tredo velho
He tão só roubar-te a mim!

IV.

Adeos pois, oh terna Amánte,
Porem antes da partida,
Minha face á tua unida,
Apertado ao teu meu peito,
De Amor cheio, e de despeito
Em teus labios nacarados
Cem mil beijos abrasados
Heide soffrego imprimir.

V.

Muito embora te conduzam
Ao gelado Arctoo Polo,
Ou aonde escalda Apollo
Com seu fogo a Zona ardente,
Heide amar-te fielmente,
Heide grato a teus amores,
O teu nome, os teus favores
Com a Lyra eternizar.

ODE III.

A Esther.

I.

A Primavera
Rosi-toûcada
Lá vem, sentada
Em transparente
Nuvem fulgente,
Léda a sorrir.

II.

O seu sorriso
Fecunda a terra,
Que já descerra
Verdura, e flores,
E com mil cores
Lhe dá matiz.

III.

As folhas vestem
Troncos floridos
E, desprendidos
Dos gêlos frios,
Arroyos, rios
Serpeiam já.

IV.

Dourando os ares.
Com luz mais pura,
O Sol fulgura
Mais magestoso
Pelo espaçoso
Campo do Ceo,

V.

Da Serra Rolla...
Nas fundas grutas,
Procellas brutas,
Turbidos ventos
Vam violentos
Couto buscar.

VI.

Ledas as Aves
Tecem seus ninhos,
Ou nos raminhos
Pousam virentes,
E sons cadentes
Fazem ouvir.

VII.

Cupido, e Venus,
Co'as socias suas
As Graças nuas,
Aos campos descem,
Choreas tecem
Da Lyra ao som.

VIII.

Vulcano em tanto
Nos seus trabalhos.
Batendo os malhos,
C'os feros Brontes,
Lipareos montes
Faz retumbar.

IX.

Umbrosos bosques,
Diaphanos ares,
Rios, e mares,
Feras, e gento,
Tudo recente
Fogo de amor,

X.

Sua influencia,
 Esther, se estende.
 A nós, que prende
 Mutua ternura,
 Que mais se apura
 Nesta estação.

ODE IV.

A Esther.

I.

Si me alegra que torne
 A rubra Primavera, (1)
 Dourando a azul esphera
 O campo a florescer.

II.

Não he porque deseje
 Os troncos ver floridos,
 Os montes revestidos
 De messes verdejar.

III.

He porque a estação bella
 Aos braços meus trazer
 Deve a formosa Esther
 Da Marcia Gibraltar.

IV.

Ah quando a bella corte
 O liquido elemento,
 Cortez lhe seja o vento,
 Seja propicio o mar!

(1) Hic ver purpureum.

ODE V.

A Esther.

I.

Esther amada,
Na Harpa, ou Cynnor, (1)
Canta-me Hebraico
Hymno d'Amor!

II.

Já preludias
Co' mão nevada,
Que sobre as cordas
Corre apressada.

III.

A voz desprendes! . . .
Que alma doçura! . . .
Geme de ouvir-te
Minha ternura.

IV.

Quando psalmeava
Debora outrora
Certo não tinha
Voz tão canora!

V.

A que amansava
Da Persia o Rey,
Se voz tão meiga
Tinha, não sei.

VI.

Vê qual palpita
Meu coração! . . .
Paguem mil beijos
Tua canção.

(1) Instrumento de chords usado pelos Hebreos, e mais encorpado que a Lyra dos Gregos.

ODE VI.

A Esther.

I.

Esther, oh mais formosa,
Das filhas de Israel;
Que rosas tens nas faces,
E tens nos lábios mel.

II.

Tu, cujos olhos negros
Vertem suave ardor,
Cujos cabellos vencem
Q ebano em lustro, e cor,

III.

Tu, cujas meigas vozes
Tem magico poder
Para nas almas livres
As chamas accender.

IV.

Ah vem, corre aos meus braços,
Como hontem te pedi;
Que os filhos do teu Povo
Dignos não são de ti.

V.

Escravos avultados,
Não sentem vivo ardor,
Que gera em peitos nobres
Genio, virtude, e amor.

VI.

Só em ti vem Avaros
Com sordida ambição,
Ouro, vestidos, joyas,
Mas teu coração, não.

VII.

Eu amo-te, e sou Vate,
E sempre te heide amar,
E ao som da ebúrneia Lyra
Teu nome decantar.

VIII.

De Ben-Maimon, á porta
A furto isto cantei;
Abrio-se, e nos meus braços
A linda Esther achei.

ODE VII.

A Esther.

Da-me o beijo, e dou-te a rosa;
Si o partido não te apraz,
Nunca Esther, sobre o teu seio
Esta rosa brilhará.

Sem o beijo he vão teu rogo,
Pois não cedo do que he meu,
Sem que acceite em recompensa
O que tenha mais valor.
Tal doutrina, oh bella Joven,
Tu não podes condemnar,
Pois se he pouco gencrosa,
A professa o povo teu.
Da-me o beijo, e dote a rosa;
Se o partido não te apraz,
Nunca, Esther, sobre o teu seio
Esta rosa brilhará.

Esta rosa foi nascida
Em roseira, que eu plantei,
Mas tambem não foi de graça,
Que eu a estaca consegui.
Foi creada, esperta, e joven,
Que a furtou de huma roseira,
Que sua ama tinha em muito;
E zelava, com disvello
Por ser don do amante seo,
E ella em premio deste obsequio
Outro beijo me pedio.
Da me o beijo e dou-te a rosa;
Se o partido não te apraz,
Nunca, Esther, sobre o teu seio
Esta rosa brilhará.

Sou eu só, quem desvelado
Della trato em meu jardim,
Eu a pódo, eu a encannigo
Eu lhe afofo em roda a terra,
Eu lhe chego o pingue adubo,
E tomando o regador
Cada dia a vou regar;
E quem vê as rosas suas
Sempre admira as densas folhas,
Gentil forma, côr, grandeza,
E suavissimo perfume.
E eu jurei que Dama alguma
Levará della hum botão,
Sem hum beijo lhe custar.
Da-me o beijo, e dou-te a rosa;
Si o partido não te apraz,
Nunca, Esther, sobre o teu seio
Esta rosa brilhará.

ODE VIII.

A Esther.

Comtigo, Esther, quizera
Subir ao Sinay monte,
Onde Moyses, o sabio
Entré trovões, e raios,
Relampagos ardentes
Do Eterno recebera
A ley, que ao Povo trouxe
Que idolatrando achou.

Quizera sobre o Moria
Hir prescrutar vestigios
Do Templo protentoso
Coberto d'ouro, e Cedro
Do Libano frondente,
Que Selamoth fundou.
O Moria, onde ora, oh pejo!
Surge a Mesquita Turca,
Onde se exerce o culto
Do Arabico Pastor!

Tambem, contigo ao lado;
Correr quizera o cume
Do florido Carmello,
Aonde os Ceos de bronze
Com seus ardentes rogos
Helias abrandou,
E fez que ethereo fogo
Descesse, e consumisse
O sacrificio seu.

Quizera ouvir teu canto
Dos Cedros na torrente,
Do Siloé nas ribas,
Ou do Jordão nas margens,
Que por areias fulvas
Devolve as mansas ondas;
Do Jordão, que assustado
A' vista da Arca santa,
Fugio espavorido, (1)
E á Fonte recuando,
O passo enxuto, e livre
Deixou ao Povo teu!

Saudar quizera ao longe
O Golgotha, o Thabor;
D'onde Hyerichó se eleva
De mil rosaes cercada,
Colher botões mimosos
Para te ornar a fonte,
Para te ornar o seio
Tão puro, e tentador!

Quizera, Esther, quizera
Vagar d'Euggaddi os campos
Tão ferteis, e tão ricos
De pampanos frondentes,
E em suas ferteis cepas
Colher formosos cachos,
Para tos ofertar.

Tu sabes que d'Euggadi
As uvas são mais doces,
Que o fulvo mel do Hymeto,
Que tanto os Gregos Vates,

(1) Jordanis conversus est retrorsum.

Nos cantos seus nos gabam;
 Mais doces do que o gúmo
 D'Amora cor de sangue,
 Ou da Laranja odora,
 Que a Pátria minha cria;
 Mais doces do que o beijo
 Primeiro que nos lábios
 De terna, e linda Joven
 O amante delibou...

Girando estes logares
 Tão ferteis de prodigios,
 D'altas lembranças ricos,
 Oh como extasiado
 A meu peito amoroso,
 Esther, eu te apertara,
 Clamando « oh que formosa,
 » Que afortunada terra
 » Os teus Avós perderam
 » Para a não mais cobrar!

ODE IX.

A Esther.

I.

Que emporta, oh doce amante,
 Que emporta, Esther querida,
 Si amor nos une as almas,
 Que o culto nos devida?

II.

Não he acaso amor
 Hum culto universal?
 Em mutuos nos amar-mos,
 Não vejo nenhum mal.

III.

Amor não he delicto,
He Ley da Natureza,
Para obrigar a amar-mos
Creou ella a Belleza.

IV.

Em eu te amar Hebreia,
E amar-me Tu, Christão,
Não entram nossas crenças,
Só entra o coração.

ODE X.

A Esther.

I.

Perguntas, Esther amada,
Qual he do anno a Estação,
Que me parece mais bella,
Mais me encanta o coração?

II.

A resposta não he facil,
Pois se bem formos a ver,
Todas tem suas belleças,
Em todas há que temer.

III.

A Primavera consigo
Traz esperanças, e flores;
Porem traç tambem nebrinas,
E trovões atterradores.

IV.

O verão, brilhante, e claro
Faz as messes lourejar;
Mas tem calores tão vivos,
Que nos fazem suffocar.

V.

Chega o pomifero Outono
Co'a vendima brincadora,
Mas traz tambem de doenças
Cohorte, que nos devora.

VI.

Assoma o Inverno entre Bailes
Tornando grata a Cidade,
Mas sobre chuvosas nuvens
O acompanha a Tempestade.

VII.

Para dizer-te o que sinto,
Pela mais bella Estação,
Só tenho aquella, em que posso
Cingir-te ao meu coração!...

ODE XI.

Sobre a ausencia d'Esther.

I.

Vil Judeo, velho onzeneiro,
Leva embora a linda Esther,
E vai da-la por Mulher
A outro filho de Levi.
Que não hade elle da Esposa
Colher já virginea rosa,
Que eu ha muito lha colhi.

II.

Só me doç, me compadeco
D'essa misera Donzella
Que me abraça meiga, e bella,
E me jura eterno amor.
A sua alma ingenua, e pura,
Merecia da Ventura
Melhor trato, e mais favor.

ODE XII.

A Oleno. ()*

Venham depressa copos,
 E tragam-me outro vinho;
 Do que bebi thegora,
 Já saciado estou!...
 Que copos me trouxeram!...
 Parecem bebedouros!
 Fóra com elles! fóra,
 Que não os quero assim!...
 Bem!... esses, grandes, largos!...
 Deita Madeira doce,
 Deita o gentil Bucellas,
 Que he vinho de primor!
 Brinda, meu caro Oleno,
 Ao teo Ovidio brinda,
 Que eu brindo ao meu Virgilio
 Com este a transbordar;
 Ora a Camões brindamos,
 O Lusitano Homero,
 A Corydon, e Elpino,
 Tão grato a Bassarco.
 De novo os copos se encham
 Para brindar a Alfeno,
 E ao sem igual Phylinto
 Dos Lyricos o Rey!...
 Bancas, Tremós, Cadeiras,
 Não vejo, nem descubro...
 Então onde he que estou?
 Só vejo extensas vinhas,
 Toneis, Satyros, Phaunos,
 Bacchantes, Egypaes
 Em torno a mim dancar!...

(5) Nuno Alvares Pereira Fato Moniz.

ODE XIII.

A Oleno.

I.

Traze-me flor de Laranja.
Para esta taça adornar,
Sou Português, não sou Grego,
E de Hera não quero uzar.

II.

A Laranja he a Rainha
Das fructas do meu Paiz;
O aroma das suas flores,
Com o do vinho condiz.

III.

Laranja, e vinho de Lysia
São dos Britanos a inveja,
Desses Chatins avarentos,
Que se toldam com Cerveja.

IV.

Algumas vezes bebi
Vinhos de Chÿpre, e de Creta,
Que tanto exalta o de Theyos,
O Ebri-festante Poeta.

V.

São bons, porém nellès acho
Pouca força, e bom sabor.
São optimos para Damas,
Não para hum bom bebedor.

VI.

Venha Chamusca, e Madeira,
Moscatel, Bucellas, Porto,
Vinhos que a ideia reboram,
Que dão ao Estro conforto.

VII.

Só elles inspirar podem,
 Oleno, versos de amor,
 Com que ao longe remedemos
 De Batillo o bom Cantor!

ODE XIV.

O poder do Amor.

I.

He hum mal o ter amores;
 Não os ter he mal maior,
 Mas amar sem ser amado
 He dos males o peor!

II.

O amor em Touro, em Cysne
 O Tonante converteo;
 Por amor de Olympo á terra
 Cynthia casta já desceo.

III.

Pela ingrata Daphne Apollo
 Sentio já vivos ardores;
 Por Choronis, que o trahia,
 Soffreu zelos vingadores.

IV.

Se os Deoses de Amor o jugo
 Não poderam evictar,
 Eu mortal, eu fraco Vate
 Como heide deixar d'amar?

V.

Só supplico á linda Venus,
 Só supplico ao Filho seu,
 Que a Nympha por quem me abraço
 Não despreze o affecto meu.

ODE XV.

A Marcia. ()*

I.

Quero de flores
Co' huma capella
Cingir a fronte,
De Marcia bella.

II.

Colhe-me myrthos,
Colhe jasmins,
Perpetuas roxas,
E Mogarins.

III.

Colhe-me Tulipas,
E Tuberosas,
E não te esqueçam
As Chypreas Rozas.

IV.

Porque sem ellas,
Fracca beleza
Tiveram obras,
Da Natureza!

V.

Eis-te acabada,
Floreas capella,
Eis-te na fronte
De Marcia bella!

VI.

Que bem parece
Com ella ornada!
Mas quem se iguala
A' minha amada?

(*) D. Maria Constança Lima Barbosa.

ODE XVI.

A Ullina.

I.

Vou contar-te, bella Ullina,
Minha sonhada ventura,
Que não bastou ser sonhada,
Tambem foi de pouca dura.

II.

Sonhei que Amor te ferira
Com seu dourado farpão;
E te guiara a meus braços,
Pela sua propria mão.

III.

Que, os lindos olhos erguendo,
Em mim maviosa os flectavas;
E que apertando-me ao peito
De ternura suspiravas.

IV.

Então cuidei ver a terra
Toda vestir-se de flores,
E minha gloria applaudirem
Os aligeros cantores.

V.

Cuidel que nuvem d'aromas
Em torno a nós se espessava,
Como a que Jove, no Ida,
De Juno em braços, fechava.

VI.

Mas quando em teus roseos labios
Faminto beijo imprimia,
Forte argolada na porta,
O somno me interrompia.

VII.

Antes do que esse importuno,
A Morte houvera de ser,
Fora feliz pois morrera
Nos extasia do prazer.

ODE XVII.

A Marcia.

I.

Sonhei oh Marcia, esta noite,
Que em Rouxinoes transformados
Pelo condão de huma Fada,
Voaramos apressa-los.

II.

Que muito tempo vivemos
De huma selva no verdor,
Ora buscando o sustento,
Ora em prazeres de amor,

III.

Que, á vinda da Primavera,
Tu brando ninho formando,
Dentro delle te metias
Os filhinhos encubando:

IV.

Em quanto em fronteiro chopo
Eu muito alegre pousava,
E ali de noite, e de dia
Ternas endeixas trinava.

V.

Eis descê Açor famulento!...
Fugiste tu, e eu fugi!...
C'o susto acordo, e do sonho,
Como rirás, também ri!

ODE XVIII.

A Marcia.

I.

Eu sei que a minha vida
Já pouco hade durar,
Que o meu estame as Parcas,
Se apromptam a cortar.

II.

Que o Espirito, que pensa,
Do corpo dividido,
Hirá correr vagante
Mundo desconhecido.

III.

Mundo, onde se não beba,
Mundo, onde se não ama,
Onde he todo o prazer
Tenue rumor da Fama.

IV.

Mundo, onde só existem,
Sombras d'amenas fontes,
Sombras de lindas flores,
Sombras de Rios, Montes.

V.

E quero desta vida
O resto aproveitar,
Quero eutregar-me ao riso
Quero beber, e amar.

VI.

Traze-me os copos, Marcia,
Traze-me vinho, e rosas,
E a Lyra a que descanto
Theias Cansões formosas.

ODE XIX.

Origem da Uva Moscatel.

I.

Do Tejo em margens sentados
Do Estio em calmoso dia,
Bacchó, e Venus propinavam
Doce nectar, e ambrosia!

II.

Huma formosa Videira
Os pampanos estendendo,
Com suas parras aos Numes
Estava hum docel tecendo.

III.

Em roda delles das Graças
Vagava o festivo bando,
Que, de rosas coroadas,
Lhes andavam ministrando.

IV.

Co' huma taça transbordante
Lieu a Deosa brindava,
Mais eis qué Aglauro sobre elle
Travesso Amor empurrava.

V.

Cáe, e a Lieu dá no braço,
Da mão a taça soltou,
E junto ao pé da Videira,
O nectar se derramou.

VI.

Entranha-se pela terra,
E breve á raiz chegava,
E misturado co'a seve,
Com a seve circulava.

VII.

Por causa assim de Cupido
O gostoso Morcatel,
Ganhou aroma divino,
E mais doçura que o Mel.

ODE XX.

Em huma enfermidade.

I.

Pouco a pouco me fatiga
Soportar esta existencia
Da fortuna, e da opulencia
Sempre longe caminhar.

II.

Se da vista a luz se extingue,
Se impia Febre escalda a testa,
E se o peito me molesta
Sanguinosa, e cruel dor! . . .

III.

Sem prazer, e sem saude
Se viver me ordena a sorte,
Melhor fora já que a Morte
Me soltasse esta prisão! . . .

IV.

Que delicto contra os Numes
Cometti sem ter nascido? . . .
Por ventura lhe hei pedido
Faculdade de existir? . . .

V.

Porque pois me arreinessaram
N'este vale lacrimoso! . . .
Produzir hum desditoso
Para Deoses que prazer! . . .

ODE XXI.

A huma Taça.

I.
Quem seria o douto Artista,
Que esta taça sizelou,
E que tão formosos quadros
Em sua roda traçou? ...

II.
Com que graça em torno á bocca
Esta vide serpenteia,
E depois formando as azas
Morbidamente se enleia?

III.
Dorme aqui de hum myrtho á sombra
Endymião descansado;
E Cynthia ao pé de giolhos
Beija-lhe o rosto nevado.

IV.
Brilha no rosto dormente
Hum reflexo de prazer;
Le-se paixão, e volupia
Da Deosa no parecer.

V.
Ali Jove sobre o Throno
Suspira, e gemê varado
Pela setta que, Cupido
Contra elle ha disparado.

VI.
E o menino alado os raios
Sobre o joelho quebrando,
Ri do golpe, bate as palmas
Seu triumpho celebrando.

VII.

Mais ao longe a linda Europa,
No alvo Novilho sentada,
Se inclina, agarra-se aos cornos,
E os pés recolhe assustada.

VIII.

E elle soberbo co' a presa
Ergue alva espuma nadando,
Treme o pelago, a Deidade
Transformada respeitando!

IX.

Além a formosa Venus
Abraça Adonis que adora;
E com mil famintos beijos
Faces, e olhos lhe devora!

X.

Lá Nictiléo em soccorro
Vem de Adriadna abandonada,
E dos Phaunos, e Bachantes
Os cerca a turba açodada.

XI.

Em quanto o ebrio Sileno
No Jumento cambalea,
E por Satyros sustido,
Desentoadado vozea!

XII.

Quanta graça nas Figuras!
Nos semblantes que expressão!
Parece andou nesta obra
De Pratixeles a mão!...

XIII.

De que maneira o trabalho
Do grande Artista honrarei?...
Cheia a taça de Madeira (1)
Ao seu nome beberei.

(1) Esta Madeira, Sr. Leitor, não he pao ferro, vinhatico, ou espinheiro, he vinho da Madeira, do que v. m. talvez não desgoste.

ODE XXII.

Origem do Vinho do Douro.

I.

A Nympha formosa do Douro
Em penha lictorea sentada,
Cabellos de lucido ouro
Compunha com mão delicada.

II.

Bis Bacho que chega, e ao ve-la
Suspende-se mudo hum momento,
No peito sentindo por ella
D'amor o suave tormento.

III.

O pejo a Lieu não impede,
Expõem seu desejo amoroso,
A Nympha resiste, . . . mas cede
A' instancia de Deos tão formoso.

IV.

Porqué ao Sol a scena escondeste
O thyrsos elle crava na terra,
Eis vide, que prompta florece,
E em choça de parras os cerra.

V.

A sesta ali passam contentes,
Entregues d'amor ao transporte,
Partindo entre beijos ardentes,
O Nume lhe dei desta sorte,

VI.

« Tu reinas em calvos penedos,
» Que dão só agreste verdura,
» Eu quero torna-los tão ledos,
» Que invejem a tua ventura.

VII.

» A vide que ahi florescera,
 » Os vai coroar de verdor,
 » E outra vinha eu juro não dera
 » Hum tão generoso licor.

VIII.

» Teu nome será conhecido
 » Por elle nos fins do Oriente;
 » E no Orbe que jaz escondido
 » Ainda no mar do Poente.

IX.

» A par de Lieu respeitada,
 » Senhora de rico thesouro,
 » Verás toda a gente humilhada
 » Dar cultos á Nympha do Douro.

ODE XXIII.

A Marcia.

Estas flores para ti,
 Formosa Marcia, colhi,
 Nem foi mui facil a empresa,
 Porque dellas em defeza
 Estava alado Esquadrão
 De Abelhas, cujo ferrão
 As minhas mãos lacerava;
 E eu, Marcia, a dor suportava,
 Por de ti, paga, esperar;
 Pois me deves tantos dar
 Beijos quantas as feridas,
 Para servir-te, sofridas.

ODE XXIV.

A hum Pintor.

I.

Solerte Pintor, que vives
De roubar a Natureza,
Vem, quero que me retrates,
Da minha amada a belleza.

II.

Prepara palheta, e tintas,
E os Pinceis imitadores,
Eis a tella aparelhada
Pela mão dos nus Amores.

III.

Tão impressa n'alma a tenho,
Que inda sem presente estar,
Huma por huma te posso
Suas feições indicar.

IV.

Macios longos cabellos
Pinta cor da noite escura,
Anelados sombreando
Da airosa testa a brancura.

V.

Negros ramosos sobrolhos,
Negros olhos bem fendidos,
Como os da Saturnia Juno
Por Homero encarecidos.

VI.

Mas ah! receio que baldes
Engenho, apuro, e primor,
Para imitares o fogo,
Que nelles accende Amor.

VII.

Sem senão do olphato o órgão
 Separe as faces formosas,
 Aonde brilham mesclados
 Alvos jasmims, rubras rosas.

VIII.

Seos labios nectareos vençam
 Dos rubins a ignea cor,
 E subtil felpa os assombre,
 Dando-lhe graça maior.

IX.

Ledo sorriso me pinta
 Por entre elles a escapar,
 Dois fios de niveas perlas
 Deixando a furto brilhar.

X.

Por todo o gentil semblante,
 Derrama, se podes tanto,
 Hum feiticeiro attractivo,
 Hum ar de celeste encanto.

XI.

Seja o seu collo lustroso
 Como de marfim burnido,
 De hum pequena costura,
 Junta do hombro offendido,

XII.

Sim porque todos que vissem
 Hum composto tão perfeito,
 Jurariam que era Venus
 Sem este leve defeito.

XIII.

No seio volupioso,
 Acerbos pomos arfando...
 Mas que he isto?... o pincel vejo
 Na tua mão vacilando!...

XIV.

Descoras! gemes! suspiras!
 Teus olhos scintillam lume!...
 Entendo ao veres tal copia
 Já vivo amor te consume,

XV.

Se inanimado transumpto
 Pode em ti tanto influir,
 Pensa quanto a ouvila, e vela
 Devia Sylvio sentir.

ODE XXV.

A Josina. ()*

Pour vous, auprès de vous, je veux vivre, et mourir.
Mr. Ducio.

I.

Comtigo, Josina,
 O fido Amador,
 Da sorte não teme
 Mudança, rigor.

II.

No throno, ou nos ferros,
 Na Patria, ou distante,
 Luculo opulento,
 Iro mendigante.

III.

Se meiga, ternura
 Lhe brilha em teos olhos,
 Tornados em rosas,
 Verá os abrolhos.

IV.

Amor quando he puro
 Ao Sol se compara,
 De si se alimenta,
 De si se repara.

(*) D. Josepha Umbelina Cid.

ODE XXVI.

O Desejo.

I.

» Se em aligero Favonio
 » Te podesses transformar,
 » Dize-me, Sylvio, onde irias
 » O teu vôo remontar?

II.

» Acaso ás margens do Thybre,
 » Onde Virgilio cantou?
 » Aos campos, que assombra o Ethna?
 » Aos, que Antenor povoeu?...

III.

» Irias pousar nos Alpes
 » Sempre de gello toucados?
 » Nos muros, que lava o Senna?
 » Nos de Thamiza banhados?

IV.

» Pelas Florestas Germanas
 » Foras affouto vagar,
 » De algum Bardo, n'alta noute
 » Ouvir a sombra ulular?

V.

» Foras observar em cinzas
 » Moscow infausta jazer,
 » Ou na Real Petersbourgo
 » Cultos a Pedro render?

VI.

» Nos campos, onde fôï Troya,
 » Recitarias saudoso
 » Do sacro vate de Smyrna?
 » O cantico portentoso?

VII.

- » Ou, o Helesponto passando,
- » Foras em Byzancio escrava,
- » Ver como atroz Despotismo
- » Em sangue humano as mãos lava?

VIII.

- » Regarias com teu pranto
- » De Athenas os monumentos?
- » De Esparta o solo, em que pastam
- » Agora brutos armentos? ...

IX.

- » Em Naxos, em Chypre, em Creta,
- » Em Rhodes, Ithaca, e Zante,
- » Verias a Grecia em ferros
- » Dobrar joelho ao Turbante?

X.

- » Circumvoando na Syria
- » Notaras em toda a parte
- » Os horrorosos vestígios
- » De Fanatismo, e de Marte?

XI.

- » Vizitarias o Egypto,
- » Que da antiga magestade,
- » Só as pyramides guarda
- » Emblema da Eternidade?

XII.

- » Em Solyma meditaras,
- » Onde com marcia bravura,
- » Libertou a Flor da Europa
- » Do seu Deos a sepultura?

XIII.

- » Ou em pavilhão de pelles
- » Te hospedarias contente
- » Com o Arabe dos Dezertos,
- » Feliz por Independente? ...

XIV.

» Lybia, Japão, Novo Mundo,
 » O Catay... » Não minha Musa,
 Expectaculos tão vastos
 Minha alma de grado escusa,

XV.

Que vira em tão varios climas?
 A Impostura, a Tyrania,
 Males, crimes, e ruinas,
 E pouca sabedoria.

XVI.

Loucura he buscar tão longe
 O que em torno de mim vejo!
 Onde Marcia existe auzente
 Me levara o meu dezejo!

XVII.

Se de mim longe suspira,
 Invisivel fora ver,
 E, sendo assim, em seus labios,
 Hum terno beijo colher!

ODE XXVII.

A Esther.

I.

Se de teus Pays á terra
 Fosses, Esther formosa,
 De Salem pareceras
 Tu, a mais linda Rosa.

II.

Pois certo que the hoje
 O tronco de Levi,
 Não produzio alguma
 Que se compare a ti.

III.

Os Filhos dos Deserto
Chelos de vivo ardor,
Colher disputariam
Tão preciosa flor.

IV.

Os Turcos te creriam
Ao vêr o rosto teu,
Alguma Houriz fugida
Do Paraíso seu.

V.

Juntas do corpo aos dotes
Dotes do coração,
Bondade, amor, constancia,
Talentos, descripção.

VI.

Do misero pranteas
As magoas, e o penar,
Guardas-me a fé jurada
Dos teus muito a pezar.

VII.

Do Rey Propheta os Psalmos
Se d'Harpa ao som descantas,
Co' a voz, co'a expressão viva
Me enlevas, e me encantas!

VIII.

Melhor que Arachne bordas;
E o lapis manejando,
Portentos de desenho
Vás no papel creando.

IX.

Tão bellos não florescem
Os Lyrios, e as Boninas,
De Hierichó em valles,
De Euggaddi nas campinas! . . .

ODE XXVIII.

A Marcia.

I.

Se me fora concedido,
Pela summa Divindade
O theor dos meus destinos
Reger á minha vontade.

II.

Não me cingira a cabeça
Auri-gemado Diadema;
Que emporta rutila a veste
Quando o peito afflicto gema?

III.

Menos quizera qual Midas
Tudo em ouro transformar,
De que serve huma riqueza
De que eu não posso gosar.

IV.

Tambem a gloria de Sabio
Nada me havia mover,
Por muito que hum homem saiba,
Sempre tem mais que saber.

V.

Fora pois a minha escolha
Passar em paz a existencia,
Longe do fausto, e grandeza,
E mais longe da indigencia.

VI.

A doce Lyra de Theios
Na solidão tactear,
E ver hum riso de Marcia
Os meus prazeres dourar.

ODE XXIX.

A Moniz.

I.

Moniz do Nectar rubido,
Riquissimo thesouro,
Com que honra Bacho as fértilles
Margens do Patrio Douro.

II.

Que o Mercador Britanico
Cada anno vem comprar,
Para o extreme jubilo
Ao Thamiza levar.

III.

Enche com dextra prodiga
As taças enfloradas,
E soe hum brinde alti-sono,
A's nossas namoradas.

IV.

Brinda á cantora harmonica,
Por quem amado eu morro,
Por quem na Lusa Cythara
Novas Cansões discoro.

V.

Eu brindarei Licoride,
Que essa alma te roubou,
E cujo peito candido
Do teo se penhorou.

VI.

E quando o Vulgo estúpido
Nos queira disto arguir,
De seu murmurio invido
Vinguemo-nos em rir.

ODE XXX.

A Josina.

I.

Oh Nympha meiga, e candida,
 Porquem no coração
 Sinto lavar-me fervida
 Suavissima paixão.

II.

Porquem a culta Cythara
 Do velho Anacreonte
 De novo em sons eroticos
 Pulso no Sacro Monte!

III.

Oh meu deleite, e jubilo!
 Josina, quem diria,
 Que Venus nesta florida
 Prizão nos uniria?...

IV.

Que entre meus braços languida
 Te havia hoje apertar,
 E do prazer nos extasis
 Ouvir-te suspirar?...

V.

Mas fuge em trote rapido
 A rozea Mocidade,
 E da Velhice gelida
 Não tarda a frialdade!...

VI.

D'Amor na Taça fulgida,
 Meu Bem, a flux-bebamos;
 Recolhe a Morte soffrega
 Horas, que a Amor negamos!

ODE XXXI.

O Nume das Mulheres.

I.

De Gnido no Templo
 Entrei outro dia,
 E o fogo na Pyra,
 Devoto accendia.

II.

Com Pangeos perfumes
 As aras cerquei;
 Dois alvos Pombinhos
 No Nume offertei!

III.

« Cupido, (eu lhe disse)
 » Concede-me Isbella.
 » Bem sabes que morro
 » De Amores por ella.

IV.

» Si favor tão grande
 » De ti alcançar,
 » Por ti minha Lyra,
 » Só hade soar.

V.

O fogo na Pyra
 Se apaga, tremeo
 O Templo, e o Nume
 Assim respondeo:

VI.

« Oh Vate, eu quizeria
 » Por termo a teu pranto,
 » Porém meus poderes
 » Não chegam a tanto.

VII.

» Servas as Mulheres
 » Já de mim não saes,
 » Que a Pluto somente
 » Sujeitas estão,

VIII.

» Por isso quem dellas
 » Quizer ser amado,
 » Hum cofre lhe mostre
 » Bem de ouro attestado.

ODE XXXII.

A Amor.

I.

Quando me olhava o Destino
 Com sorriso animador,
 Na doce Lyra de Theyos
 Podia cantar-te, Amor!

II.

Mas agora que a Désgracia
 Em seu manto me envolveo,
 E a beber em plumbea taça
 D'amargura o fel me deo;

III.

Como pertendes que á sombra
 Dos Rozaes da amena Gnido,
 Teus ledos jogos descante
 Tendo o coração ferido?...

IV.

He querer que a Mãe jubile
 Do Filho ante a sepultura!
 E que a Vestal não desmaie
 Vendo extincta a chama pura.

ODE XXXIII.

*A hum Painei, figurando huma Mari-
nha, e huma Nympa, montada em
hum Hypopotamo.*

I.

Quem seria o Pintor Belga,
Que neste rico painel,
Alardeou tão profuso
Prodigios de seu pincel?

II.

Aos raios de rubra Aurora
Roubou as luzes, e as cores,
Com que illumina estes ares,
Com que matiza estas flores! . . .

III.

Quam magestosos se ellevam
Estes montes empinados! . . .
Verdes Arvores os tocam,
Cobrem-lhe encostas os Gados! . . .

IV.

E o mar, que em fins do horisonte
Parece unir-se com o Ceo,
E que as núvens transparentes
Descantam no seio seo!

V.

Parece mover-se as vagas
Em suave undulação,
Que sentem o brando impulso
De favonia viração!

VI.

Pois essa Nympa sentada
Sobre hum Cavallo marinho,
Que envolvida em branca espuma
Fende o liquido caminho!

VII.

Em caracões o cabello
A airosa frente guarnece,
Chuva de ouro, aos lacteos pomos
E as eburneas costas desce.

VIII.

Que soberbo ar de cabeça!
E que actitude tão grave!
Que morbido tom das carnes!
Que contorno tão suave!...

IX.

Certo quem fez este quadro
Não foi d'agua bebebora,
Mas a ardente Phantasia
Que accenderam Bacho, e amor.

ODE XXXIV.

A Josina.

I.

Tão consonas d'alma as chordas
Nos tem afinado Amor,
Que em hum, e outro unisoam
Quando as fere ou gosto, ou dor!...

II.

D'est'arte se alegra Sylvio
Se Josina tem prazer,
E quando Sylvio suspira,
Deve Josina gemer.

III.

Oxalá que sempre dure
Dentro em nosso coração
Mais, e mais crescendo o Incendio.
Desta amorosa paixão.

ODE XXXV.

O Poeta, e Anacreonte.

I.

De Agosto em calmosa sesta,
Sobre meu leito encostado,
Taciturno, e applicado
Revolvia hum volumão,
Cahindo de espaço, a espaço
Em funda meditação!

II.

Era de Kant o volume,
Em que este sabio Escriptor,
Attilado, e pensador
Anathomisa a razão,
Seguindo do pensamento,
Passo a passo, a progressão!

III.

Pelo abstruzo laberyntho
Acompanhalo tentava,
Mas tropessando deixava
Hir sumindo o seu clarão;
Para desandar o enredo
Hum fio pedia em vão!

IV.

Eis cingindo a calva frente
De rosi-myrttea grinalda,
Traçado o manto na espalda,
Me encontra risonho Ancião,
Lusia lhe a ungida barba,
Tinha huma Lyra na mão!

V.

Era o Cantor dos prazeres,
 O suave Anacreonte,
 Que deixando o Sacro Monte,
 Foi das Graças Cortesão,
 Derramando em aureos versos
 Seu ingenuo coração.

VI.

A Pombinha que outro tempo
 Seos amores recovava,
 Em redor d'elle adejava
 Em alegre inquietação:
 « Sylvio » (apertando-me a dextra
 O Vate me disse então)

VII.

« Onde vás? não mais prossigas
 « Esta senda estreita, escura,
 « Não encaminha á ventura
 « Pertinaz indagação!
 « Querer transpor nossa esphera
 « He trabalho insano, e vão!

VIII.

« Deixa estorradas cabeças
 « Chamarem Phylosophia
 « Subtil Phantasmagoria
 « De huma aérea criação,
 « Nascida na febre ardente
 « De sua imaginação!

IX.

« Methaphysicos systemas
 « São mera, insana vaidade,
 « Que nos prometem verdade,
 « Dando em vez della a illusão,
 « Hum ao outro oppugna, e prostra,
 « E a flux decahindo vão!

X.

- » Por mais que vejas no pego
» Ondas, sobre ondas galgar,
» Não cresce, ou descrece o Mar,
» Guarda a prisca situação:
» Tal fica a humana ignorancia
» Com tanta investigação!

XI.

- » Jove que os Mystérios seus
» Fecha em silencio profundo,
» Cercou o visível Mundo
» Com invencível cordão;
» E dos que rompe-lo intentam
» Castigo as duvidas são.

XII.

- » Deixa pois sabias chymeras
» Que o Vulgo estolido admira,
» E á minha festiva Lyra
» Vota à tua applicação
» Ama, bebe, e a Morte aguarda
» Com leda resignação.

XIII.

- » Não pode o Homem finito,
» E infinito conceber,
» Não he seu dote o saber
» Gozar he sua missão,
» E de quanto lhe era útil
» Deram-lhe os Numes nocção.

XIV.

- » Vulcano as proficuas Artes,
» Ceres deo-lhe a Agricultura,
» E a Deosa da Formusura
» Lhe deo Civilisação;
» Mercurio ensinou-lhe a Industria,
» Neptuno a Navegação.

XV.

- » Athe para aligeirar-lhe
 » Da vida o trafego rude,
 » Lhe doou Phebo o Laude
 » Com divina inspiração;
 » E das Plantas salutare
 » Lhe revelou o condão.

XVI.

- » Mas não consta que algum Numen
 » Ensinasse outr'ora as gentes
 » Aranzeis inconsequentes
 » Da sciencia, da abstração,
 » Que podem encher volumes,
 » Porém entender-se não! . . .

XVII.

- » Respeitar as Leys da Patria,
 » Enchugar o pranto alheio,
 » Viver do praser no seio,
 » Dar aos Ceos adoração,
 » Phylosophia he do justo,
 » Tudo o mais he sonho vão!

ODE XXXVI.

A' Borbuleta.

I.

Huma tarde passeando
 Em meu pequeno Jardim,
 Vi nevada Borbuleta,
 E, rindo, fallei-lhe assim:

II.

« Tu vòas de flor em flor
 » Sem nenhuma te fixar!
 » Quem me dera assim tambem
 » De bella em bella voar!

ODE XXXVII.

A hum Gallo.

I.

Maldito! . . . maldito Gallo,
Que o somno me interrompeste!
Fugir de mim a ventura,
Com o teu canto fizeste!

II.

Dormi, porque tambem dorme
O que vive descontente;
E sonho voluptuoso
Senhoreou minha mente!

III.

Sonhei de hum rosal frondoso
A' sombra estar assentado,
E que Annarda encantadora
Estava junto ao meu lado.

IV.

Ardendo todo em ternura,
Finezas mil lhe dizia,
E ella ouvindo os meus queixumes,
Ora chorava, ora ria.

V.

A mão lhe tomo, e consente;
Beijei-a, o beijo pagou;
Hia lançar-me em seus braços,
E a tua voz me acordou!

VI.

Não sei o que fiz aos Numes,
Não sei á sorte o que fiz!
Pois nem ao menos em sonhos
Sofrem o ver-me feliz!

VII.

Maldito! . . . maldito Gallo,
Que o somno me interrompeste,
Fugir de mim a ventura
Com o teu canto fizeste! . . .

ODE XXXVIII.

A Pyndaro.

I.

Lamentas minha cegueira,
E asseveras que perdi
Todo o tempo, em que afanoso
De Homero a lingua aprendi.

II.

Julgas inutil fadiga
Dificuldades vencer,
Que de tão complexo Idyoma
Deve o Estudo offerecer.

III.

Que são bastantes confesso
Mas ouve o meu sentimento
Se mais Escriptores Gregos
Devorasse o Esquecimento.

IV.

Se Herodoto, e Xenefonte,
Se Platão, e o de Stagyra
Sophocles, e o Theio Vate,
Nem mesmo Homero existira.

V.

Eu assim mesmo a formosa
Argiva Lingoa estudara,
De Pyndaro huma só Ode,
Todo o trabalho pagara.

ODE XXXIX.

A Marcia.

I.

Tomo a Lyra ebri-festiva
Do suave Anacreonte,
E junto d'aquella fonte,
Que das rochas se deriva,
Cantar quero em teu louvor
Terno cantico de amor,

II.

Outro tempo já cantei
Os heroes filhos da guerra,
E com elles na India terra
Pendões Lusos arvorei.
Mas passou-me esse furor,
E só canto Hymnos d'amor!

III.

Canto o teu gentil semblante
E teus olhos cor do Ceo,
O negro cabello teo,
E esse seio palpitante,
Onde em volupioso ardor
Adormece o Deos d'amor.

IV.

Canto o ledô, e o doce riso,
Que brinca entre as rubras rosas,
E entre as perolas preciosas,
Que na boca te deviso,
E o meneio seductor
De teu corpo encantador!

V.

Tambem canto o Deus thyrsifero,
 Que co'as Nebrias veloci-pedes,
 E c'os Satyros capri-pedes
 Lá no Douro pampini-fero,
 Faz nascer almo licor,
 Com que aviva o fogo á amor!

VI.

Não serei certo notado
 Após Tasso, Ariosto, Homero;
 Mas eu gloria mais não quero,
 Que das Nymphas ser contado
 Entre o coro por Cantor
 Do gentil Bacho, e de Amor,

ODE XL.

De feza contra Amor, e a Desventura.

I.

Se acaso amor tyranno
 E a fera desventura,
 Com suas crueis setas
 De te ferir procura;

II.

A elles vai de encontro
 Sem te tolher receio,
 Servindo-te de escudo
 Ode de vinho cheio,

III.

E nelle despontados
 Ao chão verás cahir,
 Quantos elles desparem
 Farpões por te ferir.

ODE XLI.

A Marcia.

I.

Colhe-me Rosas,
Cravos fragrantés,
E Amor perfeito,
Grato aos amantes.

II.

Colhe as Verbenas,
E o Mogarim,
Fresca grinalda
Tece-me assim.

III.

Quero com ella
Marcia adornar,
Que o seu Natal
Ve despontar.

IV.

A eburnea Lyra
Toda me enrama
De odoró myrtho,
E Daphnea rama.

V.

Dia de festa
Como este dia,
Nenhum me causa
Tanta alegria.

VI.

Eu o celebro
Rindo, e bebendo,
E de improvisó
Cantos tecendo.

ODE XLII,

A Bacho,

I.

Venha a Lyra que, outro tempo,
 No Parnaso Lusitano,
 Com seu plectro soberano
 Culto Elpino tacteou! . . . (1)

II.

Culto Elpino, que emulando
 Do cantor do Ismeno a gloria,
 A' belligera victoria
 Retumbantes Hymnos deo!

III.

Mas depois, enfastiado
 De fallar sempre em Guerreiros,
 Entre os Phaunos zombeteiros
 Cantou Bacho, e foi feliz! . . .

IV.

Grande Bacho, cuja frente
 Verdes pampanos coroam,
 Do Cytheron porquem soam
 Sempre as Grutas Evohé! . . .

V.

Domador do rubro Oriente,
 Protector da Lusa terra,
 Cujo throno, e Templo encerra
 A Madeira em seu torrão! . . .

VI.

Para quem do Douro em margens,
 Que o Britano tanto inveja,
 Mais, e mais sempre veveja
 Hum fructifero Jardim! . . .

(1) Antonio Diniz da Cruz,

VII.

Meigo Pay dos Desgraçados,
Que nos braços os recebes,
Em teu Nectar os embebes,
Lhe adormentas pena, e dor!

VIII.

Grande Nume, a ti somente
Seguir quero d'hoje ávante,
Minha Cythara sonante
Só a ti consagraréi...

IX.

Que me emporta se amplas terras,
Que me emporta se amplos mares
Allastrou de Malabares
Bellacissimo sandeo!

X.

Bem sandeo, pois foi tão longe
Arrostrar com a dura Morte,
Para ter em premio a sorte
De morrer n'hum Hospital! (1)

XI.

Como Elpino renuncio
A cantar Heroes triumphantes,
Só os Phaunos, as Bachantes,
Só Lico quero cantar!

XII.

Faze tu benigno Nume,
Que jámais veja estancada
Esta Talha elaborada
Por Artifice Chinez,

XIII.

E eu te juro que continuo,
Tacteando a Lyra de ouro,
Teu cabello ondado, e louro,
E teu Thyrsos cantarei!

(1) Duarte Pacheco, o Achylles Lusitano, como lhe chama Camões, o vencedor do Samorim, falleceo no Hospital de Lisboa.

ODE XLIII.

A Liberdade da Grecia.

I.

As carni-crudi-voras, rubidas Thyadas,
Os alti-pulantes, corni-geros Satyros,
Os capri-barbi-geros, Phaunos corni-pedes,
Pulsando estrondosos os tympanos, crotalos,
Alegres dançando,
Eu vejo cantando,
Evan, Evohé!

II.

E Bacho thyrsi-gero em seu pampini-fero,
E lucido carro, que tirão bravissimos;
Ao jugo curvando-se os Tygres Gangéticos,
Vai rapido, e segue-se em Corsel Arcadico
Sileno toldado,
A hum odre abraçado
Gritando Evohé!

III.

Evohé propaga-se em bosques venti-sonos,
Nos cerulos ares, nos plainos maritimos,
Mil taças propinam-se aos Heroes Helenicos,
Cujo braço ensi-fero arrancou do ergasta-lo
A patria opprimida,
Que entoa remida
Evan! Evohé!

IV.

Os Osmalis barbaros, raça de Tartaros
Despotas pisavam o terreno Achayco,
As Musas retiram-se, Erimantho, e Menalo
Já não retumbavam com Bachantes cânticos,
Feroz Mafamede
De cantar impede
Evan! Evohé!

V.

Eis subito Riga magnanimo, impavido
Convoca as batalhas, os fortes, belligeros,
Patriotas d'Helles, que pugnando validos
De sangue banhando-se em torrentes tepidas,
Quaes Tygres rugindo,
Vam Turcos ferindo
Cantando Evohe!

VI.

Dessipam-se as hostes d'Othomanos perfidos
No pego abrasa-os o tremendo Cánaris,
Na terra impavido os estraga Odysseos,
Na frente marcha-lhe o Thyoneo thyrsi-gero
Que de paz, e guerra (1)
Deus conhece a terra,
O grão Saboé.

VII.

Lá guia ora as Muzas, Bachantes, e Nebrydas,
Capripedes Phaunos, Egypanes, Satyros,
A fundar seo culto na Grecia Liberrima
Diplomatas tredos ao ve-lo remordem-se,
Mas nos exultamos,
E á patria brindamos
Do Grão Sabohé.

(1) Pacis eras mediusque belli,

Horat.

ODE XLIV.

Ao Sr. Mauricio Joze Sendim.

I.

Sendim, concedo
Por te dar gosto,
Que hoje retrates
Meu feio rosto.

II.

O Lapis toma,
E estirador,
Que em actitude
Cá me vou por?

III.

Assim? ... não serve? ...
E agora? ... estou? ...
Pinta, que em versos
Scismar eu vou! ...

IV.

Ora vejamos
O que tens feito! ...
Ui! ... c'os Diabos! ...
Isso tem geito! ...

V.

Tu das-me ao rosto
Tal gravidade,
Qual se dos Bentos
Fora hum Abbade! ...

VI.

Ou qual se eu fora
Conde, ou Marquez,
Do Adão provindo
Que Deus não fez! ...

VII.

Quero cá isso! . . .
 Meu calvo amigo,
 Creio de certo :
 Zombas comigo.

VIII.

As feições minhas
 Ahi bem conheço,
 Mas o meu genio
 Não reconheço.

IX.

Dá ao meu rosto
 Certa expressão
 De bonohomia,
 Sem presumpção.

X.

Nelle ressumbre
 Minha indolencia,
 E o meio riso
 Da convivencia.

XI.

Nada de trage
 Sério! o Poeta
 The nem pintado
 Sofre a etiqueta.

XII.

Em bonnet pinta-me,
 Chambre de pregas,
 Calças mui largas,
 Chinellas Gregas.

XIII.

Tal ando em casa
 Em liberdade,
 Escrevo, e leio
 Muito á vontade.

xiv.

Sobre huma meza,
Livros, e flores,
A caixa, a Lyra,
Que canta amores.

xv.

De mim diante
Josina esteja,
Que em limpo copo
Vinho despeja.

xvi.

Assim meus dias
Tenho passado,
Sempre ao estudo,
E ao prazer dado.

xvii.

Certo estou que hão de
Quando acabar,
Chorar-me poucos,
Ninguem folgar.

ODE XLV.

Ao mesmo.

i.

Sendim, prepara os pinceis,
Mescla na palheta a tinta,
Do meu Mestre Anacreonte
Ao vivo a imagem me pinta.

II.

Pinta hum Velho calvo, e verde, (1)
 Longa barba penteada,
 Olhos d'Aguia, que scintillam
 Lisa a face, e bem corada.

III.

Seja Aquilino o nariz,
 Rubros os lábios sorrindo,
 Trage tunica purpurea,
 Larga, e dos hombros cahindo.

IV.

Resumbre por gesto, e ares
 O fogo de Bacho, e Amor,
 E huma das Graças pareça,
 Inspirar o seu cantor.

V.

Tenha huma Lyra nas mãos,
 Em acto de improvisar,
 Em quanto Nympha formosa,
 Lhe esteja o vinho a deitar.

VI.

Pinta mais os nus amores
 Em roda d'elle dansando,
 Com as nevadas mãosinhas,
 Aos versos seus palmeando.

VII.

Correndo a elle huma Pomba
 Venha pelo ar apressada,
 Trazendo da aza huma carta
 Por hum lio pendurada.

VIII.

Sendim, quando este retrato
 O teu pincel acabar,
 Hade entre os d'Elpino, e Horacio,
 No meu Gabinete estar.

(1) Jam senex, sed cruda Deo, viridisque senectus.

Virg.

ODE XLVI.

Ao Cravo.

I.

Que linda cor ao Cravo
A Natureza deu!
Que aroma tão fragrante
Exhalla o calix seu!

II.

Que formas tão suaves,
Esphericas, mimosas!
Que bem brilha na fronte
Das Graças melindrosas!

III.

O Velho Anacreonte
A Rosa descantou;
A Rosa he flor de Venus,
Por isso a celebrou!

IV.

Mas si elle conhecesse
O Cravo, que não vira, (1)
De certo o cantaria
Em sua Eolia Lyra.

V.

Oh Cravo oh flor mimosa,
Que a minha Marcia preza,
Cantarei nos meus versos
Teu aroma, e belleza.

(1) A Flor, que nós chamamos Cravo, creio não ter sido conhecida dos Gregos; pelo menos parece impossivel que huma flor de tão bellas formas, e de cheiro tão agradável, não fosse celebrada por algum Poeta, ou dada por insignia a alguma Divindade.

ODE XLVII.

Vida Epicuristica.

Bebamos, e cantemos,
 De Rosas coroados,
 O Deus de amor, e Venus,
 A Deosa do prazer,
 E quem quizer cultive
 As Sciencias? que proveito
 Tiramos de observar
 Dos Ceos no espaço immenso,
 A marcha das estrellas,
 O gyro dos Planetas?
 Não he melhor na terra
 O contemplar das Nymphas
 Os bailes, e as choreas?
 O que interessa ao Homem
 Hir escutar na Estoa
 Do atrabiliario Zenão
 De moral impossivel
 Os rigidos preceitos?
 Ouvir que o sabio he livre
 Entre grilhões, e ferros?
 Que he Rey pedindo esmola,
 Que não he mal a dor?
 E outros que taes absurdos
 D'esse sapiente louco?
 Loucura, por loucura,
 Prefiro, amigos caros
 O delirar de amor!

Bebamos, pois, e amemos,
 Cantemos Bacho, e Venus,
 Em quanto da velhice,
 Não vem a fria mão,
 Pratear-nos as cabeças,
 As faces enrugar-nos:
 Em quanto a dura morte
 Não vem com voz medonha,
 Dizer-nos « Basta, amigos,
 » De amar, e de beber. »

ODE XLVIII.

A Josina:

Eu saber desejara, Josina,
 Porque as noites da Hyberna Estação,
 Sendo longas, se as passas em teu leito
 São tão curtas, tão presto se vão! O
 Por ventura algum Genio invejoso
 Do que eu logro amoroso prazer
 Leis do tempo em meu dafano alterando
 Manda as horas leves correm? O
 Se he assim com voffertas de votos
 Seus furores pertendo aplacar,
 Porque podem as divas tanto
 Que athe Numens se deixam peitar? O
 Porem não! he que tal o alvorço
 Tal a enchente he de gosto, e ternura,
 Que a minha alma, que nella se immerge
 Do progresso do tempo não curia! O

F

A JOSINA

ODE XLIX.

A Venus.

Oh Callipygia Ventus,
Gentil Filha do Mar,
Porque hasde Homens, e Numes
Tão barbara tratar!

Porque geraste, oh Diva,
O deshumano amor,
Causa das nossas magoas,
Causa da nossa dor?

III.

Porque lhe deste as azas
Com que nos segue, e alcança,
Mais rapido que a setta,
Que o arco Ithureo lança?

IV.

Porque lhe armaste o braço
Do facto abrasador,
Que accende em nossos peitos
O mais intenso ardor!

V.

Porque lhe deste o rosto
Tão meigo, e tão gentil,
Com que nos prende, e engana
Esse traidor subtil?

VI.

Quantos nos tem cansado,
Damnos filho teu!
Por elle chorou Thebas,
Por elle Troya ardeu.

VII.

Por elle a Argiva Esposa
O Rey dos Reys matou;
Co'o filho irada Progne
Tereo banqueteou.

VIII.

Do raio indefessipede (1)
O excelso vibrador,
Por elle se fez Touro,
E Cisne nadador.

IX.

Tu propria, oh Diva bella,
Sentiste o rigor seu,
Pois pelo morto Adonis
Teu coração gemeu.

ODE L.

A Lylia.

I.

Com brandos rogos,
Rosto fagueiro,
Hum botão pedes
Do meu craveiro;

II.

Lylia, de certo
Prompto o terás
Se huma rosinha
Por elle dás.

(1) Ε' λατρη επίστασις ερωτας
Ακαμαστοποδος
Ζην,

Pind. Ode Olymp. IV.

ODE LI.

Vida tranquilla, e feliz.

I.

Eu não invejo
Do Rey Britano
Nãos, com que opprime
O vasto Oceano.

II.

Nem o da Gallia
Reino brioso
Por Letras, e armas
Sempre famoso.

III.

Nem os thesouros
Que do Brazil
Cavam nas minas
Escravos mil.

IV.

Basta-me o abrigo
De choça escura,
Nellas habita
Sempre a ventura.

V.

Basta que eu goze,
Longe a indigencia,
De bons amigos,
A convivencia.

VI.

Que alma saúde,
Leda alegria,
Andem comigo
De companhia.

VII.

Basta co'a Lyra
 D'Anacleonte
 Ser grato ás Nymphas
 Do prado, e monte.
 E que ellas, gratas
 Ao seu cantor,
 Quando deposto,
 Na terra for,
 Sobre o sepulchro
 Que me guardar,
 Rosas, e vides,
 Venham plantar,

Por sempre o cantar.

ODE LII.

Saudade de Marcia.

Vês como leda
 Desponta a Aurora,
 Que terra, e ares
 De luz colora?

II.

Assim hum tempo
 Me apparecia
 De Marcia o rosto
 Que me sorria!

III.

Hoje que habita
 Entre Anjos puros,
 Todos meus dias
 Sam sempre amuros.

ODE LIII.

A Bacho.

IV

Com estro Pyndarico,
 Descante outro harmonico
 O Nume Bistonico,
 Guerreiro Mavorte,
 Que intrepido, e forte
 De Juno nasceo.

ODE LIV.

Ou cante o pulchri-como
 Smyntheo, sagittifero,

Que o carro lucifero
 D'oriente a occidente
 Governa explendente
 Nos campos do Cep.

III

Que eu só voto a Cythara
 Ao luci-cornigero
 Lico, que thysigero,
 As feras phalanges,
 Do remoto Ganges
 Briosio venceo.

IV

Ao Deos que a mattigena
 Madeira oceanica,
 E na Lusitânica
 Terra ao Sado, e Douro,
 Tão rico thesouro
 De vinho já deo.

V.

Ao Numen que os Satyros,
E Phaunos capri-pedes,
E as Thyas levi-pedes,
Parri-coroadas
Aeclamam toldadas
Evohé! Thioneo!

VI.

O seo licor rubido,
Soberoso, e calido,
De mim faz o palido,
Inverno apartar-se,
E o estro despertar-se,
Que o frio abateo;

ODE LIV.

A Marcia.

Valente como Alcides
Corra outro ás marcias lides,
Por ferro, e fogo vá,
Certo que contará
De Elysia o Gazetêiro
Que aquelle Heroe guerreiro
Balla cruel passou,
E no campo ficou
De sangue, o pé coberto.
Mas não heide eu, de certo,
Os passos seus seguir;
Pois mais beber, e rir
Me apras do lar sentado,
Louvando socegado
Em canticos de Amor,
O rosto encantador
De Marcia meiga, e bella
Mais do que d'alva a Estrella.

ODE LV.

A Moniz,

Oleno, o Boreas
Silva raivoso,
Brama espumoso
Na praia o mar.

Ardem relampagos,
Rugem trovões,
Que os corações
Fazem gelar.

Em seu aligero
Corsel montado,
Corre agitado
Os campos do ar.

Da chuva o Genio.
Que sobre a terra
Da urna descerra
Ethereo mar.

Lá sobre o monte
Centelha ardente,
Choça innocente
Fez abrasar.

VI.

Vê como a chamma,
Que o vento ateia
Subindo ondeia
D'agora apezar!

VII.

A gente pavida
Geme, e suspira,
Dos Ceos a ira
Crê ver chegar!

VIII.

Nós também tímidos
Tremor havemos?
Nós que sabemos
Raciocinar!

A noite apicalida
Lár assentados,
Mui protegidos
Vamo' passar!

Venham botellas
De vinho puro
Com que eszenjato
Deimonias do ar!

A cada rouso
Trovão bramante,
Capo espumante
Toca a empinar!

E assim bebendo
Ao vir a Aurora,
Do Ganges fora,
Nos hade achar!

Contra o mal
Nos hade achar!

Contra o mal
Nos hade achar!

Contra o mal
Nos hade achar!

Contra o mal
Nos hade achar!

ODE LVI.

Descrevendo hum painel do meu amigo Sendim. ()*

Quero me pintes,
Sabio Pintor,
Qual o vi hontem
O Deus de Amor.

Junto das margens
Do Tejo undoso,
Fui dar com elle
N'hum bosque umbroso.

Em rosea cama
Deitado estava,
Que de perfumes
O circumdava.

Na esquerda a face
Tinha encostada;
Tinha a direita
No arco apoiada.

Hum Rouxinol
N'ella pousando
Suaves trinos
Hia formando.

(1) Neste Painel ve-se Cupido reclinado em hum cama de rosas, tendo a mão direita apoiada no arco, e hum Rouxinol sobre o braço.

VI.

Vê como a chamma,
Que o vento ateia
Subindo ondeia
D'agora a'pezar,

VII.

A gente pavida
Geme, e suspira,
Dos Ceos a ira
Crê ver chegar.

VIII.

Nós também tímidos
Tremar havemos?
Nós que sabemos
Raciocinar?
A noite apicaldo
Lár assentados,
Munidos e seguros
Vamos passar!
Venham botelhos
De vinho puro
Com que esengano
Demônios do ar!
A cada rouco
Trovão bramante,
Clapão espumante
Toca a empinar!
E assim bebendo
Ao vir a Aurora,
Do Ganges fora,
Não hade achar

ODE LVI.

Descrevendo hum painel do meu amigo Sendim. ()*

Quero me pintes,
Sabio Pintor,
Qual o vi hontem
O Deus de Amor.

Junto das margens
Do Tejo undoso,
Fui dar com elle
N'hum bosque umbroso.

Em rosea cama
Deitado estava,
Que de perfumes
O circumdava.

Na esquerda a face
Tinha encostada;
Tinha a direita
No arco apoiada.

Hum Rouxinol
N'ella pousando
Suaves trinos
Hia formando,

(1) Neste Painel ve-se Cupido reclinado em hum cama de rosas, tendo a mão direita apoiada no arco, e hum Rouxinol sobre o braço.

VI.

Do Orpheo dos Bosques
A melodia

De Gpido o Nume

Sorrindo ouvia.

VII.

Do Sol cadente

Brando fulgor

Dava a este quadro

Graça maior.

VIII.

Oh! se o tu visses

Como eu o vi!...

Certo sentirás

O que eu senti!...

ODE LVII.

A J. A. de Lemos.

I.

Admira-te meu Lemos,
Que eu folgue, e ande contente,
Tratando-me a fortuna,
Qual dizes cruelmente?

II.

He certo que sou pobre,
Mas vivo resignado;
Nem sei, si, sendo rico,
Teria melhor Fado.

III.

Os ricos sam tam nescios,
Vivem de modo tal,

Que eu talvez não quizeria
Ter sorte a sua igual.

ODE LVIII.

A Rosa.

I.

De todas as Flores
A Rosa he melhor;
O sangue de Venus
Lhe deu rubra cor;

II.

Seus gratos aromas,
Prazer dos sentidos;
A' Meza dos Numes
Sam bem recebidos.

III.

A Dama, que o nome
Obtem de formosa,
Imita nas faces
A folha da Rosa.

IV.

As Graças se touçam
De Rosas fragrantas,
Cupido de Rosas
Coroa os amantes.

V.

As Rosas, deitadas
No vinho espumoso,
O tornam mais grato,
E mais saboroso.

VI.

O velho de Thyeos
A Rosa adorava,
A fronte com ellas,
E a Lyra enramava.

VII.

Tambem he a Rosa
De mim mui presada,
Si a roubo do seio
De Marcia aderada.

ODE LIX.

A Marcia.

Marcia si á Rosa
Deo a Natura
Co'a formosura
Breve durar.

II.

Nao a condemnes,
Pois neste feito
D'alto conceito
Lição quiz dar.

III.

Mostrou que a quadra
De Amor tão bella,
Sóhe como ella
Prompta acabar.

IV.

E que si della
Tempo perdemos,
Não o podemos
Recuperar.

ODE LX.

O ninho de Amor.

I.

Vi Cupido hum dia
Com Lylia brincando,
Na felpa dos prados
Andar retouçando.

II.

Com molhos de rosas
A Nympha brincava,
E a Nympha ligeira
Colhe-lo tentava.

III.

Em vão, que o Trávesso
As voltas fortava,
Qual Zephyro leve
Corria, ou voava.

IV.

Voltava, e a Lylia
Que irada brama,
Com riso de infante
As palmas batia.

V.

Porém tanto a Nympha
E tanto lidou,
Que ao Filho de Venus
Huma aza agarrou.

VI.

Gritou, e a despeito
Das penas largar
Chorando em meu peito
Vem couro buscar.

vii.

Fez nelle seu ninho
 Deixa-lo não quer,
 Desde então por Lylia
 Fiquei sempre a arder.

ODE LXI.

Necessidade de beber.

. 1.

Quando era inda imberbe
 Mil vezes me ria
 Dos velhos, que via,
 O cópo empinar.

. II.

Depois os trabalhos,
 E as magoas alheias
 As minhas ideias
 Fizeram mudar.

. III.

Si a vida do Homem
 He toda amargura,
 Ter isso he loucura.
 Que a faz aggravar.

. IV.

E só Liso pode
 Com doce delirio,
 Da vida o martyrio
 Fazer olvidar.

ODE LXII.

A Moniz.

I.

Moniz, os copos enchamos,
Com estrondosa saude
Brindemos da nobre Grecia
A' já desperta virtude!

II.

Themistocles, Philoppémén
Entre os Gregos renasceram,
Vergonha a christãos Estados,
Que os Turcos favoreceram!

III.

Ver a Cruz aos pés das Luas
Quiz treda Diplomacia,
Não lhe doe que a Fé se perca,
Salvando-se a Tyrannya!

IV.

Surgi, Filhos dos Hellenos! (1)
Exclamou Riga brioso;
Surgio Cánaris, Odyseos, (2)
Calchócotroni animoso!

V.

Corre o sangue! embora corra,
Tudo vale a Liberdade!
Só póde cortar a espada
Os grilhões da Humanidade.

(1) Αυτοι, παιδες των Ηλλήνων.

Hymno de Riga.

(2) Chefes da Insurreição Grega, que derrotaram os Turcos em muitos recontros. Constantino Cánaris queimou a Esquadra Grega em Chio.

ODE LXIII.

Garção, e Antonio Diniz.

I.

Quando na Cythara
 O grande Elpino
 Desprega alti-sono
 Canto divino.

II.

Creio que em E'líde
 Grecia exultante,
 Ouve de Pyndaro
 Vós trovejante,

III.

Cantando harmonica
 Briosos Athletas,
 Que transpoz fervido
 A anciada meta.

IV.

Oh com que energico
 Pincel descreve
 O Gama impavido,
 Que ao mar se atreve!

V.

Nos ares turbidos
 Adeja a Morte
 Quando urge os Batavos
 Vicira, o forte!

VI.

Se o Mourro ensi-fero,
 Naire adargado,
 Fulmina horrífico
 Pacheco ouzado!

VII.

Exclamo em extasi,
« Cantor Guerreiro,
» Teu fulgor Delphico
» Não tem parceiro!

VIII.

Mas eis o harmonico
Garção desprende
O canto mélico,
Que em Flacco aprende.

IX.

Com dextra rapida
Pulsando a Lyra
Varios, e insolitos
Mil sons lhe tiral

X.

Fonte suavissima
De sensações
Todas a libito
Move as paixões!

XI.

Phantasmas lucidos
O circum-voão,
E as meigas Charites
Rindo o coroão!

XII.

Como mil fulgidos
Prospectos córa
Na etherea abobada
Boreal Aurora,

XIII.

Assim de Córídon
Quadros fulgentes
Na ideia alti-vola
Brotão cadentes!

XIV.

Se o Theyo Bárbiton
Tacteia á Meza,
Serena, e languida
Ri-se a Moleza!

XV.

Quando pathetico
Canta huma Bella,
Não he tão módula
A Philomela!

XVI.

Que á noite em tremulo
Ramo pousada
Prole implumigera
Chora roubada!

XVII.

Se em pranto lugubre
Verte ternura
Do amigo Naufrago
Na sepultura.

XVIII.

Penedos horridos
Curvam gemendo,
E ao longe o pelago
Vai respondendol

XIX.

Se em Hymno belico
Canta o valor,
Do estro Pyndarico
Mostra o calor!

XX.

Quando da Satyra
Despede os tiros,
Descoram pavidos
Bavios, e Elmiros!

XXI.

Seo formosissimo
Metro espozando,
E o resto turbido
Desenrugando.

XXII.

Dá Sophia em morbido
Leito de rosas
Ao Mundo attonito
Lições preciosas.

XXIII.

Quanto aos relampagos
Do Elvense vate
Teu estro oh Córydon
O preço abate!

XXIV.

D'armas o estrepito
Tedio emfim move,
Nem sempre horrisono
Troveja Jove.

XXV.

Mil vezes placido
Surrindo a Juno
Chuva prolífica
Manda opportuno.

XXVI.

A quadra florida
Cede ao Verão,
Segue á pomi-fera
Fria Estação!

XXVII.

He mãy do Jubilo
A variedade,
Sem ella esfriar-lhe
A actividade.

XXVIII.

Gargão, perdoe-me
D'Elpino a Musa,
Que a palma julgo-te
Da Lyra Lusa!

ODE LXIV.

Amor afogado em vinho.

I.

De Estio em dia
Junto a huma fonte
Sentado estava
No sacro monte.

II.

Outros Pastores
Comigo estavam,
E altos Loureiros,
Sombra nos davam.

III.

E em quanto os Gados
Soltos vagando
Hiam os prados
Desenrelvando.

IV.

Em grandes taças
Vinho espumante,
Que rutilava
Como o diamante,

V.

Ledos libando,
Nos decorria
A tarde amena
Com alegria.

VI.

De traz de hum Myrtho
Como traidor,
Nos espreitava
O Deus de Amor.

VII.

Encurva o arco,
Mira, e dispara,
Eis sinto a setta,
Que me tocára.

VIII.

Saltei furioso,
Fugir tentou,
Na corda do arco
Se embaraçou.

IX.

Travo-o das azas,
Pendente chora,
E perneando
Piedade implora!

X.

Mas despresando
O pranto seu
Cahir o deixo
No tarro meu!

XI.

N'hum mar de vinho
Nada o coitado
The que cançando
Morre afogado.

ODE LXV.

A Domingos dos Reis Quita.

I.

Quando surge a pulchra Aurora
 Conduzindo hum claro dia,
 Que desfranze hum pouco o rosto
 Da Estação chuvosa, e fria:

II.

Quando o Tejo em branda calma
 Se esperguica sobre a areia,
 Que de espaço a espaço fulge
 De nativa, e aurea veia:

III.

Quando em labios da Belleza
 Se desliza hum meigo riso,
 E n'hum sim ao terno Amante
 Antecipa o Paraíso:

IV.

Philomella gorgendo
 Em nocturna solidão,
 Encantando com trinados
 Volupiosa Ecuridão:

V.

Quanto Mel, no floreo Hymeto,
 A solerte Abelha cria,
 Quanta dão nectareas cannas
 No Brazil doce ambrosia:

VI.

Não iguala em suavidade,
 Não iguala na doçura,
 Ruraes cantos, que d'Alcino (1)
 Solta a Musa ingenua, e pura!...

VII.

Impia Morte! tu colheste
 Ao roubar-nos tal cantor,
 Sobre os campos da Existencia
 A mais terna, e linda Flor?

ODE LXVI.

Prisão amorosa.

I.

Comigo brincando
 Marcia em certo dia,
 Com hum seu cabelo
 Prender me queria.

II.

Eu vendo a fraqueza
 D'aquelle cordão,
 Sujeitei os pulsos
 A debil prisão.

III.

Ai triste! illudi-me,
 Que em breve o cabelo,
 Tornou-se cadea,
 Não pude rompe-lo.

(1) O suavissimo Poeta Bocolico Domingos dos Reis Quita,
 modelo sem imitadores do nosso Drama Pastoril.

ODE LXVII.

A ameaça de Amor.

I.

Hum dia Jove oppresso
De nectar, e ambrosia,
Sentado no aureo throno
Tranquillo, e bem dormia.

II.

Cupido, e Ganimedes
D'ali não longe ostavam,
E ao Xadrez jogando
As horas dispensavam.

III.

Amor, que perde, ás tontas
Andar faz mui ligeiros,
Peões, Raynha, Torres,
Bufões, Rey, Cavalleiros.

IV.

Porem o Moço Phrygio
O jogo calculando
Os mates lhe amiuda,
E as casas vai tomando.

V.

Cupido furibundo
Com força o pé batendo,
Pragueja, ao seu parceiro
Injurias mil dizendo.

VI.

Accorda a este alarido
Dos raios o Senhor,
E diz « rapaz, ou cala,
Ou teme o meu furor.

VII.

« Rey! (diz Amor.) se queres,
» Touro outra vez nadar,
» Tenho a figura prompta
» Para te o xequê dar.

ODE LXVIII.

A Moniz.

I.

Nem sempre havemos, Oleno,
Amar, e rir, e beber,
Porque tem de vir a morte
Esta vida interromper.

II.

Não se perca pois o tempo
Coroemo-nos de flores,
Brindemos ás nuas Graças,
Aos Prazeres, aos Amores!

III.

De que nos serve apoz mortos,
Que os amigos, com ternura
Cantem, e vinho derramem
Sobre a nossa sepultura!

IV.

Muito obrigado a taes honras! . . .
Dem-me o vinho em quanto vivo;
Que a meus ossos sepultados
Não pode dar lenitivo! . . .

ODE LXIX.

A Moniz.

I.

Moniz, eu vou contar-te
Hum sonho extravante;
Porem hum sonho alegre
Com que rirás bastante.

II.

Sonhei ter huma herança,
Não sei dizer de quem,
Que hum só parente rico
O Sylvio teu não tem.

III.

A herança era importante,
Passava de hum milhão,
Herança de fazer
De hum tolo hum soberbão.

IV.

Mas eu, que não sou tolo,
Fidalgo não quiz ser;
Meti-me a viajante,
Que he mais ledo mister.

V.

Já de letras de cambio
Himpando-me a algibeira,
Embarco, e navegando
Do Havre vou na esteira.

IV.

Já chego, e desembarco,
Logo á Policia vou,
Presento o Passaporte,
Que prompto se visou. (1)

(1) Termo propria da Policia.

VII.

Na Praça a taboleta
 Vi de Monsieur Hordaz, (1)
 Que vende da Madeira
 Vinho que em casa faz.

VIII.

D'ali a Pariz corro,
 Lá livros mil comprei;
 E de Talma-Orestes (2)
 Prodigios admirei.

IX.

Emfim o Grão-Phylinto
 Eu passo a visitar;
 Hum Portuguez Poeta,
 O faz sempre alegrar.

X.

Abraga-me o bom velho,
 Nos braços o apertei;
 Chora elle de contente,
 Os males seus chorei.

XI.

Bis-nos-á mão sentados
 Fallando com lhanhesa
 Da Patria, dos Tarellos,
 Da Poetica belleza.

(1) Quando se entra na Praça de Havre de Grace, o primeiro objecto que dá nos olhos, he huma Taboleta immensa, em que se lê com letras descomunhaes: = *Mr. Hordaz, fabrica vinho da Madeira, e todos os vinhos licores* = o que quer dizer por outros termos, que Mr. Hordaz fabrica differentes beberagens artificiaes, que vende ao Publico cbrismadas com os nomes mentirosos de Vinho da Madeira, de Malaga etc.

(2) O maior Actor Tragico da França moderna, que ainda vivia quando escrevi esta Ode. Orestes, na Andromacha de Racine era a parte em que mais se distinguia.

XII.

O conductor um quarto
Traz que eu mandado havia,
Do vinho, que nós outros
Chamamos Feitoria.

XIII.

Já vamos para a Meza,
Bebemos, parolamos,
E alúm, velho elle, e eu moço
Ambos improvisamos.

XIV.

Muito brilhante rasgo
Na mente lhe brilhou,
Athe a Inquisição
N'hum Dycthirambo entrou.

XV.

Ao ver tão louca ideia
Tal gargalhada dei
Que o somno de mim foge,
E pobre, e só me achei.

ODE LXX.

A Rosa.

I.

Aquella rubra Rosa
He teu retrato, oh bella;
Pois tens tambem como ella,
Espinho pungedor.

II.

Teus olhos me enfeitam;
O rosto teu me accende,
A tua voz me prende,
Mata-me o teu rigor.

ODE LXXI.

A Armania. ()*

I.

Dize-me, discreta Armania,
 Tu que o Deus de Smynta inspira,
 Tu que sabes aureos versos
 Maridar á Lusa Lyra,

II.

Porque as Damas Lusitanas,
 Que a Natura fez tão bellas,
 Não colhem flores do Pindo
 Para tecerem capellas.

III.

Nascerá este desprezo
 De insensível coração?
 Ou pensam que á formosura
 Prejudica a descripção?

IV.

Mas Corina, e Sapho outr'ora
 Deu a Grécia por formosas,
 E ganharam nome eterno,
 Por Cansões melodiosas!

V.

Tu do vulgo os preconceitos
 Generosa desprezaste,
 E das Musas no cultivo
 Tua rasão apuras-te.

VI.

Por isso em madura idade,
 Te ves de todos honrar,
 Inda o canto teo do sabio
 Sabe a estima grangear.

(1) A Excellentissima Sr.^a D. Marianna Pimentel Maldonado.

VII.

Mas d'aquellas que despresam
 Das Piérides o choro,
 Brilha a gloria hum só momento,
 Qual fulgente meteóro!

VIII.

Mas quando a sua belleza
 Se começa a desmaiar,
 Vegetam, padecem, morrem
 Sem ninguem nellas fallar.

ODE LXXII.

A hum amigo.

I.

Tu imaginas, que Ulna
 Despresa a tua ternura
 Para da sua innocencia
 Guardar a flor casta, e pura,

II.

Quanto se engana, Mancebo,
 O teu coração sincero,
 D'essa hypocrita lasciva
 Co' o modo altivo, e severo!

III.

Certo he que não ama os Homens;
 Mas essa Sapho moderna
 He mais modesta por isso?
 He por isso menos terna?

IV.

Não, que a fementil belleza
 A abraça em amor infando,
 E co'as socias de seu vicio
 Disfructa prazer nefando.

ODE LXXIII.

A Marcia.

I.

De gelo armado
O inverno frio,
Crestando o prado,
Coalhando o rio,
Vem furibundo
Ao pobre Mundo
Guerra fazer.

II.

Boreas raivoso
Sibila, e zoa,
E he assombroso
Vêr em Lisboa
Ruas, telhados,
Todos nevados
Embranquecer.

III.

Olha o Viegas
As mãos soprando,
Como piegas
Tremelicando,
E a Margarida
Toda encolhida
No lar jazer.

IV.

A carapinha
No chaile enrola;
Pobre negrinha,
Da sua Angola
Tomara agora
Na abrasadora
Terra se ver.

V.

Nós, que faremos.
 Márcia adorada?
 Promptos cheguemos
 A' méza, ornada
 Com esse velho,
 Rico aparelho,
 Que vez trazer.

VI.

Trouxe-o da China
 Ganhão Chatim;
 Louça he mui fina,
 De Mandarim.
 Comigo, oh bella,
 Vem tu por ella
 O chá beber.

VII.

Ei-lo fervente! . . .
 Que aroma, e cor!
 Deita agoardente! . . .
 Com seu calor
 Tu has de em breve
 Do frio, e neve
 Escarnecer.

VIII.

Temos fatias
 Mui bem tostadas,
 E do Mathias (1)
 Broas cidradas;
 Quando as comprei,
 Quasi as achei
 Inda a ferver.

(1) Confeiteiro, que fabricava broas, que eram muito estimadas.

IX.

Fofas grandezas
Eu não invejo,
Nem de riquezas
Nutro desejo,
Ao que tem siso
Basta o preciso
Para viver.

ODE LXXIV.

A Marcia.

'Tu podes ver a Aurora
Com seus borseguins de ouro,
Marchar dos Ceos pelo alto,
Cubrir da Noute o vulto
Co' matutino albor.
Tambem o Sol ver podes,
Torrentes derramando
Da pura luz diurna,
A Aurora escurecer:
Mas o que tu não gosas,
Oh Marcia encantadora,
E que a mim só he dado,
He ver que a luz brilhante,
Que os olhos teus disparam,
Produz no Sol o effeito,
Que a Aurora fez na Noute,
E o Sol na Aurora fez.

ODE LXXV.

Amor perdido.

I.

Desce do Olympto Venus
Em lagrimas banhada,
A todos por seu filho
Pergunta amargurada.

II.

E todos lhe respondem
Mui bem o conhecer,
Porem que ha muito tempo
O não poderam ver.

III.

Ei la do Tejo em margens
Penetra huma espessura,
Aonde dançam Nymphas
De rara formosura.

IV.

E vê d'hum myrtho á sombra
Cupido estar sentado
Em hum rabil sonoro
Tangendo socegado.

V.

« Filho cruel, (exclama)
» Eu ando-te buscando,
» Eu choro, e tu em ocio
» Estás aqui tocando!

VI.

— Em ocio! . . . (elle replica)
— De certo te enganaste;
— Talvez tão occupado
— Inda me não achaste.

* 15

VII.

- No rosto d'essas Nymphas
- Não vês qual reverbera,
- Fogo que nas entranhas
- Meu facho lhe accendera?

VIII.

- Achei-lhe alma tão nobre,
- E tão gentil semblante,
- Que quiz viver com ellas,
- E me tornei constante!

ODE LXXVI.

A Virgilio.

I.

Não, não me illude Virgilio
 Si o Universo illudio,
 Este cantico divino
 De seu estro não sahio.

II.

Os Poemas que thé agora
 Lhe não sofreram rival,
 As fracas forças excedem
 D'hum miseravel Mortal.

III.

Hum dia Euterpe no Pindo
 O Arcano me revelou,
 Na Bibliotheca de Apollo
 O vate Romano entrou.

IV.

E, como o fogo dos Astros
 Roubara já Prometheo,
 Roubou a Phebo estes versos.
 E por seus ao Mundo os deo.

ODE LXXVII.

A Francisco Manoel do Nascimento.

I.

Se Pyndaro leio,
Ao Ceo cristalino
Me leva nas azas
Seu estro divino.

II.

Das puras espheras
Escuto a harmonia,
Dos Numes á Meza
Gostando a ambrosia,

III.

Mas quando a mim torno.
Como o que acabou
De hum sonho, que fundos
Vestigios deixou;

IV.

Falesce a coragem,
E com dissabor
A Lyra, que pulso,
Dezejo depôr.

V.

Porem si, a Phylintho
Os olhos voltando,
Nos ates o vejo,
Qual Joye troando;

VI.

Dos Ceos novamente
Me occorre a visão,
E fuge da ideia
A antiga tenção.

VII.

Pois vejo, indo a Lyra
De novo tomar,
Que o Numen de Thebas
Se pode igualar.

ODE LXXVIII.

A Marcia.

I.

O ardente Estio
Lá vem sentado
Em abrasado
Carro veloz.

II.

Soltam das ventas
Os seus Ethontes
Em vales, montes
Vivo calor.

III.

Exhala a terra
Vapor ardente,
Que o ar ambiente
Faz turvejar.

IV.

Messes ondeantes,
Verdes outr'ora
Vestem agora
Do ouro a cor.

V.

A' sombra opaca
Dos Castanheiros
Oves, Cordeiros,
Vam-se acolher.

VI.

O bravo Touro,
Suando em fio,
No clarô rio
Vai-se banhar.

VII.

De calma oppressos
Os passarinhos,
Estão nos ninhos
Sem se mover.

VIII.

Do prado as Nymphas,
Mal respirando,
Estão chamando
As virações.

IX.

Para evitar-mos
A calma ardente,
Vem diligente,
Marcia gentil,

X.

Junto a esta fonte,
Que Alamos cobrem,
E nos encobrem
Do intenso Sol,

XI.

Em vitreos copos
Co' esta agoa pura
Çumo mistura
D'acres limões.

XII.

Junta-lhe assucar
Doce, e nevado,
Que amigo Fado
Deo ao Brazil.

XIII.

Esta bebida
Refrigerante,
Da calma instante
Nos livrará.

XIV.

Quando Cupido
Por Psyche ardia,
Lha offerecia,
Invento seu.

XV.

He doce, e he agro
Conjunctamente,
Cousa inherente,
A obras de Amor!

ODE LXXIX.

A Bacho,

I.

N'aquelle arbi-fero,
Outeiro florido,
Em dia calido,
Cantando versos
A Bacho ouvi!

II.

Tinha elle os Satyros,
Phaunos capripe-des
De agudas, hispidas
Orelhas hirtas
Em torno a si.

III.

Bachantes trefegas
 Crini-sparsi-geras,
 Em saltos rapidos,
 Brandindo os thyrsos
 Dançar eu vil.

IV.

Do canto harmonico
 Favonios, Zephyros,
 Nos ares placidos
 Estarem presos.
 Eu conheci.

V.

Do Nume ao cantico
 Curvam-se as Arvores,
 E as feras rabidas
 Depondo a sanha
 Correm ali.

VI.

Mas bem que attonito
 Da toada melica,
 Que ao peito desce-me,
 Nada dos versos
 Nada entendi.

VII.

Que a lingua Olympica,
 Divina, alti-sona,
 Não sabe o misero
 Nado neste Orbe
 Onde eu nasci.

VIII.

Mas taça fulgida,
 De vinho fervido
 Do Douro rapido
 Do Deus em honra
 Toda bebi.

ODE LXXX.

Phylosophia, e Poesia.

I.

Na infancia do Mundo
Nasceo a Poezia;
Formosa Deidade,
Que tudo attrahia.

II.

Mas era Menina,
De genio inconstante,
E apoz dos praseres
Correndo incessante.

III.

Negar não sabia
Seus mimos a alguém,
Nem que homens perversos
Abusam do bem.

IV.

Não via que em peito
No vicio enfrascado,
Virtude, o teu germen
Fica abastardado.

V.

Bem como em hum vaso
De azedo licor
Do nectar do Douro
Se estraga o sabor!

VI.

Que fructos funestos
Deo tal imprudencia!
Cantaram se os crimes,
Callou-se a innocencia!

VII.

E o Mundo embahido
Da doce Harmonia,
Venefico succo
Contente bebia!

VIII.

Mas Jupiter vendo
Taes damnos grassar,
Do mal o progresso
Prazeo-lhe embargar,

IX.

De austera Deidade,
Que á Terra mandou,
A Deosa canora
A's Leys sugitou!

X.

A Mestra severa
Tem placido aspeito,
Ou falle, ou mudeça
Infunde respeito.

XI.

Nada de seus olhos
Evita o clarão,
E apenas a encara
Desfaz-se a Ilusão.

XII.

Perante os Tyrannos
Não sabe tremer,
Nasceo da verdade,
E he Mãe do saber.

XIII.

Seu nome sagrado
He Phylosophia,
E nova existencia
Lhe deve a Poezia.

XIV.

Por ella instruida
De genio mudou,
E ás almas impuras
Seus dons refuzou.

XV.

Moraes sentimentos
Em metro soaram,
Preceitos das Artes
Poetas cantaram.

XVI.

E se algum malvado
As mãos põem na Lyra,
Tem de Elmiro a sorte,
Despreso só tira!

ODE LXXXI.

A Lyra.

I.

Adeos, oh Lyra,
Que tanto amei,
Que em ledos tempos
Tanto pulsei.

II.

Toda enramada
De Hera virente,
De Phebeos Lauros
Fica pendente.

III.

Talvez hum dia
Melhor cantor
Comtigo entoe,
Cantos de amor.

ODE LXXXII.

A Esther.

Iste pudicus amor, blandique modestia vultus
Addidit et formæ pretium.

Rapin, de Hort. Cult. Liv. I. vers. CCLXIX.

I.

Que Rey pode comigo
Ventura pleitear,
Bem que seo longo sceptro
Abranja as terras, e avassale os mares?

II.

Bem que o Sol como Esgrayo
Nas profundadas minas
Trabalhe em seu proveito
A esteril terra convertendo em ouro?

III.

Nem poder, nem riquezas
Dos Homens constituem
A solida ventura,
D'alma a satisfação he della a base.

IV.

Purpureo manto ás vezes
Duras penas encobre,
E a Alegria reveste
De modesto Zagal curram felpudo.

V.

Esta noite em meus braços
A linda Esther eu tive;
Fartei avidos labios
Os seus labios beijando, e roseas faces.

VI.

A furto recebido
Em seu morbido leite,
Colhendo a flor mimosa
Que annos deoito conservara o Pejo.

VII.

Em volupia nadando
Mais feliz que Leandro
Fui quando Hero buscava
Transpondo a nado o turbido Hellesponto;

VIII.

Que o Padishá dos Turcos,
Que em seu Harem pomposo
Vigiadas de Eunucos
D'Asia as Belesas mais gentis enserra.

IX.

De que me serviria
Essa abundancia esteril?
Para mim he bastante
De Esther o coração sincero, e meigo.

X.

Como o Lyrio dos vales
Seo semblante he formoso,
He terna como a Pomba
Que de Saron por entre os prados gira,

XI.

Seos maviosos olhos,
Que as ramosas pestanas
Cobrem, sam quaes Estrellas
Onde inteiro de amor scintilla o fogo.

XII.

Junta o talhe de Venus
De Juno á magestade;
Cada seu movimento
As Graças regem com chistoso encanto!

XIII.

Mas que suave philtre
 Tem sua voz tão doce
 Como os favos de Himetto
 Que de minha alma no amago penetra,

XIV.

Viver sempre a seu lado
 He minha ambição toda;
 E se esta ella me outhorga
 Maior ventura não supplico á sorte.

ODE LXXXIII.

A Marcia.

Não quero como outr'ora
 O Filho de Leticia (1)
 Com batalhões ferozes
 A Eutopa conquistar.
 Nem de Rothchild o ouro,
 Que Rey dos Judeos chamam,
 Praguentos desidores;
 Nem pincel de Sequeira,
 O Lusitano Apelles,
 Nem de Canova o escopro
 Animador de marmores,
 De Morgan o horil;
 Nem o saber de Newton,
 Nem de Voltaire o Genio
 Me attrahem, me seduzem;
 Só quero, só desejo
 O amor da terna Marcia
 Que mais estimo, e prezo
 Dê que os Thesouros todos
 Que a terra em si contem.

(1) Napoleão.

ODE LXXXIV.

A Delia.

Je te rends ton amour, dont le mien est confus;
 Et tes trompeurs sermens, pires que tes refus.
Voltaire Brut. Act. IV. Sc. III.

I.
 Para que affirmas
 Terna adorar-me,
 Sem jamais dar-me
 Provas de Amor?

II.
 Todo o feitiço
 Da formosura
 Tua arte apura
 Por me prender?

III.
 Porque em teus lábios
 Meigo sorriso,
 Brincar diviso
 Mal que cheguei?

IV.
 Para que todos
 Deixas de parte,
 E vens sentarte
 Junto de mim? ...

V.
 Para que a furto
 A mão me apertas,
 E então concertas
 No peito a flor? ...

VI.

Porque si delle
Olhos não tiro,
Frouxo suspiro
Te ouço soltar! . . .

VII.

Porque, si acaso
Me tens presente,
Ris mais contente,
Cantas melhor? . . .

VIII.

Porque excitando
De Alcino os zellos,
Só achas bellos
Versos, que eu fiz? . . .

IX.

Porque si a outra
Digo hum gracejo,
Teus olhos vejo
Em fogo arder? . . .

X.

Si quando intento
Hir a teus braços,
Mil embaraços
Tece o pudor? . . .

XI.

Delia, tal vida
Já me aborrece,
Porque arrefece
Sem premio amor.

XII.

A liberdade
Tu me tens presa,
Sem que a fineza
Pague o prazer.

XIII.

Ah! quizera antes
Ver-te esquivosa,
Que infructuosa
Fria paixão.

XIV.

Ou de ternura
Toda te inflama,
Ou minha chama
Vou apagar.

ODE LXXXV.

A Cupido.

I.

Sentado hum dia
Em prado hêrvoso,
Vi co'estes olhos
Quadro assombrosoq.

II.

Da linda Venus
O filho alado
Em Leão fero
Vinha montado.

III.

E dedilhando
Lyra dourada,
Della tirava
Doce toada.

IV.

E o Rey das Feras
Manso, e submisso,
Dos sons do Nume
Cede ao feitiço.

v.

Em roda delle
 Nymphas formosas
 Cantam alegres;
 Dançam airosas.

-vi.

Ornam as tranças
 De frescas flores,
 Vertem dos olhos
 Vivos ardores.

vii.

Satyros, Phaunos,
 Grosseiro bando,
 Em altos pulos
 Vinham folgando.

viii.

Aves, e Feras
 O Deos seguiam,
 Humas trinavam,
 Outras rugiam.

ix.

Nos puros ares
 Então calava
 Não sei que influxo,
 Que me alheava!

x.

Eis clama ao ver-me
 O Deos de amor,
 « Porque te assombras
 » Terno cantor?

xi.

» Amor triumpho
 » Da Natureza,
 » E a força bruta
 » Cede á belleza!

ODE LXXXVI. (*)

I.

Enche, oh Josino, essa taça
Do valente Carcavellos,
Pois não ruços os cabellos
Me deixam inda folgar.

II.

Posso o nome das formosas
Cantar inda ao som da Lyra,
Inda canticos me inspira
D'Anacreonte o furor.

III.

Enche a taça: brindar quero
A' minha doce Lembrança,
Que dos Numes hoje alcança
Renovado o seo Natal.

IV.

Qual na abrigada Colina
Sob Athmosphera mimosa,
Cresce a vide pampinosa
Esperanças do cultor!

V.

Assim cresce, medra, e vinga,
Recreando a vista em vela,
Esta Flor purpurea, e bella
Da existencia no Jardim.

VI.

Brandos Zephyros lhe halitam
Do suão contra os ardores,
E os aligeros Amores
A vigiam sem cessar.

(*) Aos annos d'uma Sr.^a que chamava ao author = a sua
Lembrança =

VII.

Vigiam porque Cupido,
Vendo a sua formosura,
Os dominios da ternura
Quer com ella destender.

VIII.

Que tropheos! que vencimentos
Traz na ideia o Déos tyranno!
Já não julga haver humano
Que lhe possa resistir!

ODE LXXXVII.

A Delphiro.

I.

De Maro, Klopstock, e Milton
Queres saber quem prefiro?
Não he das forças d'hum homem
Dar tal sentença, Delphiro!

II.

De noite, e dia os folheio,
E de admira-los não cesso;
E mais sublime acho sempre
Aquelle, que a ler comesso.

III.

As muitas varias bellezas,
Que seos Poemas contem,
Mui poucos podem sentilas,
Avalialas ninguem.

IV.

Decidiria mais facil
Hum venturoso amador,
Qual de tres beijos de Venus
Tivera gosto melhor!

ODE LXXXVIII.

Ao Entrudo.

I.

Em nuvem de póis sentado,
Todo de talco luzindo,
Para nós, alegre, e rindo,
Vem o Entrudo brincador!

II.

Pingue lombo em longo espeto
Como sceptro, a dextra arvora,
E tras, a deitar por fora,
Na sinistra hum cangeirão!

III.

Os ciumes, e etiquetas,
E o cruel constrangimento,
Vendo o Numen vinolento,
Deitam subito a fugir!...

IV.

Oxalá que mais não tornem,
E em serralhos da Turquia
Vão embora noite, e dia
Exercer o seu furor!...

V.

Em reciprocas saudes
Copos mil estão tinindo!...
E c'os brindes vão fugindo
Mil suspiros pelo ar!

VI.

Quantos velhos rabugentos
Hoje ficam enganados!...
Que de amantes desgraçados
Hoje alcançam galardão!...

VII.

Quantos peitos insensíveis,
Que de amor sempre zombaram,
Quando menos o esperaram,
Acolheram terno ardor!...

VIII.

E só eu ficarei frio
Quando tudo está folgando?...
Não!... morrer quero brincando
Se infallivel he morrer!...

ODE LXXXIX. (*)

I.

« Raza, hervosa sepultura
» Sem lapida, sem letreiro,
» Sem o adorno d'hum Cypreste,
» Sem o abrigo d'hum Salgueiro!...

II.

» Que mortal despojo encerras,
» Que não soube merecer
» Inscrição, que de quem passa
» Hum só ai podesse obter?...

III.

» Talves algum criminoso
» Offensor da Humanidade,
» Em teu seio he condemnado
» A perpetua escuridade?...

IV.

» Algum impio?... não prosigas,
Estrangeiro compassivo,
Não queiras offender morto
Quem tanto padéceo vivo.

(*) Á memoria do meu amigo o sublime Poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

v.

N'esse sepulchro sem honra
 Occultou cruel destino
 Hum peito outr'ora inflammado
 Em fogo ethereo, divino.

vi.

Hum engenho raro em tudo,
 De Phebo o maior valido,
 Que, apoz o cantor do Gama, (1)
 Em Portugal tem gemido.

vii.

Destro em flauta, em Lyra destro,
 Mestre em epica Trombeta,
 De Melpomene, e Thalia
 Postergou no Estadio a meta.

viii.

Thomino foi o seu nome,
 O Sado o berço lhe deo,
 Deo-lhe Elysia o domicilio
 Onde continuo gemeo!

ix.

Já mais o vio a Fortuna
 Com semblante prazenteiro,
 Ou só quando em mim lhe dava
 Hum amigo verdadeiro.

x.

Da cegueira o veo medonho
 Temprano a luz lhe roubou,
 Caridade o sustentava,
 Nos braços meus expirou.

xi.

A este inglorio jazigo
 Seu feretro acompanhei, . . .
 Assim jaz Elmano, (2) e Alfeno, (3)
 Assim tambem jazerei.

(1) Camões. Longe toda a equivocação!

(2) Bocage. (3) Domingos Maximiano Torres.

ODE XC.

A Mr. Ducis.

I.

De Voltaire o genio, as cores
De Corneille a phantasia,
De Crebillon a energia,
De Racine a perfeição;

II.

Tudo em Ducis brilha unido,
Quando, em scena trovejando,
Vai os quadros despregando
Da piedade, e do terror.

III.

Quem não treme quando aos olhos
Da Mãe, que o remorso aneia,
Põem Hamlet, que devaneia, (1)
Do Pay a Urna fatal?

IV.

Quem as lágrimas recusa
De Julieta á Desventura
Quando á fria sepultura
Com o Amante a vê descer? ... (2)

V.

Que Filho, que Pay não geme
Si Lear, vaga, e delira, (3)
Dos Ceos impecando a ira
Contra a prole, que o trahio?

(1) Vid. Tragedia Hamlet.

(2) Julieta, e Romeo.

(3) Rey Lear.

VI.

Que delictos! que virtudes! (1)
 Que heroismo! que fraqueza!
 Que remorsos! que grandeza!
 Em Macbeth vejo ajuntar!

VII.

Desejára arremessar-me
 Em frenetico transporte,
 E arrancar das mãos da Morte
 O mimoso, e cego Arthur! (2)

VIII.

Que profundo sentimento,
 Que pathetica ternura,
 Faz de Edipo a desventura (3)
 Em minha alma pulular!

IX.

Louco amante não golpeies,
 Que o teu Bem fiel te adora,
 Não escutes voz traidora
 Do teu perfido rival. (4)

X.

Oh pinces de Albano, e Rubens,
 Divinaes, inspiradores! . . .
 Aos suspiros, aos furores,
 Cedei do Arabe amator. (5)

XI.

Mas se, hum pouco abandonando
 De Melpomene as fadigas,
 Sem negocios, sem intrigas,
 Divagar nos prados vem;

- (1) Macbeth.
- (2) Na Tragedia de João Sans-tarre.
- (3) Edipo em casa de Admeto.
- (4) O Mouro de Venesa.
- (5) Abufar, ou a familia Arabe.

XII.

Como á sombra do Salgueiro,
A seus olhos tão mimoso,
O Laúde sonoro
De Propercio faz gemer!

XIII.

De sua alma o sentimento,
E moral ingenua; e pura
De suavíssima ternura
Nos inunda o coração!...

XIV.

Oh Ducis, cantor sublime
Da virtude, e Natureza,
De teus cantos a belleza
Será sempre o meu prazer.

ODE XCI.

Ao cadaver de huma menina.

I.

No feretro pareces,
Mimosa creatura,
Dormir sobre o regaço
Da maternal ternura!

II.

Se pálido deviso
Teu rosto encantador,
A palidez da Morte
Lhe dá graça maior!...

III.

Assim por terra langue
A semi-aberta Rosa,
Não já de todo murcha,
Mas sim menos viçosa?...

IV.

Talvez neste momento
 A triste Mãe sentida
 Accusa o Ceo d'injusto
 Por não té dar mais vida!

V.

Ah! mui feliz Menina,
 Não culpo o seu pezar,
 Mas sinto ao ver-te extincta
 Minha alma jubilar!...

VI.

Embora o ter nascido
 Nos braços da riqueza
 Em ti mais realçasse
 As Graças, e a Belleza!

VII.

Embora tu provenhas
 De Excelsa Jerarquia,
 Que toque! Heroes primeiros
 Da Lusa Monarchia!...

VIII.

A pardo mal que evitas,
 Que pode isso valer!...
 Ditoso he quem nasce hoje
 Para amanhã morrer!...

IX.

Quem nasce geme, e sofre,
 E contra a desventura
 Não ha mais que hum azillo,
 E he este a sepultura!

X.

A? Prole encantadora (1)
 Da Hungara Heroína,
 Que mais dar poderia
 A sorte mais benigna!...

(1) Maria Antoinete, Raynha de França.

XI.

Graças, engenho, sceptro,
A mão de hum grande Rey,
De quem hum Mundo, e outro
Temia o raio, a Ley! . . .

XII.

Quem não dissera ao ve-la
« Esta nasceo ditosa! . . .
E já lhe sobrevinha
Catastrophe horrorosa!

XIII.

Passou do throno aos ferros,
Da purpura á indigencia,
Sofreo o frio, a fome,
Desprezos, e insolencia!

XIV.

Dos seus vio com seus olhos
O sangue espadanar,
Do esposo ao cadafalso
Alfim foi acabar.

ODE XCII.

La constanza nell'amare
Parmi proprio una pazzia,
S'avró mai tal frenesia,
Cominciatemi a legare.

Redi:

I.

Que me fallas, Alfeno, (1) em constancia?
Em guardar lealdade em amores,
Como as flores amor presto nasce?
Deve presto findar como as flores!

(1) O Bacharel Domingos Maximiano Torres.

II.

Queres ver-me, qual misero Escravo,
De huma Dama fazendo o meu Nume?
Queres, que inda eu a siga qual sombra,
Da paixão quando extinto he o lume?

III.

Ora aos barbaros vós deixemos
Tão insana, risivel loucura,
Cavalleiros errantes findaram,
Suas leis mais não siga a ternura!...

IV.

Quem seria o primeiro inimigo
De suave amoroso prazer,
Que intentou em pozadas correntes
Sua rosea prisão converter!...

V.

Que me emporta que Lylia suspire,
Que arrepelle os cabellos mimosos,
Se já para minha alma encantarem,
Os seus olhos não são poderosos!

VI.

Se de Lylia a paixão se extinguisse,
E eu humilde os seus pés abraçasse,
Imaginas que Lylia piedosa
Braços seus outra vez me lançasse?

VII.

Não; de mim como a Cerva fugindo,
Importuno o meu pranto chamara,
E entre as socias dos seus passatempos
Impiedosa de Sylvio zombara.

VIII.

De huma vez, meu Alfeno, saiamos
Da cruel, femenil servidão;
Sem ama-las seus mimos gozemos,
Inconstantes sejamos, quaes são.

ODE XCIII.

A Marcia.

Havvi donna gentile
 Ch'al ciel alza il m'ò stile,
 Costei, che ama il mio canto,
 Amo, e bramo altrettanto
 E stato cangerei
 Sol per essergli in sen co'i versi miei.

Martini.

I.

Não me condemnes,
 Mimosa Erato,
 Si o teu Laude
 Eu já não trato.

II.

Eu que outro tempo
 De noite e dia
 Delle tirava
 Doce harmonia.

III.

Leda não brota
 No prado a flor.
 Si lhe não fulge
 Sol creadora

IV.

Nem as Náos fendem
 Humido argento
 Si lhe não sopra
 Galerno vento.

V.

Nem posso, oh Musa,
 Versos tecer
 Sem o semblante
 De Marcia ver.

ODE XCIV.

Lembranças de Marcia.

I.

O Sol, que nascendo espalha
 Profuzo seu resplendor,
 Lembra-me os olhos de Marcia
 Cheios do mais vivo ardor.

II.

As agoas d'aquella fonte
 Dos penedos debruçadas,
 Lembram-me as tranças de Marcia
 Por seus hombros espalhadas!

III.

Aquella nivea Açucena,
 Que junto a huma Rosa eu vejo,
 Lembra-me as faces de Marcia
 Quando as cora hum terno beijo.

IV.

Aquelle Cravo fragante,
 Que na verde haste pompeia,
 Lembrá-me os lábios de Marcia,
 Que a saúde purpureia,

XV.

O cólo daquelle Cisne
 Magestozamente erguido,
 Lembra-me o cólo de Marcia,
 Que o marfim deixa vencido.

VI.

Aquella estatua de Venus,
 Obra de destro Escultor,
 Lembra-me o corpo de Marcia
 Talhado por mão d'Amor!

VII.

Phylomella, que, trinando,
 Exprime meiga ternura,
 A vós de Marcia me lembra,
 Toda cheia de doçura,

VIII.

Tudo de Marcia me falla,
 Vejo em tudo a minha amada,
 E d'amorosos Phantasmas
 Anda minha alma cercada!

IX.

Deos de Paphos! compassivo
 Restitue-a ao terno amante,
 Instantes mil de tormento
 Esquecerão n'hum instante!

ODE XCV.

A Corila.

Pri lejposti gne nemillon
 Svak saljepjen smartno vene

Gond. Osmaneida.

I.

Ves, Corila, aquella Rosa
 Emulando a cor da Aurora
 Quando a Phebo a porta abrindo,
 Leda sahe do Ganges fora? . . .

II.

Que maior valor tivera,
 Quão mais grata fora á gente,
 Se Natura não a armasse
 De hum espinho tão pungente. . .

III.

Sua purpura esmaltando
De seu folhame o verdor,
E nos ares difundido
Seo aroma encantador,

IV.

Convidaram-te a colhela,
Mas teu dedo alabastrino
Rasgado com dor penosa
Verteo veio purpúrina:

V.

Eis Corila, o teu retrato,
Pois si hes Rosa na belleza,
Tens tambem de Rosa espiahos
Nos desdens, e na fereza

VI.

Ah muda esse genio esquivo,
Que requinta a formusura
Exhalar de quando em quando
Hum suspiro de ternura.

VII.

A' formosa, em cujos olhos
Não arde o fogo de Amor,
Eu prefiro a muda estatua,
Que formou destro Escultor.

ODE XCVI.

Metamorphoses de Amor.

I.

Amor em peito,
Que lhe cedeo,
Toma mil formas
Como Protheo,

II.

Ora sereno

Qual d'Alba hum riso,
Ledo qual Rosa
Do Paraíso,

III.

Co'a taça em punho,

Pede á Ventura
Que lha trasborde
D'alma doçura!...

IV.

Ora a Mavorte

Roubando a lança,
Altas victorias
Soberbo alcança!...

V.

Ora do Genio

Tomando a côr,
Produz hum Vate,
Forma hum Pintor!...

VI.

Timido outr'ora,

Bem que ditoso,
Não ouza hum pomo
Colher de gozo!

VII.

Mas se exhallando

Dos olhos lume,
Palido segue
Feroz ciume.

VIII.

O sangue, e o pranto

Faz derramar,
E todo o Inferno
No peito entrar!

ODE XCVII.

A' Rosa.

I.

Nasceo do sangue a Rosa
Da Deosa de Cythera,
Correndo a morte fera
De Adonis a estorvar.

II.

He dos Jardins Raynha,
Na forma, e côr, e cheiro
Não tem nenhum parceiro,
Que a possa equiparar.

III.

Encontram as Abelhas
No calix seu formoso
O Nectar saboroso,
Para o seu mel formar.

IV.

Da essencia, que extrahe della
A Chymica sapiente,
Hum pingo he sufficiente
Hum Paço a perfumar.

V.

Tambem das folhas suas
Hygia salvadora
A's vezes elabora
Remedio salutar.

VI.

Das Graças he o encanto,
O emblema da ternura,
E folga a formosura
De co'ella se enfeitar.

VII.

Tombem a flor da Rosa
 A mim muito interessa,
 Si co' ella se adersa
 A taça a trasbordar.

ODE XCVIII. (*)

A Jonio.

I.

« Estás velho (dizes)
 » Não bebas, não ames,
 » Da Musa de Theyo
 » O auxilio não chames!

II.

» Não ves que os cabellos
 » Te accusam a idade?
 » A Lyra amorosa
 » Deixa á mocidade.

III.

Amigo, agradeço
 Tão douda lição,
 Mas mete primeiro
 N'este seio a mão.

IV.

Não sentes lá dentro
 Hum vivo calor?
 Pois todo he provindo
 De Bacho, e d'Amor?

V.

Que tem que o cabelo
 Hum pouco encaneca,
 Com tanto que o sangue
 Nem o Estro arrefeca?

(1) João Antonio dos Santos.

VI.

O velho de Theyos
A calva cobria
Com folhas de parras,
Amava, e bebia.

VII.

Nisto, si al não posso,
Como elle hei de ser;
E athe nos Elysios
Amar, e beber.

ODE XCIX.

Sobre a Gloria Poetica.

I.

Quando, da Infancia
No tempo bello,
O viril pelo
Me sombreou.

II.

Maro relendo
De noite, e dia,
A phantasia
Se me escaldou.

III.

Das doudas filhas
D'alma Memoria,
Ancia de gloria
Me penhorou.

IV.

Oh quantas vezes
A's aras della;
Floreas capellas
Sylvio levou!

V.

E ao dos Cantores
 Coro sagrado
 Ser agregado
 Lhes suplicou!

VI.

Oh! si o Futuro
 Descortinara,
 Votos formara,
 Que então formou?

VII.

Alfim de Clio
 Propicio Nume
 Da vista o lume
 Em mim fixou;

VIII.

E á de Venusa
 Lyra cadente
 A mão tremente
 Me acostumou.

IX.

Pulsei-lhe as chordas
 Com tal denodo,
 Que o Tejo todo
 Se extasiou.

X.

E a Fama, inflando
 Sua trombeta,
 Luso Poeta
 Me proclamou.

XI.

Honra funesta!
 Gloria importuna!
 Logo a Fortuna
 Me desfilhou!

XII.

Atado ao cepo
D'improbo estudo,
Estranho a tudo
Me abandonou.

XIII.

Prazer, saude,
A acompanharam;
Faces murcharam,
Vista cansou.

XIV.

Logo em meo damno
Maior tormenta,
Fera, e violenta
Se desfechou.

XV.

D'abjectos Zoilos
Turba invejosa
A mim, raivosa,
Se arremessou.

XVI.

O que os guiava
Monstro do Averno,
Hum odio eterno
Me protestou.

XVII.

Com que calumnias
Quiz denegrir-me!...
Para opprimir-me
Nada poupou.

XVIII.

Debalde he certo,
E o meo desprezo
Seo odio accezo
Mais atcou.

XIX.

Mas o que eu goso
Delphico aprego
Valia o prego,
Que me custou?

XX.

Dem-me o inglorio
Antigo estado,
Que eu de bom grado
Goza-lo vou!

ODE C. (*)

Testamento Poetico.

I.

Quando eu morrer, não quero,
Nem luzes, nem cantores,
Nem Coche, nem Berlinda,
Folguedo de Armadores.

II.

Nem hão de a tarde inteira
Estar sinos dobrando,
Por haver mais hum morto,
Os vivos molestando.

III.

Quero que o meu cadaver
Seja levado á Igreja
Em mãos de amigos Vates,
Com quem ligado esteja.

IV.

Sepultem-me em ar livre:
A casa do Senhor
Infecionar não deve
Dos mortos o vapor.

(*) Esta Ode he de 1830; ainda se enterravam os corpos nas Igrejas, e havia dobres do sinos.

V.

E eu que a ninguém na vida
Incommodos hei dado,
Tambem não quero dar-lhos
Depois de sepultado.

VI.

Em verde Cemiterio
Deixei-me em paz dormir;
E façam-me huma Lyra
Na lapida esculpir.

VII.

Ali os que me estimam,
Hirão flores plantar,
E o pranto da amizade
Saudosos derramar.

VIII.

« Honremos (dirão elles)
» O que tão bem cantou;
» Que vivo co' a Desgraça
» Luctando sempre andou,



ERRATAS.

Pag.	Onde está	Deve ler-se
17	— Verso 8 — ensobram	ensombram
19	— Verso 19 — equoreos e plainos,	equoreos plainos
25	— Verso 20 — seo	teo
28	— Epig. — prêndo	prende
”	— Verso 9 — perolas	perlas
31	— Verso 14 — abaruando	abalroando
”	— Verso 19 — fundo do pego	fundo pego
65	— Verso 5 — Hollanda em	Hollanda, em
71	— Nota Verso 3 — flavo	flavo
77	— Verso 8 — perfere	perfere
86	— Verso 14 — vi	ri
89	— Verso 11 — Guias	Guiães

101 — Verso 4 —	femeninos	femenis
103 — Nota —	Cosariem	Cesariem
108 — Nota linha 13 —	Mimosos	Minios
111 — Verso 5 —	Ciumes	crimes
112 — Verso 20 —	ruvinda	ruinda
114 — Verso 19 —	emo	remo
135 — Verso 31 —	Templos	Tempos
142 — Verso 27 —	era	ora
157 — Verso 10 —	como tu	como eu
191 — Verso 17 —	sasonanados	Sasonados
192 — Epig. —	Vennica	Veronica
205 — Epig. Verso 3 —	nuances	naissances
” — Idem 8 —	malher tu	malheur tes
209 — Verso 11 —	naufragado	naufraço
211 — Verso 1 —	Carre	Cafre
” — Idem —	resida	resista
223 — Verso 5 —	Jordanoas	Jordaneas
242 — Verso 15 —	rendem	rendera
264 — Verso 13 —	Lyceo	Lieo
271 — Verso 13 —	Eu	Eis
360 — Verso 13 —	contente	Contento
372 — Verso 3 —	sepultem	Sepulte
390 — Epig. Verso 5 —	soletia	Soletta
391 — Nota Verso 3 —	mæritur	quæritur
392 — Verso 12 —	vão chofre	Vão de chofre
405 — Verso 1 —	Térisites	Thersites
414 — Epig. —	A s’envi	A l’envi
417 — Verso 15 —	ponde	poude
Id. — Nota linha 2 —	separavit	Separavit
419 — Verso 14 —	escurendo	escorrendo
428 — Verso 17 —	avultados	aviltados
436 — Verso 17 —	brindamos	brindemos
446 — Verso 14 —	Adriadna	Ariadna
453 — Verso 16 —	de fenatismo	do Fanatismo
465 — Verso 20 —	E infinito	o infinito,
482 — Verso 18 —	Leves	mais leves
483 — Verso 22 —	Filho	o filho
497 — Nota —	Grega	Turca
501 — Verso 27 —	esfriar-lhe	esfria-lhe

INDICE.

	Pag.
Prologo do Author	3
Epistola ao dito	11

LIVRO I. ODES PYNDARICAS.

À Restauração em 1808	15
A Sua Magestade Fidelissima D. Maria I.	22
Aos Annos de El-Rey D. João VI.	28
Ao Infante D. Henrique	36
Aos Annos de Jorge III. Rey de Inglaterra	44
A volta das nossas tropas triumphantes em 1814	50
A Duarte Pacheco	60
A D. Fuas Roupinho	69
Ao Visconde de S. Lourenço	74
A Lucrecio Poeta Romano	81
A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz	87
Aos Reys de Portugal	97

LIVRO II. ODES HORACIANAS HEROICAS.

À Restauração em 1808	109
À Hespanha	118
A Sua Magestade Fidelissima D. João VI.	125
Ao Nascimento do Infante D. Sebastião	129
Ao Principe de Gales	133
A Lord Wellington	137, 140, e 144
À Queda de Bonaparte	146
A Camões	150
À morte de Thomaz Antonio dos Santos e Silva	153
Ao Retrato de Bocage	160
A Mr. Le Brun	161
A Moniz	165
Ao Padre Vicente da Cruz	170
A Domingos Pires Monteiro Bandeira	179
Aos Annos da Exm. ^a Sr. ^a D. Constança da C. e Menezes	182
Offerecida a dois Consortes	185
Aos Desposorios da senhora D. Anna Rodrigues Sette	188
A Lycidas	192
À Sr. ^a Maria Granville Oldman	195
A Jonio	199
À Sr. ^a D. Leonor Bernardina Xavier Durão	201
À Actriz Josefa Theresa Soares	203, 209, e 243
À desastrosa morte de duas Jovens na Praia das Maças	205
A Mireo	212, e 219

Á Actriz Luduvina Soares	215
Aos Srs. Carlos F. de Assis Mor. ^a , e D. M. ^a Isabel Fer. ^a	222
Aos Annos da Priora de Santa Monica	223
Ao Sr. Mauricio Joze Sendim	225
Ao Exm. ^o e Reym. ^o D. Frei Francisco de S. Luiz	229
A esperança de huma viagem á Grecia	232
Á chegada de Sua Alteza o Principe Augusto	237
Á Sr. ^a D. Maria Izabel Ferreira	241
Improvisada vendo passar a guarnição da Fragata Cisne	245

LIVRO III. ODES HORACIANAS MORAES.

Á Esperança	247
Á Verdade	251
Allegoria	254
Á Invasão Franceza	256
Ao Somno	259
Ao Padre Manoel Ferreira Giraldes	261
Ao Sr. João Vieira Caldas	264, e 267
As saudades de melhor tempo	269
A Lieutard	271
Despedida a Amor, e ás Musas	273
As desgraças da vida	276
A morte de Antonio Avelino da Costa e Silva	279
A brevidade da vida	282
Ao Sr. D. Antonio Caetano de Penha Pinto C. R.	284
Ao Doutor Antonio Soares de Azevedo	286
A João Pedro da Costa	288
A Pedro Joze Constancio	289
A hum Traductor de Horacio em prosa	294
Ao Sr. Carlos Francisco de Assis Moreira	297
Ao Sr. Antonio Bernardo Rodrigues Sette	298
Ad Sadoles	303
A João Antonio dos Santos	305
Ao Author	306
Em resposta á antecedente	307
A Moniz	310
A hum presumido de Fidalgo	313
Ao Sr. Francisco de Moraes	316
A D. João Escopiuz	319
Meditação em noite serena	321
A morte de Nuno Alvares Pereira Pato Moniz	324
Á Sr. ^a D. Maria Izabel Ferreira	327
Ao Padre Vicente da Cruz	328
Á morte de Francisco de Borja de Carvalho e Mello	330
A morte de D. Maria Constança Lima Barbosa	332
Ao anno 1844	335

Na convalescença de molestia grave	337
A Madame Lavallette salvando seu Esposo da morte	341
A morte de D. Anna Luisa Dufourq Potsck	345

LIVRO IV. ODES HORACIANAS EROTICAS.

A Venus	348
A Bacho	356
Ao dia dos meus annos	354
A Marcia	359, 362, 364, e 388
A Lydia	390, 392, e 394
A Madame Lieutard	396
A Noite	397
Ao mez de Abril	398
A Delia	401
A Violeta	403
A hum Amigo	404
Aos Amigos	405
Aos meus versos	407
Ao Reverendo Prior da Represa	408
A Sr. ^a Maria Gramville Oldman	410
A força do costume	413
Dyethirambo a Bacho	414

LIVRO V. ODES ANACREONTICAS.

A Esther Levi Ben-Maimon	421, 435, 454, e 524
A Oleo	436, e 437
O poder de Amor	438
A Marcia 439, 441, 442, 448, 456, 469, 471, 488, 494, 512, 516, 519, 528 e 544	
Origem da Uva Moscatel	443
Em huma enfermidade	444
A huma Taça	446
Origem do Vinho do Douro	447
A hum Pintor	449
A Josina	451, 458, 462, e 482
O Desejo	452
A Moniz	457, 489, 497, 502, e 508
O Nume. das Mulheres	459
A Amor	460
A hum Rainel	461
O Poeta, e Anacreonte	462
A Borbuleta	465
A hum Gallo	467
A Pyndaro	468
Defeza contra Amor, e a Desventura	470
A Bacho	472, 487, e 521

À Liberdade da Grecia	474
Ao Sr. Mauricio Joze Sendim	476, e 478
Ao Cravo	480
A vida Epicuristica	481
A Venus	483
A Lylia	484
À vida tranquilla, e feliz	485
À saudade de Marcia	486
Descrevendo hum Painei	491
A J. A. de Lemos	492
À Rosa	498, 510, e 549
O ninho de Amar	495
Necessidade de beber	496
Garção, e Antonio Diniz	498
Amor afogado em vinho	502
A Domingos dos Reis Quita	504
Prisão-amorosa	505
Ameaga de Amor	506
A Armania	511
A hum Amigo	512
Amor perdido	516
A Virgilio	517
A Francisco Manoel do Nascimento	518
Phylosophia, e Poesia	523
À Lyra	525
A Delia	529
A Cupido	531
Aos annos d'huma Sr. ^a que chamava ao Author = a sua Lembrança =	533
A Delphiro	534
Ao Estrudo	535
À memoria do meu amigo Thomaz Antonio dos Santos e Silva	536
A Mr. Ducis	538
Ao cadaver de huma menina	540
A Alfeno	542
Lembranças de Marcia	545
A Corila	546
Metamorphoses de Amor	547
A Jonio	550
Sobre a Gloria Postica	551
Testamento Postico	554



